António Jorge Pais Antunes

TRADUÇÃO E LOCALIZAÇÃO:
PONTOS DE CONTACTO E DE AFASTAMENTO

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Abril 2001

António Jorge Pais Antunes

TRADUÇÃO E LOCALIZAÇÃO:
PONTOS DE CONTACTO E DE AFASTAMENTO

Dissertação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto no âmbito do Mestrado em Estudos de Tradução sob orientação da Professora Doutora Belinda Maia

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Abril 2001

AGRADECIMENTOS

À minha esposa, Joana, que está sempre ao meu lado e me «obriga» a ir em frente.

Ao meu sogro pela sua inestimável ajuda e paciência.

A toda a minha família que sempre acreditou nas minhas «visões».

À Profª. Dr.ª Belinda Maia pela sua simpática disponibilidade, dedicação e conselhos.

A Christoph Horschmann e a Fred Lessing pelos esclarecimentos e disponibilidade que demonstraram quando os interpelei e que me ajudaram a compreender e perspectivar melhor os novos domínios da tradução.

ÍNDICE

Índice de abreviaturas iii

Introdução 1

1 Considerações Gerais 8

1.1 Tradução e tradução técnica **8**

1.1.1 Teoria funcionalista **17**

2 Localização e Internacionalização 22

2.1 Localização: definição **25**

2.1.1 A localização do TP: algumas especificidades **29**

2.1.2 As ferramentas informáticas ao serviço do localizador **32**

2.1.3 O especialista em localização **35**

2.1.4 Algumas agências de Localização: a situação em Portugal **43**

2.2 A internacionalização: descrição do processo **47**

2.2.1 Os testes **52**

2.2.1.1 A pseudo-localização **53**

2.2.1.2 O projecto piloto **54**

2.2.2.3 Versões Beta **55**

3 Aspectos tradutológicos da versão portuguesa do Windows 98 57

3.1 Questões de estilo e registo do TC inserido no Windows 98 **58**

3.2 Questões sintáctico-semânticas do TC **69**

3.2.1 Aspectos relativos à pontuação **69**

3.2.2 Interferências do inglês **73**

3.2.3 Repetição de palavras em grande proximidade **80**

3.3 Manutenção de texto em LP e questões terminológicas **83**

3.3.1 A importância da terminologia **87**

3.3.2 A Formação de novos termos **96**

3.3.3 A utilização de novos termos e decalques em vez de palavras portuguesas consagradas **105**

3.3.4 Adopção evitável de termos ingleses **113**

3.3.5 Terminologia muito específica para utilizadores múltiplos **127**

3.3.6 Existência de mais do que um termo para a mesma realidade **131**

3.4 Questões culturais: elementos que dizem pouco à realidade portuguesa **134**

3.5 Alguns erros de tradução **142**

3.6 A localização de *hardware* **148**

Conclusão 151

Anexo 158

Bibliografia 160

ÍNDICE DE ABREVIATURAS

LC - Língua de Chegada

LP - Língua de Partida

TC - Texto de Chegada incluído no programa e aplicações inerentes ao Windows 98, versão portuguesa.

TI - Tecnologias da Informação

TP - Texto de Partida incluído no programa e aplicações inerentes ao Windows 98, versão original.

Introdução

Compete-nos, no início deste trabalho, apresentar de forma breve as razões que nos conduziram ao tema e à análise por que enveredámos. A *localização* de *software* - novo domínio que se inclui na Tradução, ainda pouco divulgado em Portugal - pode ser comparada a um nicho onde se movem algumas (poucas) empresas, técnicos, tradutores e linguistas. Trata-se de uma área jovem, a dar os primeiros passos, olhada com alguma desconfiança por parte de alguns tradutores[1].

Em termos de Estudos de Tradução, julgamos interessante e enriquecedora a experiência de imergirmos nesta nova área pouco explorada do ponto de vista tradutológico. Quando optámos por analisar o texto (daqui em diante **TC**) que integra a versão portuguesa do sistema operativo Windows 98 da Microsoft, produto final de um projecto de localização de *software*, este sistema era ainda uma novidade, o que já não acontece no momento[2]. Todavia, continua a ser um programa que está presente no quotidiano de muitos portugueses e, por isso, torna-se relevante uma análise a vários aspectos linguísticos e culturais, questões relacionadas com a sua tradução para português.

As referências bibliográficas aqui feitas, relacionadas directamente com a localização, informam com algum pormenor acerca dos problemas técnicos a ter em conta aquando dos processos de internacionalização e localização de programas mais do que apontam para uma abordagem de problemas de tradução, mas também aí são sugeridos aspectos que dizem respeito à zona de intervenção da tradução. Achamos que algumas obras são pontos marcantes nesta área, e um tradutor que se queira especializar em tradução de textos técnicos a incluir em programas

---

[1] Veja-se o artigo de Pym (1999) intitulado «Localizing Localization in Translator-Training Curricula», publicado na Internet.

[2] Até ao momento foi publicada a versão 2 do Windows 98 e o Windows 2000, programas que, como bem sabemos, acabarão por relegar para segundo plano o Windows 98. Contudo, trata-se de um sistema operativo que vai continuar a ser utilizado por mais alguns anos. Talvez não muitos, dada a *lei de Moore*, que prognostica um rapidíssimo desenvolvimento do *hardware*, duplicando a potência de dezoito em dezoito meses (de acordo com palavras de Gordon Moore, co-fundador da Intel Corp, em 1965) (Kaku 1998: pp. 35, 36). Refira-se igualmente a publicação do Windows ME (Millenium Edition) em Setembro de 2000 que, segundo a revista *Exame Informática*, irá ser o sucessor do Windows 98 (Oliveira 2000: pp. 61-70).

informáticos terá obrigatoriamente de as conhecer, nomeadamente as obras de Kano[3] (1995), de O'Donnell (1994), de Esselink (1998), Del Galdo e Nielsen (1996) ou Carter (1991), entre outros.

Apesar de reconhecermos que o Windows 98, versão portuguesa, cumpre plenamente a função para que foi concebido, a análise efectuada ao texto que acompanha esse sistema operativo deveu-se a uma curiosidade face a questões de tradução que não nos satisfaziam e que pretendíamos confrontar com o texto original e com outras versões destinadas a outros mercados. Não podemos deixar de salientar, desde já, que após a leitura dos manuais de Ajuda e a análise deste sistema operativo nos sentimos mais à vontade a lidar com o mesmo. Tal como o professor Herbert Eisele referiu na sessão realizada na FLUP e intitulada «The Semantics of Terminology» (2 de Junho de 2000), quando se faz uso da terminologia adequada e quando as definições vão ao encontro do utilizador e são inteligíveis, um não-especialista poderá conceber as realidades referidas por esses termos e tornar-se num semi-especialista. Esta opinião encaixa bem na leitura que fizemos principalmente dos textos explicativos do Windows 98, uma vez que a nossa confiança aumentou consideravelmente em relação aos desafios do sistema e à sua utilização. Também Dohler (1997: 20), tradutor alemão ligado a projectos de localização de novas tecnologias da informação (**TI**), refere que, ao participar na localização de um programa, o tradutor tem a oportunidade de conhecer melhor e mais a fundo o computador e a forma como ele funciona, o que contribuirá para um uso mais eficaz das ferramentas electrónicas. Esta é então uma razão válida: o enriquecimento pessoal e profissional decorrente deste estudo, que também nos encaminhou para o trabalho que agora apresentamos.

A selecção dos exemplos a incluir neste trabalho baseou-se num objectivo geral: demonstrar a complexidade de um projecto translatório com um grande volume de texto. E teve como objectivos específicos destacar alguns aspectos que poderão ser melhorados no texto definitivo e sublinhar outros bem conseguidos. Foi, de facto, uma análise morosa mas

---

[3] A autora da obra *Developing International Software for Windows 95 and Windows NT* pode ser consultada directamente na Internet (Kano 1995). Esta obra propõe uma análise pormenorizada dos problemas decorrentes da internacionalização e localização dos sistemas operativos Windows.

interessante. O material de que partimos é constituído por um texto de partida (**TP**) bastante diverso daquilo a que o tradutor tradicional está habituado. Não é um texto que se possa manusear em papel; é, na generalidade, um texto em formato digital, em suportes electrónicos diversos com os quais o tradutor especializado em localização terá de estar familiarizado. Apesar das dificuldades em materializar em papel o TP e o TC que pretendíamos analisar, acabámos por sentir uma certa satisfação ao verificar a utilidade de um estudo como o presente, que foca aspectos variados que vão desde a complexidade do processo de localização de um programa informático até à proposta de alternativas à tradução publicada e incluída no Windows 98 com a intenção de se adiantar uma outra solução para questões que julgamos problemáticas, não obstante, como já salientámos, a plena funcionalidade do programa.

Relativamente à sua inclusão no âmbito da Tradução, o ramo da localização de *software* envolve não só trabalho de equipa – obrigando-se a pôr-se de parte o conceito de empresa de tradução baseada no domicílio, que Sprung (2000: xi) designa como a «empresa do papá e da mamã» –, mas também critérios de qualidade, tradução de grandes volumes de texto, conhecimentos ao nível da elaboração de texto técnico, manuseamento de ferramentas de apoio à tradução, de novas TI e o habitual rigor e mestria exigíveis a um bom tradutor. Na nossa opinião, é uma área de intervenção interessante e promissora para os tradutores. Nos últimos anos, estes profissionais têm vindo a descobrir o que realmente envolve um projecto de localização de *software* e têm procurado informar-se de maneira a dar resposta às suas dúvidas e a pôr de lado a perplexidade que uma área nova sempre levanta, principalmente quando coloca os tradutores no centro de estratégias de internacionalização e localização de programas informáticos, quando estes se encontram em pleno florescimento.

Trata-se de uma área virada para o presente e para o futuro e que carece, de facto, de uma atenção mais cuidada de tradutores bem preparados linguística e culturalmente e não apenas ao nível da informática e do manuseamento de ferramentas. Os tradutores poderão prestar um melhor serviço, nomeadamente à língua portuguesa, se se mostrarem mais atentos a algumas

questões que iremos abordar e se, por exemplo, tiverem em conta a actuação de outros tradutores que contribuíram para localizar programas informáticos para outros mercados europeus.

Por conseguinte, no capítulo 1 iremos proceder a uma breve análise de princípios essenciais à tradução de textos técnicos e à procura de um texto de chegada em que a funcionalidade e os efeitos equivalentes sejam os alvos a atingir, com o objectivo de pôr em prática uma doutrina translatória que nos parece adequar-se mais à localização de um programa, a doutrina funcionalista.

No capítulo 2 apresenta-se uma análise pormenorizada das actividades relacionadas com a ***localização***. Com esta análise, pretende-se esclarecer alguma da complexidade que envolve esta área em que a tradução assume um papel essencial. Destacaremos igualmente o papel do tradutor que assume o papel de *localizador*: não é somente um mediador entre duas línguas e culturas, mas um profissional que se tornou num utilizador diário de novas ferramentas que oferece serviços especializados e que trabalha em parceria com outros profissionais, por exemplo, com linguistas, técnicos de informática, programadores e gestores de projectos. Esta secção é seguida por um resumo das actividades desenvolvidas no âmbito da ***globalização*** e da ***internacionalização*** de programas informáticos, chamando-se a atenção para os aspectos que considerámos de maior relevo na interacção dos programadores e linguistas para que os programas possam ser passíveis de internacionalização.

Será interessante destacar desde já a pujança da invasão das novas TI, trazendo agregados a si a cultura e valores, métodos de trabalho, principalmente americanos, que se espalham pelo mundo, deixando marcas por todo o lado. Mencione-se igualmente o factor linguístico que acompanha a globalização. O inglês surge como língua internacional, impulsionada por empresas americanas que divulgam os seus produtos e dominam mundialmente. Verifica-se aqui, se bem que noutro plano, aquilo que foi, a seu tempo, a expansão do Império Romano ou a era dos Descobrimentos. Os romanos utilizaram as estradas de pedra e pontes que ligavam terras longínquas conquistadas; os portugueses e espanhóis, mais do quaisquer outros, avançaram «Por

mares nunca dantes navegados»[4] em busca de novos «mundos», tendo conseguido chegar a esses novos lugares até então desconhecidos para a Europa. Agora são os norte-americanos que utilizam os computadores e as fibras ópticas para revolucionarem o mundo de forma espantosamente rápida, espalhando a sua língua e a sua cultura. Como consequência desta revolução tecnológica, na nossa opinião característica maioritariamente dos países desenvolvidos, as sociedades, as línguas e as relações entre as comunidades sofrerão alterações significativas, tal é a rede de comunicações que envolve o planeta e a facilidade de comunicar com outrem, esteja este onde estiver.

Em termos da aceitação popular das influências culturais provenientes dos EUA, Kurth (1998: pp. 203-204) salienta que esse é um fenómeno dos anos 80 e 90 e é motivado pelo prestígio da língua inglesa: tende-se a mostrar uma atitude submissa e acentuadamente acrítica perante a cultura de consumo dos EUA, e há uma grande tendência para copiar os seus padrões culturais. De certa forma assiste-se a uma *clonagem* cultural. É claro que este fenómeno também se manifesta na própria língua de chegada, influência que não é facilmente reconhecida pelo falante comum (*idem*: 205).

Em termos empresariais, a Microsoft, apesar de ter perdido a posição cimeira que ocupava em meados da década de noventa (Kaku 1998: 53), recuperou e pode dizer-se que teve e continua a ter um papel primordial e inigualável: contribui para a quebra de barreiras físicas, criando «pontes» digitais que ligam o indivíduo à «aldeia global». É claro que a Microsoft por si só não conseguiria efectuar todas essas revoluções informáticas; trata-se efectivamente de um conjunto de inúmeras empresas que intervêm na criação e desenvolvimento de novas tecnologias, que criam novidades e as disponibilizam em prazos incrivelmente curtos, acabando por criar novos domínios técnico-científicos e profissionais, como a localização de *software*, em que os

[4] Verso terceiro do «Canto I» de *Os Lusíadas*, de Luís de Camões. Edição organizada por Emanuel Paulo Ramos (1990. Porto: Porto Editora p. 71).

tradutores têm uma porta aberta rumo ao futuro, dado que essas novidades, na sua maioria, se destinam a um mercado global[5].

No capítulo 3, focaremos aspectos directamente relacionados com o texto em Português incluído no Windows 98, centraremos a atenção em pormenores que podem ser alvo de melhor mediação translatória, exercendo uma reflexão crítica sobre as soluções incluídas nesse texto. Recorremos à confrontação de exemplos retirados das versões inglesa e portuguesa do Windows 98, do programa de navegação na Internet incluído nesse sistema, dos manuais explicativos do Windows 98 destinados aos mercados francês e espanhol. Faremos também referência, sempre que for oportuno, a soluções propostas pela versão brasileira, de forma a confrontá-las com as soluções apresentadas pela versão portuguesa. Recorremos ainda a referências pontuais ao sistema operativo Windows 95, com o qual a versão que lhe sucedeu mantém grandes afinidades. Iremos igualmente recorrer a sítios da Internet de forma a encontrar outras propostas e confirmar ou contrariar a utilização das soluções apontadas na versão portuguesa. Focaremos aspectos tão variados como a falta de clareza do texto português e interferências da língua de partida na formulação do texto do Windows 98, versão portuguesa (secção 3.2.2), a manutenção de textos de LP (secção 3.3), a formação de novos termos (secção 3.3.2), ou questões decorrentes de alguma falta de coordenação entre os vários localizadores (secção 3.5), entre outros. Tudo isto representa questões omnipresentes no trabalho dos tradutores que se dedicaram à tradução deste programa e aplicações. Embora os aspectos acabados de salientar afectem todo o género de tradução, eles tendem mais a surgir nos textos de carácter técnico. A nossa análise dos enunciados seleccionados será muitas vezes acompanhada de uma outra solução possível destinada a ultrapassar aspectos que considerámos menos conseguidos.

---

[5] Em relação à internacionalização, refira-se brevemente que o aumento da comunicação a nível internacional se deve ao franco desenvolvimento económico, industrial, cultural e científico do mundo moderno. O comércio internacional tornou-se o factor principal do aumento na encomenda de traduções cada ano que passa (Budin 1994: 248).

Não pretendemos fazer um levantamento exaustivo de todas as questões; limitámo-nos a seguir um caminho que nos levou até à detecção de determinados elementos e à proposta de soluções tradutológicas alternativas. É claro que muito ficará por dizer, mas não é nosso propósito esgotar nesta dissertação a análise de um texto tão vasto como o que faz parte do Windows 98. Igualmente sublinhamos que também não pretendemos apresentar soluções para todo o tipo de problemas que se colocam a um tradutor no momento em que participa na localização de *software*.

1 Considerações Gerais

As profundas mudanças que ocorreram durante o século XX nas mais diversas áreas alteraram de forma evidente o modo como as pessoas se relacionam entre si e como reagem a todas as inovações. Criaram-se novos hábitos, alteraram-se formas de vida, alargaram-se horizontes. Mudou-se de forma inegável o modo como se percepciona o mundo. Aliadas a essas mutações foram surgindo necessidades cada vez mais específicas. Procuram-se respostas rápidas e eficazes para os novos problemas, solicitadas a profissionais que se espera que sejam sempre os melhores em determinado assunto de uma área circunscrita.

A tradução tem acompanhado a evolução deste mundo com áreas cada vez mais especializadas, e tem-se apostado em satisfazer as inúmeras necessidades de todas as comunidades linguísticas nos mais diversos domínios (Del Galdo 1996: 76). Também nesta área a especialização dos tradutores se tem alargado a campos que lhes exigem uma redefinição do seu papel e competências. É neste sentido que a localização tem de ser encarada. É sem dúvida um desafio novo e complexo que se coloca aos tradutores e que gostaríamos de explorar neste trabalho.

Para que se possa compreender a complexidade desta actividade no âmbito da tradução, propomos, em primeiro lugar, uma breve análise do que se entende por tradução, para nos dedicarmos, de seguida e de forma mais pormenorizada, à caracterização da tradução técnica em que se insere a localização.

1.1 Tradução e tradução técnica

Há múltiplos entendimentos de tradução: como meio que estabelece a comunicação entre as várias línguas do mundo; meio de preservação do que identifica determinada língua num período específico, meio que permite o acesso a textos provenientes de outras línguas; ponte de entendimento em situações em que as diferenças linguísticas e extralinguísticas, as expectativas,

os conhecimentos e as perspectivas são de tal ordem que inviabilizam a comunicação directa e efectiva entre o primeiro emissor e o potencial receptor inserido numa outra língua e cultura (Nord 1997: 17).

Por exemplo, para Hatim e Mason (1993: 224), a tradução tem de ser vista como um processo de leitura que visa a produção de um texto ou como uma descodificação que conduzirá a uma posterior codificação. Newton (1992: 1) encara a tradução como um processo inevitável que permite estabelecer a comunicação entre um leitor e um texto que não foi originalmente concebido na sua língua materna. Nida inclina-se para uma reprodução textual em LC em que se utilizem equivalentes naturais para veicular a mensagem original, tendo, primeiro, em conta o significado e, em segundo lugar, o estilo (citado em Fawcett 1997: pp. 56-57). No âmbito da tradução da Bíblia, Nida (1964: 159) refere que a equivalência dinâmica tem como objectivo a naturalidade total da expressão do texto de chegada, tentando pôr o leitor em contacto com formas de comportamento relevantes no âmbito do contexto cultural da língua de chegada; a compreensão da mensagem de chegada não implica o entendimento de padrões culturais do contexto da língua de partida (Nida 1964: 159).

Nord (1997:19) refere igualmente que a tradução permite alterar o estado das coisas[1]. De facto, como Sprung (2000: xiv) salienta, uma tradução eficiente estabelece pontes de entendimento entre as culturas e não apenas entre as palavras. Também na mesma linha, Gile (1995: 27) defende que a tradução não ocorre no vazio, existe como um serviço prestado a outrem, e, consequentemente, quando se estabelece comunicação, há propósitos inerentes que não podem ser esquecidos.

Com base nestas acepções[2], torna-se claro o papel decisivo desempenhado pela tradução desde sempre, mas hoje ainda mais determinante que nunca. Sem a tradução, assistiríamos à

---

[1] Por exemplo, aceitando esse modo de ver, podemos nós considerar, na perspectiva do nossos interesses, que um texto traduzido permite que um utilizador português de um computador consiga trabalhar e compreender de forma mais eficaz o sistema operativo Windows 98.

[2] Para, de algum modo, se constatar a variedade de definições do termo tradução, vejam-se, por exemplo, as acepções sugeridas por Sager (1993: pp. 120-124).

estagnação científica, tecnológica e cultural das diversas comunidades, voltando-as de costas umas para as outras. Constata-se que o mundo evolui constantemente graças à troca de experiências e de conhecimentos, graças à busca de novos dados e à sua difusão por todas as culturas[3].

Recorrendo às palavras de Jardim (1998: 1), a tradução pode ser vista como uma resposta capaz «... ao fascismo e ao racionalismo: não é uma língua universal nem tão pouco uma língua homogénea, mas talvez a pluralidade das línguas, com todas as suas diferenças e semelhanças seja a base de uma possível convivência entre iguais.». As palavras desta autora vão, de certo modo, ao encontro das doutrinas de Eco propostas em *A Procura da Língua Perfeita* no que se refere à convivência entre várias línguas no contexto europeu (Eco 1996: 319).

Reflicta-se neste domínio sobre o sucesso dos meios de comunicação que hoje em dia permitem a rapidez e a fluidez da informação, destacando-se, neste âmbito, o papel que a Internet tem desempenhado ao pôr em contacto todos os que pretendam partilhar experiências e saberes, quebrando todas as barreiras físicas e até mesmo políticas. Esta «aldeia global», que a Internet ajuda a desenvolver, assenta em conceitos plurais: multilingues e multiculturais. São também estes factores que, segundo Budin (1994: 248), aumentam a necessidade de mais tradutores conhecedores das diferenças interculturais e que sejam igualmente peritos em comunicação, capazes de intervir em novas formas de comunicação especializada.

O tradutor torna-se, assim, co-responsável pelo sucesso de inúmeros actos comunicativos dado o seu papel de mediador em actos transculturais (Vermeer 1994: 13). Sobre ele recai o dever de reflectir acerca da mais ínfima das opções que venha a tomar, de modo a cumprir as diversas funções que assume quando se propõe traduzir um texto; esse texto transporta novas ideias e conteúdos, significações ou formas para LC, enriquecendo, consequentemente, a cultura do

[3] Kaku (1998: 22) afirma que «O conhecimento humano está a duplicar de dez em dez anos. Na última década [anos 80] gerou-se mais conhecimento científico do que em toda a história da humanidade». Este autor teve em conta o número de artigos publicados nas mais diversas revistas de especialidade durante a década. Os tradutores com certeza que assumiram a função de difusores de grande parte desse conhecimento.

contexto a que ele próprio pertence (*idem*). É neste sentido que citamos as palavras de Fishbach (1993. 100) relativamente ao papel imprescindível da tradução de textos técnicos e científicos:

> Scientific translators can proudly reflect on a long tradition of accomplishment in the transfer of information and technology. Translation has indeed been the great pollinator of science.

Tendo em vista uma definição do campo específico que é a tradução técnica, parece-nos útil confrontá-lo sucintamente com outro tipo de tradução, a tradução de texto literário. A distinção entre o trabalho de tradução de textos técnicos e o de textos literários é, pelo menos para alguns, nomeadamente aqueles que foram e estão influenciados pela linguística de sistema, fácil de tragar[4]. No caso do texto literário, o tradutor lida com arte, com textos em que as palavras significam para além do seu valor denotativo, transportam cargas simbólicas e expressivas intencionais. Estes aspectos têm de ser equacionados e reflectidos na tradução de cada texto literário de cada autor[5]. No caso dos textos técnicos e científicos lida-se muito mais com um produto em que as palavras assumem, por um lado, o valor conceptual dos termos do domínio técnico ou científico do texto e, por outro lado, o valor denotativo que os termos da linguagem comum adquirem nessa área[6]. Consequentemente, a comunicação efectiva de um texto técnico resulta da associação de um conjunto de unidades terminológicas específicas com um conjunto vasto de unidades significativas do léxico geral. Wright (1993: 79) designa estes dois tipos diversos como *unidades de tradução*, já que se torna pouco viável estabelecer comunicação em contextos técnico-científicos com base apenas num desses tipos de unidades. Wright (*idem*: 79)

---

[4] Newton (1992: 148) sugere que os extremos em trabalhos de tradução são precisamente ocupados pela tradução de textos de linguagens tecnocientíficas e os textos literários. Este autor salienta que um texto de uma linguagem de uma especialidade é restringido de várias formas: ao nível do léxico, da sintaxe e do universo do discurso, enquanto no texto literário não há restrições a esses níveis que sejam pré-definidas. Sugere ainda que «A literary text is often filled with creative metaphors and words used in slightly 'twisted' ways.» (*idem*: pp.148-149). Rey (1996: 102) compara a tradução de poesia, na qual a ordem das palavras é relevante com a tradução de texto técnico alemão para francês ou inglês, na qual a ordem das palavras é menos relevante.

[5] Sager (1993:175) sugere que na tradução literária ideal também se deve optar por uma especialização: um autor, um tradutor especialista na obra desse autor. Em relação ao tradutor técnico, estes devem seleccionar uma área de especialização para evitarem a dispersão; os tradutores técnicos altamente especializados têm muito mais hipóteses de serem bem sucedidos quando concentram os seus esforços e desenvolvem estratégias específicas numa determinada área.

[6] A essência do termo técnico consiste na sua fixação inequívoca a determinado denotado. De modo diferente do que sucede com as palavras da linguagem comum, não se pode falar dum aspecto vago do significado lexical da palavra. Os termos científicos têm o significado fixado por definição e são, por isso, idealmente, monossemizados para determinadas áreas do saber (Rey: 1995: pp. 26-27).

refere-se igualmente às unidades terminológicas como sendo os elementos que representam a natureza técnica do texto.

Wright e Wright (1993: 1) afirmam, no prefácio da sua obra, que a tradução técnica abrange a tradução de textos de linguagens de especialidade, incluindo a tradução de textos de Engenharia ou de Medicina, e outras áreas disciplinares como a Economia, a Psicologia, o Direito ou a Informática. Este tipo de tradução exige um conhecimento profundo de LP e de LC, bem como conhecimentos alargados e cimentados da área disciplinar de que trata o texto. Estes requisitos inerentes a um bom tradutor de texto técnico aliam-se ainda ao facto de ser necessário possuir uma capacidade de pesquisa imprescindível para escrever como um especialista actualizado da área envolvida. Estes autores consideram que os tradutores destas áreas são ou linguistas especializados em certos domínios técnicos, ou técnicos que adquiriram e desenvolveram grandes conhecimentos linguísticos.

Uma vez que o TC a analisar neste trabalho - parte integrante do sistema operativo Windows 98 - se inclui numa linguagem de especialidade, a da Informática, não podemos passar sem uma primeira caracterização lata de um aspecto que ajuda a compreender o que se entende por linguagem de especialidade, uma vez que em termos pragmáticos parece haver denominadores comuns a todas essas linguagens:

> ... we speak of special or specialized languages to refer to a set of subcodes (that partially overlap with the subcodes of the general language), each of which can be 'specifically' characterized by certain particulars such as subject field, type of interlocutors, situation, speakers' intentions, the context in which a communicative exchange occurs, the type of exchange, etc. Situations in which special languages are used can be considered as 'marked'. (Cabré 1999: 59)
> Scientific fields such as experimental sciences, mathematics, social sciences, economics and law, technical fields like engineering, construction and communications, specialized activities like sports, commerce and finance, all generate texts that diverge to some extent from the texts considered typical of general language. (*idem*: 63)

No texto que seleccionámos existe, entre outras, uma característica que o individualiza quando comparado com textos gerados no seio da linguagem comum: é que é concebido para um leitor potencial bastante heterogéneo, no sentido de que tanto pode ser o especialista em informática como o utilizador mais inexperiente. O nosso texto apresenta, assim, por um lado, um carácter

especializado devido à presença de terminologia da informática[7], mas, por outro, também oferece ao leitor/utilizador comum, não familiarizado com a área, mecanismos para ultrapassar a incompreensão de alguns termos através dos glossários e dos manuais de Ajuda. É a esse potencial utilizador que se destina parte do TC incluído no sistema operativo e aplicações[8].

Especificando agora um pouco mais algumas das características intrínsecas de uma linguagem de especialidade, recorremos às palavras de Pitch e Draskau (referidas em Cabré 1999: pp. 67- 68) que a descrevem da seguinte forma:

> Special languages have a single purpose, in the sense that they are used in a specific social setting and for communication.
> They have a limited number of users.
> They are acquired voluntarily.
> They are autonomous with respect to the general language, in the sense that variation among special languages does not bring about variation in the general language.

Analisando cada um dos pontos referidos, concordamos com que as linguagens de um domínio tecnocientífico tenham um só propósito: o de serem usadas em contextos específicos com fins comunicativos. Mas quanto ao segundo aspecto, e reportando-nos ao texto que pretendemos analisar, os utilizadores não correspondem a um grupo restrito. Todavia, não cremos evidentemente que dez milhões de portugueses utilizem o Windows 98 e/ou os seus textos; serão, contudo, algumas centenas de milhares, e assim com forte tendência para aumentar[9]. Quanto ao critério voluntário da sua aquisição, no caso concreto do TC em análise, este é válido para todo e qualquer utilizador que voluntariamente utilize o sistema operativo e aplicações e, consequentemente, domine a terminologia que nele é utilizada, ou parte dessa terminologia. No

---

[7] No capítulo 3 (3.3.1) irá ser abordada a questão da importância da terminologia de forma mais aprofundada.

[8] O termo *aplicação* pode ser definido como: «A program designed to assist in the performance of a specific task, such as word processing, accounting, or inventory management.» (Microsoft 2000). Ou «Software concebido para desempenhar um determinado tipo de acção ou actividade, tal como digitalizar imagens, fazer processamento de texto, gerir imagens vectoriais, correio electrónico, ou inserir dados numa folha de cálculo. Muitas vezes é designada por "programa".» (Carmo 1998: 9).

[9] Veja-se, por exemplo, que em 2000 havia cerca de 1,2 milhões de utilizadores da Internet em Portugal (o que significa que muitos deles acedem à Internet via Windows), segundo dados fornecidos por Maria da Fé Peres, do Departamento de Comunicação da Telepac, baseados num estudo da Marktest relativo ao segundo trimestre de 2000. Uma outra perspectiva: Levy (1995: 9) refere que 20 milhões de pessoas estavam ligadas à Internet em 1994 e previa um total de 200 milhões para o ano 2000.

que diz respeito ao seu carácter autónomo quando comparada com a linguagem geral, podemos salientar que as fronteiras entre as diferentes linguagens não são hoje totalmente estanques, uma vez que, por exemplo, há uma quantidade vasta de termos das novas TI que ocorrem no TC de que tratamos neste trabalho - dos quais apenas analisaremos alguns exemplos -, termos que são utilizados regularmente em artigos de jornal, revistas, na comunicação entre os falantes especialistas e não-especialistas deste domínio, e de que *software*[10] e *hardware*[11] serão os mais frequentes. Por conseguinte, alguma terminologia específica banalizou-se e é perspectivada como parte integrante do léxico geral. Tal não significa que um núcleo alargado de termos e conceitos complexos não continue a fazer parte da linguagem para esse fim específico[12]. Assim, o leitor/utilizador comum continuará a ter algumas dificuldades em compreender certas características que fazem do TC um texto técnico, mas para os localizadores que contribuíram para a construção da versão portuguesa nenhum desses termos corresponderia a um conceito nubloso dada a especialização desses profissionais e as inúmeras fontes de informação ao seu dispor.

Em relação a critérios de avaliação do desempenho do tradutor de texto técnico, Herman (1993: 17) salienta que os principais aspectos estilísticos a fomentar neste tipo de texto são: a clareza, a concisão e a correcção. Este autor sublinha que apenas um tradutor de texto técnico experiente é capaz de produzir uma boa tradução de um documento técnico[13] (*idem*: 19). Em termos gerais, também Gile se refere a padrões consensuais de qualidade a atingir por uma tradução:

---

[10] Segundo o *Dicionário de Informática*, «**Software** –[é o] Conjunto de instruções que indicam a um computador o que fazer. O software conterá geralmente uma lista de variáveis, representando números, texto, ou gráficos, e uma série de declarações que indicam ao computador como processar essas variáveis. Existem duas categorias básicas de software – software de sistema e software de aplicações. Sinónimo de programa. O software é geralmente guardado num dispositivo de armazenamento tal como um disco rígido até o computador precisar dele. E então que partes de um dado programa são carregadas para a memória do sistema.» (Carmo 1998: pp. 86-87)

[11] Termo usado no campo da informática e da linguagem geral e que se refere a todos os meios para o tratamento de informação «actualmente constituídos pelos computadores e todos os dispositivos que lhes possam estar ligados» (Carmo 1998:43).

[12] Com certeza que não haverá muitos utilizadores (não especialistas) do Windows 98 e aplicações que saibam definir de forma clara *frame* ou *pixel*.

[13] Num outro plano, Hoft (1995: 190) constata que uma das queixas mais recorrentes dos tradutores técnicos diz respeito à falta de clareza dos textos redigidos por redactores profissionais.

> ...ideational clarity, linguistic acceptability, and terminological accuracy as well as fidelity on one side, and appropriate professional behaviour on the other, all contribute to high-quality Translation (Gile 1995: 34).

O mesmo autor sugere, no entanto, que, em tradução de texto técnico, os únicos critérios válidos para avaliar a aceitação do texto de chegada são os que emanam de LC (*idem*: 34).

Wright (1993: 70) acaba por salientar igualmente que as traduções de texto técnico, criadas para comunicar com um público exterior à empresa, terão de seguir os mesmos princípios que subjazem à criação de textos dessa área em LC adequados ao público alvo. Depreende-se que a qualidade da escrita de uma tradução de texto técnico deve satisfazer padrões de excelência. Esta autora sugere que a utilidade da tradução automática neste domínio se restringe à tradução de documentos internos, tal como acontece, por exemplo, com os da Comissão Europeia[14]. Coe (1996: pp. 292-293) apresenta de forma sucinta as vantagens e desvantagens dos vários tipos de tradução, a humana, a automática e a assistida por computador. Por outro lado, Hoft (1995: 188) refere-se às limitações da tradução automática, destacando a adequação a texto simplificado, a incapacidade de lidar com as complexidades das linguagens naturais, e o facto de obrigar a uma revisão do texto por um tradutor profissional para avaliar o rigor da tradução. Esta autora salienta que esta pós-edição de textos produzidos por tradução automática é muito comum na tradução moderna (cf. Sager 1993: 256- 265).

Voltando à distinção entre a tradução de texto literário e de texto técnico, um outro aspecto que diferencia estes dois campos da tradução é o tipo de dificuldades com que o tradutor se depara em cada um deles. Até ao momento, as máquinas e as ferramentas informáticas são de pouca ajuda para o tradutor de texto literário quando se trata de superar dificuldades estilísticas, retóricas, de registo, etc. A própria descodificação de um texto literário – que segundo Newton (1992: 149) se processa a dois níveis - não se pode comparar ao exercício, por norma linear, de compreender e descodificar um texto técnico, como é, por exemplo, um tópico ou enunciado

[14] «The majority of machine translation users are non-linguists in the Commission's administrative departments who value the system's fast response time.» (Senez 2000).

retirado dos manuais de Ajuda do sistema operativo Windows 98. No entanto, em tradução técnica especializada, Galinski e Budin salientam vários aspectos que consideramos relevantes relativamente ao uso de ferramentas:

> The translation of speciliazed texts requires new and more precise tools for translation-oriented terminology management. The need to develop comprehensive terminology systems coupled with a strong knowledge component has, therefore, been recognized by software developers and will become an increasingly important translation tool in the future (Galinski e Budin 1993: 214)

Podemos dizer que esse futuro já está instalado se reflectirmos sobre as ferramentas informáticas que hoje apoiam a tradução de texto técnico em ambiente industriais (*vide* 2.1.2).

Na globalidade, as dificuldades da tradução técnica não se prendem com questões de retórica, mas sim com a procura do cumprimento de propósitos comunicativos de qualquer texto de chegada, próximos e correspondentes aos visados pelo texto de partida. A doutrina funcionalista parece-nos adequada à tradução de manuais de instruções, notícias, publicidade, textos jurídicos, entre outros, em que a linguagem é utilizada com um propósito essencialmente instrumental[15], mas alguns críticos consideram-na inadequada à tradução de texto literário; no entanto, Nord prova o contrário (Nord 1997: pp. 80-103). No campo da tradução técnica, os críticos normalmente aceitam processos de adaptação, substituição, paráfrase, omissão, expansão ou qualquer alteração que intensifique a compreensão e aceitação do texto de chegada, desde que adequado[16] ao contexto e ao propósito original.

Visto que o TC que analisaremos se insere no âmbito da tradução técnica e que uma possível atitude tradutológica próxima da funcionalista nos parece adequada, abordaremos de seguida alguns pontos que correspondem a outros tantos pilares em que assenta essa doutrina.

---

[15] Reiss propõe a seguinte tipologia de textos: a) textos informativos, de carácter neutro, prosaico, representando o conteúdo e centrando-se no assunto; b) textos expressivos, orientados segundo padrões de forma e centrados no emissor; e c) textos operativos, nos quais a função predominante é a apelativa, centrando-se no receptor (referido em Nord 1997: pp. 37, 38).

[16] Como escreve Nord (1997: 35): «'adequacy' refers to the qualities of a target text *with regard to* the translation brief: the translation should be 'adequate to' the requirements of the brief.». Trata-se da apresentação de selecção de signos linguísticos orientada segundo os propósitos, signos apropriados ao objectivo comunicativo definido para determinado trabalho de tradução.

1.1.1 Teoria funcionalista

Iniciamos esta secção com breves citações de dois autores que resumem alguns aspectos subjacentes a uma prática tradutológica norteada pela perspectiva funcional:

> These cases correspond to what Reiss calls 'communicative translation', where the receivers ideally do not notice, or are not even interested in, the fact that they are reading a translation. It should be noted, however, that there is no universal rule that all technical texts *must* be translated instrumentally. (Nord 1997: 50)

> Documents must speak "the language" of the target audience and should resemble other texts produced within that particular language community and subject domain (Wright 1993: 70)
> ... the ideal text product in these cases should "read like" an original source language text to the extent that the user is unaware that it was ever translated in the first place. (*idem*: 71)

Seguindo estes princípios orientadores da prática de tradução, qualquer texto de natureza técnico-científica, como é o do sistema operativo Windows 98, se deveria integrar na língua de chegada. e na sua cultura, procurando desencadear respostas adequadas, assim como uma utilização correcta e frutífera do sistema e aplicações. A tradução é um tipo de actividade humana intencional, com um propósito que tem origem num dado contexto, integra-se nele e ao, mesmo tempo, modifica-o (Nord 1997:11). Assim, em termos gerais, em tradução técnica e particularmente em localização de *software*, pode-se optar por uma postura tradutológica que esteja de acordo com o propósito comunicativo e o contexto de LC. Enveredando-se por esta via, pretende-se que o texto de chegada cumpra os propósitos correspondentes àqueles para que o texto de partida foi concebido e que o utilizador a quem o texto de chegada se destina não o encare como uma tradução[17], mas sim como um texto que foi gerado na sua língua e cultura (Esselink 1998: 3). A perspectiva funcionalista centra, desta forma, a atenção do tradutor na função a cumprir pelo texto na cultura alvo, tal como é defendido por Nord (1997:1). Tendo em conta que os contextos situacionais não são universais, mas surgem integrados especificamente em cada ambiente cultural que os determina, a língua terá de ser perspectivada como parte

[17] Esta posição está de acordo com o que já Nida e Taber (1969: 1) tinham defendido: «what one must determine is the response of the receptor to the translated message. This response must be compared with the way in which the original receptors presumably reacted to the message when it was given in the original setting». Ou ainda «The best translation does not sound like a translation.» (ibid. p.12).

integrante da cultura. Por conseguinte, a comunicação acaba por ser condicionada por circunstâncias da situação quando parte de uma determinada cultura (*idem*).

Quando se fala em tradução funcional, surge de imediato um conjunto de nomes que defendem esta atitude tradutológica, nomeadamente Vermeer, Reiss e Nord. Todos eles salientam que a língua é utilizada de forma a satisfazer necessidades comunicativas da comunidade linguística; assim, o tradutor deve criar um texto que satisfaça as necessidades do leitor que nele se apoia, um texto que favoreça ou conduza a respostas e efeitos adequados, consentâneos com o propósito do texto original[18]. Para o utilizador do Windows 98 será relevante que os textos incluídos nas *interfaces*[19], *caixas de diálogo*[20], ou manuais de Ajuda, por exemplo, lhe clarifiquem quaisquer dúvidas, de forma a compreender cabalmente como fazer uma utilização profícua desse sistema e aplicações. O objectivo da tradução não é levar o leitor/utilizador a deleitar-se com artifícios linguísticos; trata-se, sim, de o encaminhar, de o guiar perante um vasto leque de sugestões. Se o utilizador conseguir usar com sucesso o sistema e aplicações, recorrendo às explicações e textos providenciados, aí o TC, na sua globalidade, terá cumprido o correspondente propósito para que também foi concebido o TP inserido no *software*[21], isto é, o utilizador português conseguirá usar esse TC para funções equivalentes às postas em prática pelo utilizador americano. Se esse objectivo se vier a cumprir, os tradutores terão razões para sentir que o seu

---

[18] As palavras de Newmark (1981: 10) que citamos infra apresentam uma abordagem vulgarmente aceite, mas que não representa um consenso universal acerca do papel do tradutor: «There is wide but not universal agreement that the main aim of the translator is to produce as nearly as possible the same effect on his readers as was produced on the readers of the original (see Rieu, 1953). The principle is variously referred to as the principle of similar or equivalent response or effect, or of functional or dynamic (Nida) equivalence.»

[19] Gates (1995: 65) define interface como «o meio através do qual o computador e o utilizador comunicam.» As interfaces dos sistemas operativos Windows são interfaces gráficas que integram imagens e tipos de letra, ao contrário das interfaces iniciais nas quais o utilizador encontrava caracteres e tinha de escrever comandos para que o computador «agisse».

[20] «Meio de comunicação com o programa. Uma caixa de diálogo apresenta avisos e mensagens, permitindo seleccionar e adoptar opções através da selecção dos botões de comandos apropriados.» (Carmo 1998: 16).

[21] De acordo com Nord (1997: 28), a *função* de um texto decorre da sua significação ou do que se pretende significar na perspectiva do receptor, enquanto a *intenção* é definida na perspectiva do emissor que pretende atingir um determinado propósito com o texto. Assim, os receptores usam o texto com uma certa função, dependendo das suas expectativas, necessidades, conhecimentos prévios e condições situacionais. Numa situação ideal, a intenção do emissor cumpre-se, e nesse caso, intenção e função são análogas ou idênticas.

trabalho foi bem sucedido, uma vez que provocou uma reacção adequada, idêntica à pretendida igualmente pelo TP.

Dohler, tradutor com larga experiência na área da localização, defende que os programas informáticos devem ser adaptados às línguas e culturas alvo por vários motivos:

> International users of computer software have come to expect their software to "talk" to them in their own language. This is not only a matter of convenience or of national pride, but a matter of productivity. Users who understand a product fully will be more skilled in handling it and avoid mistakes. So they will prefer applications in their language and adapted to their cultural environment. (Dohler 1997: 2)

Se se agir em conformidade com estas sugestões, os propósitos que subjazem ao texto original acabam por se cumprir com maior facilidade e com mais sucesso noutros contextos linguísticos.

No domínio da *Skopostheorie*[22], um outro elemento relevante no processo de tradução é o destinatário pretendido ou público alvo. O tradutor tem de orientar o seu texto para um público potencial, cujas capacidades de compreensão são visadas (Nord 1997: 111), indo ao encontro do que, em 1987, Vermeer (citado em Nord 1997: 12) afirmava acerca da significação do acto de traduzir: «to produce a text in a target setting for a target purpose and target addressees in target circumstances.» Estas palavras definem o que se entende como resultado de um acto de tradução funcional, no qual os elementos fulcrais são os destinatários do texto, a sua cultura e o contexto linguístico de LC.

O tradutor deve, desse modo, conduzir as suas escolhas de acordo com as normas de LC e respectiva cultura (Nord 1997: 38). Assim, outro dos principais alicerces da abordagem funcionalista na tradução é o desvio da centralidade da atenção do tradutor no texto de partida, focando com mais acuidade o seu esforço na produção e integração do texto de chegada na língua e cultura que o vai acolher. Tal como Nord salienta, não se trata de «destronar» o texto original ou os seus aspectos linguísticos e estilísticos; o que se pretende é que esse texto não seja o centro do processo de tradução e se coloque a ênfase noutros aspectos considerados mais

---

[22] De acordo com a definição proposta por Nord (1997: 27), este termo refere-se a «Skopos is a Greek word for 'purpose'. According to *Skopostheorie* (the theory that applies the notion of *Skopos* to translation) the prime principle determining any translation process is the purpose (*Skopos*) of the overall translational action. This fits in with intentionality being part of the very notion of any action.»

pertinentes (*idem*: 25). Este ponto relaciona-se com o princípio de que uma tradução é uma nova proposta de informação na cultura de chegada sobre determinada informação veiculada na cultura e língua de partida (cf. Nord 1997:25).

Podemos assim concluir que, em termos globais, para um tradutor de texto técnico ser bem sucedido, deve dominar meta-competências textuais, para além de ser capaz de produzir um texto com um propósito claro, inserido de forma adequada na cultura alvo, que fomente e seja um meio de comunicação. O tradutor deverá possuir igualmente conhecimentos ao nível da análise textual e conhecimentos culturais abrangentes tanto em relação à recepção como à produção de texto[23]. Deve ainda fazer uso de técnicas de pesquisa de informação e ter conhecimento dos condicionamentos pragmáticos relacionados com a produção de um texto; deve ser capaz do cumprimento de normas, e de dar atenção às gírias profissionais e às possíveis estratégias de marketing. Estes aspectos são considerados elementares para a elaboração de textos técnicos provenientes de linguagens de especialidade (Nord 1999: 2).

Vermeer reúne de forma sucinta todos os aspectos aqui explanados ao referir-se da seguinte forma às tarefas concretas de um tradutor:

> It is well-known that the task of the translator is not fulfilled with a mere linguistic transcoding of a message on what is generally called the object level. His more important task is twofold: first, to convey an intended meta-meaning in such a way that the ultimate aim ("skopos") of the communicative act is achieved.
>
> The second task of the translator is to transform the form and meaning of the message on its object level into a target text in such a way as to make this target text fit the intended skopos. This may involve a thorough change of form and content – besides the normal change "from one language to another". (1994: 11)

Após esta breve análise de algumas características gerais da tradução técnica e da abordagem funcionalista, no capítulo seguinte procederemos à análise das múltiplas actividades que determinam a especificidade da localização de software quando inserida no domínio da tradução técnica. É ainda oportuno salientar que os princípios abordados neste capítulo irão ser

---

[23] Indo ao encontro destes pressupostos gerais, Gile (1995: 78) propõe que um tradutor domine competências relativas às línguas envolvidas e aos conhecimentos extralinguísticos ou enciclopédicos.

tidos em conta como base para a análise do TC presente na versão portuguesa do Windows 98, a efectuar no capítulo três.

2 Localização e Internacionalização

É um facto incontestável que, a nível mundial, um dos negócios mais salientes e rentáveis do momento está relacionado com as novas TI. O uso de computadores generalizou-se, ultrapassou barreiras sociais, passou a ser parte integrante do quotidiano da maioria da população dos países industrializados, que tenta explorar, de formas diversas, as inúmeras potencialidades dessas máquinas. Em consequência, as grandes empresas ligadas ao ramo da informática têm desenvolvido programas cada vez mais apurados que permitam aos utilizadores optar por uma miríade de soluções: processar texto, enviar mensagens, digitalizar imagens e texto, conversar com outrem, desenhar e arquitectar novos espaços, desenhar e idealizar novas ferramentas, testar novos equipamentos e máquinas, efectuar cálculos, comprar e vender todo o tipo de produtos e serviços, contactar com uma realidade nova e virtual, recolher e aceder a todo o tipo de informações, passar tempo livre interagindo com o computador, ser avisado de compromissos profissionais e sociais, ouvir música e estações de rádio, importar sons, melodias, importar vírus... Tantas são as possibilidades oferecidas que havemos de continuar a ficar fascinados com a criatividade e pesquisa de equipas de técnicos e de amadores que revolucionam a forma de trabalhar e de viver de todos em geral.

Parece-nos relevante recordar que em 1995 já se contabilizava a existência de mais de cem milhões de computadores em todo o mundo, adquiridos com o objectivo de processar todo o tipo de informação (Gates 1995: 6). Em *Rumo ao Futuro*, o autor descreve as implicações de tal realidade:

> O mercado global de informação será gigantesco e irá combinar todas as diferentes formas em que as mercadorias, serviços e ideias produzidas pelo ser humano são trocados (Gates: 1995: 7).

O panorama descrito nestas palavras é expandido por Kaku (1998: 36) que avança com uma previsão interessante:

> Em 2020, os microprocessadores serão provavelmente tão baratos e abundantes como papel de rascunho, dispersos pelo mundo aos milhões, permitindo-nos colocar sistemas inteligentes em toda a parte. Isto mudará tudo o que nos cerca...

Reconhece-se, assim, uma preocupação crescente que decorre deste mercado global, que acaba por impelir as grandes empresas para a criação de produtos destinados não só a mercados internos, mas também dirigidos ao mundo.

Estas necessidades desencadearam e exigiram também uma redefinição do mundo da tradução, uma vez que, por exemplo, as editoras de *software* procuram empresas de tradução que providenciem serviços múltiplos: tradução, revisão, actualização, compilação e verificação das versões dos programas que pretendem traduzir ou, melhor, localizar (*vide* capítulo 2.1 sobre a noção de localização) porque querem distribuí-las noutras nações de línguas e culturas diversas. Actualmente a tradução de textos relacionados com as tecnologias ocupa já 40% do volume total de tradução em todo o mundo[1]. A maior fatia cabe, pois, à tradução técnica, que tem exigido dos seus profissionais uma especialização, neste caso na área da localização de programas informáticos, páginas da Internet, etc.[2], para dar resposta a necessidades cada vez mais específicas dentro da área das novas TI.

A Microsoft, por exemplo, tem feito esforços no sentido de localizar os seus produtos para as mais diversas línguas e culturas, em consequência de ter constatado há muito que grande parte do seu volume de negócios provém de fora dos EUA: em 1998 essa fatia atingia os 60% do total de vendas (Brooks 2000: 43). Assim, é razoável e compensador que se traduza e adapte correctamente esses produtos para que continuem a cumprir com sucesso os propósitos para que foram concebidos - agora noutros locais e para utilizadores diversos. Esta consciência em relação à necessidade de localização de programas informáticos é regida em muitos casos, como se pode

---

[1] Em termos percentuais, destaca-se a tradução de textos relacionados com as tecnologias, com um total de 40%; 25% de textos originados pelo comércio externo, 5% de textos referentes à gestão, 10% com obras destinadas ao ensino, 5% relativos a revistas, sendo a tradução de literatura responsável pelos restantes 5%. Percentagens adiantadas por Loffer-Laurian (1996: 15).

[2] Segundo um dos artigos consultados a partir das hiperligações que configuram o sítio da SDL, empresa inglesa de localização e internacionalização de produtos informáticos. Na localização incluem-se tarefas relacionadas com a tradução de sítios da Internet de e para qualquer língua, bem como a actualização constante desses sítios, consoante pedido do cliente, a manutenção e actualização de glossários do domínio específico em que o cliente se integra. Para além disso, a SDL tem na carteira de clientes algumas das maiores empresas de edição de *software* a nível mundial (SDL 2000). Refira-se que a SDL participou na concretização do projecto de localização para português do Windows 98, como Lessing nos informou solicitamente, através de uma equipa alargada de profissionais, traduzindo um total de palavras inferior ao do Windows 2000 - este último projecto atingiu um volume de três milhões de palavras.

verificar pelo exemplo da Microsoft, por objectivos económicos, já que os utilizadores aceitam muito mais facilmente interagir com produtos na sua própria língua do que numa língua estrangeira. Se a versão localizada não estiver disponível, esses eventuais compradores e utilizadores poderão rejeitar os programas (cf. Sprung 2000: ix; Del Galdo 1996: 77). No caso concreto das versões portuguesas, O'Donnell (1994: 38) afirma que os utilizadores de um determinado programa informático que habitem em Portugal ou no Brasil esperam que esse programa interaja com eles na variedade linguística respectiva. Acrescenta que nos dois países existem noções diversas do que é adequado e correcto em termos linguísticos e culturais. Esta opinião está com certeza relacionada com o facto de em 1994 os especialistas em localização terem concluído que era urgente localizar os sistemas operativos Windows para português europeu, dado o fiasco da versão brasileira em território português. O desajustamento da versão brasileira à realidade portuguesa criou a necessidade de uma versão localizada em português europeu[3].

Esta nova realidade tem contrariado todos aqueles, sobretudo nos países de expressão inglesa, que consideram a tradução uma actividade dispendiosa e lenta, condenada ao desaparecimento, uma vez que persistem na ideia de que a língua inglesa é uma língua franca, falada e/ou compreendida por grande parte da população dos outros países (Sprung 2000: ix; cf. O'Donnell 1994: 57). Uma vez que o cenário supra não corresponde à realidade, o papel do localizador reveste-se de grande importância, na medida em que vai alterar o estado das coisas ao possibilitar que um japonês ou um português, por exemplo, tenham acesso a produtos informáticos com os quais interagem na sua língua materna e não em língua inglesa. Lubbers (1996: pp. 6-7) refere que o desenvolvimento das novas tecnologias se torna extremamente relevante quer em termos económicos quer em relação ao desenvolvimento de um processo de

[3] Em relação à tradução de textos destinados aos mercados português e brasileiro, Eco (1996: 308) salienta o facto de a língua diferir de tal modo que de um mesmo texto se fazem habitualmente duas traduções, uma para cada país. Apesar de referir que um português e um brasileiro continuam a entender-se, pelo menos no que diz respeito às necessidades do dia-a-dia, devido à difusão proporcionada pelos meios de comunicação que os informam mutuamente acerca das variações da variedade linguística do outro país.

globalização, pois torna possível a concretização do conceito de "aldeia global", referido pela primeira vez na década de 60.

Esselink (1998), ao definir *globalização*, refere que este termo envolve duas fases concretas, a *internacionalização* e a *localização*:

> A term used to cover both internationalization and localization. Software developers will "go global" when they start developing, translating and distributing their products for foreign markets.
> Globalization ("G11N") is typically used in a sales and marketing context, i.e., it is the process by which a company breaks free of the home markets to pursue business opportunities wherever their customers may be located. (Esselink 1998: 3)

Kano (1995) comunga desta opinião, entendendo por:

> **Internationalization, or globalization**: The process of developing a program core whose feature design and code design don't make assumptions based on a single language or locale and whose source code base simplifies the creation of different language editions of a program.
> "**internationalization**," which covers generic coding and design issues, and "**localization**," which involves translating and customizing a product for a specific market.

Assim, se uma editora de programas informáticos pretende que os seus produtos sejam comercializados em todos os países com possíveis clientes, terá de os adaptar a esse novo contexto; daí que as fases da localização e internacionalização sejam relevantes no cumprimento dessa estratégia de mercado global. Como já referimos, as novas TI criaram uma nova área de intervenção para o tradutor técnico especializado, a localização de *software*, que iremos definir e caracterizar de forma mais pormenorizada na próxima secção.

2.1 Localização: definição

Não é fácil definir em poucas palavras todo o conjunto de actividades complexas que constituem o domínio da localização. O'Donnell (1994: 65) ajuda-nos a compreender como esta actividade, apesar de recente, tem evoluído. Segundo a autora, quando se começaram a localizar os primeiros programas informáticos, este processo envolvia a alteração de todo o programa e dos seus códigos. Ou seja, a partir da versão norte-americana do produto, retiravam-se elementos da codificação do programa e substituíam-se por outros para possibilitar a criação de uma nova versão. Este modelo de localização dos produtos, designado pela autora como *remove/replace*,

implicava custos excessivos, e os problemas que provocava eram difíceis de resolver. A localização passou a ser uma actividade relacionada com a internacionalização[4], isto é, com a criação de programas informáticos caracterizados por uma arquitectura mais abrangente e flexível que permitia a localização para várias línguas e culturas, sem a obrigação de alterar o código fonte[5] do programa. Começou-se a utilizar um modelo distinto do anterior neste processo múltiplo, designado *add-on*, uma vez que tornava possível a alteração apenas dos elementos específicos da mensagem textual e iconográfica do programa (O'Donnell 1994: 65).

Mesmo com esta alteração, que simplificou o trabalho do localizador[6], a complexidade envolvida nesta actividade persiste; daí que recorramos a algumas definições do conceito para melhor o acompanharmos e compreendermos. Esselink (1998) apresenta uma definição de localização que aproxima esta actividade do que normalmente caracteriza o campo de intervenção de qualquer tradutor:

> The process of adapting and translating a software application into another language in order to make it linguistically and culturally appropriate for a particular local market (Esselink 1998: 2).

De acordo com este autor, as preocupações mais globais num processo de localização são a adaptação e a tradução de *software* para que este se adeque à língua e cultura alvo, bem como às expectativas do público potencial[7]. Esta preocupação em não dissociar a localização dos objectivos que regem qualquer acto tradutológico está patente igualmente nas palavras de Pym (1999) quando compara localização e tradução[8]. Este autor reconhece que esta actividade recente

---

[4] Esta é uma das etapas por que terá de passar um produto informático para que se proporcione a possibilidade de o localizar para outras línguas e culturas. Esta etapa irá ser objecto de análise mais à frente neste capítulo.

[5] *Código-fonte* pode ser definido como «Source Code, in computer science, human-readable program statements written in a high-level or assembly language, as opposed to object code, which is derived from the source code and designed to be machine-readable.»(*Microsoft Bookshelf 98*)

[6] De ora em diante, sempre que se fizer referência ao tradutor técnico especializado que se move nos domínios da localização utilizar-se-á a denominação *localizador*.

[7] «Translation is the process of converting written or displayed text or spoken words to another language. In localization, translation is not a word-for-word "global replacement" process. It requires accurately conveying the total meaning of the source material into the target language, with special attention to cultural nuance and style.» (Esselink 1998: 3)

[8] No artigo «Localizing Localization in Translator-Training Curricula», Pym (1999: 2) coloca algumas questões que emergem da diferenciação que pretende estabelecer entre localização de *software* e tradução no seu sentido lato: «What's in "localization" that isn't already implied by "translation", understood and taught in the best communicative sense? Or, to wrap it into one simple doubt: Is there any reason why we should take the discourse of

tem adquirido conotações muito positivas ao longo da sua ainda curta existência, mas que, quando comparada com a tradução, pouco trouxe de novo à actividade tradutológica. Pym (1999) defende que os localizadores terão muito a ganhar se construírem uma plataforma de entendimento e de partilha de saberes e competências com a «velha» tradução.

A especificidade desta actividade reside, pois, no tipo de competências que o localizador tem de possuir quando se envolve num projecto de localização:

> Localization: The process of adapting a program for a specific market, which includes translating the user interface, resizing dialogue boxes, customizing features (if necessary), and testing results to ensure that the program still works. (Kano 1995)

Nesta definição deparamo-nos de imediato com um conjunto de acções diversificadas que exigem do localizador uma formação especializada, porque envolvem actividades só exequíveis se se recorrer ao uso de ferramentas informáticas específicas [9].

O sítio da Internet da LISA[10] salienta igualmente, e de forma clara, a utilização de ferramentas informáticas e descreve a actividade da localização como um processo de adaptação a um *locale*, não só do *software* mas também do *hardware* necessário:

> What is localization, actually?
> Localization is the process of adapting a product (often but not always a software application or hardware component) to meet the language, cultural and other requirements of a specific target environment or market (a "locale"). This process often entails the use of special computer-based tools. (LISA 2000)

Esselink (1998: 166) aprofunda a definição de localização ao referir-se à criação desse *locale*:

> A locale is a combination of primary (language) and sub language (country) codes. Locale information includes currency symbol, date/time/number formatting information, localized days of the week and months of the year, the standard abbreviation for the name of the country, and character encoding information.

---

localization at all seriously?». Horschmann referiu nos últimos Encontros de Tradução da AsTra-flup (24/25 Março de 2000) que, como tradutor que é, a certa altura da sua vida profissional tinha literalmente optado por se apresentar como localizador de modo a ir ao encontro das expectativas das grandes empresas de *software*.

[9] Iremos focar e salientar algumas das ferramentas mais utilizadas num projecto de localização um pouco mais adiante neste capítulo (em 2.1.2).

[10] O acrónimo LISA refere-se a uma entidade internacional sediada na Suíça: «Founded in 1990, LISA (the Localisation Standards Industry Association) aims to provide professional support for the development of localization guidelines and business standards, ensuring that multilingual software, documentation and other products are manufactured worldwide to the highest possible standards. Traditionally focused on the classic information technology sector, it is now broadening its scope in response to the spread of IT to other sectors.» (LISA 2000)

A partir destas definições verifica-se que a localização envolve actividades que vão para além de se permitir ao utilizador uma interacção com uma interface gráfica em LC. A localização está também relacionada, por exemplo, com a tradução de séries de caracteres (*strings*)[11], dado que uma única série pode originar múltiplas traduções em contextos diferentes (Esselink 1998: pp. 21-22). Aplicando este facto à língua portuguesa, verifica-se que esta multiplicidade de hipóteses se deve a questões, por exemplo, de concordância em género e número dos substantivos e dos adjectivos. Kano (1995) explora esta característica ao referir-se à utilização de uma mesma série de caracteres em diversos contextos ou mensagens:

> The problem with using "all-purpose" strings is that in European languages, adjectives (and some nouns) have anywhere from 4 to 14 different forms (for example, masculine, feminine, and neuter singular; and masculine, feminine and neuter plural) that must match the nouns they modify. A single string displayed in different contexts will be correct in gender and number in some cases but incorrect in others. Users will consider such a translation amateurish. (Kano 1995)

A localização das séries implica aumentar as caixas de diálogo devido ao alargamento inevitável do texto de chegada. Tem de se ter em atenção obrigatoriamente as diferentes resoluções de imagem dos monitores, não podendo, consequentemente, essas caixas apresentar tamanhos excessivos não compatíveis com as resoluções seleccionáveis. Quanto menor a resolução da imagem, maior será o espaço ocupado pelas janelas e texto respectivo. A localização exige ainda a tradução e alteração de *ícones de aplicação* [12] e de *mapas de bits* [13], tal como se pode verificar num exemplo retirado das aplicações do Windows 98, versão portuguesa: os ícones que representam a selecção de *Negrito* (**N**) e de *Sublinhado* (S) nas aplicações Microsoft Word, Excel e Powerpoint foram localizadas; quanto ao ícone representativo da opção *Itálico* (*I*), não houve necessidade de localização, uma vez que a letra *I* é comum às duas línguas como inicial do termo em análise.

---

[11] De acordo com o *Glossário da Microsoft*: «String n. A data structure composed of a sequence of characters usually representing human-readable text.» (Microsoft 2000). Por exemplo: «Deseja guardar as alterações feitas a...».

[12] «**Ícone de aplicação** – Pequena imagem gráfica que representa uma função, um objecto ou uma ferramenta. Clicar uma ou duas vezes sobre o ícone produz uma acção.» (Carmo 1998: 44). Correia (1997: 63) define ícone como sendo um «Símbolo corrente na <interface da maioria dos programs que consiste numa representação gráfica (metafórica, redundante ou aleatória) destinada a motivar uma acção por parte do utilizador.» (1997: 63)

[13] «**Mapa de bits** – Uma grelha de pontos que contém a informação necessária para apresentar uma imagem no ecrã de computador ou impressora. Cada ponto corresponde à cor de um ponto determinado, ou pixel, no ecrã. A cor dos pontos é codificada como bits, por isso se chama mapa de bits. » (Carmo 1998: 52).

Um outro aspecto que dificulta o trabalho de um localizador é o facto de ter de trabalhar com imagens gráficas, que poderão causar alguns contratempos no acesso às legendas que tenham de ser localizadas. Em certos formatos electrónicos, por exemplo *JPEG* e *GIF* [14], é impossível alterar o texto sem alterar o fundo gráfico, pois ambos se encontram num mesmo nível. Esta tarefa é complexa e obrigará a alterações da própria imagem para que o processo de localização seja levado a cabo. Contudo, se a imagem tiver uma extensão *.psd* – referência informática ao programa de edição de imagem PhotoShop® – a alteração do texto pode ser feita sem quaisquer dificuldades, o que facilita o trabalho do localizador.

Outro aspecto a contemplar na localização é o facto de os técnicos de informática terem de isolar em ficheiros específicos o texto que deve ser alvo de tradução, fazendo uso de «bandeiras sinalizadoras» (*tags*[15]), incluindo notas claras e objectivas para que o localizador seja célere e preciso no exercício do seu mister. O localizador deve ter sempre acesso ao texto, de preferência inserido no contexto em que irá surgir no *software*. Para tal, deve ser fornecida ao localizador pelo menos uma versão compilada do programa, o que, na fase de localização, corresponde geralmente à versão destinada ao mercado de origem do *software*.

2.1.1 A localização do TP: algumas especificidades

Se nos debruçarmos sobre a semelhança entre a tradução técnica em geral e a localização, surge o facto de os tradutores técnicos também terem de adequar os produtos e documentação a

---

[14] «**JPEG** - Acronym for Joint Photographic Experts Group. An ISO/ITU standard for storing images in compressed form using a discrete cosine transform. JPEG trades compression off against loss; it can achieve a compression ratio of 100:1 with significant loss and possibly 20:1 with little noticeable loss.».

«**GIF** - Acronym for Graphics Interchange Format. A graphics file format developed by CompuServe and used for transmitting faster images on the Internet. An image may contain up to 256 colors, including a transparent color. The size of the file depends on the number of colors actually used. The LZW compression method is used to reduce the file size still further.» (*Microsoft Bookshelf 98*).

[15] «**1.** In programming, one or more characters containing information about a file, record type, or other structure. **2.** In certain types of data files, a key or an address that identifies a record and its storage location in another file. *See also* tag sort. **3.** In markup languages such as SGML and HTML, a code that identifies an element in a document, such as a heading or a paragraph, for the purposes of formatting, indexing, and linking information in the document. In both SGML and HTML, a tag is generally a pair of angle brackets that contain one or more letters and numbers. Usually one pair of angle brackets is placed before an element, and another pair is placed after, to indicate where the element begins and ends. For example, in HTML, *hello world* indicates that the phrase "hello world" should be italicized.» (*Microsoft Bookshelf 98*).

outra cultura e têm igualmente de ser redactores técnicos[16]. Assim, a diferença entre a tradução técnica especializada e a localização de *software* propriamente dita centra-se, por exemplo, no facto de o localizador ter dificuldades em identificar o que realmente deve traduzir e aquilo que não lhe compete alterar, uma vez que corre riscos de danificar o *software* (Kano 1995). Uren *et alii.* (1993: pp. 36-37) referem que, num projecto de localização, normalmente é alvo de tradução o seguinte material textual: as séries de caracteres, os textos dos menus, as caixas de diálogo, as mensagens e os ficheiros de Ajuda. Para além deste, também se inclui outro tipo de documentação: manuais e suplementos, ficheiros *Readme* [17], os hipertextos[18] de Ajuda, as embalagens, os registos, as etiquetas para os discos que contêm o *software*, as garantias, o contrato de licença e os panfletos promocionais, os *tutoriais*[19], os exemplos e a interacção com o *software* e o *hardware*.

O tradutor tradicional que transita para a área da localização de *software* não pode esperar que o texto a traduzir lhe seja facultado como até aí em formato de livro, de manual, de panfleto, de fax, de páginas soltas, de mensagem de correio electrónico, de documento guardado numa das aplicações mais comuns ao nível do processamento de texto. Na maioria dos casos, o texto a traduzir é fornecido sob a forma de um tipo de ficheiro específico, denominado *base de dados de recurso* (*resource files*, com extensão *.RC*). Os enunciados a traduzir são compilados nestes ficheiros e, após os localizadores terem concluído e revisto o texto de chegada, os enunciados desse novo texto são introduzidos no *software*, nos «locais» anteriormente ocupados pelo texto de partida.

---

[16] Consultar Hoft (1995) e Coe (1996) sobre questões de redacção de texto técnico que se destina a fazer parte de produtos internacionais.

[17] Fazendo uso de dados fornecidos pelo Windows 98, constatamos que «Os ficheiros Leiame contêm informações de última hora que não estão incluídas na documentação impressa ou na ajuda online. Este browser descreve e mostra os ficheiros Leiame mais importantes incluídos no Microsoft® Windows® 98. [...] Nota: Estão listados apenas os ficheiros Leiame mais importantes. O CD do Windows 98 contém mais ficheiros Leiame especializados, tais como os ficheiros .TXT nas diversas pastas de controladores.»

[18] Segundo o *Dicionário de Informática*, «**hipertexto** [é o] Texto que não precisa de ser lido do princípio ao fim, mas que pode ser consultado numa série de ordens diferentes, de acordo com a vontade do leitor, e segundo trajectórias internas chamadas ligações (links). Uma aplicação de hipertexto típica encontra-se em obras de referência como uma enciclopédia, por exemplo.» (Carmo 1998: 43). No caso concreto do TP que analisamos neste trabalho, o manual *Getting Started Book: Online Version* (*Introdução ao Windows 98*) é um exemplo de hipertexto.

[19] «**Tutorial** [é um]Módulo de ensino. Uma lição prática. Estes módulos de ensino podem ser apresentados em quase qualquer meio: livros, fitas magnéticas, programs e CD-ROM. Muitos programas, incluindo os sistemas operativos Windows e Windows 95, incluem um módulo de ensino que permite praticar com o software antes de o utilizar.» (Carmo 1998: 97). (*Vide* secção 3.3.2 em que se aprofunda a pertinência do uso em português do termo supra.)

Esselink (1998: pp.18-19), ao referir-se às bases de dados de recursos, salienta que o localizador não deverá traduzir todo o texto aí inserido, mas apenas o conjunto de enunciados que se encontra entre aspas. Contudo, registam-se excepções em que tal pressuposto não é aplicável, nomeadamente quando surge uma referência ao tipo de letra utilizado nesses enunciados. Normalmente o tipo de letra também surge indicado entre aspas, por exemplo, "Times New Roman", e não é passível de localização. Este autor refere ainda uma outra excepção: nos menus, quando surge o símbolo **&** antes de uma letra pertencente a um termo, o localizador não o pode retirar, uma vez que irá funcionar como tecla de aceleração ou mnemónica. É o que se passa, por exemplo, no menu *Iniciar* do Windows 98 na opção «Documentos». O facto de a letra «D» estar sublinhada informa o utilizador de que, ao premir a tecla «D», se irá abrir o menu «Documentos». Tal significa que o localizador tem de estar atento a essas teclas aceleradoras para, quando estiver a trabalhar num menu específico, seleccionar só uma letra de cada vez para identificar a opção que se irá abrir, não podendo registar-se duplicações duma mesma letra dentro de um mesmo menu ou caixa de diálogo[20]. Acrescente-se ainda que só em último caso se devem seleccionar caracteres com diacríticos para esta função. Esselink (1998:19) adverte igualmente para a necessidade de consistência relativamente à escolha das mnemónicas válidas para várias aplicações que permitam abrir a mesma opção. Refere, por exemplo, que, na versão inglesa, nas várias aplicações, as mnemónicas *S* e *O* devem corresponder a *Save* e a *Open*, respectivamente (Esselink 1998: pp.18-19). Na versão portuguesa, surge *G* para *Guardar* e *A* para *Abrir*, mnemónicas válidas também para múltiplas aplicações da Microsoft.

Outro aspecto que o localizador tem de contemplar é o caso das teclas de atalho que funcionam em combinação com a tecla *Ctrl*. Esselink (1998:19) refere que essas combinações não devem ser alteradas aquando da localização: «It is preferrable to keep them identical to the original version.» Apesar de este autor não apresentar uma justificação para a atitude que

---

[20] Sobre as especificidades dos computadores Macintosh, consultar, por exemplo, *Guide to Macintosh Software Localization* (Apple 1992) ou *Writing Localizable Software for the Macintosh* (Carter 1991).

aconselha, ajuda-nos a compreender situações em que a combinação das teclas nos parece pouco adequada: é o caso, por exemplo, da combinação das teclas «Ctrl + P» no Windows 98, versão portuguesa, que corresponde à instrução *Imprimir*[21]. Contudo, o que nos causa mais estranheza é que a combinação das teclas que activam a opção «Sublinhado» tenha sido localizada – na versão inglesa a combinação é *Ctrl* + *U* e na portuguesa *Ctrl* + *S*.

Para além das bases de dados de recursos, há, ainda assim, uma parte do texto de partida que é fornecida ao localizador em formato tradicional: os manuais, o *tutorial* [22] e os ficheiros *Readme*. O localizador terá, todavia, de fazer uso de ferramentas informáticas para localizar e recolocar esses textos no *software* no formato que o texto de partida ocupava. Julgamos que está subjacente a esta actividade um novo conceito de documento:

> Quando pensa num "documento" é muito natural que visualize folhas de papel com palavras impressas, mas esta é uma definição muito limitada. Um documento poderá ser qualquer corpo de informação [...] Os documentos futuros, armazenados digitalmente, irão incluir fotografias, áudio, instruções de programação para interactividade e animação ou uma combinação destes e outros elementos. (Gates 1995: 143)

Hoje em dia, no que respeita à documentação, o tradutor moderno (incluindo o localizador) tem de saber manusear a informação registada em múltiplos tipos de documentos, fornecidos numa variedade de suportes digitais. Dentro desta perspectiva, quando se fala em tradução no mundo moderno exige-se aos tradutores em geral o manuseio eficaz desses novos formatos de suporte de documentos e a facilidade em trabalhar com ferramentas informáticas, que terá de ser acima da média.

2.1.2 As ferramentas informáticas ao serviço do localizador

Após esta breve caracterização das especificidades do texto alvo de um projecto de localização, torna-se claro que, para que um processo tradutológico funcione, o localizador terá de fazer um uso racional e adequado das ferramentas informáticas que lhe permitam executar um serviço apropriado. Quando um tradutor técnico especializado traduz um manual sobre Química

---

[21] Na versão inglesa, o *P* remete de forma clara para a acção *Print*, cujo equivalente na versão portuguesa é *Imprimir*. A combinação Ctrl + I é utilizada nas aplicações do Windows 98 para activar a opção *Itálico*.

[22] Este termo irá ser alvo de análise no Capítulo 3 desta dissertação (em 3.3.2).

Orgânica ou um documento jurídico, empenha-se de imediato no cumprimento do seu dever: verter para a língua portuguesa, quando se trata disso, um texto bem delimitado, fazendo uso das ferramentas com que está suficientemente familiarizado. Essas poderão ser apenas o papel e o lápis, a máquina de escrever ou o processador de texto e os dicionários e textos paralelos julgados necessários, recorrendo igualmente a glossários específicos ou a bases de dados terminológicos. Tal tradutor dificilmente fará uso de ferramentas de tradução demasiado complexas, quando comparadas com o material de apoio à tradução a que está habituado. No entanto, essas ferramentas ditas complexas são muito úteis e rentáveis quando se trabalha com grandes volumes de tradução de texto técnico especializado e, por vezes, repetitivo[23].

Nos últimos anos tem-se assistido a uma procura cada vez maior de ferramentas informáticas que acelerem o trabalho do tradutor de texto técnico e científico. Essa procura intensificou-se com o surgimento de projectos de localização que envolviam competências que estavam muito para além das normalmente exigidas a um tradutor. Uren *et alii.* (1993: 34) descrevem as dificuldades iniciais postas por estes projectos:

> **The first point we want to make about translation is that it is still mostly a manual process. While what we are discussing involves translation of computer software and its acompanying documentation, you cannot expect much computer software assistance in the actual translation – yet. (Uren *et alii* : 1993: 34)**

O que se pode deduzir desta afirmação é que, no início dos anos 90, todo o trabalho relativo à tradução técnica dentro da área da localização era feito manualmente, visto não existirem na altura ferramentas que optimizassem esse trabalho. Estes autores constatam que, apesar de a tradução do *software* ser o objecto do discurso e análise do localizador, na altura não se podia esperar muita ajuda do computador em relação ao acto de tradução propriamente dito, mesmo no que dizia respeito aos textos directamente relacionados com o *software*. A mão humana era

---

[23] Repetição visível, por exemplo, na recorrência das frases «If you are...» ou «When you click...» ou num caso mais concreto: «(Windows logo)+PRINT SCREEN - Copy the screen to the Clipboard, including the mouse cursor.; (Windows logo) + SCROLL LOCK - Copy the screen to the Clipboard, without the mouse cursor.» («Shortcut keys for Microsoft Magnifier», Windows Help).

imprescindível para levar a cabo a localização dos enunciados a apresentar na interface gráfica do Windows, por exemplo.

Actualmente, as editoras de *software* esperam que os localizadores tenham acesso e saibam manejar eficientemente essas ferramentas[24], cumprindo as suas obrigações profissionais sem colocar em perigo o projecto informático. A localização é feita dentro de prazos normalmente apertados e, para que tais prazos possam ser cumpridos[25], é necessária a planificação pormenorizada de todas as tarefas a realizar nos diferentes momentos da localização (Esselink 1998: pp. 252-272). No exercício da sua missão, os localizadores poderão utilizar algumas das ferramentas que Esselink enumera. Entre outras, o autor faz referências aos sistemas de memória de tradução[26] *Translator's Workbench* da Trados, ao *Translation Manager* da IBM, ao *Déjà Vu* da Atril, ao *Amptran*, ao *Transit* da Star; às aplicações de edição de caixas de diálogo, como o *Developer Studio* da Microsoft [27], ou o *Passolo* da PASS Engineering GmbH, necessárias para que se possa ter acesso a determinados textos incluídos em caixas de diálogo. Também a ferramenta *App Studio* da Microsoft ou a *Borland Resource Workshop* ou a *Catalyst* da Corel, ou *AppLocalize* ou a *Accent Global Development Kit*, ou a *Espresso* da Microsoft, e a *RC-Win Trans* assumem essa função. Existem igualmente ferramentas de localização dinâmica, isto é, que permitem localizar as interfaces, menus e caixas de diálogo com o programa em funcionamento e verificar e visualizar de imediato as alterações e traduções já executadas. Entre vários exemplos de ferramentas

---

[24] Melby refere em «The translator workstation» que: «Today, however, most translators or their secretaries are using software, and, in addition, some translators have even added other translator workstation functions to their word processors. The 1990s promise widespread use of translator workstations on new, more powerful, yet affordable microcomputers.» (Melby 1992: 147) Já podemos verificar isto hoje com os sistemas de tradução automática e de memórias de tradução a preços razoáveis postos à disposição, por exemplo, dos gabinetes de tradução que pretendem oferecer serviços profissionais. Em relação à evolução dos preços dos computadores pessoais e à sua consequente «democratização», veja-se, por exemplo, *Rumo ao Futuro* (Gates 1995: 4).

[25] Acerca dos prazos em projectos de localização, *vide* Hoft (1995: pp. 48-51) ou Esselink (1998: pp. 261-264).

[26] Budin (1999: 3) sugere a seguinte definição de memórias de tradução: «Translation memory systems record every sentence being translated. Both the source and target sentences are recorded. Language engineering is now best-suited to the sentence-by-sentence approach for a translation memory system. If a sentence is repeated, the same corresponding sentence is suggested, and the final decision rests with the translator.».

[27] Ferramentas que permitem que o tradutor proponha a sua tradução e esta surja imediatamente na caixa de diálogo ou na interface (Esselink 1998: 267). Uma questão a não pôr de parte é o facto de poderem surgir problemas se se usarem diferentes editores de base de dados de recursos ou até mesmo diferentes versões da mesma ferramenta. O resultado final poderá ser uma alteração na estrutura da base de dados, o que pode representar um risco (*idem*: 14).

dinâmicas de localização salientam-se o *Jargon*, de Alda Technologies, e o *SuperLinguist*, da KT International (Esselink 1998: pp. 33-51). Também se pode fazer uso do *Loc Studio* ou do *Rapid Translation.*

É através do uso de algumas destas ferramentas informáticas que o localizador pode aceder ao texto a localizar e, assim, acelerar o seu trabalho[28]. Para além disso, convém que o tradutor especializado em localização se mantenha actualizado relativamente à terminologia mais recente desse domínio, que se adapte rapidamente às novas ferramentas informáticas de apoio à tradução[29] e que mantenha os seus conhecimentos actualizados em relação aos vários sistemas operativos e a tudo o que se passa no mundo dos computadores. A importância das novas ferramentas é sumariada de forma precisa por Budin ao sugerir que as novas ferramentas desenvolvidas e disponibilizadas pela indústria informática deverão ser usadas pelo tradutor, não exclusivamente as concebidas para apoio à tradução (por exemplo, sistemas que permitem a gestão de bases de dados terminológicos, de textos multilingues ou de processamento de texto), mas todo o tipo de produtos: serviços de informação disponibilizados via Internet que funcionam como apoio às bases de dados, o correio electrónico, os *BBS*[30] ou os sistemas multimédia (Budin 1995: pp. 247-248).

2.1.3 O especialista em localização

> Skills in text processing, desktop publishing, terminology management, documentation, intercultural negotiations, technical writing, sometimes also operation of machine translation systems etc. are required or at least desired for professional careers. (Budin 1992: 250)

---

[28] Não podemos deixar de alertar para o facto de que as ferramentas informáticas a utilizar num projecto de localização deverão ser as indicadas pela editora de software, para que ambos utilizem as mesmas (Hoft 1995: 197).

[29] Budin (1999: 2) considera que: «Information technology is one of the most dynamic aspects of industry world-wide. It is hardly surprising that in the sphere of translation technology and terminology management technologically revolutionary products are put on the market every day.»

[30] «**BBS** (Bulletin Board System) Computador e software associado que possibilita a utilização de mensagens electrónicas em base de dados, na qual as pessoas podem ler e deixar mensagens. Normalmente, as mensagens são separadas por tópicos. Além da área de mensagens, contém áreas de download e upload de ficheiros.» (*Diciopédia 2000*).

Se se atentar nas palavras supracitadas, entende-se que a complexidade de um projecto de localização obriga não só à especialização dos tradutores, mas também à sua integração numa equipa de trabalho que envolve especialistas em diversas áreas. Pym (1999) descreve esta nova realidade do localizador que se insere numa equipa composta por vários profissionais munidos de ferramentas sofisticadas que lhes permitem traduzir maior volume de texto técnico em prazos cada vez menores:

> The discourse of localization, along with variants of multilingual information management, seamless documentation workflows and the like, was originally developed in the realms of *software* marketing but is now more generally associated with highly adaptive and technologized translation in a teamwork environment. (Pym 1999: 1).

Niedzielski e Chernovaty (1993: 125) enumeram igualmente alguns dos profissionais envolvidos em projectos de localização:

> The translator works more and more as a member of a team comprised of auxiliary translators, documentalists, computer specialists, and editors [...] in a collaborative process between translators, revisors, terminologists and often writers and clients.

Horschmann, nos últimos Encontros de Tradução da Astra-Flup, realizados a 24 e 25 de Março de 2000, salientou dois exemplos: o da ITP[31] que emprega treze tipos diferentes de profissionais nos projectos de localização que desenvolve, e o da Hewlett Packard em que, em contraste, surgem apenas três categorias: os programadores, os localizadores e os técnicos que realizam os testes[32]. Tal como Sager (1993: pp. 164-165) salienta, este é um novo ambiente em que o tradutor se insere, sendo a localização encarada como uma actividade industrial: faz-se uso de ferramentas de tradução automática e de outras ferramentas de que já apresentámos alguns exemplos. Esselink (1998: 6), por seu lado, sugere que os diferentes profissionais envolvidos num projecto de localização são: o gestor de projecto, o especialista em localização (também referido como um tradutor experiente), o revisor/especialista na manutenção de padrões de qualidade linguística, o engenheiro localizador, o técnico que efectua os testes e o especialista em edição de texto para interfaces gráficas.

---

[31] ITP - International Translation & Publishing, acessível em www.itp.ie.

[32] Carter (1991: 10) sugere sete tipos de profissionais que intervêm num projecto de localização.

Em Fevereiro do ano 2000 consultámos, através de correio electrónico, um dos especialistas nesta área em Portugal, Lessing, que desempenha funções de consultor linguístico da Microsoft Portugal para produtos destinados ao mercado português. Ao informar-nos do vasto número de diferentes técnicos que estiveram associados à localização do Windows 2000[33], ficámos também a saber que foram apenas três localizadores que se ocuparam de todas as séries de caracteres pertencentes à interface gráfica e que todas as restantes séries (em formato *.TXT*[34]) foram localizadas pela EMTI[35] e pela SDL[36]. A EMTI manteve perto de trinta pessoas a trabalhar neste projecto e a SDL recorreu a seis localizadores que trabalharam a título individual. Assim, o pessoal externo atingiu um número entre os 30 e os 40 localizadores, um gestor de projecto e um terminólogo por cada empresa. A nível de pessoal interno da Microsoft, para a versão portuguesa foram necessários três localizadores, um gestor de projecto, um *ELC* (*External Localisation Co-ordinator* - profissional que se ocupa de fazer a ponte entre a Microsoft e as empresas contratadas para o projecto), um *SPM* (*Subsidiary Product Manager* – profissional da delegação da Microsoft em Oeiras, que gere todos os aspectos não linguísticos alvo de localização - por exemplo, a referência a serviços de assistência técnica, endereços electrónicos, etc.), um gestor de embalagens, um gestor de documentação e um consultor que assegura a qualidade linguística do produto. Pelo exposto, pode-se deduzir que este trabalho em equipa tem de ser pautado por uma coordenação eficaz a todos os níveis e que as empresas que contratam profissionais esperam que todos eles cumpram as suas obrigações.

Uma dúvida que se coloca de imediato prende-se com o tipo de competências que um localizador necessita de ter para interagir com os outros profissionais. Em relação à formação de um localizador, Schäler (1997:5) refere que são necessários entre 12 a 18 meses para um tradutor ficar apto a executar as múltiplas tarefas decorrentes da localização. Apesar de cada vez mais os

---

[33] Através mensagem de correio electrónico em 7 de Fevereiro de 2000 enviada ao autor deste trabalho.

[34] «**.txt** Extensão de ficheiros de texto ASCII que podem ser lidos por simples editores de texto.» (*Diciopédia 2000*).

[35] EMTI - Empresa Moderna de Traduções e Informática, Lda.

[36] SDL - SDL International, Ltd. (acessível em http://www.sdlintl.com/default.asp).

tradutores terem uma formação mais aprofundada ao nível tanto do conhecimento das línguas e culturas envolvidas nesses projectos como do manuseamento, a cada passo mais exigente, das novas TI (Schäler 1997: 3), tal não significa que dominem ou venham a dominar um saber específico como é o da programação ou engenharia de sistemas informáticos. Kano (1995) refere-se a esse problema considerando que

> Translators cannot simply translate the source code files, especially if the code is continually evolving. Many translators are not programmers and might delete important details, such as closing quotes, or semicolons, or translate programming keywords as well as strings. Then developers must take time to clean up these files so that they will compile correctly.

Provavelmente a formação a que esta autora implicitamente faz alusão é uma formação ligeira num dos domínios, já que questionamos se será regra existirem profissionais que acumulem precisamente estas duas formações: tradução e engenharia informática. Como forma de ultrapassar esta questão, há já editoras de *software*, como a MapInfo Corporation, que, ao contratarem os serviços de localização de uma empresa, disponibilizam a formação necessária para que o projecto seja bem encaminhado[37] e, neste caso, de acordo com as regras da MapInfo[38]. Para além disso, visitam a empresa prestadora desses serviço e avaliam se detêm os recursos materiais e humanos necessários à execução da tarefa (Thibodeau 2000: 135).

Esta preocupação com a formação está bem patente na explicação que Thibodeau (2000: 135) dá sobre o processo de globalização dos produtos da MapInfo e no projecto de adaptação da revista *Time* para as línguas faladas na América do Sul, apresentado por Sprung e Vourvoulias-Bush (2000: 20) e para o qual foram formadas várias equipas de oito linguistas.

Dada a especificidade da formação requerida pelas diferentes áreas intervenientes no processo de localização, podemos inferir que uma das dificuldades que tem de ser ultrapassada se prende com as instruções de trabalho fornecidas aos localizadores pelos técnicos ligados à área da

---

[37] Veja-se o caso referido por Hoft (1995: 195) em relação à empresa Traveling Software que convidou os tradutores alemães e franceses envolvidos em projectos de tradução desta empresa para se deslocarem aos EUA; o objectivo principal dessa visita era fornecer-lhes a formação adequada de forma a que os resultados da tradução pudessem ser melhorados.

[38] Esta empresa de edição de *software* recompensa os localizadores de acordo com as vendas dos produtos em que colaboraram. (Thibodeau 2000: 135)

programação. Essa informação deverá ser o mais explícita e inteligível possível para que o localizador saiba exactamente por onde seguir e reconheça inequivocamente os limites impostos à sua intervenção. Essa exigência encontra-se nas palavras de Esselink (1998: 9) relativamente à documentação a entregar ao localizador:

> It is essential that the translators know the meaning of every option or command they translate. For this reason, translators should always be provided with sufficient reference information, such as the English version of the online help or documentation files, even if these are not yet final. Providing translators with sufficient reference material is important for the following reasons:
> Knowing the exact function of each option makes choosing the right translation easier.
> The first translation of the software should be as final as possible. Changing software translations later in the localization process will imply updating of the online help files and documentation that may have been (partly) translated based on the first software translations. (Esselink 1998: 9)

As implicações desta preocupação com a comunicação perfeita entre os diversos especialistas prendem-se com a constatação de Esselink relativamente à necessidade de, num projecto de localização, a primeira tradução ser a mais «definitiva» possível. Essa é uma questão que não se coloca de forma tão rigorosa aos tradutores técnicos que não se ocupam de textos e projectos desta natureza. Se as traduções que estes últimos apresentam ao editor necessitarem de uma reformulação ou revisão, as implicações dessa revisão não são tão graves como no caso da localização de *software*. Nesta área essa possibilidade de revisão e/ou reformulação é quase inconcebível devido a inúmeros factores técnicos que envolvem e, sobretudo, aos prazos apertados propostos pela empresa contratante. As consequências deste último aspecto poderão reflectir-se na qualidade do texto de chegada em geral, uma vez que os localizadores estão sujeitos a pressões de tempo que inviabilizam uma reflexão apurada sobre as opções que tomaram[39].

Algumas editoras de *software*, com o objectivo de pouparem tempo e dinheiro, fazem uso de ferramentas informáticas de apoio à tradução para pesquisar e traduzir tudo o que é coincidente com textos previamente traduzidos originários de versões anteriores de um produto e enviam ao localizador apenas o que não constar da memória de tradução. Esta estratégia levanta

---

[39] Esselink (1998: 268) defende que na pós-edição e revisão da tradução, em localização, o que é mais importante é a consistência e o rigor terminológicos, sendo a própria reformulação de frases considerada inútil quando feita por questões meramente estilísticas. Acerca da revisão de textos de chegada em termos gerais, *vide* Sager (1993: pp. 238-239).

certamente alguns problemas ao nível da contextualização dos enunciados e termos isolados a traduzir pelo localizador, uma vez que, por vezes, o cliente encara a tradução como um processo linguístico de mera substituição de palavras.

Nord (1997: 117) critica, de certo modo, esta atitude, atribuindo alguma responsabilidade à publicidade que afirma que as ferramentas informáticas de apoio à tradução conseguem traduzir eficazmente e de forma mais rápida do que o tradutor humano. Esse tipo de argumentação publicitária levanta sérios problemas ao localizador, sobretudo quando é apoiada por figuras como Gates, que assume que a localização deve ser apenas um processo linguístico de substituição de um código linguístico por um outro (Brooks 2000:43). Gross (1992: 114) contraria esta visão ao referir-se à tradução automática de maneira mais esclarecida:

> **the sad reality of the matter - and the real truth behind machine translation efforts - is that word #152 in language A does not mean exactly what word #152 in language B means. In fact, you may have to choose between word 152, 157, 478 and 1,027 to obtain a valid translation.**

Gile (1995: 49) partilha desta opinião e reconhece igualmente a inexistência dessa correspondência de 1:1 entre palavras ou estruturas sintácticas de LP e de LC, apresentando casos concretos de estruturas sintácticas aparentemente semelhantes, mas que possuem conotações divergentes em línguas diferentes. Também Budin (1999: 3) propõe que, apesar de a memória de tradução adiantar um determinado termo/enunciado para a tradução, a decisão última sobre a opção em causa deve ser sempre do tradutor.

Perante este cenário, compreende-se a afirmação de Pym (1999: 7) quando clama pela humanização da localização. Na maioria das obras que consultámos sobre localização, o trabalho do localizador como único mediador é desvalorizado face a outros aspectos, não lhe sendo concedida a importância devida quando também a ele se deve a produção de versões de produtos destinados a vários países e culturas. Os localizadores necessitam de fazer vingar a importância da sua especialização e dos seus conhecimentos[40].

---

[40] Esta problemática poderá estar relacionada com a formação de alguns tradutores. Magalhães (1996: 187) tece críticas contundentes a alguns tradutores portugueses: «Por ser oriundo de um país bilingue, onde a tradução é levada a sério, o responsável do projecto tomou as disposições necessárias para que o texto assinado em seu nome

Outra aspecto característico da situação actual dos projectos de localização prende-se com a dispersão de riscos. Esselink (1998: 7) afirma que o trabalho de equipa dispersa esses mesmos riscos em projectos que pretendem ir ao encontro de múltiplas línguas a partir da versão original do *software*:

> Another approach for localization projects is risk spreading, where software developers divide the languages between different localization agencies to spread the risk when things go wrong. Because localization agencies want to offer as many languages as possible, many of them have subsidiaries or partners in other countries.

O facto de as grandes agências de localização sub-contratarem outras agências ou gabinetes de tradução ou tradutores individuais noutros países pode, de algum modo, prejudicar o projecto global em termos de qualidade, uma vez que poderão surgir questões ao nível da coordenação dos vários intervenientes[41] se não houver uma gestão atenta e próxima. No entanto, acaba por ter um lado positivo: o trabalho de tradução é entregue a profissionais dos vários países a que se destinam os produtos, mais conhecedores das características linguísticas e culturais do meio em que se inserem. Ainda assim, esta atitude empresarial contribui para o afastamento dos localizadores da editora contratante, dado que o cliente não é a agência de localização. Regista-se, então, a criação de cadeias de comando e de dispersão e delegação de responsabilidades, pondo em risco a cooperação e o fluir de informação entre os diferentes profissionais, o que pode vir a reflectir-se na qualidade do produto final.

Ultimada a localização dos produtos, um outro elemento dessa vasta equipa, o revisor (que pode ser um localizador com bastante experiência ou um revisor de texto técnico) encarrega-se da sua revisão linguística final. A maioria das empresas que se dedica à localização

---

fosse «perfeito». É que a experiência em Portugal fê-lo compreender que neste país de brandos costumes existem mais «tradutores» per capita do que no Canadá, o que é de desconfiar.». Este autor vai mais longe ao sugerir que qualquer indivíduo que possua uma licenciatura em LLM, ou qualquer «director geral» ou «senhor doutor», «empregado de mesa ou desempregado» se reserva o direito de se intitular tradutor. Mas este problema não é exclusivo de Portugal; na SDL aconselha-se a que os falantes nativos a contratar para traduzir textos de projectos de localização tenham, pelo menos, uma formação ao nível do ensino secundário (SDL 2000). As implicações desta directiva poderão sentir-se quer ao nível da elaboração do texto de chegada quer no estatuto do tradutor profissional (cf. Sprung 200: ix). Pelo contrário, Dohler (1997: pp. 19-20) defende que os localizadores não devem ser tradutores inexperientes ou manterem-se na obscuridade.

[41] Galinsky e Budin (1993: 214) afirmam que a cooperação entre tradutores especializados e os especialistas das diferentes áreas é já uma realidade a nível individual, mas que essa cooperação deve ser alargada internacionalmente para que se possa ir ao encontro das necessidades específicas do tradutor especializado.

emprega um grupo de especialistas que zela pela qualidade de língua dos produtos, função desempenhada por Lessing na Microsoft Portugal. Relativamente a esta qualidade, Horschmann referiu[42] que um dos obstáculos a ultrapassar na localização é a reputação negativa que as traduções têm a nível internacional, o que deriva, em parte, do facto de a terminologia empregada não ir ao encontro de padrões de qualidade aceitáveis. No cômputo geral, os localizadores devem esforçar-se por alcançar uma qualidade superior do programa pelo que toca à sua funcionalidade e evitar relegar para segundo plano a parte linguística (Ebben e Marshall 1999: 27)[43].

Um último aspecto a salientar, e que distingue esta actividade da tradução como é vista tradicionalmente, é o facto de, quando o localizador der por terminado o seu trabalho, ter necessidade de contar as palavras que traduziu. Deduz-se que esta tarefa não é fácil de executar; todavia, já existem ferramentas de apoio à localização que permitem ao localizador acesso automático a essa informação (Esselink 1998: pp. 254-257). Refira-se ainda que é prática corrente pagar ao localizador tendo em conta o total de palavras do texto de partida[44] e não as que acabaram por integrar o texto de chegada, o que contraria o que tradicionalmente se costuma fazer (Esselink 1998: 255). No entanto, Herman (1993: 17) salienta que esta nova prática pode ser mais eficaz e positiva se a perspectivarmos de acordo com critérios de concisão que o texto de chegada deve cumprir.

A parte mais dispendiosa destes projectos prende-se com a avaliação/verificação do *software*, o que está a cargo dos técnicos especializados (Ebben e Marshall 1999: pp. 6-11). Por

---

[42] Nos II Encontros de Tradução da AsTra-flup, decorridos em 24 e 25 de Março de 2000 na FLUP.

[43] Nas palavras destes autores: «Functionality needs to to be 100% + 30% because it is very costly and time-consuming to recall or update a product. Language quality needs to be 100% but doesn't need the extra 30%, because users will be mostly concerned with functionality. » (Ebben e Marshall 1999: 9).

[44] Tem surgido na área de tradução esta nova prática de pagamento dos serviços do tradutor, i. é, o cliente conta as palavras e antecipadamente prevê rigorosamente quanto lhe vai custar essa tradução. Nota-se que perante a utilização de ferramentas electrónicas que aceleram o trabalho do tradutor, os clientes mostram clara tendência para pagar menos aos tradutores pelos seus serviços. Inclusive, os clientes remetem o programa juntamente com as ferramentas com que querem que o tradutor venha a trabalhar, ou enviam-lhe apenas as palavras que é necessário traduzir, descontextualizadas, ficando com o restante texto já traduzido e alinhado numa memória de tradução. Perante estas práticas, levanta-se a questão de se saber se um arquitecto que criar um projecto com a ajuda preciosa deste ou daquele programa informático, que acelera o seu desempenho, irá receber menos porque utilizou esse programa. Tal não acontece, do mesmo modo que não acontece ao autor de um dicionário que usou várias ferramentas e de *corpora* previamente compilados para dar corpo ao dicionário a publicar.

conseguinte, do rendimento global que cabe à agência de localização, apenas 30% se destina aos localizadores, cabendo a fatia maior aos técnicos de informática e aos gestores do projecto. Pym (1999: 8) expõe de forma clara o seu descontentamento em relação à desvalorização dos serviços do localizador[45]:

> Localization may thus have one major justification: it can get clients to pay higher fees than what they are prepared to cough up for translation. This is a serious virtue. Yet the extras are not necessarily for translators. There are several accounts of how the various cakes can be cut, but a general rule of thumb might allow up to 30% of the localization bill for language transformation ("translation" in the narrow sense), 30% for various engineering and publication activities, and the rest for "management" of one kind or another (10-15% for project management, plus communication, travel, training and on-site work). Given the sums involved, there are very good financial reasons why the localization discourse should be proving enormously popular with virtually everyone except traditional translators.

Para que tudo funcione devidamente num projecto de localização é necessário um acompanhamento constante do processo e uma comunicação permanente entre programadores e localizadores, até porque, se não houver uma gestão atenta do projecto, poderão surgir incongruências terminológicas e modos diversos de resolver dificuldades. Caso tal venha a acontecer - no momento em que os textos forem compilados - o projecto para determinada língua poderá ser posto em causa (cf. Esselink 1998: 267). Nessa fase adiantada instalar-se-ia o pânico devido ao facto de a data de expedição do produto estar próxima, não havendo tempo para mudanças estruturais ou revisões em toda a documentação envolvida no projecto.

2.1.4 Algumas agências de Localização: a situação em Portugal

Entre os países onde é feita localização de muitos dos produtos informáticos destinados aos mercados europeus, a Irlanda revela-se um dos centros mais importantes a nível internacional[46]. Aí proliferam agências de localização para que são seleccionados, entre outros,

---

[45] Pinkus (1999), gestor do motor de busca *Ask Jeeves International*, secunda esta opinião ao apresentar um exemplo concreto dessa desvalorização: «If the Internet and globalization are the defining trends of our time, why is localization so undervalued? It may be good to be a translator, but not so when you are growing your business. To give just an example, VA Linux recently went public with a 700% increase in the stock price, but the same cannot be said of localization.»

[46] Foi na filial irlandesa da Microsoft que foram localizadas, testadas e produzidas as edições do sistema operativo Windows 95 destinadas à Europa, à excepção da versão germânica que foi efectuada nos EUA (Kano 1995).

alguns tradutores portugueses. Ao consultar a publicação *Localisation Ireland* na Internet, constatámos que aproximadamente 60% do *software* para computadores pessoais vendido na Europa é localizado na Irlanda, sendo este país considerado o segundo maior exportador mundial de *software*, logo após os EUA (Schäler 1997: 1). Apied, responsável pela Trinity Foundation, em entrevista concedida à *Newsweek*, aponta precisamente para esse papel capital da Irlanda:

> We [Ireland] missed the Industrial Revolution of the 19th century, but we have found our position in the global economy of knowledge-based industry. We have a large multinational presence in Ireland. (Apied 1999: 70)

Em relação ao discurso dos próprios localizadores e da localização de *software*, Pym (1999: 6) refere um aspecto que julgamos significativo e que ajuda, em parte, a compreender a posição cimeira da Irlanda: por enquanto apenas na Irlanda existem cursos de formação em localização, em departamentos de ciências computacionais. Refere, além disso, que nas áreas da tradução e nas escolas de tradução[47] ainda não existem computadores suficientes ou técnicos especializados para o ensino da localização integrado em cursos de tradução.

Para se localizarem produtos destinados ao mercado português, são contratados tradutores portugueses[48] por empresas especializadas em localização de *software*, tais como as irlandesas SLIG[49] e LRC[50], a ITP[51], mas também as internacionais Lernout & Hauspie[52], a Berlitz[53] e a SDL. Esta última abriu inclusivamente uma agência de localização nos países

---

[47] Será de lembrar aqui a criação, na Universitat Rovira i Virgili em Tarragona, Espanha, de um curso denominado «Masters and Postgraduate diploma in Technical Translation (Spanish-English)», que abordará as seguintes áreas viradas para o novo mercado de tradução: «Use of electronic tools - Software and website localization - Technical writing - Revision techniques - Translator-client relations».

[48] Não temos certezas quanto a remunerações auferidas pelos tradutores em projectos de localização; contudo, segundo mensagem enviada em 23 de Julho de 1999 por correio electrónico ao autor do presente trabalho, Lessing refere o seguinte: «[...] a Microsoft paga um ordenado fixo por mês (algo como 300-400 cts.); todavia, só a interface é feita na MS, e só a dos sistemas operativos. A ajuda etc. são feitas por agências. Nas agências, o preço varia radicalmente. O ordenado ao mês pode variar entre 130 cts. e 400 cts., a média rondará os 200 cts. A ajuda etc. é frequentemente dada a tradutores externos, e aí o preço varia de 4$00 a 11$00 por cada palavra inglesa.» Não podemos pôr de lado a tentação de comparar estes valores com os preços «Mínimos praticados no mercado nacional» que o *Jornal da APT* sugere. Por exemplo, os valores que as publicações de Janeiro/ Março 1998 ou de Outubro/Dezembro 1998 propõem como mínimos a cobrar por tradução técnica, por linha (10 palavras ou 60 caracteres), apresentam valores bem mais elevados do que os apontados por Lessing para «tradutores externos». Se fizermos as contas, o valor proposto pela APT pode ser até cinco vezes superior ao mínimo referido por Lessing.

[49] SLIG - Software Localisation Interest Group (acessível apartir de http.//lrc.ucd.ie).

[50] LRC - Localisation Resources Center (acessível em http.//lrc.ucd.ie).

[51] ITP - International Translation & Publishing LTD (www.itp.ie).

[52] Acessível em www.lhs.com.

[53] Acessível em www.berlitz.com.

escandinavos para corresponder à produção desenfreada de novos produtos relacionados com as TI que se vem notando nessa zona da Europa e às consequentes necessidades de localização (SDL 2000).

Em termos gerais, pensamos que em Portugal ainda se nota certo atraso em relação aos países com mais incentivos ao desenvolvimento tecnológico nas mais diversas áreas; ainda assim, já estivemos mais longe dos nossos parceiros «desenvolvidos». Essencialmente, parece-nos que no nosso país os empresários estão a começar a reconhecer a utilidade de um meio de comunicação como a Internet, mas não pensaram ainda na verdadeira internacionalização dos seus produtos e na possibilidade de se criarem lojas virtuais com montras viradas para os olhos de todo e qualquer cliente mundial. Desde que se tenha acesso às componentes materiais necessárias, ao público e à Internet, e para se construir um sítio rentável e continuamente dinâmico, terá de se proporcionar produtos com textos de boa qualidade a todos os níveis, sem erros, sem imprecisões terminológicas, sem que o texto posto à disposição mostre quaisquer atropelos às convenções e valores próprios das culturas alvo respectivas[54], recorrendo-se a uma linguagem que demonstre um claro equilíbrio do que se considera natural e rigoroso nessa mesma cultura e língua. Para que essa «montra» da empresa moderna se torne numa realidade «virtual», não se poderá pedir ao técnico de informática que crie as versões francesa, inglesa, espanhola, russa, etc. Isso terá de se solicitar a um tradutor profissional ou a um gabinete especializado em internacionalização/localização[55]. Em Portugal existem algumas agências que prestam esses serviços: por exemplo a Acento 22, a Lernout & Hauspie, a EMTI e a HCR[56].

---

[54] Acerca das características que a informação a disponibilizar via Internet deve apresentar, salientamos as indicações de Coe (1996: pp. 222-224, 267-268) que são elucidativas a este respeito.

[55] É de referir que no simpósio realizado em linha entre os dias 19 e 25 de Janeiro de 2000, organizado por Pym, entre outros, se notou que a maioria dos tradutores e dos estudantes de tradução noutros países fazem um uso constante das novas tecnologias e das novas ferramentas informáticas, tal como se se tratasse de ferramentas vulgares que ajudam à tarefa do tradutor, ainda que também tenham surgido algumas dúvidas face à utilidade das ferramentas informáticas dentro do espaço reservado à aprendizagem dos processo de tradução.

[56] Acessível em (HCR) http://www.hcr.pt/pt/home/.

Em relação ao que se vai fazendo em Portugal no domínio da localização[57], e comparando com o que se passa noutros países, a maioria dos engenheiros informáticos envolvidos não terá, nem num caso nem no outro, formação suficiente em línguas ou em tradução. Esses profissionais não reconhecem os processos e estratégias a que o tradutor lança mão para chegar a determinada solução e não a outra; não sabem tomar decisões exclusivamente linguísticas com implicações não apenas semânticas, mas também pragmáticas; não sabem adoptar uma atitude tradutológica equilibrada perante a tensão contínua que se estabelece entre a escolha do que é típico em LC e o que exige a precisão e rigor terminológicos de que os destinatários carecem. Uma vez que esses técnicos não dominam (porque também não parece serem, para já, da sua competência) os aspectos supramencionados, entre outros, e dado que neles recai parte da responsabilidade nos projectos de localização, talvez possamos afirmar que também são responsáveis, em parte, pela invasão constante da nossa língua por termos estrangeiros, principalmente provenientes da língua inglesa[58]. Poderá ser positivo deixar que cada elemento da equipa cumpra a sua função segundo os critérios definidos. Uma outra alternativa é esperar um pouco mais, até que surjam técnicos especializados e competentes nas duas áreas, linguística e informática, como Kano (1995) e O'Donnell (1994) propõem um desiderato também expresso nas palavras de Esselink:

> **Because the localization industry grows at a yearly basis of 30%, the need for localization specialists is more obvious than ever. Translators need more computer knowledge, engineers need more language skills.** (1998: 7).

---

[57] Apesar de Portugal demonstrar algum atraso relativamente à globalização dos produtos, da internacionalização e da divulgação dos mesmos via Internet, pode-se constatar que já conseguimos progredir em termos de etapas tecnológicas, ultrapassando fases por que outros países mais desenvolvidos tiveram de passar. Prevê-se que na África e na China se possa vir a verificar também um salto de várias etapas tecnológicas; relativamente aos telefones, pensa-se em passar de imediato à fase que agora se vive nos países tecnologicamente mais desenvolvidos: a era dos telemóveis, dos telefones digitais e das telecomunicações via satélite. Desta forma poder-se-ão poupar recursos naturais, entre outras vantagens (Gates 1995: 337).

[58] Numa das mensagens electrónicas enviadas para o simpósio em linha organizado por Pym, Jussara Simões (tradutora brasileira - http://www. translationpoint.com) afirma que um dos principais problemas no campo da informática se refere aos técnicos destas áreas. Salienta que no momento de redacção de textos nas suas línguas, uma vez esses técnicos desconhecem total ou parcialmente a sua língua e/ou os seus mecanismos de formação de novas palavras, optam pela solução mais óbvia: utilizam o termo estrangeiro, alegando posteriormente que é àquele termo (em inglês ou francês) que está associado determinado conceito e não a um termo de LC.

2.2 A internacionalização: descrição do processo

Após termos definido a especificidade do trabalho do tradutor técnico que se envolve em projectos de localização e de termos analisado alguns condicionamentos que tem de enfrentar, é oportuno descrever uma outra etapa à qual já aludimos: a *internacionalização*. O sucesso do processo tradutológico está intimamente relacionado com esta fase, uma vez que pode afectar directamente as opções do localizador e, em última instância, a qualidade do produto final.

A comercialização global dum produto informático é facilitada quando o *software* passa por um processo de internacionalização[59], descrito de forma clara no sítio da organização LISA:

> In this context, internationalization is the "opposite" or forerunner of localization. In other words, it is the process of designing and implementing a product which is as culturally and technically "neutral" as possible, and which can therefore easily be localized for a specific culture or cultures. This reduces the time and resources required for the localization process, thus saving producers money and improving their time-to-market abroad. As with localization, language, technical and contents issues are involved, with project management and coordination also playing a significant role. Internationalization has now reached the point where major software publishers can release as many as 30 different localized versions within a month or two of the original version, a process known as "simship" (short for "simultaneous shipment"). (LISA 2000)

A internacionalização de um produto[60] é, assim, pensada e elaborada tendo em vista os potenciais mercados dos cinco continentes[61]. Tal como é sugerido nesta definição, e para que este processo tenha o sucesso pretendido, é imprescindível procurar a neutralidade cultural e técnica na criação dos produtos informáticos. Relativamente à redacção de texto técnico para posterior tradução para outras culturas, Coe (1996: pp. 291-320) refere alguns factores determinantes a ter em conta, nomeadamente as construções gramaticais, os caracteres especiais, as referências culturais, o humor, determinado vocabulário, questões de uso da língua, bem como a utilização de gráficos e de ícones; não esquecendo os ficheiros específicos que também têm de ser alvo de tradução, por exemplo o glossário.

---

[59] É de referir o facto de os vários autores consultados não se entenderem clara e objectivamente acerca dos conceitos de *internacionalization*, *globalization* e *enabling* (cf. Esselink 1998: 2; O'Donnell 1994: 72; Uren *et al.* 1993: 6). A página electrónica da LISA refere que «Internationalization is sometimes also known as "globalization" or "enabling".» (LISA 2000).

[60] Uren *et alii.* (1993: 280) advogam que um produto internacionalizado existe quando se encontra «(1) Enabled for Localization. (2) Capable of handling more than one Localized version.»

[61] Del Galdo (1996: 76) sugere que o sucesso da internacionalização dos produtos informáticos se deve maioritariamente à competitividade exigida por um mercado cada mais global e por vezes com regulamentos bastante apertados.

Horschmann (2000) defende que a neutralidade do texto a incluir em programas informáticos reduzirá o número de problemas que preocuparão o localizador aquando da sua intervenção. É nesta perspectiva que Uren *et alii.* sugerem que se recorra a uma variedade linguística denominada *Inglês Internacional*[62] para a produção do texto a figurar na versão original de um produto informático:

> [...] the U.S. software developer usually produces an International English version of the product first, that is, a version in which all the text is in English and whose software program component contains all the logic required for the target languages as well as for the American English. (1993: pp. 5-6).

Outra questão que se coloca neste processo prende-se com a codificação do programa informático que se pretende internacionalizar: ele terá de ter em conta determinadas convenções internacionais e, de igual modo, as diversas características de cada língua e cultura alvo. Referimo--nos aos variados formatos de endereço, variáveis de país para país[63], à provável tradução de nomes de ficheiros, nomeadamente do ficheiro *Readme*, ao tipo de teclado e caracteres disponíveis, que deverão ser imprimíveis. Essa codificação deve permitir ainda a expansão do texto de chegada, deverá haver a possibilidade de aumentar a dimensão das caixas de diálogo (preocupação que não se aplica aos menus do Windows 98 uma vez que estes se autodimensionam), nunca esquecendo as diferentes resoluções de imagem. Será útil ainda deixar espaço suficiente na memória para que os enunciados linguísticos de LC se possam expandir[64] para abarcar uma tradução adequada ao que é veiculado pelo texto de partida[65].

---

[62] No glossário que estes autores incluem na sua obra, define-se *International English* da seguinte forma: «(1) The Internationalized version of a software product Localized for the United States. (2) A "neutral" variety of English that speakers of most dialects of English will understand without making too many mistakes.» (Uren *et alii.* 1993: 280).

[63] Saliente-se o que é proposto no novo sistema operativo da Microsoft, o Windows 2000, em que houve preocupação com os novos códigos postais em vigor em Portugal, bem como com os novos números de telefone. Como curiosidade, um dos elementos que agora é localizado para os onze países europeus, incluindo Portugal, a moeda e o sistema monetário, vai deixar de ser objecto de localização para onze países quando a introdução das moedas e notas Euro (€) se tornar realidade, a partir de 01/01/2002.

[64] Os programadores devem prever um alargamento na memória «buffer» para poder comportar expansões relativas à tradução de todos os enunciados com que o utilizador vai contactar. Especificando um pouco mais: «**Buffer** -Área de armazenamento temporário de dados na memória do computador. Um buffer, também chamado "tampão", é necessário para compensar as diferenças de velocidade entre os diferentes componentes de um computador.» (Carmo 1998: 15).

[65] Poderemos salientar, como comparação, o caso da legendagem de todo e qualquer material audiovisual, visto que também nesse domínio o tradutor está sujeito a um espaço (e tempo) restrito(s); o tradutor terá de se esforçar por veicular a mensagem do texto de partida. Como espectadores, nem sempre o texto nos parece

Para além destes aspectos, se nos circunscrevermos à versão portuguesa do programa, esta deverá contemplar a existência de caracteres com diacríticos[66], deverá permitir que se operem alterações às moedas, aos símbolos das moedas nacionais e aos formatos numéricos. Por exemplo, quando nos referimos aos centavos, apesar de estar a cair em desuso geral, ainda utilizamos o símbolo *$* para os assinalar, em *72$50*. Essa é uma característica específica da nossa língua que tem de ser tida em conta na codificação dos programas. Mas, ainda respeitante ao caso português, pode-se verificar o uso de um espaço, em vez do ponto (.), para separar os milhares das centenas: 10 000$00 ou 10.000$00. Este pormenor é importante e terá de ser tido em conta. No caso da língua inglesa, a norma de utilização do ponto e da vírgula é diferente relativamente às convenções portuguesas: o uso do ponto indica casas decimais e o uso da vírgula assinala os milhares (Uren *et alii.* 1993: pp.13-35).

Não se podem esquecer os diversos tipos de calendário, marcas distintivas de diversas culturas: o calendário gregoriano, o budista, o islâmico, o hebraico e a contagem do tempo segundo eras. Ao idealizar a internacionalização de um produto informático, ter-se-á igualmente de reflectir sobre os diversos formatos de representação das datas [67] e sobre as diversas formas de registo das horas: 3:20 p.m.(EUA), 15h20:00.000 (África do Sul), 15,20,00 (Suíça) e 15.20.00.00

---

satisfatório. Daí que, por vezes, neste tipo de tradução os cortes e as perdas possam ser vistos como mais explícitos do que noutras áreas de tradução. Voltando à localização de software, uma solução parcial apresentada por Esselink é, no caso das barras de ferramentas, utilizar apenas um *?* para representar o menu *Ajuda*, mas julgamos que esta não é a solução adequada para todo o tipo de casos de falta de «espaço».

[66] A Internet foi inventada a pensar na língua inglesa e, assim, o correio electrónico faz uso do mapa de caracteres *ASCII*, com apenas 128 símbolos, o que não permite a utilização de caracteres com diacríticos existentes, por exemplo, no português visto que para tal seria necessário recorrer à norma *ASCII* com 256 caracteres. Assim, quando as mensagens de correio electrónico são acentuadas, alguns servidores não reconhecem os acentos e acabam por truncar a mensagem que o receptor irá ler. Sugere-se que, se se pretender escrever um texto em bom português e enviá-lo por correio electrónico, se deva escrevê-lo e guardá-lo num processador de texto e posteriormente anexar esse ficheiro à mensagem pretendida (*Ciberdúvidas* 1997).

[67] Por exemplo, poderá ser: aa/mm/dd; aaaa/mm/dd; dd/mm/aa; mm/dd/aa; «a» refere-se ao ano, «d» ao dia do mês e «m» ao mês (Uren *et alii.* 1993: pp. 29-30). Veja-se o caso da «imposição» em Portugal durante a década de 90 do registo da data, numa tentativa de que todos os portugueses passassem a escrever da seguinte forma: aaaa/mm/dd. Este formato tornou-se regra em muitos documentos, por exemplo nos cheques, mas muitos portugueses não o utilizam, até porque ainda estão «habituados» a utilizar o formato dd/mm/aaaa ou até mesmo de dd/mm/aa. Em relação às diferentes formas de representar a data e as horas em diferentes «locais», O'Donnell (1994: 237) exemplifica com a seguinte forma portuguesa: «quarta-feira, 10 agosto 1994», o que está incorrecto, dado que, na norma portuguesa europeia, os meses são grafados com letra maiúscula inicial e a preposição «de» também foi omitida em «10 de Agosto», o que demonstra que os próprios peritos em localização poderão falhar, até nos exemplos que adiantam.

(Finlândia). Neste caso, verificam-se inclusivamente variações no próprio separador que distingue horas, minutos, segundos e centésimos de segundo (cf. Kano 1995). Ainda relativamente a questões de expressão de tempo, a internacionalização deve contemplar os vários fusos horários. Refira-se também a necessária preocupação com as diversas escalas de pesos e medidas e com o uso de cores e de ícones, dadas as respectivas conotações nas diferentes culturas[68]. A diversidade de conotações culturais de cores e de ícones, de uso recorrente em programas informáticos, é abordada de forma exaustiva por Coe (1996: pp. 147-152, 305-320; cf. Hoft 1995: pp. 266-269). Ainda na perspectiva de ir ao encontro da diversidade cultural, dever-se-á prever o uso de diferentes formatos de papel e formatos diferentes de sobrescritos e respectivas convenções nacionais (Uren *et alii.* 1993: pp. 13-35).

Se no programa forem incluídas imagens do tipo *Clipart*[69] em conjunto com texto (por exemplo, *Happy Birthday!*), deve-se sempre possibilitar a sua tradução através do recurso a ferramentas informáticas específicas (Uren *et alii* 1993: 32). Os ícones que representam uma ligação a um ficheiro ou a um programa/aplicação poderão ser localizados, sendo para tal necessária uma ferramenta informática compatível para que o localizador possa aceder e traduzir esses ícones. Por exemplo, o ícone *W* que representa a aplicação *Write* no Windows 3x e 95, na versão inglesa, não foi localizado para a versão portuguesa. Uren *et alii.* (1993: 33) sugerem uma localização desse ícone para a versão francesa, passando o ícone *E* a representar a aplicação *Ecrivez*.

---

[68] Uren *et alii.* (1993: 31) salientam: «What is obvious for an American might not be obvious at all for a person of a different nationality.», pelo que se aconselha que se tomem medidas adequadas que tenham em conta essas diferenças. Ainda acerca da concepção e adequação de ícones a figurar em produtos destinados a várias culturas, veja-se, por exemplo, o capítulo «Icon and Symbol Design Issues for Graphic User Interfaces» (Marcus 1996).

[69] «**clipart** - Conjunto de imagens, desenhos ou outro tipo de elementos que se encontram armazenados de forma a possibilitarem uma fácil e rápida utilização. Diversos tipos de aplicação contêm clipart, como por exemplo, os programas de desenho que, normalmente, trazem um conjunto de imagens para utilização.» (Diciopédia 2000). Acerca da adequação a um mercado internacional deste tipo de imagens, desenhos que integram muitos programas informáticos, *vide* Hoft (1995: 272).

É ainda importante salientar que nesse processo de internacionalização se deverá utilizar o sistema *Unicode*[70] como linguagem de codificação dos programas, para que seja possível localizar o programa para as línguas pretendidas. Deve-se ainda considerar a possibilidade de permitir ao utilizador alterar as configurações de determinado *locale*[71].

Para além de todos estes aspectos já considerados, os criadores do texto original a inserir no *software* devem evitar a utilização de calão, coloquialismos e ambiguidades, dado que esses desvios linguísticos colocarão sérios problemas no momento de tradução, pois poderão, se mantidos no texto traduzido, ser considerados ofensivos noutros países e culturas. Nesta perspectiva, dever-se-á evitar incluir imagens e mapas de bits em que se evidencie uma ligação a uma cultura específica[72]. Por exemplo, o ícone representativo da caixa de correio utilizada nos EUA é recorrentemente utilizado para simbolizar a caixa de correio electrónico; mas essa imagem poderá perder essa significação em países onde essa representação seja considerada estranha e até mesmo incompreensível (Connolly 1996: 28).

Em casos em que seja possível aceder a uma interface em que se possa optar por uma de entre várias línguas disponíveis, para se identificarem as línguas permitidas é aconselhável recorrer à designação dessa língua (português, francês, alemão...), mais do que recorrer às bandeiras identificativas dos respectivos países (cf. Del Galdo 1996: 205). As bandeiras não identificam de forma correcta as variedades geográficas de determinada língua; atente-se nos exemplos do Brasil, do Luxemburgo ou da Suíça. No menu inicial do programa *Babylon Translator*, a língua portuguesa é identificada com a bandeira do Brasil e a inglesa surge com a bandeira dos

---

[70] Seguindo as indicações do *Dicionário de Informática*, «Unicode – Representa caracteres como números inteiros nas linhas de código de computador. Esta norma difere da norma ASCII porque usa dois bytes (16 bits) para cada carácter em vez de oito bits. Isto permite ao Unicode representar mais de 65000 caracteres em vez dos 256 que o American Standard Code for Information Exchange (ASCII) pode tratar, o que torna possível produzir um carácter apropriado para a maioria das línguas. Esta característica não é importante em inglês porque todos os caracteres ingleses podem ser representados por meio do código ASCII. No entanto, para línguas que não sejam escritas em caracteres romanos, tal como o chinês ou o japonês, o Unicode permite que todos os caracteres nessas línguas sejam representados dispondo de 16 bits em diferentes formatos.» (Carmo 1998: pp. 97-98).

[71] Tal como já é possível fazer com o sistema operativo Microsoft Windows 2000.

[72] *Vide* Hoft (1995) sobre factores determinantes na redacção de documentação técnica a incluir em produtos internacionais.

EUA, ainda que a legenda junto a esta bandeira seja *English (US)*. Ter-se-ão ainda de levar em conta os problemas levantados pela utilização de mapas com fronteiras políticas bem definidas que se reportem, por exemplo, a zonas geográficas onde haja conflitos relativos a essa mesma delimitação fronteiriça.

Na internacionalização de um produto, os localizadores têm de ser alertados para a utilização de diferentes terminologias destinadas a diferentes países que falam uma «mesma» língua, mas com diferenças substanciais, denominadas variedades diatópicas. Neste caso, a editora de *software* deve contratar profissionais com as habilitações próprias para a execução dessa tarefa tradutológica específica[73]. Um caso a realçar é o da língua castelhana e espanhola: os localizadores deverão fazer uso, no texto de chegada, de terminologia diferente daquela que é utilizada em Espanha quando o *software* a criar se destina ao mercado mexicano[74] (Ebben e Marshall 1999: 8).

2.2.1 Os testes

Para verificar todas as opções e a ausência de erros na fase da internacionalização de um produto é imperiosa a sua verificação minuciosa. Muitos dos testes que são utilizados nesta fase poderão ser reutilizados noutros projectos de localização para pôr à prova as versões a localizar posteriormente (Ebben e Marshall 1996: pp. 4-6). Quando essa avaliação está concluída, o produto é localizado e, no final, após a colocação do novo texto no *software*, ainda se procede a uma revisão do conteúdo linguístico. Nas secções que se seguem iremos descrever estas diferentes fases de testagem.

---

[73] Em *Rumo ao Futuro*, Gates (1995: 198) refere que no futuro as informações relativas a profissionais contratados por uma empresa para uma qualquer função serão armazenados em bases de dados e, nessas informações estarão incluídas as classificações atribuídas ao desempenho dos profissionais em causa. Esta informação servirá como potencial factor de decisão numa próxima necessidade de contratação.

[74] Confronte-se esta atitude com a falta de sensibilidade por parte da Microsoft quando tentou comercializar o Windows 3.1 em Portugal na versão localizada para o Brasil. Esta tentativa revelou-se um fiasco e teve uma reacção curiosa: os utilizadores portugueses preferiam utilizar a versão inglesa à brasileira.

2.2.1.1 A pseudo-localização[75]

Para se preparar um produto informático para a internacionalização, pode-se recorrer a um processo automático denominado «pseudo-localização», realizado previamente ao processo global de localização. Este teste verifica se o programa permite a inclusão de caracteres com diacríticos, como por exemplo *ã, õ, ñ, é, ö,* ç, ou de caracteres asiáticos; e também verifica se o sistema permite a expansão de termos e enunciados necessários nas séries de caracteres[76], nos comandos[77], nas caixas de diálogo, etc. Este pode ser um processo simples ou complexo conforme a fase em que se encontre o projecto e também consoante a sua maior ou menor dimensão. Este processo é utilizado para testar potenciais problemas que possam ocorrer nas linhas de comando; para verificar se os tradutores têm acesso ao código-fonte do *software*, se as teclas de atalho podem ser localizadas, se a apresentação das fontes[78] se efectua de forma correcta e se a apresentação de caracteres também ocorre correctamente. Todos estes pequenos testes têm como objectivo principal evitar surpresas desagradáveis quando se utilizar o *software* dentro de diferentes sistemas operativos ou em conjunto com outras aplicações. No final do teste, os

---

[75] Este termo é utilizado por Ebben e Marshall (1996).

[76] Em cada uma das obras que lemos no âmbito da localização, o(s) autor(es) apresenta(m) percentagens completamente diversas quanto às probabilidades de expansão de uma palavra/frase do inglês dos EUA para uma outra língua da Europa Ocidental. Um exemplo retirado de «Microsoft Windows Software Development Kit – Additional Windows Development Notes» por Uren *et alii.* (1993: 70) aconselha ter em conta que: num texto inglês que tenha até 10 caracteres, deve-se permitir uma expansão do texto de chegada até aos 200%; se o texto abranger de 11 a 20 caracteres, até 100%; se for constituído de 21 a 30 caracteres, permitir uma expansão até 80%; de 31 a 50 caracteres, até 60%; de 51 a 70 caracteres, até 40%; com mais de 71 caracteres, uma possível expansão até 30%. Relativamente à criação e posterior localização de sítios da Internet, ao consultarmos Ebben e Marshall (1999: 3) constatámos: «In your design and development of a Web site, you should consider that all the words and phrases could expand. The general rule given is to expect terms to expand by 30%. However, we've found that this rule works best when applied to large sections of text, like help files, but doesn't work as well when applied to a single word. A term can expand anywhere from 200% to 400%. Having a flexible design is critical for the success of localizing a Web site.»

Ao consultar *Developing International Software*, pode-se notar que há várias referências à expansão da tradução em relação ao texto de partida, nunca sendo adiantado um número percentual que possa vir a ajudar o programador (Kano 1995). Por outro lado, Horschmann propôs um alargamento, em termos gerais, de 30 a 40% aquando da tradução das séries de caracteres. Coe (1996: 292; 294) aborda igualmente esta questão e sugere, por exemplo, que num texto de partida com 2000 palavras se deve esperar uma expansão de 45% da tradução (cf. Hoft 1995: 253).

[77] Esselink (1998: 30) recomenda que o tradutor deva evitar apagar as reticências que, por vezes, seguem determinados comandos. Este sinal de pontuação significa que esse comando irá abrir uma caixa de diálogo, por exemplo, *Abrir...*, na aplicação Microsoft Word 97.

[78] «Fonte de sistema - Fonte usada por um sistema operativo como seja o texto utilizado para menus e mensagens de erros e confirmação.» (Carmo 1998: pp. 40-41)

resultados são verificados por um técnico especializado, uma vez que a mão humana ainda continua a ser imprescindível (Ebben e Marshall 1999: pp.5-6).

2.2.1.2 O projecto piloto

Passemos a uma breve explicação do que envolve um projecto piloto em termos de internacionalização de um produto informático. Trata-se da concretização do projecto de localização para uma língua específica (ou mais do que uma, como iremos verificar mais adiante) antes de localizar o programa para outras línguas.

Normalmente é realizado algumas semanas antes de a localização ser efectuada para outras línguas, o que não impede que nalguns casos seja efectuada dentro de prazos mais curtos. Quando o tempo abunda - coisa rara em Informática e num mercado cada vez mais global e com uma concorrência feroz - o projecto piloto é iniciado aquando da publicação do produto original; todavia, hoje a disponibilização ao público das versões localizadas já é feita quase em simultâneo relativamente à expedição da versão original[79]. Kano (1995), referindo-se à prática interna da Microsoft, afirma que as edições de sistemas operativos Windows para a Europa Central e de Leste eram publicadas com um desfasamento de seis meses, mas o que se pretendia na Microsoft era a expedição (quase) simultânea, isto é, na mesma data ou num prazo que não fosse para além de trinta dias (cf. Kano: 1995; Esselink: 1998: 261).

Muitos dos problemas relacionados com a internacionalização de um projecto são descobertos nesta fase de verificação, uma vez que os testes são, pela primeira vez, executados manualmente. O técnico responsável pelo projecto piloto, ao encontrar dificuldades, soluciona--as; assim, as soluções encontradas tenderão a ser úteis na localização do *software* para as demais línguas. Por conseguinte, o tempo despendido para ultrapassar esta fase será recuperado mais tarde aquando da localização do programa para outras línguas. O projecto piloto deve ser sempre realizado quando se pretende localizar *software*, uma vez que é difícil construir um programa que

[79] Tal como é proposto nas páginas da LISA.

satisfaça todos os requisitos internacionais/locais e que esteja concebido de modo a não sofrer quebras após a sua compilação[80].

Para realizar o projecto piloto, selecciona-se uma língua de entre as que levantam mais problemas na fase de localização[81] e que apresentam mais vantagens em termos económicos. Como este projecto antecipa a publicação de um produto informático, em termos económicos é mais vantajoso escolher uma língua mais estratégica, com um mercado mais amplo e economicamente mais desenvolvido[82]. Desse modo, as línguas que mais frequentemente são seleccionadas para esta fase são a alemã e a japonesa. Outro critério que rege a selecção destas duas línguas é o facto de a codificação dos caracteres para a língua japonesa recorrer aos *DBCS, Double Byte Characters*[83], e na alemã isso não acontecer.

Por vezes é também seleccionada para este projecto a versão para a língua francesa, porque recorre a caracteres com diacríticos, e a versão finlandesa pela mesma razão e pela extensão das suas palavras e enunciados[84]. Quanto às línguas da Europa de Leste, não lhes é atribuído um papel muito relevante no mercado internacional, mas, como levantam dificuldades específicas devido ao alfabeto cirílico, é comum realizar-se um projecto piloto para uma delas[85].

2.2.2.3 Versões Beta

Numa fase final da localização, o programa localizado tem de ser completamente revisto para verificar a sua funcionalidade e inviolabilidade; para tal, são efectuados vários testes ao

---

[80] Nem mesmo os produtos originais permitem garantir uma fiabilidade total ou um funcionamento perfeito. Recorde-se a apresentação pública do sistema operativo Windows 98, durante a qual esse sistema sofreu uma quebra de funcionamento.

[81] O sistema operativo Microsoft Windows 2000 foi publicado em inglês e em mais 23 línguas, dando lugar a um total de 126 versões localizadas. O Windows 95 foi publicado em 75 versões e 50 versões do Windows NT 3.5 (Kano 1995).

[82] Esselink (1998: 6) refere que os maiores mercados de produtos localizados são o francês, o alemão e o japonês; são considerados mercados de média envergadura o italiano, o espanhol, o sueco, o norueguês e o holandês. Consequentemente, as editoras de *software* normalmente querem ver os seus produtos, logo que possível, localizados para «[...] FIGS (French, Italian, German, Spanish) and Japanese first. These languages may be followed by Swedish, Norwegian, Danish, Dutch or Brazilian Portuguese.»

[83] Ver nota 70 deste capítulo sobre *Unicode*.

[84] Tal como foi mencionado por Horschmann nos II Encontros de Tradução da AsTra-flup, em 24 e 25 de Março de 2000.

[85] Ainda em relação à selecção das línguas para os projectos piloto, não encontrámos referências às línguas chinesa, árabe, portuguesa ou espanhola (Ebben e Marshall 1999). Provavelmente estas línguas não levantam tantas dificuldades quando já houver versões localizadas destinadas à mesma família de línguas.

programa, i.e. versões Beta[86], que põem à prova essas mesmas propriedades. Na nossa opinião, a linguagem que acompanha esse *software* é testada em muito menor grau, ou não é testada nesta fase (cf. Hoft 1995: pp. 294-394). Daí que não nos surpreenda termos encontrado algumas soluções bastante dúbias nos textos do Windows 98 que analisaremos no próximo capítulo.

[86] Uma versão beta de um programa é apenas uma versão experimental que é distribuída por vários técnicos e avaliadores exteriores à editora do *software*. Estes terão por missão pôr à prova esse mesmo *software* e verificar se tudo realmente funciona como deve e avaliar a facilidade/dificuldade de se violar o *software*.

3 Aspectos tradutológicos da versão portuguesa do Windows 98

No presente capítulo pretendemos essencialmente verificar até que ponto a localização do sistema operativo Windows 98 respeitou as doutrinas que alicerçam a localização de um produto informático. Nesta análise tivemos em conta os fundamentos da teoria funcionalista que no capítulo 1 justificámos como sendo adequada a um projecto de localização de *software* e os objectivos que regem as preocupações das editoras de *software* que procuram localizar os seus produtos (capítulo 2).

Como já salientámos anteriormente, trata-se de um TP muito específico, cuja tradução recai no campo da tradução técnica, devido às suas características singulares, nomeadamente, o grande volume de texto a traduzir, a utilização de múltiplas ferramentas informáticas de apoio à tradução, a ocorrência de terminologia, a reutilização de texto proveniente do sistema operativo Windows 95 com o qual a versão 98 tem grandes afinidades[1], bem como os prazos curtos para efectuar a localização, o trabalho em equipa, a gestão e coordenação apertada do projecto. Admitimos que estes factores poderão afectar a qualidade do produto final e propomos agora a análise do TC do Windows 98 para verificarmos até que ponto esses aspectos afectaram a eficácia comunicativa desse texto. Em primeiro lugar, analisaremos este TC em termos linguísticos e globais, debruçando-nos sobre o estilo e registo nele predominantes; em seguida, iremos restringir essa análise à frase, análise em que serão focadas questões que se prendem com a

---

[1] Vejam-se os enunciados do tópico retirado das duas versões, Microsoft Windows 95 e 98, respectivamente (assinalámos as diferenças com letra maiúscula):

«To start a program» / «To start a program»

Click the Start button, and then point to Programs. / 1. Click **START**, and then point to **Programs**.

If the program you want is not on the menu, point to the folder that contains the program. / 2. If the program you want is not on the menu, point to the folder that contains the program.

Click the program. / 3. Click the program NAME.

Tips / NOTES

After you start a program, a button appears on the taskbar. To switch from one running program to another, click its taskbar button. / After you start a program, a button FOR THAT PROGRAM appears on the taskbar. To switch from one running program to another, click its taskbar button.

If the program you want to start doesn't appear on the Programs menu or one of its submenus, point to Find on the Start menu, and then click Files Or Folders. / If the program you want doesn't appear on the **Programs** menu or one of its submenus, CLICK **START**, POINT TO **FIND**, and then click **Files or Folders**.

Use the Find dialog box to locate the program file. / Use the **Find** dialog box to locate the program file.

interferência da língua inglesa e com traduções que resultam em repetições, e ocuparemos parte deste capítulo com questões de terminologia - área que levanta mais problemas neste texto -, deixando para o final algumas questões culturais e outros aspectos que salientam a necessidade de uma mais cuidada revisão do texto e coordenação entre os diversos técnicos envolvidos no projecto.

3.1 Questões de estilo e registo do TC inserido no Windows 98

O TC incluído no Windows 98 apresenta, na sua globalidade, uma linguagem técnica objectiva, que se torna mais acessível através dos glossários e manuais de Ajuda do Windows 98. Tal necessidade de tornar mais compreensível essa linguagem deve-se ao objectivo do próprio TC: informar de forma correcta e eficaz os potenciais utilizadores que, como já salientámos anteriormente, se caracterizam pela heterogeneidade (capítulo 1). Desse modo, o estilo deste texto português deve ser claro e objectivo e, acima de tudo, deve ser autêntico, i.é, o texto deve estar redigido de tal forma que demonstre as características de um texto desse domínio, tal como se tivesse sido escrito originalmente em LC por especialistas da área.

Herman (1993: 11) refere-se indirectamente a esta autenticidade ao definir a clareza e a correcção como objectivos principais a atingir na escrita de textos técnicos e ao defender que um excelente tradutor técnico terá de ser, antes de mais, um óptimo redactor desse mesmo tipo de texto.

Para se atingir esse efeito final, o localizador tem de, em primeiro lugar, compreender o significado de um texto de partida, só alcançável se for para além da superfície, e se depois tentar exprimir esse significado em LC. Terá, pois, de proceder a uma série de escolhas conscientes dentro de um leque de opções gramaticais e lexicais de LC, que lhe permitirão atingir o efeito pretendido[2]. Os localizadores veiculam, assim, a significação de um texto de partida, usando

[2] Mcenery e Wilson (1996: 101) advogam que o conceito de estilo se baseia no princípio de que os autores efectuam uma escolha perante várias formas de comunicar o que pretendem, entre o uso de termos técnicos ou não, entre frases longas e curtas, ou entre a coordenação e a subordinação.

palavras suas, mais do que tentando manipular as estruturas desse texto de forma mecânica (Chesterman 2000: 3).

O estilo reflectirá essas escolhas e será um dos factores determinantes na aceitação de um texto de chegada pelo público, uma vez que a consistência estilística[3] é relevante num TC como o que analisamos. Daí que não estejamos totalmente de acordo com Esselink (1998: pp. 108, 268) quando este qualifica o estilo como um aspecto pouco relevante na localização de documentação para programas informáticos, argumentando que não é normal os utilizadores lerem os manuais de Ajuda na sua globalidade[4]. Contudo, concordaríamos com esse autor se a argumentação apresentada fosse outra: de facto, dificilmente se poderá criar um texto a incluir em programas informáticos que exiba um estilo linguístico individual, devido, principalmente, à multiplicidade de localizadores[5] que lidam com um projecto que envolve a tradução de milhões de palavras num prazo apertado. Na maioria das empresas de localização de *software*, os localizadores pautam a sua acção por normas decorrentes de um «livro de estilo» (Dohler 1997: 14). O estilo característico deste tipo de texto de chegada deverá ser, então, adequado aos propósitos do mesmo e deve ser escrito de acordo com as normas linguísticas de LC, não abusando de frases demasiado longas, evitando a utilização excessiva de conectores que possam prejudicar a leitura do texto. O estilo apropriado em qualquer texto técnico é aquele que não perturba a comunicação ou a transmissão da mensagem e que é transparente (Loffer-Laurian 1996: 130). Na nossa opinião, este critério é tão válido para avaliar a qualidade do trabalho dos localizadores envolvidos como a consistência terminológica, o rigor técnico ou a correcção das referências, aspectos estes mais valorizados por Esselink (1998: 108).

---

[3] Em relação a esta questão, veja-se Carter (1991: pp. 99-100) quando afirma que o estilo deve apresentar-se de forma consistente ao longo de todo o documento, i.é sem variações.

[4] No entanto, o localizador, na sua leitura atenta e profunda do texto de partida pode deparar com dificuldades decorrentes do estilo desse texto, principalmente com enunciados ambíguos. Neste caso, os localizadores terão de resolver essa ambiguidade e redigir uma tradução correcta (Hoft 1995: 190).

[5] Como Carter (1991: 86) refere, cada localizador tem um estilo individual.

Em termos globais, a avaliação de uma tradução pode – no caso de essa avaliação dizer respeito a produtos de tradução industrial – pautar-se por um conjunto de critérios que seja construído com base na aceitabilidade de um texto por parte dos leitores [6], o que pressupõe a fidelidade, a inteligibilidade e a utilidade (Sager 1993: 149). Pode-se avaliar a versão portuguesa do Windows 98 segundo estes critérios e verifica-se que a aceitabilidade do mesmo é um dado adquirido, uma vez que o TC utiliza a língua portuguesa e que os utilizadores reagem bem ao produto. Em relação à fidelidade[7], podemos afirmar desde já que, em termos gerais, este critério é cumprido, uma vez que os efeitos pretendidos são globalmente atingidos, isto é, os utilizadores usam o programa porque o entendem minimamente. Em termos formais, porém, e visto em pormenor, o TC em análise revela, por vezes, um grau de literalidade pouco desejável neste tipo de texto. No que respeita à inteligibilidade do TC, esta nem sempre é límpida visto que em alguns enunciados o utilizador tem dificuldades em compreender o texto proposto. Em nossa opinião, isto resulta da referida elevada literalidade da tradução, que não conduziu a uma expressão portuguesa escorreita. Em consequência, a utilidade fica inevitavelmente diminuída. A menor inteligibilidade pode também ser consequência de pouco cuidado na procura de termos neutros e objectivos, em troca por uma atenção prioritariamente dada às imagens, botões, ícones, etc., que, deve reconhecer-se, são parte integrante do sistema operativo[8]. Mas deve estar sempre presente a preocupação com a linguagem da documentação e das mensagens do *software*, pois a mesma tem de ser cuidada e ir ao encontro da desejável adequação.

---

[6] Kiraly (2000: 12) sugere que cada vez mais em tradução se confere mais e mais importância à criação de um efeito adequado no potencial leitor.

[7] Gile (1995: 34), ao citar Sykes, comunga da ideia de que o único critério de aceitabilidade para avaliar um texto de chegada é o facto de esse se sustentar por si só em LC, como se fosse aí originado, já distante do texto de partida. Refira-se igualmente que os leitores podem avaliar a tradução de várias formas, mas são raros aqueles que a poderão avaliar relativamente ao seu grau de fidelidade ou de infidelidade.

[8] «**Sistema operativo** - Conjunto de programas que se encarga de coordinar el funcionamiento de una computadora, cumpliendo la función de interfase entre los programas de aplicación, circuitos y dispositivos de una computadora. Algunos de los más conocidos son el DOS, el Windows, el Unix.» (**NETNEGOCIO.COM**. «Glosario canal informatico». (http://www.netgocio.com/, acesso em Fevereiro de 2001).

Fraser (1999: 3) salienta que, na maior parte dos projectos de tradução, o tradutor investe realmente na produção de texto com qualidade[9], mas não lhe é dada a informação necessária, por parte do cliente ou da agência que o contratou, por exemplo acerca dos objectivos do texto, do público alvo da tradução ou do apoio terminológico. Uma vez que essa atitude é comum em todo o mercado de tradução, para suprir essa falta de informação e de meios, o tradutor tem de desenvolver capacidades próprias que lhe permitam atingir a desejável qualidade. Esse é um desafio que se põe também ao localizador que lida com projectos de localização de *software* como o que analisamos.

Apresentamos de seguida alguns exemplos do TC que nos merecem algumas observações, quer o público seja constituído por especialistas ou por utilizadores comuns que tomem contacto com o TC do Windows 98. Tais exemplos são ilustrativos de formulações recorrentes que, por isso mesmo, deveriam ter sido tratadas com um pouco mais de cuidado. Considerámos representativo o seguinte extracto:

> The mingling of the world of the Web with your desktop and folders has many advantages
>
> Vs.
>
> Esta união entre o mundo da Web e o seu Ambiente de Trabalho e pastas tem muitas vantagens (Introdução ao novo Ambiente de Trabalho, *Ajuda do Windows*)

O original é um texto directo, simples e claro, estilisticamente correcto. Mas por ter construído um TC muito próximo do TP, num processo de grande literalidade, o localizador produziu um texto que, embora compreensível e formalmente adequado, se apresenta pouco apurado. Tal resulta não só da repetição da conjunção «e» em grande proximidade (o que pode criar alguma confusão inicial), mas também da forma como o texto está organizado (i.e. da distribuição dos elementos da frase), e ainda de um problema de ambiguidade referencial. No TP o adjectivo «your» é uma marca de interactividade entre o autor do texto e o(s) seu(s) destinatário(s), aspecto que é obliterado no TC: a forma «seu» é referencialmente ambígua. Por isso optaríamos por

[9] Em relação à avaliação do desempenho dos tradutores em qualquer tipo de tradução, não é benéfico para esses profissionais o facto de geralmente não receberem informação sobre o seu desempenho. Se o cliente lhes fornecer dados, os tradutores poderão orientar a prática em conformidade com a informação recebida, tal como Fraser (1999: 3) sugere.

proceder a alterações na construção sintáctica da frase, sugerindo a seguinte tradução que mantém a eficácia equivalente à do original: «É muito vantajosa a interconexão do mundo da Web com o vosso Ambiente de Trabalho e pastas.»[10].

A propósito de repetições, há que salientar que estas são muito comuns nos textos informáticos, devendo-se isso não só à natureza específica da linguagem desta área mas também à preocupação de tornar as instruções claras, como acontece nos extractos que apresentaremos a seguir:

> **If your desktop items do not appear on the monitor that you want to use as primary, shut down Windows and turn off your computer and monitors. Plug the monitor you want as primary into the primary video adapter and plug the other monitor into the secondary video adapter.**

Vs.

> **Se os itens do Ambiente de Trabalho não aparecerem no monitor que pretende utilizar como principal, encerre o Windows e desligue o computador e os monitores. Ligue o monitor que pretende para principal ao adaptador de vídeo principal e ligue o outro monitor ao adaptador de vídeo secundário.** (Para alterar o monitor principal, *Ajuda do Windows*)

Não é agradável ao ouvido de um leitor atento toda esta sequência de repetições (e.g. «monitor», associado a um ou outro adjectivo, no primeiro texto, e «digue», no segundo). O localizador, no entanto, deve resistir à tentação de «purificar» o estilo, sacrificando este à conveniência do desejável entendimento da mensagem por utilizadores menos sensíveis a questões estilísticas, mas mais propensos a interpretações incorrectas. Acresce que textos como o que estamos analisar são propícios à utilização das ferramentas informáticas de tradução por integrarem expressões e formulações recorrentes, que a tradução automatizada e a assistida por computador resolvem com rapidez, mas podem enfastiar o tradutor humano[11]. No entanto, este último deverá estar sempre preparado para evitar que os textos resultantes sejam afectados negativamente por componentes que a máquina ainda não tem sensibilidade para evitar.

---

[10] A opção do localizador do Windows 98 por «união» é questionável, tendo em conta que o termo de partida é ***mingling***, o qual remete mais directamente para um sentido de «associação» ou «interconexão».

[11] Tal como Herman (1993: 17) refere «Only rarely will a client ask and be willing to pay for technical editing as well as technical translation. Unfortunately, technical authors in any language are often chosen for what they know, not how well they write, and many write very badly. A poorly organized document does not efficiently carry the reader from section to section. It must constantly remind the reader of previously stated information by repeating it. Such wordy documents are the technical translator's daily fare and there is little he or she can do about it.»

Passamos a apresentar um enunciado em que a repetição do termo *impressora* nos parece evitável:

> **Right-click the printer icon next to the clock on the taskbar.**
> **You can click the printer icon on the taskbar to get information about the documents printing on the printer.**

Vs.

> **Clique com o botão direito do rato no ícone da impressora ao lado do relógio na barra de tarefas. Pode clicar no ícone da impressora na barra de tarefas para obter informações sobre os documentos a serem impressos na impressora. (Para ver o estado de impressão, *Ajuda do Windows*)**

A primeira ocorrência ao termo *impressora* é inevitável, uma vez que o mesmo é parte integrante do termo técnico «ícone da impressora». Mas se suprimissem as duas utilizações no período seguinte, a compreensão não ficaria de modo algum comprometida. Para evitar esta recorrência um pouco exagerada do mesmo termo - num pequeno tópico como o mencionado, a palavra referida surge quatro vezes -, pode-se traduzir este segundo enunciado inglês de uma outra forma, por exemplo: «Pode clicar nesse ícone na barra de tarefas para obter informações sobre os documentos a serem impressos.» Optámos por esta formulação uma vez que a proximidade do primeiro enunciado garante a identificação do segundo e clarifica-o, e esclarece qual o ícone mencionado. No que diz respeito à segunda omissão, nenhum outro periférico conectado a um computador tem a capacidade de imprimir texto/imagem para além da impressora, pelo que é perfeitamente viável a omissão da referência a essa máquina.

É também muito significativo, no texto em inglês, o número de orações condicionais frequentemente associadas a construções na voz passiva. Trata-se de algo muito normal em textos científicos e técnicos produzidos naquela língua[12]. No entanto, se na tradução para português se seguir muito de perto as construções sintácticas do original, o resultado poderá não ser tão aceitável como seria de desejar. Tomemos como exemplo do que acaba de ser dito os extractos seguintes:

---

[12] Ainda assim, Coe (1996: 295) defende que os redactores de texto técnico a ser traduzido devem evitar a utilização da voz passiva, uma vez que até mesmo os falantes nativos terão dificuldades em entendê-la no texto original, para além de esta não ser utilizada em outras línguas. A autora dá como exemplo a língua francesa que recorre a outro tipo de formulação, evitando a voz passiva. A mesma autora salienta que há casos em que o uso da voz passiva se pode justificar, mas uma redacção clara e eficaz faz uso da voz activa (Coe 1996: 323, nota 1)

> If you click an item by using the right button, a menu is displayed containing commands specific to the item.

Vs.

> Se clicar num item utilizando o botão direito, é mostrado um menu contendo comandos específicos para o item. (Utilizar um rato com dois botões, *Ajuda do Windows*)

Tanto a construção passiva «é mostrado» como o gerúndio que se lhe segue não se coadunam com a norma do Português. Uma solução alternativa que nos parece mais aceitável seria: «Se clicar num item... surge um menu que contém comandos específicos para esse item.»

Um aspecto que o tradutor em geral nunca deverá ignorar é o registo, isto é, a utilização da linguagem de acordo com determinado tipo de situação (profissional, social, etc.) e o grau de formalidade, o que determina escolhas dentro de um mesmo código linguístico (Vilela 1995 b): 22). O uso da língua restringe-se no tempo, define-se num espaço e no seu uso social. Assim, os sociolectos representam essas variedades dentro de um sistema linguístico e identificam determinada classe social ou profissional, só em parte inteligíveis para os falantes em geral. Por exemplo, alguns falantes fazem uso de diferentes registos consoante o contexto situacional: familiar, didáctico, literário e corrente (Rey 1995: 170).

Baker (1994: pp. 15-16) defende que o registo é uma variedade de uma língua que o falante considera adequada para uma situação concreta. A autora especifica esta sua posição ao salientar que as variações no registo ocorrem devido a alterações no campo do discurso, i.é, o contexto em que o falante se encontra determina as escolhas linguísticas. O registo não é o mesmo se um falante se encontra dentro de um estádio de futebol a assistir ao jogo ou pura e simplesmente a discutir futebol. O teor do discurso é igualmente determinado pelas inter-relações entre os que nele intervêm, uma vez que o uso que se faz da língua varia consoante os participantes, que assumem papéis variados: não se utiliza o mesmo registo em situações de mãe/filho, médico/paciente; ou entre pessoas de estratos sociais diversos. O modo do discurso está ainda relacionado com o canal, o meio de comunicação utilizado, alternando entre o registo oral ou escrito (discurso, composição, uma aula, instruções, etc.). Baker (1994) acrescenta ainda que diferentes grupos dentro de uma mesma cultura têm expectativas diversas quanto ao tipo de

linguagem que melhor se adapta às várias situações. Perante o exposto, o tradutor terá de fazer uso de um registo linguístico que corresponda às expectativas dos seus leitores virtuais e que se desenvolverão no acto de leitura do texto de chegada (Baker 1994: 17).

A forma de divulgação das informações sobre o funcionamento do Windows 98 é um programa informático escrito e, tal qual um manual de instruções de um leitor de CD, dirige-se a qualquer leitor/utilizador cuja intenção primordial é ser bem sucedido na concretização das funções que este programa possibilita. Tendo presente o perfil maioritário dos seus futuros utilizadores, um público variado composto por conhecedores de informática e por cidadãos comuns com reduzidos conhecimentos nessa área, o localizador deve utilizar um registo médio, inteligível ao falante comum[13].

Neste caso particular, o TC português do Windows 98 reflecte, em regra, um registo restrito, dado que recorre a uma linguagem de especialidade, em princípio destinada apenas aos peritos da área da informática. Acontece, porém, que, na prática, se destina a ser lido e entendido por muitos outros leitores, muitos deles principiantes na utilização de programas informáticos. Após a leitura dos textos dos ficheiros de Ajuda e de outra documentação inserida no programa, parece-nos que não houve uma preocupação vincada com o público generalizado a que se destinava o TC, tanto da parte dos localizadores como de outros eventuais intervenientes no processo. O registo do TC que é objecto de análise no presente trabalho varia entre o formal/médio e o coloquial/informal[14], como iremos exemplificar. Tanto se encontra um registo formal exclusivamente dirigido a especialistas, onde a terminologia específica abunda, como se encontram exemplos de expressões quase coloquiais em português[15].

---

[13] Consideramos que este TP e respectivo TC pertencem à tipologia de textos instrutivos, em que a atenção se centra na formação de um comportamento a adoptar: tenta-se orientar a forma como os utilizadores agem. Encontram-se no TC em análise inúmeras instruções com opção, cabendo a última escolha sempre ao utilizador que toma a decisão quanto às sugestões propostas nos menus, nas interfaces, nos manuais de Ajuda ou em outra documentação (Hatim e Mason 1993: 156).

[14] Vilela (1995b): 22) sugere que o registo pode ser classificado como áulico, culto, formal ou oficial, médio, coloquial, informal, popular e familiar.

[15] Carter (1991: pp. 48, 87) refere que o texto a incluir num programa informático deve estar de acordo com o grau de informalidade/formalidade a que os utilizadores estão habituados e, nesse caso, os europeus e os americanos têm expectativas muito diversas.

Eis um exemplo da primeira categoria:

To set the login context and tree when you log in to NetWare Directory Services ...

Vs.

Para definir o contexto e a árvore de início de sessão quando inicia sessão nos NetWare Directory Services... (*Ajuda do Windows*).

Tanto no original como na sua tradução há um tom técnico elevado que não é compreensível aos leitores menos familiarizados com a terminologia informática.

Um exemplo da segunda categoria é o que se segue:

Navigating around your computer is easier than ever, thanks to desktop options

Vs.

Navegar no computador tornou-se numa brincadeira de crianças graças a determinadas opções... (**Apresentação do Windows 98**, *Introdução ao Windows 98*)

Aqui a linguagem do original não apresenta nenhum tipo de entrave a uma imediata compreensão por parte de qualquer categoria de leitores. No entanto, os localizadores talvez tenham ido demasiado longe ao traduzirem «easier than ever» por «numa brincadeira de crianças». Embora a metáfora seja altamente sugestiva, ela pode não ser fiel ao original, pois este limita-se a acentuar o carácter mais fácil da operação em causa nesta versão do Windows (possivelmente) se comparado com o grau de dificuldade da mesma operação em versões anteriores. Isto é, mesmo mais fácil agora do que em anteriores versões não quer dizer que seja «brincadeira de crianças» e ser mesmo uma operação com algum grau de dificuldade para o utilizador menos preparado. Cremos estar aqui em presença de um exemplo de menor fidelidade ao original. Opções mais sóbrias como «mais fácil do que nunca» ou mesmo «muito mais fácil» em vez da metáfora que os localizadores escolheram poderiam ser vantajosas em termos tradutológicos. Neste caso os localizadores criaram uma certa distância entre a sobriedade/formalidade do registo de partida e o coloquialismo/informalidade do TC.

Outro aspecto que gostaríamos de salientar e que se relaciona com as questões do estilo e do registo prende-se com casos em que a falta de clareza do original não é ultrapassada no

processo de localização[16]. Mesmo quando se considera que o texto de partida contém traços de ambiguidade, o localizador deve sentir-se legitimado a eliminá-los, sempre que se trate de textos de teor informativo. Contudo, no TC incluído no Windows 98, podemos isolar alguns exemplos em que os localizadores não foram bem sucedidos nesse capítulo e são responsáveis pela criação de efeitos ambíguos. Voltemos a um exemplo há pouco referido que é título de um dos tópicos de Ajuda:

To set the login context and tree when you log in to NetWare Directory Services

Vs.

Para definir o contexto e a árvore de início de sessão quando inicia sessão nos NetWare Directory Services (*Ajuda do Windows*).

A dificuldade de compreensão deste enunciado resulta da complexidade de informação que veicula e da terminologia específica que usa, o que escapa com certeza aos não-especialistas que necessitem dessa informação. O TP não é menos hermético do que o TC, e os localizadores não foram capazes de o tornar mais acessível, possivelmente devido à inevitável natureza técnica do próprio texto. Tal como Cabré (1999: 19) afirma, a terminologia de uma área técnica não se destina a ser compreendida por todos os falantes de uma comunidade, mas apenas por aqueles que pertencem a uma classe profissional ou ao domínio específico e que, ao utilizarem os termos da área, sabem o que pretendem comunicar e têm perfeita noção de que estão a ser compreendidos e que não existe qualquer ambiguidade nas palavras utilizadas e recebidas[17]. No entanto, deve-se acautelar a inteligibilidade dos textos, pensando no utilizador comum que também contacta com o programa, porque, como diz Vilela (1995b): 42), também é necessário que as pessoas que lidam com os produtos se entendam: os produtores, os técnicos, os

[16] Apesar de Hoft (1995: 5) afirmar não possuir informações relativas aos redactores técnicos que participaram na redacção dos textos incluídos nos programas da Microsoft, da Apple, da IBM e da Novell, estas empresas garantem que os seus produtos informáticos foram preparados tendo em vista todos os países do globo.

[17] Cabré (1999: 68) defende que em termos pragmáticos parece haver denominadores comuns a todas as linguagens para fins específicos:
«a. Users, both quantitatively (a limited number) and qualitatively (defined by their profession and expertise).
b. The communicative situations in which these languages occur (formal situations of a professsional nature).
c. The main functions (which are primarily informative).»

intermediários, os vendedores e os consumidores. Conclui-se, portanto, que estamos em presença de uma barreira difícil de ultrapassar.

Acerca da remoção de *hardware* do computador, encontra-se o seguinte:

> **When you remove a device, make sure you also remove the hardware card from your computer so the resources used by the device will be freed and, in the case of a Plug and Play device, it will not be automatically reinstalled the next time you start Windows.**

Vs.

> **Quando remover um dispositivo, certifique-se de que também remove a placa o cartão de hardware do seu computador para que os recursos utilizados pelo dispositivo sejam libertados e, no caso de um dispositivo Plug and Play, este não vai ser automaticamente reinstalado da próxima vez que iniciar o Windows. (Para remover hardware, *Ajuda do Windows*)**

A primeira parte deste exemplo da versão portuguesa é representativa de alguma falta de clareza que pauta parte dos tópicos de Ajuda e que resulta principalmente de uma construção frásica pouco cuidada. Neste caso específico, o TP apresenta um texto complexo, mas de fácil entendimento, uma vez que se entende a referência à remoção de uma componente de *hardware* do computador e aos passos a seguir para que essa seja de facto removida. O texto equivalente em português revela que os localizadores se esqueceram de apagar a tradução literal de *hardware card* e construíram em português uma expressão confusa, isto é, «a placa o cartão de hardware». Pensamos que este problema é resultado de uma tradução e revisão apressadas. Assim a presença desta última expressão descuidada pode ser determinante para dificultar o acto de comunicação. A segunda parte também poderia ter sido reformulada, podendo apresentar um estilo mais transparente e um registo cuidado como, por exemplo:

> **Quando remover um dispositivo, certifique-se de que também remove a placa de hardware do seu computador para que os recursos utilizados pelo dispositivo sejam libertados e, no caso de se tratar de um dispositivo *Plug and Play*, este não seja reinstalado automaticamente da próxima vez que iniciar o Windows.**

Em relação à terminologia específica deste enunciado, pensamos que, se o resto do contexto português fosse escorreito, talvez ela não colocasse qualquer dúvida ao utilizador comum, com a excepção provável do termo *Plug and Play*. Tal como está na versão portuguesa, o utilizador certamente que se questiona sobre o que leu e é-lhe mais difícil compreender a mensagem.

Dado que os textos dos tópicos de Ajuda são consultados quando o utilizador tem dúvidas perante o que pretende fazer ou o que está a ver, à partida e após a leitura do enunciado

supra, as dúvidas deveriam ser dissipadas pelo texto, mas esse objectivo não é totalmente cumprido. Ao contrário de outros tipos de texto - o utilizador só recorre aos manuais de Ajuda quando tem dúvidas, não sendo normal um utilizador ler toda a Ajuda e depois experimentar o *software*, até porque o sistema é construído de forma a proporcionar uma utilização intuitiva. Ainda assim, é vulgar ouvir os utilizadores portugueses queixarem-se precisamente desses manuais de instruções dos sistemas operativos, por serem de difícil compreensão e por se encontrarem redigidos de forma pouco inteligível, como acontece com o exemplo supracitado.

Para terminar esta secção, leia-se o seguinte exemplo:

> Click Alarm Action to select the type of alarm notification (To set a warning alarm for a low or critical battery condition)

Vs.

> Clique em Acção do alarme para seleccionar o tipo de notificação de alarme...
> (Para definir um alarme de aviso para uma condição de bateria fraca ou muito fraca, *Ajuda do Windows*)

É patente que a formulação do texto português é muito menos clara do que a de TP. Notamos igualmente que os segmentos «notificação de alarme» e «condição de bateria fraca» foram traduzidos palavra a palavra sem se atender a que fique assegurada a instrução que veiculam. Propomos uma outra solução: «Clique em Acção do alarme para seleccionar o tipo de sinal de alarme...».

3.2 Questões sintáctico-semânticas do TC

3.2.1 Aspectos relativos à pontuação

Em relação à importância da pontuação em texto escrito em português, refira-se brevemente que os sinais de pontuação

> servem para tornar clara a expressividade da língua escrita, uma vez que esta não dispõe dos recursos da língua falada, como as pausas ou a entoação, recursos esses que de algum modo a pontuação deverá representar, pelo menos de forma aproximada. Um uso adequado da pontuação é fundamental, dado que uma pontuação incorrecta pode levar a uma interpretação diferente da pretendida. (Bergström 1998: 45)

Em outros termos: a uma situação textual não conseguida corresponde uma interpretação diversa do que se pretende com o enunciado. Cunha e Cintra (1988: 639) partilham de opinião

semelhante à de Bergström, referindo que a pontuação representa as tentativas do discurso escrito para «reconstituir o movimento vivo da elocução oral.» Em relação às idiossincrasias individuais e aos usos diversificados dos sinais de pontuação, podemos constatar a seguinte informação constante do *Ciberdúvidas* (2001)[18]:

> **A pontuação é, sem dúvida, ditada pelo estilo de quem escreve, mas há algumas regras a observar, a bem da clareza e da compreensão de quem lê.**

É facilmente compreensível que o uso de pontuação se deve guiar por princípios de organização textual: o texto criado, incluindo a sua pontuação, deve ser compreendido pelo leitor e não o deve conduzir a interpretações outras que não as pretendidas, principalmente num texto como o que analisamos, que pretende ser exclusivamente instrutivo/operativo e cuja função primordial é a referencial.

Podemos afirmar que, por vezes, a pontuação seguida no TC inserido no Windows 98 é a pontuação típica da língua inglesa e do TP e não da língua portuguesa, principalmente no que se refere à utilização da vírgula. Com toda a certeza que surgiram dúvidas aos localizadores nos casos em que é necessária a utilização da vírgula e noutros em que essa necessidade não ocorre. No caso que passamos a transcrever, verifica-se a transferência da pontuação inglesa para TC, indo, de certa forma, contra os padrões portugueses de pontuação:

> **Kodak Imaging enables you to view, annotate, and perform basic tasks with image documents, including fax documents and scanned images.**

Vs.

> **o Imaging da Kodak permite-lhe ver, anotar, e executar tarefas base com documentos de imagem, incluindo documentos de fax e imagens digitalizadas** (Utilizar o Imaging da Kodak, *Ajuda do Windows*)

Neste período, não é aceitável a separação, por vírgula e antes de conjunção «e», da última forma verbal infinitiva que integra a série de verbos dependentes de «permitir». Trata-se de um aspecto em que as regras de virgulação em inglês e em português são diferentes. Nesta última língua, é a conjunção que se constitui em sinal de que, após ela, ocorre o último elemento seriado

No caso seguinte a vírgula é dispensável:

---

[18] Acessível em http://www.ciberduvidas.com/cgi-bin/respostas_anteriores?corpo?42?0798.

Select or clear the check box if the current control is a check box

Vs.

Seleccionar ou desmarcar a caixa de verificação, se o controlo actual for uma caixa de verificação (Para as caixas de diálogo, *Introdução ao Windows 98*)

O facto de ter sido utilizada uma vírgula antes da conjunção com valor condicional «se», uso muitas vezes repetido neste TC em enunciados em que surge essa conjunção a iniciar a oração subordinada condicional, mostra-se desnecessário. As duas orações não necessitam de vírgula a separá-las, pelo menos não é comum e muito menos regra. Cunha e Cintra (1988: 645) referem que a vírgula é utilizada para «separar orações subordinadas adverbiais, principalmente quando antepostas à principal», o que não é o caso.

No exemplo seguinte, a omissão da vírgula é errada de acordo com as regras de pontuação da língua portuguesa. Quando uma oração é introduzida pela conjunção adversativa «mas», utiliza-se uma vírgula antes dessa mesma conjunção, tal como se poderá confirmar em Cunha e Cintra (1988: 643). Veja-se o exemplo:

After you connect to another computer, you can see files and folders on the remote computer only if the files and folders are shared.

Vs.

Após ter ligado a outro computador, pode ver ficheiros e pastas no computador remoto mas só se aqueles forem partilhados. (Para configurar uma ligação de rede utilizando acesso telefónico à rede, *Ajuda do Windows*)

Neste caso, uma vez que o TP não apresenta vírgula, os tradutores optam, uma vez mais, por não a incluir no TC quando seria necessária nesse contexto.[19]

Em relação ao uso de palavras estrangeiras em Português, no TC em análise, surgem muitos termos estrangeiros sem se recorrer a sinalização gráfica apropriada. Pode-se optar, por exemplo pelo itálico ou pelas aspas[20], tal como é sugerido pelos vários linguistas que respondem às dúvidas sobre língua portuguesa em *Ciberdúvidas* (2001). Essas são as formas mais frequentes

---

[19] Tal como acontece no seguinte extracto: «Após um período de inactividade, o OnNow coloca o computador num modo de desligado mas pronto a ser utilizado.» (Novas ferramentas, *Ajuda do Windows*). Ou ainda em «Clique no tipo de permissões de acesso que quer conceder ao(s) utilizador(es) seleccionado(s). **Só de leitura** significa que o utilizador pode ler mas não pode alterar os ficheiros.» (Para partilhar uma pasta com o controlo de acesso a nível de utilizador, *Introdução ao Windows 98*).

[20] No jornal *Público*, por razões técnicas, o tipo itálico não é utilizado, sendo sempre que necessário substituído pelas aspas (*Livro de Estilo Público* 1998).

de assinalar estrangeirismos na língua portuguesa. Relativamente ao Windows 98, ou ao Windows 95, não entendemos por que razão os termos estrangeiros abundantes são tratados como se fossem termos portugueses. É necessária uma atitude mais rigorosa que os destaque em TC e que indique a necessidade de se formarem os neologismos equivalentes, contribuindo-se, assim, para contrariar a habitualidade do estrangeirismo.

Ainda em relação à utilização de aspas, Cunha e Cintra (1988: pp. 657-659) referem apenas a utilização das mesmas representadas desta forma em língua portuguesa: «». Estas aspas não são utilizadas no TC em análise, apesar de se encontrarem registadas no teclado destinado ao mercado português e funcionarem eficazmente. O uso das aspas neste TC não obedece a um critério uniforme de acordo com as regras de língua portuguesa, registando-se empregos como em 'Favoritos', "conteúdo activo", "activo", entre outros, por mera transferência do que acontece no texto da versão original. Embora esta variedade de sinais gráficos se encontre com frequência em textos portugueses, parece-nos que, num mesmo texto, se devia recorrer exclusivamente e consistentemente a um tipo.

Para além das aspas já referidas, em português, hoje em dia, usam-se as comas simples ou plicas (‘ ’) e as vírgulas dobradas (“ ”). Normalmente as plicas e as vírgulas dobradas são utilizadas dentro de uma citação para realçar, por alguma razão, um determinado elemento lexical, sendo a citação em português vulgarmente aberta e fechada pelas aspas «»[21], o que não é cumprido no TC. De acordo com Cunha e Cintra (1988: 658) a forma de destacar um termo pelo uso de aspas pode implicar alguma reserva no que está grafado.

Relativamente à confusão que transparece do uso das aspas vejamos os exemplos:

You can also surf the Web more easily using the new Explorer bar,

Vs.

Uma outra possibilidade consiste em "surfar" na Web de uma forma mais simples utilizando a nova Barra (O que há de novo no Internet Explorer, *Ajuda do Windows*)

Choosing Web style means that the desktop is "active,"

[21] «As aspas servem para indicar a transcrição rigorosa de um texto, e colocam-se no princípio e no fim da transcrição. Também se usam para dar um valor diferente à palavra ou expressão que entre elas se coloca conferindo-lhe um significado que não coincide com o habitual. Quando se põem aspas dentro de aspas, as internas devem ser singelas e as externas dobradas: «Ele disse ao professor: 'Fui eu'.» (Ciberdúvidas 2001).

Vs.

> Escolher o Estilo Web significa que o Ambiente de Trabalho está "activo", ... (Escolher o estilo Web ou estilo clássico para pastas, *Ajuda do Windows*)

Ou ainda outros exemplos:

> Para seleccionar a opção de navegação 'Estilo da Web' (Trabalhar no estilo da Web, *Introdução ao Windows 98*.)

> Cada ficheiro tem uma extensão de nome de ficheiro com três caracteres ("nomedoficheiro.ext") para identificar o tipo de ficheiro e, por vezes, o programa em que o ficheiro foi criado (Comparar os nomes de ficheiro do Macintosh e do Windows, *Ajuda do Windows*).

Nestes casos dá-se conta da transferência das aspas inglesas em "surfar", "activo", 'Estilo da Web' e "nomedoficheiro.ext", mas o uso de aspas é justificado, dado que a utilização do termo *surfar* aproxima o texto de um registo coloquial; em relação aos restantes exemplos, pretende-se destacar a significação que estes termos adquirem dentro do sistema operativo. A questão da inconsistência relativa à utilização de aspas emerge quando nos deparamos com outros casos em TC em que vocábulos com valores sociolinguísticos próximos de *surfar* - termos de outros domínios que adquirem novos valores na área da informática - não se encontram entre aspas, como, por exemplo, *Reciclagem*[22], *navegar* e *Histórico*, entre outros.

3.2.2 Interferências do inglês

Mencionamos aqui os três princípios propostos por Newmark (1981: 12) que podem ser, em determinadas condições, aplicados na tradução de qualquer tipo de texto: a) a tradução deve ser tão literal quanto possível e tão livre quanto necessário; b) as palavras da língua de partida devem ser traduzidas pelo seu equivalente directo; e destacamos o terceiro, c) o texto de chegada não deve conter interferências da língua de partida ao nível da ordem das palavras, das colocações[23] ou das estruturas. Estes princípios parecem, por vezes, ausentes no resultado textual deste TC, principalmente o terceiro.

---

[22] Na versão do Windows 98 localizada para o mercado brasileiro, o termo *Reciclagem* não é utilizado, o equivalente para *Recycle Bin* é *Lixeira*.

[23] Recorremos à seguinte definição de *colocação*: «Les coocurrences fortes qui sont syntaxiquement et semantiquement liées dans le texte, nous les appelerons, trés généralement, **collocations** (lexicales), et nous dirons que ce sont des unités lexicales solidaires. [Kocourek, 1991: 198]» (Citado em Lamas 2000: 72).

Recorrendo às palavras de Baker (1994: 57), no exercício da tradução existe sempre uma tensão, uma escolha difícil entre o que se considera típico *versus* o que é visto como rigoroso:

> Accuracy is no doubt an important aim in translation, but it is also important to bear in mind that the use of common target-language patterns which are familiar to the reader plays an important role in keeping the communication channel open. The use of established patterns of collocation also helps to distinguish between a smooth translation, one that reads like an original, and a clumsy translation which sounds 'foreign'. (Baker 1994: 57)

O TC que analisámos está pejado de características de uma tradução que não impedem a comunicação com um potencial leitor, mas suscitam algumas dúvidas no que se refere às qualidades do texto português. Neste âmbito, o respeito pela língua portuguesa é tão válido como a busca de rigor técnico na redacção de um texto de chegada.

Foquemos a atenção naquilo que nos parece uma utilização exagerada da voz passiva, construção muito frequente em textos técnicos ingleses, mas não tanto nos portugueses correspondentes; Baker (1994: 102) refere que esta construção é muito frequente em textos ingleses de discurso técnico e científico e que tem influenciado fortemente os registos equivalentes em LC por intermédio de processos de tradução literal[24]. No TC incluído no Windows 98, seria de esperar a tradução da voz passiva por substitutos legítimos, por exemplo, pelo recurso à partícula apassivante ou a voz activa conforme os casos.

Na passagem «As unidades de disco não se encontram no Ambiente de Trabalho, mas podem ser acedidas facilmente clicando duas vezes em **O meu computador.**[25]» (Comparar os Ambientes de Trabalho do Macintosh e do Windows, *Ajuda do Windows*), a voz passiva, formada com o auxiliar «ser», a partir do verbo *aceder*, verbo com complemento preposicional, é agramatical. O enunciado em português correcto proporia, por exemplo: «As unidades de disco não se encontram no Ambiente de Trabalho. Pode-se aceder facilmente às mesmas clicando duas

---

[24] Em relação à diferença entre a entrada em LC de novos termos e novas colocações e a entrada de novas construções gramaticais, convém lembrar que o primeiro caso é recorrente, essa entrada é uma constante; quanto ao segundo, a LC resiste mais à entrada de novas sequências, categorias ou estruturas. É claro que a estruturação gramatical de uma língua muda, mas a um ritmo muito mais lento do que o da evolução do léxico. A gramática de uma língua funciona como um colete de forças face ao trabalho do tradutor, força-o a seguir um rumo que pode, ou não, ir ao encontro do texto de partida, mantendo ou não proximidade em relação ao mesmo (Baker 1994: 85).

[25] O enunciado do TP é «Your disk drives are not on the desktop but are easily accessible by double--clicking **My Computer**.»

vezes em...», fazendo uso da partícula apassivante «se», frequente em português, e mantendo obviamente a preposição que o verbo «aceder» exige. Este recurso à voz passiva é uma constante nos textos de Ajuda e acentua uma construção frásica próxima de TP, tal como Baker (1994: 102) explica.

No tópico «Utilizar um rato com dois botões» (*Ajuda do Windows*) lê-se: «Se clicar num item utilizando o botão direito, é mostrado um menu contendo comandos específicos para o item.» [26] A opção pela voz passiva facilmente poderia ter sido preterida, passando a apresentar-se: «Se clicar num item utilizando o botão direito, surge um menu...». Consideramos esta solução mais de acordo com as normas da língua portuguesa, evitando-se a formulação «é mostrado», resultado de uma tradução literal.

No caso que apresentamos de seguida surge a mesma solução: o exemplo «Quando os documentos são listados no menu **Iniciar**, a extensão de nome de ficheiro não é incluída.» (Comparar os nomes de ficheiro do Macintosh e do Windows, *Ajuda do Windows*) é resultado da tradução literal do texto «When documents are listed on the **Start** menu, the file name extension is not included.». Em pormenor, pelo menos o termo *listados* pode ser substituído por um outro equivalente. Por exemplo, poder-se-ia propor um TC alternativo, talvez «Quando se apresenta a lista dos documentos no menu Iniciar...»; a oração principal também é merecedora de atenção, propondo-se «não se inclui a extensão de nome de ficheiro.»

Constata-se novamente a tradução literal do TP no extracto:

> Whenever you delete a file, it's temporarily moved to the Recycle Bin on your desktop. If you change your mind, you can restore the file. [27]

Vs.

> Sempre que elimina um ficheiro, este é temporariamente movido para a Reciclagem, no Ambiente de Trabalho. Se mudar de ideias, pode restaurar o ficheiro. (Eliminar ficheiros e pastas, *Introdução ao Windows 98*).

---

[26] O TP sugere «If you click an item by using the right button, a menu is displayed containing commands specific to the item.»

[27] O'Donnell (1994: 301) refere a necessidade de se evitar a todo o custo a utilização de contracções como *it's, don't, can't*, etc. nos textos a incluir em programas informáticos a internacionalizar, visto que podem ser a causa de mal-entendidos no momento da tradução. As regras mais exigentes da língua inglesa limitam as contracções ao discurso oral.

Não se trata aqui de questionar o emprego da passiva na oração principal – porque ela é correctamente utilizada – mas a tradução de «moved» por «movido», quando esta forma não tem o sentido do termo inglês. Enunciados como os transcritos demonstram que realmente era necessária uma maior aposta em enunciados correctos em português e não em textos desviados da norma, devido à aproximação sintáctica e lexical ao TP. Propomos a seguinte redacção para substituir o último exemplo: «Sempre que se elimina um ficheiro, ele é deslocado temporariamente para a Reciclagem».

O mesmo facto transparece no seguinte exemplo,

In Web style, any folder with HTML content is displayed as a Web page, as shown in the following illustration.

Vs.

No estilo da Web, qualquer pasta com conteúdo HTML é apresentada como uma página da Web, conforme mostrado na ilustração seguinte. (Trabalhar no estilo da Web, *Introdução ao Windows 98*)

Mais uma vez se opta por uma tradução literal de todo o enunciado, designadamente na tradução de *shown* por *mostrado*, uma solução que, definitivamente, não é a melhor solução para este contexto. Em sua substituição poder-se-ia ter usado, sem qualquer prejuízo de significado, mas com evidentes ganhos de boa linguagem, por exemplo, «conforme se vê» ou «conforme se pode ver», entre outras opções.

Também relacionado com este tipo de desvios à norma, analise-se a escolha do texto equivalente para o tópico inglês «If Windows looks or acts differently»: «Se o Windows parecer ou agir de forma diferente» (*Introdução ao Windows 98*). A escolha do verbo «parecer» - com o significado de «ter parecença; ser semelhante; (...) afigurar-se; ter certa aparência;» (Costa e Melo 1989: 1234) - à primeira vista parece-nos correcta, mas se a esse enunciado se retirar «ou agir», o tópico resulta em «Se o Windows parecer de forma diferente», o que não é gramatical. Como alternativa, os localizadores poderiam ter usado no TC «Se o Windows tiver um aspecto diferente ou actuar de forma diversa», e assim evitariam a construção pouco correcta sem se afectar a fidelidade ao sentido do TP.

Uma outra questão a abordar é colocada pelo exemplo seguinte:

> **Generally, commercial site addresses end with .com, and government site addresses end with .gov.**

Vs.

> **Geralmente, os endereços de sites comerciais terminam com .com e os endereços de sites governamentais terminam com .gov.** (O que é um endereço de Internet?, *Ajuda do Internet Explorer*)

Em português e neste contexto, é mais comum encontrar a preposição «em» como dependente do verbo «terminar» e não «com», como é sugerido, evitando-se o desagradável uso contíguo e repetido da mesma sequência fónica. Do ponto de vista da inteligibilidade do texto, é mais aceitável a solução «terminam em *.com* e os...», acrescentando-se um outro tipo de letra, por exemplo o itálico ou o negrito para destacar a terminação desses endereços, desde que a utilização do negrito e do itálico em casos semelhantes tivesse sido explicitada no início dos manuais.

Atente-se em mais algumas questões relacionadas com restrições de selecção, isto é, com o facto de o locutor seleccionar indevidamente determinadas unidades no eixo paradigmático[28]. A sequência «obter mais ideias»[29] (Como começar com o novo Ambiente de Trabalho, *Ajuda do Windows*) quebra algumas das regras de selecção lexical no sentido de não ser possível compatibilizar os traços semânticos de «obter» com os de «ideia(s)». Normalmente, este verbo ocorre em conjunto com «um produto», «um resultado», «informações», entre outros, mas não com *ideias*. Neste contexto específico, talvez seja mais aceitável optar por «para lhe dar mais ideias», seleccionando-se outros elementos lexicais que estão correctos em termos de significação no enunciado.

No exemplo que se segue podemos observar uma outra questão de interferência de LP:

> **For general information and recommendations on how computers can help you with your specific needs, you should consult a trained evaluator.**

Vs.

> **Para obter informações gerais e recomendações sobre como os computadores podem ajudar o utilizador com as respectivas necessidades específicas, deverá consultar um analista especializado neste tipo de situações...** (Outros produtos e serviços para pessoas com dificuldades, *Ajuda do Internet Explorer*)

---

[28] «Na gramática generativa chamam-se regras de selecção as que impõem à escolha dos morfemas constrangimentos dependentes da sua estrutura semântica.» (F.V.P da Fonseca 1999. «Semiótica/selecção lexical». In *Respostas anteriores, Ciberdúvidas.* In http://www.ciberduvidas.com/cgi-bin/respostas_anteriores?corpo?122?0999, acesso em Fevereiro de 2001)

[29] O TP é «After you have tried a few of these, look in Help Contents for more ideas.» e o TC equivalente é «Depois de ter experimentado algumas destas acções, consulte o Índice da Ajuda para obter mais ideias.» (Como começar com o novo Ambiente de Trabalho, *Ajuda do Windows*).

A construção inglesa «to help somebody with something» corresponde, em português, a «ajudar alguém em alguma coisa». Por conseguinte, na nossa língua o verbo «ajudar» não apresenta um complemento facultativo regido da preposição «com». Para se evitar aquela «solução», pode-se verter o enunciado para «...sobre como os computadores o podem ajudar nas suas necessidades específicas, deverá...».

No extracto seguinte, surge alguma ambiguidade da responsabilidade do localizador devido à organização sintáctica da tradução:

FrontPage Express includes templates that make it easy to create the Web page you want.

Vs.

O FrontPage Express inclui modelos que facilitam a criação da página para a Web que deseja. (O que há de novo no Internet Explorer, *Ajuda do Windows*)

Neste caso particular a ambiguidade está directamente relacionada com o facto de, em «página para a Web que deseja», não resultar logo claro se o antecedente do relativo «que» é «página» ou «a *Web*». No que diz respeito ao TP, este não apresenta essa ambiguidade, sendo clara a mensagem de que o utilizador utiliza o programa referido quando pretende criar uma página que se destina a ser publicada no ciberespaço. Um enunciado menos ambíguo seria, por exemplo, «facilitam a criação da página que deseja pôr na *Web*.» O número de palavras utilizado aumentaria – e temos consciência de que isso deve ser devidamente avaliado em programas informáticos –, mas entendemos que a clareza do texto não deve ser sacrificada.

Uma estratégia de tradução que não é muito vulgar é apresentar numa frase negativa o que o TP consagrou numa frase afirmativa. Não se trata realmente de tradução pelo oposto, que ocorre, por vezes, quando se pretende ir ao encontro de uma construção mais de acordo com LC (Fawcett 1997: 31), mas sim de uma opção do localizador que nos parece dispensável. Reconheça-se que, através de uma tradução literal, não é fácil verter para português o enunciado «Even if you're new to Windows, it's easy to get started.» (do tópico «If you're new to Windows»); no entanto, convém notar que o equivalente encontrado, «Mesmo se não conhecer o Windows, verá que é muito fácil de utilizar.» (Se não conhecer o Windows, *Introdução ao Windows 98*), é

pouco adequado, uma vez que os referentes em causa são de natureza diversa e as conotações da proposta do TC são diferentes das que emanam do TP. Poder-se-ia ter optado por um enunciado próximo de TP, por exemplo, «Mesmo que o Windows seja novidade para si, verá que...» Assim, a fidelidade ao TP aumentaria e o enunciado proposto seria igualmente eficaz em português.

Adiantamos alguns exemplos de discordância em número e género entre o nome e o adjectivo, incorrecção que seria fácil de ultrapassar, admitindo que se trata de meras gralhas ou desatenção. Em *technical problems* vs. «problemas técnico» e em *critical information* vs. «informação fundamentais» verifica-se esse tipo de anomalia. (Utilizar as resoluções de problemas do Windows 98, *Ajuda do Windows*). No entanto, neste segundo caso há que salientar que o termo *information* em inglês só existe no singular, enquanto em português é predominante o uso do plural, i.é., *informações*. Não sabemos até que ponto o lapso registado não terá sido originado pelo desencontro entre o português e o inglês.

No enunciado que se segue regista-se uma sequência de anomalias difíceis de aceitar:

> You can override any or all of these settings, which is useful if you have limited or low vision.

Vs.

> Pode substituir uma ou todas definições; o que é útil, se tiver uma capacidade de visão limitado ou fraco. (Controlar o modo como os tipos de letra e as cores de fundo são mostrados, *Ajuda do Internet Explorer*).

Além da falta de concordância em género entre «capacidade de visão» e os adjectivos que se lhe seguem, há a registar o erro de pontuação depois de «definições» (se aqui os localizadores tivessem seguido o original, teriam evitado este erro) e a falta do artigo definido «as» entre «todas» e «definições». Refira-se igualmente que a vírgula anteposta à oração condicional é dispensável, como já foi salientado em secção anterior.

Em bom português, quando um adjectivo é posposto a dois nomes de géneros diferentes, toma a forma do género masculino. Não é isso que acontece na versão portuguesa do seguinte extracto:

> The History bar appears, containing links for Web sites and pages visited in previous days and weeks.

Vs.

> É apresentada uma lista de pastas contendo hiperligações para Web sites visitados nos dias e nas semanas passadas. (Revisitar páginas da Web recentemente visualizadas, *Ajuda do Internet Explorer*),

onde o adjectivo («passadas») deveria estar no masculino do plural, uma vez que modifica os nomes «dias» e «semanas». Há ainda a registar que a construção por que os localizadores optaram, «É apresentada uma lista», poderia ser substituída por «Apresenta-se/Aparece uma lista...».

É claro que o que acaba de se registar a propósito da concordância em género e número entre as classes morfológicas referidas é algo que qualquer localizador minimamente preparado domina. Por isso, essas incorrecções devem ser produto da ferramenta informática utilizada na localização do Windows 98 para português, a Trados Workbench, que se limitou a transferir para a nova versão o que já estaria ao que parece talvez errado no Windows 95[30] (propostas validadas pelo localizador). Estes lapsos, de certo modo, contrariam a opinião de Esselink (1998: 77) que defende a perfeita adequação das memórias de tradução em projectos de localização de ficheiros de Ajuda.

3.2.3 Repetição de palavras em grande proximidade

Nesta secção iremos fazer referência a alguns elementos redundantes no TC em análise, visto que ocorre repetição de termos em grande proximidade nos enunciados a referir, uma prática geralmente de evitar em português. Esta constatação advém do facto de, em projectos de localização com grandes volumes de texto, se recorrer a memórias de tradução para mais rapidamente localizar textos em que a percentagem de repetições viabilize esse uso. Todos os enunciados que são repetidos neste TP, em relação ao Windows 95, já anteriormente traduzidos, fazem parte de uma base de dados e são substituídos pelos equivalentes que constam dessa base. São reutilizados na redacção de um outro texto, e poupa-se tempo e dinheiro. No entanto, não se poderá deixar de proceder à avaliação da qualidade do texto previamente traduzido e que vai ser reutilizado. Se porventura existirem problemas de tradução na base de dados, fonte da memória

[30] Segundo informação pessoal de Lessing, ficámos ao corrente do facto de esta ferramenta múltipla de tradução ter sido de facto utilizada nesse projecto.

de tradução, há grande probabilidade de esses serem agravados ou, pelo menos, repetidos. Essa possibilidade materializa-se se os localizadores deixarem de exercer a sua função com cuidado, se passarem a efectuar as suas escolhas com base apenas no que a «memória» propõe. Deve-se evitar que os localizadores passem a ser vulgares utilizadores de ferramentas informáticas, mais ou menos complexas, tal como refere Joscelyne (2000: 93) relativamente à forma como a tradução é encarada na OCDE[31].

Vejamos até que ponto a tecnologia pode ser útil e se essa utilidade se reflecte na melhoria da redacção do TC do Windows 98:

> **Type the address for the channel, or click Browse to search for it.**

Vs.

> Escreva o **endereço do canal ou faça clique sobre Procurar** para o procurar (Mostrar um canal no Ambiente de Trabalho, *Ajuda do Windows*).

A questão que se coloca é se realmente o enunciado «clique sobre Procurar para o procurar» deve ser aceite em português. Julgamos tratar-se de uma repetição, visto que o complemento circunstancial de fim («para o procurar») não denota nada de novo em relação ao facto expresso por «**Procurar**», nem lhe intensifica o sentido. Em termos linguísticos, *Browse*[32] e *search* diferenciam-se um do outro não apenas na forma, mas também no significado - apesar de o *Collins English Dictionary* sugerir um significado comum aos dois, mas que não é aplicável ao contexto supra: *to look through*. O primeiro termo designa principalmente o acto de «fazer correr» ou «percorrer» determinados itens, para além de, neste caso particular, se referir à legenda de um dos botões da interface do programa de navegação na Internet. O segundo refere-se essencialmente à intenção de se efectuar uma pesquisa para se encontrar uma resposta. Dado que

---

[31] Segundo a autora, «...they see their staff as translation professionals, and not a mix of secretarial worker, data-input operator, and language professional, they are concerned with optimizing the conditions under which the quality translation is produced, not minimizing the staff or unnecessarily overloading translators with non-core tasks. [...] it is more productive for translators exclusively to translate, and have transcribers produce the numerous tables and graphs that appear in a report. OECD translators are not paid to master a graphics package, but they are encouraged to be flexible in their use of tools - using a PC or resorting to dictation where appropriate.» (Joscelyne 2000: 93)

[32] Para se verificar de certa forma a complexidade do verbo *browse* no contexto da informática, recorremos à seguinte definição: «To scan a database, a list of files, or the Internet, either for a particular item or for anything that seems to be of interest. Generally, browsing implies observing, rather than changing, information. In unauthorized computer hacking, browsing is a (presumably) nondestructive means of finding out about an unknown computer after illegally gaining entry.» (*Microsoft Bookshelf 98*)

os dois termos de TP convergem em apenas um neste TC, «procurar», a parte final do enunciado deveria, na nossa opinião, ser reformulada para se evitar a repetição deselegante. Para a contrariar ou se omite «para o procurar» ou se propõe «...ou faça clique sobre **Procurar** para o localizar.»

Um caso semelhante ao supramencionado:

the AutoComplete feature can complete the address for you.

Vs.

a função de conclusão automática pode completar o endereço automaticamente (Utilizar o comando Executar para abrir uma página da Web, *Ajuda do Windows*) [33]

No presente enunciado, os tradutores quiseram «ajudar» ainda mais o utilizador português. No entanto, acabaram por construir um enunciado formalmente pouco conseguido. Neste contexto, a utilização do advérbio de modo, *automaticamente*, é fonte de repetição. Se a função referida permite uma «conclusão automática», o utilizador português sabe de antemão que essa conclusão se efectua dessa forma, à medida que vai escrevendo o endereço. Além disso, esse problema não se verifica em TP, pelo que só se pode atribuir a forma publicada à vontade que os localizadores tiveram de tornar as coisas ainda mais claras e de tentar uma equivalência para «can complete... for you»..

No exemplo seguinte é ainda mais nítido o abuso da repetição de uma mesma ideia, dada a pouca probabilidade de acontecer o contrário do sugerido. Vejamos o exemplo:

the content provider can suggest a schedule for your subscription, or you can customize your own.

Vs.

o fornecedor de conteúdo pode sugerir uma data para a sua subscrição ou pode personalizar a sua pessoalmente. (O que é um canal?, *Ajuda do Windows*)

Neste enunciado, a frase «pode personalizar a sua pessoalmente» é pleonástica dado que, quando se utiliza o termo *personalizar*, tem-se em vista uma coisa que pode ser alvo de individualização, i.é, podem seleccionar-se determinadas características específicas de acordo com opções individuais. Neste caso concreto, pensamos tratar-se de personalizar a regularidade da recepção de conteúdos no computador recorrendo à assinatura de um canal. É claro que essa «personalização» pode ser

[33] Na versão brasileira do Windows 98 esta função é designada *Autocompletar*.

feita por outrem, como o fornecedor de conteúdos dos canais, mas essa individualização também pode ser efectuada pelo utilizador. Assim, a nossa proposta vai no sentido de uma solução como: «o fornecedor de conteúdo pode sugerir-lhe um agendamento[34] para a assinatura, ou o utilizador procede à sua personalização.»

No caso seguinte verificaremos como uma tradução literal de um enunciado dá lugar a um texto pleonástico em português:

For information about how to play the game,

Vs.

Para obter informações sobre como jogar o jogo... (Para iniciar um jogo do Windows, *Ajuda do Windows*)

Em inglês a expressão utilizada, *how to play the game*, representa uma colocação consagrada e corrente, mas traduzi-la literalmente dá lugar a um enunciado que levanta reservas em língua portuguesa. Com toda a certeza que o TC não perderia valor semântico se propusesse apenas «como jogar», uma vez que o contexto clarifica o sentido unívoco do verbo, tal como a designação do tópico; portanto, não vemos necessidade dessa repetição.

3.3 Manutenção de texto em inglês e questões terminológicas

Venuti (1998: 59) afirma que o estatuto da tradução é particularmente cinzento nos maiores países de expressão inglesa: EUA e Reino Unido. O autor justifica este juízo pela hegemonia da língua inglesa a nível mundial e a consequente dependência dos países referidos em relação a esse domínio, denunciando uma troca cultural desigual que envolve a exploração da imprensa estrangeira e dos meios electrónicos e a exclusão das demais culturas bem como a criação de estereótipos acerca das mesmas. Ao mesmo tempo, a globalização do inglês e a emergência de um mercado mundial para produtos em língua inglesa asseguram que as traduções para outras línguas não só comuniquem os valores britânicos e norte-americanos, mas, ainda, que submetam as outras culturas a uma diferenciação local, assimilando a heterogeneidade (*idem*: 159).

---

[34] Surge por diversas vezes um outro termo nos manuais de Ajuda em português: *agendagem*. Termo que se aproxima, como em outros exemplos focados, da norma brasileira.

Esta posição reflecte-se igualmente nas ideias defendidas por Siguan (1996: pp. 171-191) relativamente à língua inglesa como língua de comunicação internacional, defendendo que uma língua natural nunca pode atingir um estádio de neutralidade absoluta, já que, associados a essa língua, surgem sempre aspectos socioculturais que tendem a passar para outras culturas. Sugere ainda que o inglês como língua internacional cria clivagens entre os falantes nativos e estrangeiros e posições de superioridade e de inferioridade, assentes no grau de eficácia no uso dessa língua.

Uma das consequências da disseminação de uma língua de comunicação internacional é a exportação constante de novos elementos lexicais, como constata Franco (1997: 7), em relação à absorção de materiais lexicais pela língua portuguesa:

> **Portugal sempre foi um país muito propenso, aberto à aceitação e absorção de elementos de outras culturas, de materiais lexicais e modismos. Foi assim no passado; e, mais recentemente, esta tendência é alimentada pelo facto de o país se assumir como um país de economia aberta.**(...) (Franco 1997: 7)

Este último dado relativo à economia aberta que caracteriza o momento que Portugal atravessa conduz precisamente a uma contínua importação de produtos e conceitos originários de outros países, bem como dos novos termos que designam esses produtos e que vão entrando na língua portuguesa (cf. Vilela 1994: 20).

No início, o lançamento e a importação desses novos termos acarretam dificuldades à comunicação tanto intralinguística como interlinguística, conforme salienta Rey (1995:7):

> **...the place of borrowing, the place of the so-called 'international words,' the proper formation of complex units of designation, and finally the acclimatisation of a new or imported conceptual field raise serious cognitive and sociolinguistic issues.** (Rey 1995:7)

Esta é uma questão a debater relativamente à língua portuguesa perante a força das terminologias inglesas num contexto internacional, nomeadamente na área da informática, face à fragilidade que o português revela à invasão de termos estrangeiros, adoptando mais facilmente termos emprestados do que procedendo à sua tradução. Esta prática traduz-se na dificuldade cada vez mais agravada do falante comum em compreender os novos elementos lexicais e estrangeiros. No entanto, há que reconhecer que contrariar esta tendência se torna muito difícil, visto que a língua

inglesa é considerada língua dominante e se alicerça num poder económico e político bastante sólido e estável (Cabré 1999: 215).

Sublinhe-se que, conforme Gile (1995: 139) refere, muitas empresas têm a sua própria gíria e algumas delas preparam listas de termos e respectivas traduções em várias línguas que os localizadores têm que ter em conta quando procedem a actos de localização, por exemplo de produtos da Microsoft. Ao obedecerem a tais listas (Uren *et alii* 1993: 159) são frequentemente obrigados a utilizar os termos estrangeiros em vez de os traduzirem para a sua língua. Na opinião de Gile (1995: 139), a razão que se esconde por detrás dessa atitude

> **[...] is that developments in data processing are so fast that translation work cannot keep up with them. Users of products tend to read documents in English and get used to the English terms; when they encounter translations into French, German, Spanish, etc, they find it difficult to identify the referents.**
> **In fact, this criterion applies to *suitability* rather than to reliability per se, as information contained in such a source is not *incorrect* in an absolute sense. (Gile 1995: 139)**

O que este autor não deixa claro é se realmente esses termos em TC ou se os próprios textos redigidos em inglês cumprem a sua função[35], i.é se esclarecem e informam o leitor tão completamente quanto possível, quando dirigidos a uma comunidade linguística e culturalmente diversa, como acontece com a portuguesa. Igualmente se poderá questionar que utilizadores estão habituados aos termos estrangeiros. Esta é a nossa dúvida. Poderão ser utilizadores especializados nas áreas das TI, e para esses não haverá problemas, mas todos os outros que nada entendem de inglês e que têm dificuldade em entender termos especializados na sua própria língua sentirão ainda maior dificuldade quando se deparam com termos e/ou textos em inglês.

No TC aqui abordado há documentos em que se nota a ausência total de tradução, nomeadamente no que se refere ao «contrato de licença»[36] estabelecido entre o utilizador do *software* e a Microsoft, em que se dão a conhecer as condições de uso do sistema operativo e de outras aplicações. Toda essa documentação está escrita em língua inglesa; logo, o utilizador

---

[35] A função de um texto equivalente: «entendu au sens d'application ou d'utilisation d'un texte dans le cadre d'une situation. Deux texts sont donc dits équivalents si leurs fonctions sont équivalents.» (Larose 1992: 210).

[36] A documentação a que nos estamos a referir intitula-se «Questions and answers about the End User License Agreement», disponível após o clique no tópico «Perguntas e respostas sobre a Licença do Utilizador» (*Ajuda do Windows*). Inclui o acesso a 23 questões e respectivas respostas, sempre em língua inglesa.

português nem sequer fica a conhecer essas condições a que está obrigado aquando da utilização do *software*. Não conseguimos entender essa estratégia, se é que existe uma estratégia da área da localização de *software* que justifique que informação tão importante permaneça numa língua que o utilizador não domina. Todo esse texto é relevante, refere aspectos legais e ilegais relacionados com a utilização, compra e venda desse *software*. Por conseguinte, deveria ser do conhecimento do utilizador na totalidade, tal como se devem conhecer as regras de um jogo antes de o começar a jogar. Em Portugal esta ausência de tradução não se verifica por falta de tradutores, pois há muitos habilitados a traduzir textos de índole jurídica.

Destaca-se igualmente um outro ficheiro, incluído na pasta *Ajuda* e denominado *License.txt*, que nos apresenta o «Contrato de licença do utilizador final para sistemas operativos Microsoft para computadores pessoais», traduzido e adaptado a partir do ficheiro inglês correspondente (*End User License Agreement* for Microsoft Windows 98). Note-se, no entanto, o conteúdo textual deste ficheiro é diverso do texto inglês que contém resposta às 23 questões de índole legal. Para além disso, o documento acessível em *License.txt* dá-nos uma informação que exclui de qualquer consideração o utilizador português: «Este contrato é regido pelas leis da República Federativa do Brasil.»

Em relação à tradução de contratos, Esselink (1998: 106) defende que a tradução pura e simples de um texto de carácter jurídico geralmente não é suficiente, pode ser inclusive a causa de problemas tanto para o localizador como para o cliente. Embora o autor não nos esclareça por que razão *simply translating* não basta, supomos que ele se refere à conveniência de tais textos serem objecto de adaptação às leis locais. O que implica a colaboração de um especialista em Direito e do localizador. Só assim se pode dar bom cumprimento à recomendação de Uren *et alii* (1993: pp. 83-84) segundo a qual toda a documentação de natureza legal incluída num programa informático deve ser traduzida para LC, nomeadamente no que respeita a contratos e direitos de

autor. Pelos dois exemplos acabados de mencionar, no Windows 98, versão portuguesa, deparamos com as duas atitudes opostas: há textos contratuais que são traduzidos e outros não[37].

3.3.1 A importância da terminologia

Antes de passarmos à análise de alguns exemplos retirados do Windows 98, é importante referir algumas das linhas mestras que subjazem à criação de nova terminologia nos mais variados domínios do conhecimento técnico-científico. A terminologia advém da necessidade que os cientistas e técnicos sentem em comunicar, a qual decorre do aparecimento constante de novos conceitos, pelo que se torna imprescindível designá-los de forma clara e unívoca. São intervenientes no transporte de novas terminologias os linguistas profissionais como os tradutores, os redactores de texto técnico e os intérpretes que precisam de ter acesso a designações uniformizadas para levar a cabo a sua tarefa de facilitadores da comunicação. Daí que seja de toda a importância o acesso a glossários e dicionários especializados[38] para que esses linguistas exerçam a sua função: mediar a comunicação, a escrita técnica ou a tradução de um texto técnico (Cabré 1999:12).

Todas as actividades existentes em sociedade acabam por ter necessidade de expressão linguística, havendo, portanto, necessidade de regular o uso de termos, de forma a mitigar as confusões e mal-entendidos, assim melhorando e facilitando a comunicação. O falante que se inicia numa nova actividade ou num novo domínio de conhecimentos, tem de adquirir um conjunto de designações e termos que lhe permitam comunicar com os colegas de profissão sobre determinadas conceitos ou objectos. Estas linhas gerais aplicam-se a todas as sociedades, mas são mais acentuadas nas sociedades mais complexas que constituem o mundo desenvolvido.

---

[37] Por exemplo, o Dec-Lei 238/86, de 19 de Agosto, e o Dec-Lei 42/88, de 6 de Fevereiro, determinam que: «As informações sobre natureza, características e garantia de bens em serviços oferecidos ao público no mercado nacional devem ser prestados em língua portuguesa.»

[38] Gile (1995: 94) considera que os principais problemas práticos da tradução de textos técnicos e científicos se centram na terminologia: os glossários e dicionários nunca são suficientemente abrangentes, nunca se pode confiar totalmente neles, raramente são precisos de forma a oferecer a um tradutor não especializado a solução definitiva para os seus problemas, principalmente quando se depara com termos que não entende. Refira-se aqui a opinião de Carter (1991: 57) que sublinha o facto de um localizador ter de conhecer a fundo o programa informático a localizar.

Surgem em relação ao uso da língua nas divisões do trabalho, na formalização do conhecimento, na multiplicação de hipóteses coerentes e, geralmente, em relação às dificuldades desencadeadas pela subdivisão do saber e áreas de várias competências (Rey 1995: 97). As próprias taxinomias populares não escapam a estas regras. Por conseguinte, os tradutores têm que ter acesso aos correspondentes terminológicos para cada área disciplinar, e poderão mesmo ter de lançar novos termos, da sua própria responsabilidade, quando na língua de origem os conceitos em causa não tenham ainda nomes designativos.

Hoje assiste-se a uma multiplicação constante de objectos criados pelo Homem, resultado da evolução tecnológica. As necessidades terminológicas são imensas, primeiro devido à forte evolução pragmática e económica (mais indiferente a questões de homogeneidade ou de coerência) e, em segundo lugar, devido aos contactos das linguagens da especialidade com a linguagem comum (Rey 1995: pp. 103-104).

De acordo com Gambier (1994: 257), os objectivos primordiais da terminologia prendem-se principalmente com o propósito de melhorar a comunicação entre membros de uma dada comunidade linguística. É dirigida por linguistas, centra-se no público alvo[39] e sofre dos condicionamentos de uma determinada ideologia. É, ao mesmo tempo, um testemunho da modernidade e um veículo dessa mesma modernidade, uma vez que permite o acesso a novas tecnologias e a novas designações de realidades contemporâneas.

A orientação da formação de nova terminologia pode ser de três tipos: adaptada ao sistema linguístico, uma vez considerada como meio de expressão ou de comunicação; centrada no acto de tradução; ou orientada para a planificação da língua (Cabré 1999: pp. 12-14). A terminologia está igualmente assente em aspectos sociais: o conhecimento é gerado nas

[39] A terminologia a criar e disseminar terá sempre de ir ao encontro das necessidades dos seus utilizadores, i.é, adaptar-se a eles, o que por vezes não é feito (Budin 1999: 2). Para que essa terminologia venha a ser criada, sem dúvida que precisa da ajuda da «engenharia linguística» para se poder trabalhar, organizar, facilitar o acesso e armazenar toda a informação terminológica, de forma a construir um ambiente de trabalho em que se possa aceder à terminologia adequada de forma eficiente e apropriada aos avanços nas tecnologias da comunicação (Cabré 1996: pp. 29-30).

sociedades para ser comunicado, é produzido por especialistas que, por vezes, são também os criadores dos conceitos. Sem dúvida que a actividade científica pressupõe a possibilidade do discurso para transmitir saber. Por outro lado, a prática tecnológica, no preciso momento da sua concretização, não pressupõe a língua como imprescindível, mas quando precisa de se constituir e de se modificar a si própria, de ser partilhada e transmitida, é claro que a língua é necessária, tal como em qualquer outra actividade social (Rey 1995: 131). Neste aspecto, concordamos com Cabré (1999: 9) quando afirma que a terminologia está ao serviço da ciência, da tecnologia e da comunicação.

Para regular o uso de termos e designações, há várias instituições que se ocupam da uniformização da terminologia: as organizações técnico-científicas, as políticas impostas por governos, a Organização Internacional de Normalização (ISO), as bases de dados terminológicos. Exemplos são a Eurodicautom na União Europeia e a Infoterm na UNESCO (Rey 1995: pp. 159-166). Em Portugal, em princípio esse papel cabe ao IPQ (Instituto Português da Qualidade[40]), que, segundo Vilela (1995 a): 41), assume o papel de «instituto de normalização geral» e não tem funcionado devidamente. Tal como acontece em relação à regulamentação da linguagem comum em que a Academia das Ciências não tem primado por uma actuação célere ou por uma resposta pronta às necessidades linguísticas da modernidade.

O objectivo final da terminologia multilingue ou monolingue de um domínio do saber é que ela seja precisa, adequada e que reflicta a linguagem da especialidade quando utilizada por especialistas da área. A informação terminológica tem de ser fiável, de forma a que os utilizadores não sintam necessidade de confirmar os termos (Pozzi: 1996: 80). É, assim, necessário incrementar a tradução das terminologias das línguas da especialidade uma vez que estas só se desenvolvem dinâmica e sistematicamente se a língua demonstrar uma capacidade funcional

[40] Acessível em http://www.ipq.pt/index1.htm.

(Arntz 1996: 123). Além disso, essa tradução seria uma forma de comprovar a elasticidade de LC e a própria criatividade dos terminólogos e tradutores.

Didaoui (1995: 4) partilha da ideia de que a terminologia é o vector principal na transferência de conhecimento e é vital para que essa transferência se concretize; quando os termos são bem definidos, a comunicação estabelece-se de forma adequada (cf. Irazabal e Schwarz 1993: 301). Também salienta a atribuição do papel de inovador ao tradutor, considerando que este é o primeiro a contactar com os neologismos[41] e, como os tradutores são os maiores criadores de terminologia no contexto multilingue da ONU, quando um novo termo é criado, geralmente em inglês, os termos correspondentes nas outras línguas são prontamente cunhados e transferidos. Didaoui salienta que os profissionais mais bem apetrechados para cumprir cabalmente esta função são efectivamente os tradutores no contexto da ONU, uma vez que os peritos e técnicos das múltiplas áreas não têm a mesma capacidade linguística dos tradutores, que asseguram o paralelismo linguístico. No seio da ONU, os tradutores são responsáveis pela nova terminologia destinada às línguas árabe, chinesa, francesa e espanhola (Didaoui 1995: 5).

Budin (1999: 1) refere que, em teoria, a terminologia de tipo descritivo é seguida pelos tradutores de diferentes formas nas várias línguas, que assumem cada vez mais o papel de inovadores da sua língua, principalmente ao cunharem novos termos. No entanto, há diferenças ao nível da consciência linguística das várias comunidades: a alemã e a inglesa são completamente diversas da francesa, país em que a nova terminologia cunhada pela Académie de la Langue Française é aceite mais facilmente. Parece que a aceitação mais fácil de novos termos acontece

[41] O neologismo é considerado uma área dos empréstimos e de outras formas, não motivadas para a maioria dos falantes, imprevisíveis e estranhas à gramática de LC; ou uma área morfológica, a qual, pela sua estrutura semântica, reflecte uma estrutura sintáctica mais profunda. Os neologismos podem ser de vários tipos: a) formais, em que se recorre a processos regulares, como a afixação e a composição, para criar os novos termos; a silabação das vogais em siglas: CIA, SIDA, ECU, a criação de acrónimos; e as palavras onomatopaicas (Rey 1995: 66). Ainda relativamente aos neologismos, estes são apenas perspectivados a nível sincrónico e, para se considerar se se está perante um neologismo, terá de se ter em conta alguns factores determinantes: a novidade funcional e informação cronológica que pressupõem uma definição de um domínio pragmático e sociológico; a impressão de se estar perante uma palavra nova, mas esta impressão tem de ser compartilhada pela maioria dos falantes, uma vez que só o uso colectivo pode decidir sobre o que é um neologismo e justificar o seu uso (Rey 1995: 71).

nos países onde há uma instituição com o papel de aceitar disseminar a nova terminologia. No caso português, reina uma atitude mais liberal, até porque as instituições que supostamente cunham novos termos entrados na nossa língua não funcionam em consonância com as necessidades de uma sociedade em constante evolução e mutação, como já mencionámos. No que diz respeito à terminologia respeitante às Instituições da União Europeia, é de referir o papel do GITP (Grupo Interinstitucional de Terminologia Portuguesa)[42], criado em 1998, que tem por missão a uniformização de terminologia portuguesa entre os profissionais que trabalham nessas instituições.

Na área terminológica, os tradutores e linguistas relacionados com projectos de tradução inovadores e de áreas técnico-científicas em pleno desenvolvimento terão de exercer o seu papel de inovadores, criando novos termos para novos conceitos de acordo com as necessidades da área e também de acordo com os princípios de formação de termos da nossa língua, não olvidando alguns princípios gerais que se aplicam à formação de termos científicos a nível internacional. Não deve esquecer-se que este trabalho de uniformização num domínio terminológico tem de ter a participação obrigatória de técnicos e especialistas da área técnico--científica para que sejam adequadas ao conceito a representar. Os localizadores de *software* não podem usar a neologia ou equivalentes variáveis como faz o tradutor de texto literário. Traduzir um termo cujo equivalente não exista ou não seja aceite em LC levanta problemas que *a priori* não têm solução. No entanto, deve ser sempre possível fornecer uma solução uniformizada ao tradutor, e essa é a tarefa da terminologia (Rey 1995: 101).

As dificuldades inerentes à definição de regras de formação de nova terminologia prendem-se igualmente com o vasto número de técnicos e engenheiros que são autores do discurso dos vários domínios e que, por sua vez, têm muito mais peso nessa definição do que um

[42] Grupo Interinstitucional de Terminologia Portuguesa, acessível em http://europa.eu.int/comm/translation/bulletins/folha/gitp/gitp.htm (acesso em Fevereiro de 2001.

conjunto muito limitado de terminológos ou puristas, especialmente quando estes últimos não têm qualquer meio à sua disposição para uma intervenção linguística oportuna (Rey 1995: 111).

Para atingir os propósitos de um texto, o tradutor tem de pesquisar de modo a inteirar-se dos pormenores do mesmo, perceber o seu propósito comunicativo e tomar em linha de conta as circunstâncias culturais às quais um texto de chegada se vai adequar. Assim, deve conhecer profundamente a cultura da língua para que está a traduzir para prever o impacto que esse texto irá causar nessa cultura. O objectivo do tradutor é, basicamente, estabelecer a comunicação entre parceiros, com um propósito específico (Vermeer 1994: pp. 14-15). É criar um texto que comunica algo de novo e original, mais do que fornecer ao leitor a informação contida no texto de partida de forma recodificada (cf. Catford 1974: pp. 1; 20).

Para que o localizador possa cumprir essa função de originador de um texto novo que comunique com um público novo de forma adequada, terá, em primeiro lugar de ser capaz de lidar com os problemas postos pela terminologia que abunda nos campos técnico-científicos em que trabalha. No que diz respeito à terminologia específica do domínio da informática, não podemos deixar de referir que a Microsoft tem contribuído para a criação de novos conceitos para os quais são formados novos termos na língua inglesa e que, posteriormente, são disseminados pelas diversas línguas e culturas em que a informática ocupa um lugar de destaque. Os sistemas operativos e as aplicações introduziram conceitos novos no domínio da informática que foram veiculados por um amplo conjunto de novos termos e unidades terminológicas deste domínio, nomeadamente, *interface gráfica*, *janelas*, *ícones*, *aplicações*, *processador de texto*, *editor de imagem*, *menu*, *barra de ferramentas*.

Os conceitos e estruturas de conhecimento suficientemente disseminados equivalem-se em todas culturas. Por exemplo, aceita-se que a tradução seja possível nas ciências naturais e no domínio da tecnologia porque coexistem desenvolvimentos intelectuais semelhantes em diferentes comunidades linguísticas e estruturas conceptuais comuns devido à transferência de uma cultura para outra dos conceitos e das estruturas organizadas de conhecimento. Assim,

quando emergem novos conceitos a tradução intervém com um duplo papel: lançar esses novos conceitos e termos em LC, ao mesmo tempo, tornar-se veículo de divulgação desses conceitos na cultura alvo (Sager 1993: 130).

Melby (1992: pp. 158-159) menciona a importância capital da organização e gestão da terminologia quando se lida com textos de carácter específico como o que temos em mãos:

> Terminology management is extraordinarily important to translation of special-language texts containing many technical terms. Terminology is standardized at multiple levels. Some terms are coined by individuals working in the forefront of a branch of technology as they describe a newly invented concept. These terms may work their way 'up' to larger groups of users, until they are adopted as an international standard term defining that concept. Others are imposed by a larger group and filter 'downward' to the increasingly smaller groups in individual organizations.

Estas afirmações não nos surpreendem, dada a especificidade de termos que são criados diariamente e que derivam de conceitos fixados ao mesmo ritmo. Tais termos têm destinos diversos, visto que alguns ficam entregues a grupos restritos e outros seguem para grupos alargados de utilizadores. Em qualquer dos casos, só há vantagens na uniformização que se processa a vários níveis. Em campos específicos, como o da Informática, é necessária a criação de novos termos de forma a ir ao encontro dos novos conceitos que vão surgindo; daí a importância que a gestão inteligente da terminologia assume neste contexto, como sugere Kiraly (2000:12).

A terminologia centra-se primordialmente no processo de criação de designações e tem de incluir uma discussão acerca da sua significação e da língua em causa (Rey 1995: 11). O objecto de estudo da terminologia como disciplina é o conjunto de estruturas de nomes que denotam um conjunto de objectos (referentes únicos) associados e classificados pelos critérios expressos pela definição. Não é de modo algum possível criar uma terminologia global para todos os países porque, para se formarem novos termos no mundo ocidental, por exemplo, se utilizam primordialmente radicais greco-latinos que nada têm de comum com as línguas japonesa, chinesa ou árabe (Rey 1995: 59-60).

Cabré (1996: 22) salienta que um termo é uma unidade descrita por um conjunto semelhante de traços linguísticos, que é utilizada num domínio específico. O objectivo essencial

do termo é corresponder a um conceito que pertence a uma área conceptual. É dever da terminologia propor um caminho a seguir para a criação de termos que se situe entre o que é considerado genuíno em LC e a terminologia internacional (*idem*: 27). Talvez seja relevante questionar aqui a opção pela terminologia dita internacional dentro da área da informática, uma vez que a sua formação ilustra características da língua inglesa (Quirk e Stein 1990: 93-95), e a sua inserção em LC levanta algumas questões sociolinguísticas. A acreditar nas palavras de Cabré (1996: 30), uma língua sem terminologia própria não se pode considerar uma língua de cultura; por isso, nos países em que decorre uma planificação conducente à uniformização dessa mesma língua tomam-se em linha de conta os aspectos relevantes das linguagens de especialidade e, dentro destas, as terminologias respectivas. Esta planificação tem estado ausente em Portugal no que se refere à terminologia da informática.

No que diz respeito às relações entre as diferentes línguas, não se pode considerar que exista uma língua isolada das demais, dadas as múltiplas intersecções entre as línguas. Tal hipótese de isolamento ainda é mais inviável num contexto linguístico como o europeu (Siguan 1996: 74), principalmente devido à proximidade entre as várias línguas, ao seu contacto directo diário devido aos avanços tecnológicos que emanam das sociedades complexas. Devido ao franco desenvolvimento e passo acelerado por que a ciência e a técnica estão a enveredar, não surpreende que a nossa língua, tal como muitas outras, esteja constantemente a absorver novos conceitos. Esses surgem associados a novos termos que são transferidos para a língua importadora até que surja, por exemplo, e no nosso caso particular, uma naturalização, uma assimilação baseada em adaptações fonéticas ou morfológicas dos termos estrangeiros. Cabré (1999: 212) defende o meio termo entre traduzir os termos estrangeiros na sua globalidade ou deixar que eles se mantenham na sua forma original, uma vez que estes extremos são ambos nocivos para a LC. O primeiro, porque pode provocar isolamento linguístico e o segundo,

porque, mesmo quando o uso de estruturas transferidas mecanicamente já está enraizado, tal prática pode conduzir à exclusão de LC em contextos específicos[43].

Devido ao sucesso revelado pelo Windows 98 e pelo número de computadores que são vendidos em Portugal, sentimo-nos tentados a afirmar que os leitores do TC incluído neste programa abrangem toda a comunidade linguística portuguesa que, em maior ou menor grau, utilize o Windows 98, algo de que o localizador deve ter uma noção clara, dado que tem de orientar o TC para esse público alvo cujas capacidades de compreensão são visadas (Nord 1997: 111), não excluindo o especialista em informática. É também a esse leitor/utilizador comum que se destinam os textos dos manuais de Ajuda do sistema operativo e do Internet Explorer, entre outros.

Em alguns textos pudemos constatar que, dada a terminologia da especialidade utilizada, a compreensão não é universal por parte desse público heterogéneo. Apesar de existirem algumas excepções, a terminologia presente nos textos não se pode incluir globalmente na linguagem comum, uma vez que contém uma profusão de termos específicos e complexos, difíceis de dominar pelo utilizador comum, ainda que a sua compreensão seja facilitada pelas hiperligações directas ao glossário que esclarece a maioria de tais termos e pelos manuais de Ajuda que também contribuem para esse esclarecimento.

Para verificar se alguns dos princípios já apontados se adaptam aos textos do Windows 98, versão portuguesa, tentaremos propor pistas para a criação, no processo de localização, de um TC mais inteligível. Faremos sugestões para a produção de um texto que flua naturalmente e seja passível de uma compreensão eficaz e alargada a um público português heterogéneo.

A Microsoft é uma das empresas envolvidas na edição de *software* multilingue que mais respeito revela pelas convenções linguísticas e culturais dos países onde vende os seus produtos. Esta empresa demonstra preocupação e previne-se contra problemas que possam advir da não

---

[43] Veja-se a língua portuguesa e a terminologia que se mantém em língua inglesa relativamente às telecomunicações ou às operações bancárias/bolsistas ou mesmo à quantidade de termos pertencentes aos textos do sistema operativo do Windows 98.

localização dos seus produtos[44] ou de uma localização pouco conseguida. A título exemplificativo da preocupação global e, simultaneamente, local desta editora de *software*: o sistema operativo Windows 2000 foi localizado para 126 *locais*. Esta é uma demonstração clara de uma estratégia global que pretende ir ao encontro do que os utilizadores[45], dos mais diversos lugares, esperam de um programa informático, ou seja, uma interacção com o produto formalizado na língua do utilizador e não na *Língua Internacional Auxiliar* (LIA)[46].

Não podemos deixar de elogiar o longo caminho já percorrido desde que se aceitou com naturalidade a imposição do Windows 3.1, versão inglesa, que acabou por ser pouco compreendido devido à barreira linguística entre o utilizador e a língua da interface, até à localização integral dos sistemas Windows 9x. No entanto, não se deve esquecer que, em termos globais, a localização dos sistemas operativos e aplicações da Microsoft contribuiu para o sucesso dos mesmos e da própria Microsoft a nível internacional (Brooks 2000: 43). Por um lado satisfaz--se o potencial utilizador português que comunica com um produto na sua língua e, por outro lado, a empresa norte-americana expande-se para mercados em que seria inviável comercializar as versões originais.

3.3.2 A Formação de novos termos

Tentaremos apresentar uma compilação de aspectos mais conseguidos, de outros menos, de forma a entender o processo de localização do Windows 98 para português, tendo também presente o facto de se buscar respostas para a questão relativa ao respeito (ou não) pelas doutrinas que alicerçam um projecto de localização.

---

[44] Esta informação foi-nos transmitida através de conversa informal com Horschmann e reforçada pelo mesmo localizador nos II Encontros de Tradução, organizados pela AsTra-Flup.

[45] É de referir que a HP demonstra uma sensibilidade de elogiar perante as diferenças linguísticas dos vários países onde comercializa os seus produtos. Por exemplo, ao adquirir-se um tinteiro para a impressora HP série 600, inclui-se um CD-ROM e um *kit* de limpeza. O que realmente é relevante é o facto de o CD-ROM propor uma selecção de oito línguas possíveis para os textos apresentados, incluindo-se a língua portuguesa.

[46] Termo utilizado por Eco (1996) para se referir ao papel que a língua inglesa assume na sociedade actual.

Não pretendemos ter acesso a um texto cem por cento puro, i.é totalmente isento de termos ingleses, mas, uma vez realizado um trabalho específico, demorado, dispendioso e, sem dúvida, globalmente positivo, que visa permitir o acesso do utilizador português a um sistema operativo cujas mensagens comuniquem com ele sem barreiras, então, ofereça-se um produto final que vá ao encontro da reputação gozada pela editora de *software* responsável pelos programas Windows e que também esteja em harmonia com o que os portugueses esperam.

Somos de opinião que, apesar de se afirmar constantemente que os portugueses já estão habituados a encontrar as palavras ou expressões *x* ou *y* (estrangeirismos ou não) associadas a determinado programa ou aplicação, devemos sempre tentar remediar possíveis descuidos anteriores. Se não se alcançou a qualidade linguística desejável na versão *1.0* de um programa específico, os localizadores, em conjunto com outros linguistas, têm a obrigação de se esforçarem um pouco mais na versão subsequente, aprendendo com os erros anteriormente cometidos.

Um dos processos que demonstra aspectos interessantes na perspectiva tradutológica é a formação de novos termos e, quanto a este aspecto, Cabré (1999: 95) defende que os localizadores devem conhecer os processos de formação de palavras da sua língua. Consequentemente, os termos propostos por terminólogos e linguistas devem ser apoiados por um conhecimento alargado de todos os processos de formação de novas unidades linguísticas. Este princípio aplica-se não só ao primeiro termo proposto para um conceito original, mas também à alteração de uma designação anterior por se considerar inadequada. As designações devem inclusivamente estar de acordo com as tendências formais do campo específico a que pertencem.

Será um bom ponto de partida - para os localizadores que queiram dedicar-se um pouco mais ao conhecimento da história da língua portuguesa e da sua evolução e de fenómenos linguísticos relacionados - consultar a obra *História da Língua Portuguesa*, de Paul Teyssier. Essa leitura poderá servir de base para uma abordagem do que é a língua portuguesa, uma língua «estável» desde há muito, que sempre pediu emprestadas novas palavras e expressões

provenientes das mais diversas fontes, bem como exportou outras para línguas diversas. Ou, por exemplo, consultar-se o capítulo sobre «Derivação e Composição» de palavras em português (Cunha e Cintra 1988: pp. 85 - 117) ou ainda *Estudos de Lexicologia do Português* (Vilela 1994).

Depois de termos referido alguns exemplos que poderiam ter sido alvo de uma revisão mais cuidada ao nível da funcionalidade e correcção (secção 3.2), iremos centrar a nossa atenção nalguns pormenores do TC em análise. O primeiro tem a ver com a quantidade de novos termos que foram criados ou adaptados na língua portuguesa para se ajustarem aos conceitos deste sistema operativo, versão portuguesa, acabando por enriquecer LC. Neste domínio salientamos, por exemplo, os múltiplos verbos que designam processos específicos: *clicar*, *formatar*, *configurar*, *copiar*, *colar* ou *desfragmentar*[47]. Ou termos pré-existentes na linguagem comum que designam uma nova realidade relacionada com a informática, de acordo com as possibilidades proporcionadas pelo sistema operativo, por exemplo, *periférico*, *aplicação*[48], *rato* [49] ou *Ambiente de Trabalho*. Outros mantiveram um significado próximo, ainda que o conceito informático designado por esses termos mostre alguma divergência e especificidade face ao valor semântico pré-existente, característico da linguagem comum, por exemplo, *colar* ou *copiar*, *guardar*, *cortar* ou *folha de cálculo*.

Em relação aos neologismos, estes podem ser de ordem diversa: quando são origem de novidade semântica total, os estrangeirismos; ou de novidade parcial, os neologismos formados a partir dos processos de afixação ou composição; ou quando deles resulta pouca novidade, em acrónimos e siglas (Rey 1995: pp. 66-71). Por vezes, há igualmente dificuldade em separar termos de palavras porque muitas unidades lexicais são ao mesmo tempo termos especializados e palavras do léxico comum. Por exemplo: *periférico*, *rato*, *colar*, *copiar*, *cortar*, *janela*, *barra* ou *ferramenta*. Por conseguinte, a terminologia lida com diferentes tipos de unidades (termos, nomes) de

---

[47] «Um disco rígido fragmentado possui partes de ficheiros armazenados em diferentes localizações. Para ler o ficheiro, o computador tem de o procurar e obter todos os fragmentos. Desfragmentar um disco junta todas as partes do ficheiro numa única localização, reduzindo o tempo de acesso aos ficheiros.» (*Diciopédia 2000*)

[48] De acordo com o *Glossário da Microsoft*, ao termo *aplicação* corresponde a seguinte definição: «**application** n. A program designed to assist in the performance of a specific task, such as word processing, accounting, or inventory management.» (*Microsoft 2000*)

[49] Na versão localizada para o mercado brasileiro este periférico é designado pelo termo inglês, *mouse*.

natureza sociolinguística muito variável, desde unidades conhecidas/utilizadas por um conjunto muito restrito de falantes de um campo do saber ou grupo profissional, a termos do domínio geral (Rey 1995: 131). Especificando o que define um termo, este pode assumir múltiplas formas: um único morfema, palavra não passível de decomposição; palavra composta de vários elementos associados de acordo com regras morfossintácticas, ou sintagmas nominais ou verbais (*idem*: 136).

Reconhecemos as dificuldades que se colocam ao linguista e ao localizador quando tentam criar um termo não existente em LC que vá ao encontro do termo original. Vejamos, por exemplo, o processo de formação do termo português *Explorador do Windows*, que corresponde a *Windows Explorer*; equivale em espanhol a *Explorador do Windows* e em francês a *Explorateur Windows*. Trata-se de atribuir uma nova carga semântica ao lexema *explorador* e de adoptar uma preposição (*de*) contraída com o artigo definido *o*, criando o referido sintagma nominal em português. Houve dificuldades em fixar essa unidade terminológica na localização para português do sistema Windows 95, em detrimento de *Navegador*[50] (Marques 1995: 47). Ainda em relação ao *Explorador do Windows*, no artigo «Janelas em Português», podemos constatar as diferentes atitudes na localização do Windows 95:

> Na realidade, o Explorer é das poucas aplicações incluídas no Windows 95 cujo nome foi mesmo traduzido, pois muitas delas mantêm o nome original - critério adoptado igualmente noutros mercados para as versões específicas [...] o WordPad [...] o Paint [...] e o Hyper Terminal. (Marques: 1995: 47)

Esta justificação para se traduzir a designação de uma aplicação e não se traduzirem as das restantes peca, na nossa opinião, por defeito e por mostrar uma atitude inconsistente. Em termos de tradução, que atitude ou procedimento justifica a tradução de um elemento e a manutenção de outros de LP? O autor informa-nos que nos outros mercados a manutenção dessas designações também ocorreu, mas tal não é justificação suficiente. Até porque esta atitude de não traduzir essas designações mantém-se no Windows 98. Será ainda de salientar, no mesmo artigo, a

[50] Na nossa opinião, este termo poderia ter sido utilizado para traduzir *browser*, como iremos abordar um pouco mais adiante neste capítulo.

seguinte afirmação que nos suscita igualmente algumas reservas, se tivermos em conta o vasto leque de termos estrangeiros que coexistem com a língua portuguesa[51] neste sistema operativo,

> ...é possível a qualquer empresa (ou utilizador individual) comunicar com o computador totalmente em português, desde o interface gráfico até aos programas que utiliza mais frequentemente. (Marques 1995: 48)

Ainda que esta afirmação seja questionável, a maioria dos termos inerentes ao Windows 98 foi localizada.

Por exemplo, foram criados vários termos em português que representam o conceito designado em inglês por *download* [52]; são eles: *carregar*, *transferir* e *descarregar* [53]. No entanto, não deixa de ser curioso que a maioria dos utilizadores e especialistas portugueses continue a utilizar o termo inglês. O termo equivalente na língua francesa é *telecharger* (Born 1998: 388), unidade formada por composição - o pseudoprefixo grego *tele* é associado ao verbo *charger* [54]. Através de *tele*, o termo francês indica-nos que a transferência de documentos digitais é efectuada à distância, tal como o processo designado por outros termos portugueses formados com recurso ao mesmo prefixo: *televisão*, «visão à distância», ou *telefone*, «som ou voz à distância». O equivalente para a língua francesa parece-nos concebido de forma diversa dos termos portugueses supra, uma vez que subentende um canal para que essa transferência possa ocorrer: os programas de correio electrónico, os de navegação na Internet, bem como um dispositivo de ligação à rede que possibilita essa transferência.

---

[51] Acerca da presença de termos específicos, de acordo com as palavras de Vilela (1995a): 41): «Muitos dos termos que correm por revistas livros, jornais, meios de comunicação ou não são fiáveis ou não são português de espécie nenhuma.»

[52] Termo que é definido por Correia (1997: 46) da seguinte forma. «Expressão anglo-saxónica que designa a forma de transferência de <dados num sistema on-line».

[53] De acordo com os princípios terminológicos da Organização Internacional de Normalização (ISO), em português não percebemos à primeira vista qual destes termos é o termo preferido, qual o sinónimo aceitável e qual o sinónimo a evitar (Vilela a) 1995: 94).

[54] O *Glossário da Microsoft* define o termo do seguinte modo: «Download vb. 1. In communications, to transfer a copy of a file from a remote computer to the requesting computer by means of a modem or network. 2. To send a block of data, such as a PostScript file, to a dependent device, such as a PostScript printer.» (Microsoft 2000).

Analisando os equivalentes portugueses em pormenor, no sítio da *Ciberdúvidas*, Caffé[55] sugere que o termo *carregar* com o sentido adquirido na informática («carregar um ficheiro da Internet») apenas é aplicável ao contexto do português europeu; para os brasileiros, o termo recomendado é *puxar*, presente na expressão: «puxar um arquivo da Internet». Contudo, um outro colaborador do *Ciberdúvidas*, Henriques[56] prefere *descarregar* para se referir à «passagem dum programa dum local para outro.»

Quando aplicados ao domínio da informática, à prática de transferir informação de um computador para outro, o uso em português consagrou *carregar*, o seu oposto, *descarregar*, e ainda *transferir* como equivalentes a *download*. Pensamos que se deveria ter apostado num só termo português: *descarregar*, único correspondente para o termo original[57]. Neste caso, em relação à terminologia o localizador terá de entender que esta não se debate apenas com questões de equivalência[58] de um para um ou de transferir nomenclaturas de uma língua mais prestigiada para outra; os termos são um reflexo directo das especificidades culturais, e assim o desafio que se coloca ao localizador é entender esses termos como veículos de uma cultura, seja a terminologia de uma tecnologia de ponta ou os múltiplos termos referentes a relações familiares no seio de uma comunidade (Hatim e Mason 1993: pp. 236-237).

Vejamos o exemplo relativo a *transferir*, que no TC do Windows 98 surge em conjunto com *download*. *Transferir* designa o acto de receber no computador um determinado documento em formato digital proveniente de um outro computador. Não encontramos justificação para que

---

[55] Caffé, Amílcar 1997. «"Download" = carregar». In *Respostas Anteriores, Ciberdúvidas*. Acessível em http://www.ciberduvidas.com/cgi-bin/respostas_anteriores?corpo?43?1097, acesso em Fevereiro de 2001.

[56] José Neves Henriques, 1997. «Vocábulos de informática». In *Respostas anteriores, Ciberdúvidas*. Acessível em http://www.ciberduvidas.com/cgi-bin/respostas_anteriores?corpo?203?0197, acesso em Fevereiro de 2001.

[57] Para se notar a confusão instalada acerca dos termos portugueses, bastará fazer uma pesquisa em revistas da especialidade. Por exemplo, após uma breve pesquisa no sítio da *Zdnet*, verificámos que se utilizam estes três termos e que permanece uma certa confusão principalmente em relação ao uso do termo *carregar* (Zdnet 2000).

[58] Em relação ao conceito de equivalência, Reiss e Vermeer rejeitam-no, propondo um conceito mais geral: a adequação, que interligam aos propósitos (Sager 1993: pp. 144-5). Por exemplo a equivalência referencial, também designada como sinonímia absoluta, requer que os sistemas de significados denotativos e conotativos sejam idênticos nas duas línguas, o que, num contexto industrial de tradução, pode ser reduzido a uma exigência de identidade ao nível da denotação, os outros níveis de significação são frequentemente ignorados de forma deliberada com o propósito da identidade interlinguística. A identidade denotativa funciona perfeitamente ao nível das linguagens das diferentes especialidades, em que os significados das palavras são deliberadamente restritos (*idem*: 130).

descarregar, ou mesmo *transferir*, não seja mais frequente entre especialistas. Adoptando-se um deles, excluir-se-ia da língua portuguesa a opção *download*, que é agora muito utilizada quer na modalidade escrita quer oral.

Todos os termos colocam dificuldades especiais ao localizador, daí que se foque a criação de novos termos no domínio desta linguagem de especialidade e se analisem alguns termos homónimos, termos que apresentam a mesma grafia, a mesma pronúncia e que representam conceitos diferentes consoante as áreas específicas em que são utilizados. Tal acontece, visto que adquirem novos valores semânticos quando transitam da linguagem comum ou de um campo técnico-científico para outro. Quando uma palavra (=um significante) apresenta múltiplos significados, em linguagem geral, esse fenómeno é designado por polissemia, mas em linguagens de especialidade ela deve ser evitada, uma vez que a uma designação deve corresponder somente um conceito. Logo, mesmo que um termo surja com a mesma grafia e pronúncia, pode designar mais do que um conceito; nesse caso, cada termo é autónomo e distinto do outro, fenómeno denominado como homonímia, como se pode verificar nas palavras de Cabré:

> Theoretically, terms should be unambiguous and have one meaning and only one designation corresponding to one form. The polysemy of the common lexicon is treated as homonymy in terminology. A term in the system of a subject field should identify only one concept (e.g. in anatomy, the term neck has only one meaning). In practice, however, even within a single subject, we note that a single form can be related to more than one meaning. (1999: 40)

O termo *carregar*, equivalente a *upload*, significa transferir um documento digital do computador que está a ser utilizado para um computador distante através de uma rede. Esse termo português é ainda equivalente a *load*, termo que significa «iniciar o funcionamento de um programa». Este duplo valor conceptual em português, nesta área da especialidade, contraria o princípio da terminologia que recomenda equivalência unilateral: uma designação - um conceito e *vice versa*.

Relativamente ao verbo *premir*, este já existe na linguagem comum como designação para o acto de «apertar, comprimir» um botão de uma máquina, ou «fazer peso ou pressão em...». No caso da sua utilização dentro da área específica da informática, esse significante remete para um único significado, o acto de «pressionar determinada tecla do teclado ou do rato, ou num ícone de

uma barra de ferramentas». Apesar da relativa especificidade do conceito representado pelo termo da informática, *premir* mantém uma proximidade em relação ao significado já existente na linguagem comum e é inteligível para qualquer utilizador[59].

Um fenómeno semelhante ao que se passa com o termo *premir* surge em relação aos termos *ancorar a janela*, *porta série* ou *tutorial*, todos eles criados com o advento dos programas informáticos e representantes de conceitos dessa área. Nestes exemplos, salientamos que se poderiam ter adiantado propostas mais naturais, principalmente no que diz respeito ao primeiro e terceiro casos. *Ancorar a janela*, equivalente a *dock the window*, significa fixar uma janela de uma aplicação ou utilitário num determinado ponto do Ambiente de Trabalho. Entende-se a metáfora da «ancoragem», mas poder-se-ia ter optado pelo termo mais corrente e igualmente eficaz: *fixar*.

Em relação a *porta série*, este termo designa um conceito específico dentro da área em análise [60] e tem como termo de partida *serial port*. Houve neste caso a preocupação de decalcar e formar uma nova unidade terminológica para equivaler ao inglês. Trata-se de um termo comum nesta área, que continua a ser válido nos novos sistemas operativos Windows posteriores à versão 98.

Tutorial encontra-se no dicionário com os significados de «relativo a tutor» e «referente a ensino exercido por tutor» (Aurélio e JEMM 1986: 1729). Com a sua inclusão no TC do Windows 98 trata-se de uma conversão ou derivação zero, i.é, deu-se uma alteração na categoria gramatical (a partir do adjectivo formou-se um nome) sem qualquer alteração formal. Neste sistema operativo, o termo *tutorial* [61] refere-se a um conjunto de lições, mais ou menos alargado,

---

[59] Um outro exemplo interessante na perspectiva de formação de novos termos relaciona-se com os verbos *iniciar* e *inicializar*. Este segundo verbo formado para servir necessidades exclusivas da informática e do sistema operativo em análise nada acrescenta ao significado representado pela unidade lexical anterior. Será difícil erradicar esta alternativa desnecessária. No entanto, a língua portuguesa pode dispensá-la e utilizar o verbo «iniciar» para os casos em que o outro termo seja sugerido, por exemplo em «Depois de o programa de configuração ser inicializado, a instalação do Windows 98 é iniciada.» (Efectuar uma nova instalação, *Introdução ao Windows 98*).

[60] «Canal de entrada/saída para comunicações série de dados. Uma porta série é o ponto de ligação num computador para ligar a um dispositivo de interface série ao sistema. As portas série são tipicamente identificadas como portas de comunicação (COM.). A maior parte dos computadores vem com duas portas série e muitos têm a capacidade de acomodar quatro ou mais.» (Carmo 1998: 69).

[61] O *Glossário da Microsoft* define *tutorial* como: «A teaching aid designed to help people learn to use a product or procedure. In computer applications, a tutorial might be presented in either a book or a manual or as an interactive disk-based series of lessons provided with the program package.» (Microsoft 2000)

cujo objectivo é ensinar e esclarecer de forma interactiva os utilizadores do programa informático, processo pelo qual estes aprendem experimentando e observando o que o programa/livro tem a ensinar. No entanto, este empréstimo [62] pode ser evitado e, tal como é sugerido por Caffé[63], no TC podem surgir os termos *programa tutor* ou *programa de tutoria*, de forma a ultrapassar este empréstimo, considerando-se o lançamento de *tutorial* como dispensável, devido à existência de outros termos mais adequados em português.

O verbo *clicar* ilustra um fenómeno linguístico igualmente interessante: criou-se um novo verbo, que partilha características dos verbos portugueses da primeira conjugação, a partir de uma onomatopeia, i.é, do som que resulta do acto de premir uma das teclas do periférico designado por «rato», processo de formação de palavras comum à língua inglesa e portuguesa. Neste caso, concordamos com o resultado obtido na tradução de *click*. Até à difusão do sistema operativo Windows, o verbo «clicar» não era vulgar e agora difundiu-se na nossa língua, não apenas na linguagem da especialidade mas também na linguagem comum[64].

Uma outra questão que nos parece resolvida de forma razoável mas que pode ser revista prende-se com *deselect*[65], traduzido em português por *desmarcar*. O valor conceptual deste verbo é o seguinte: «eliminar determinada opção face a uma outra, normalmente dentro de uma caixa de diálogo». Este novo valor mantém alguma proximidade com o da palavra em linguagem comum. No entanto, em inglês, os antónimos *select* e *deselect* são mais expressivos do que *seleccionar* e *desmarcar*, mas, dado que em português não existe o termo *desseleccionar* e que, até ao momento, não foi cunhado em português, *desmarcar* parece-nos uma opção adequada, utilizado na maior

---

[62] Termo utilizado de acordo com os procedimentos de tradução definidos por Vinay e Darbelnet (1977: 47). Estes autores sugerem que quando o tradutor recorre ao empréstimo geralmente serve o propósito de vir a preencher uma lacuna metalinguística, uma nova técnica, um conceito desconhecido até então. Referem que é o processo mais simples de efectuar em tradução e pode ser utilizado por razões estilísticas, por exemplo para inserir cor local num determinado texto marcado culturalmente.

[63] Caffé, Amílcar 1999. «Tutorial» = tutor». In *Respostas Anteriores, Ciberdúvidas*. Acessível em http://www.ciberduvidas.com/cgi-bin/respostas_anteriores?corpo?156?0399, acesso em Fevereiro de 2001.

[64] No entanto, o verbo «right-click» fica confinado à sua utilização dentro do texto do Windows 98, bem como o equivalente a que deu origem em português: «clique com o botão direito do rato...».

[65] No tópico «To select or deselect installation options» que corresponde a «Para seleccionar ou desmarcar opções de instalação» (*Introdução ao Windows 98*).

parte das vezes como equivalente a *clear*. Ainda assim, a nossa proposta para *deselect* seguiria as regras de formação de palavras em português, ao associar um prefixo comum em português *des-* ao verbo *seleccionar*, cunhando-se o neologismo supra.

Este processo de formação de novos termos por prefixação deu origem a, por exemplo, *desfragmentar*. Também o neologismo *desfragmentador (de disco)*[66] remete para um fenómeno de formação de palavras em português também já enraizado: trata-se de formar uma nova palavra recorrendo à derivação parassintética, associando simultaneamente um prefixo e um sufixo a um radical, neste caso, a «fragmentar». O termo *Disk Defragmenter*, designação de uma das ferramentas do sistema do Windows 98, quando foi localizado, conduziu a um decalque[67], ao sintagma nominal português mencionado (i.é «desfragmentador de disco»).

Um outro termo que julgamos interessante devido ao novo valor semântico adquirido nesta linguagem especializada é *permissões*[68], que significa o facto de o utilizador estar ou não autorizado por outrem a fazer uso de determinado programa, aplicação ou documento. Essas *permissões* pré-definidas concedem ao utilizador acesso ou recusam-lho, tal como acontece quando, em linguagem comum, se utiliza o termo *permissão*, dado que «ter permissão» é sinónimo de «ter consentimento», «ter licença», «ter autorização», etc.

3.3.3 A utilização de novos termos e decalques em vez de palavras portuguesas consagradas

Em alguns extractos do TC são evidentes decalques de certa forma desnecessários. A língua portuguesa reage com alguma estranheza a esses termos, como acontece no seguinte caso:

---

[66] Cabré (1999: 91) refere que, para além dos termos com uma única palavra, há certas combinações de palavras que constituem unidades terminológicas na área da informática, como os casos de «press the key, edit a text, copy a block, insufficient memory, digitize a text, reboot the computer (...)»

[67] De acordo com a tipologia de processos de tradução sugeridos por Vinay e Darbelnet (1977: 47), quando nos referimos ao decalque temos em mente uma espécie de empréstimo, não de um termo apenas, mas de um sintagma de LP que é decalcado em LC e, nesta última, os elementos desse sintagma são submetidos a uma tradução literal.

[68] «In Name, click the user or group whose permissions you want to set, then click Grant Access or Deny Access» Vs. «Em Nome, clique no utilizador ou grupo cujas permissões pretende definir e, em seguida, clique em Conceder acesso ou Recusar acesso.» (Para activar o DCOM para uma aplicação específica, *Ajuda do Windows*).

> **For general information and recommendations on how computers can help you with your specific needs, you should consult a trained evaluator.**

Vs.

> **Para obter informações gerais e recomendações sobre como os computadores podem ajudar o utilizador com as respectivas necessidades específicas, deverá consultar um analista especializado neste tipo de situações... (Outros produtos e serviços para pessoas com dificuldades, *Ajuda do Internet Explorer*)**

A questão a colocar centra-se no sintagma nominal *analista especializado* decalcado sobre *trained evaluator*, o termo adiantado em TC não é claro em Português. Pensamos que os localizadores se poderão estar a referir a um qualquer especialista, ainda que as certezas sejam escassas, talvez a um técnico de informática que pode indicar a opção mais adequada para uma pessoa com necessidades especiais. Com algum rigor, trata-se de um especialista em problemas relativos a utilizadores com necessidades especiais. A tradução proposta, resultante de um decalque do inglês, acaba por não esclarecer melhor o utilizador do que se tivesse sido usado o termo abrangente e polissémico da linguagem comum: *especialista*.

O exemplo seguinte conduz-nos à formação do termo *palavra-passe* que surge nos programas de correio electrónico e de navegação na Internet. A língua portuguesa não pode aceitar este decalque quando substitui outros termos representantes do conceito em causa, cujo valor conceptual está consagrado na língua portuguesa. Ao contrário do proposto nos sistemas operativos Windows 95 e 98, poder-se-á traduzir *password* por *contrasenha*, *senha*, *código de acesso*, *chave*, entre outros. A título exemplificativo, a versão castelhana propõe *contraseña* (Frala 1999: 331) e também *palabra de paso* (Calvo 2000). O decalque criado pelos localizadores do Windows 98 não supre uma lacuna do léxico ou da terminologia portugueses. Aliás, após consulta ao sítio de uma das revistas da especialidade, a *PC Magazine*, constatámos que o termo inglês rivaliza com o termo português, sendo o primeiro muito mais frequente (Zdnet 2000), o que nos leva a concluir que a tradução proposta nos programas não vingou e conduziu ao esquecimento de termos mais adequados, contribuindo, indirectamente, para a preferência do estrangeirismo[69].

---

[69] Rey (1995: 81) defende que «An unmotivated or poorly motivated word is less useful than a fully motivated one.»

Pozzi (1996: 71) sugere que todos aqueles que fornecem terminologia para outros utilizadores têm de se certificar de que esta é adequada, considerando o uso potencial: a tradução, a uniformização ou a planificação linguística. Os terminólogos, por vezes, desejam criar um novo termo equivalente e adequado, mas com frequência tal é impossível quando o uso consagrou um termo inadequado (*idem*: 76-77). No caso em análise acontece precisamente o contrário, a língua portuguesa contém equivalentes adequados que foram preteridos pelos localizadores do Windows 98, tendo estes enveredado pela proposta de um termo desnecessário.

Um outro aspecto a referir é o facto de os localizadores terem preterido o termo *Pormenores* em favor de *Detalhes*, que, por sua vez, é um galicismo (Lello e Lello 1986: 740) com uma vida já longa na nossa língua, de valor equivalente a *Pormenores*[70]. Em termos de naturalidade e rigor em português, como o termo *pormenores* se adequa perfeitamente ao valor de *Details*, não vemos por que não foi esta a escolha, ainda que reconheçamos como válida a tradução adiantada. Pensamos que se trata de um caso em que a norma do português do Brasil se impõe à norma portuguesa, uma vez que o termo *detalhe* é muito mais frequente na variedade brasileira.

Um outro caso, um pouco invulgar dada a falta de rigor do termo em português, reporta-se ao sintagma *expressão composta* [71]. Na língua portuguesa quando se fala em *expressão* faz-se explicitamente referência a um grupo de palavras que forma uma unidade sintáctica, lexical ou terminológica com, pelo menos, dois elementos - equivalente ao termo *phrase*[72] -, caso contrário seria considerada uma palavra. Por conseguinte, *expressão composta* acaba por não favorecer a compreensão do utilizador, em vez de a facilitar. A nossa proposta vai no sentido de se optar apenas por *expressão*, deixando de lado o adjectivo que não adiciona aqui qualquer qualificação

---

[70] O conceito associado ao termo *Detalhes* em linguagem da informática aponta para o facto de que o utilizador pode optar por ver as subpastas que se escondem por detrás de um elemento aglutinador, por exemplo, abrindo «O meu computador», clicando na opção «Ver» e em seguida clicando em «Detalhes» poder-se-ão ver todos os elementos que fazem parte desta pasta.

[71] Termos que surgem enquadrados no seguinte enunciado: «In the left frame of the Help window, click the topic, index entry, or phrase to display the corresponding topic in the right frame.» VS. «Na moldura da esquerda na janela de ajuda, clique no tópico, na entrada de índice remissivo ou na expressão composta para visualizar o tópico correspondente...» (Para localizar um tópico de Ajuda, *Ajuda do Windows*).

[72] «3. A group of two or more grammatically related words that do not form a clause, esp. a preposition with the words it governs.» (*Longman Dictionary* 1985: 1108).

digna de registo. Podemos ver esta unidade como um exemplo de incompatibilidade semântica, uma vez que *expressão* restringe o leque de opções em relação aos elementos que a podem seguir: neste caso, o adjectivo *composta* não parece uma das opções de selecção adequada.

Uma outra questão a focar tem a ver com a utilização de *pesquisas de opinião* (Informações sobre a Internet e a Web, *Introdução ao Windows 98*), equivalente ao termo *surveys*[73]. No final da década de 90, quando o sistema operativo Windows 98 foi lançado no mercado português, o termo que se costumava (e costuma) utilizar era *estudos de opinião*. A adopção dessa expressão nova apresenta-se-nos como desnecessária, uma vez que se sobrepõe a uma unidade já consagrada na língua portuguesa, norma europeia[74], tal como aconteceu em relação a *palavra-passe*.

O caso que passamos a apresentar refere-se à alteração de definições das assinaturas,

Specify the settings you want for receiving and scheduling the subscription.

Vs.

Especifique as definições que deseja para receber e programar a subscrição. (**Alterar as definições para as subscrições**, *Ajuda do Internet Explorer*).

Neste enunciado realçamos o facto de o texto apresentar pouca clareza: o termo *programar* pode induzir o utilizador em erro se o relacionar com as linguagens de programação. Se *programar* fosse substituído por *agendar* como equivalente contextual de *scheduling*[75], haveria ganhos em termos de inteligibilidade e de eficácia comunicativa. Pensamos que talvez esta outra solução não tenha ocorrido ao localizador neste caso concreto, mas esse termo está vulgarizado em português e é também utilizado nos manuais de Ajuda, precisamente com o valor que *programar* pretende assumir na ocorrência citada. Este é um dos casos em que o equivalente mais adequado é preterido por um termo mais genérico.

---

[73] «Read documents, listen to music, watch videos, make purchases, participate in surveys, advertise products, do research, share interests, and download files.» Vs. «Ler documentos, ouvir música, ver vídeos, fazer compras, participar em pesquisas de opinião, anunciar produtos, fazer trabalhos de pesquisa, partilhar interesses e transferir ficheiros.» (Informações sobre a Internet e a Web, Introdução ao Windows 98).

[74] Se realizarmos uma pequena pesquisa no motor Yahoo! Brasil, percebemos que o termo *pesquisa de opinião* está vulgarizado na norma brasileira. «Pesquisa» é muito do agrado dos brasileiros que usam este termo quando o português europeu usa «estudo» ou «análise», dependendo do contexto.

[75] De acordo com o *Longman Dictionary* (1985: 1328), *schedule* é definido como «to appoint or designate to occur at a fixed date» O *Dicionário da Língua Portuguesa* sugere o seguinte para definir o termo *agendar*: «incluir na agenda» (Costa e Sampaio 1998: 45), o que nos leva a concluir que, pelo menos em 1998, *agendar* já era normalmente utilizado, pois de contrário o dicionário não o incluiria.

Chamamos também a atenção para «Contacte o fabricante do utilitário de disco para ver se existe alguma versão actualizada compatível com FAT32.» (Conversor de unidades (FAT 32), *Ajuda do Windows*)[76], que nos suscita dúvidas quanto à sua significação, uma vez que a formulação usada não permite concluir se se faz referência ao fabricante da componente de *hardware*[77] (aqui «utilitário de disco rígido» – pressupondo-se que há «fabricante de utilitários que não são de disco») ou a «fabricante do disco» – entenda-se, do disco rígido, por oposição a disco flexível, a disquete. Trata-se, pois, de uma construção ambígua (ambiguidade sintáctica) que traduz uma ambiguidade semântica. Para evitar essa tradução à letra[78], pode-se propor, por exemplo, «Contacte o fabricante do disco rígido para...»

Dentro do âmbito do decalque, os localizadores que se ocuparam da localização do Windows 98 optaram pelo sintagma nominal *suporte técnico* (cujo ponto de partida é *technical support*). Esse termo recente não preenche uma lacuna terminológica da nossa língua, dada a existência de, pelo menos, duas possíveis traduções: *Assistência técnica* e *apoio técnico*, que, na nossa perspectiva, representam o conceito pretendido. Por conseguinte, parece-nos desnecessário decalcar o termo inglês, preterindo termos pré-existentes a que os falantes estão habituados, a que reconhecem o valor e que não confundem com nenhuma outra unidade. Ainda dentro do mesmo âmbito, a expressão *técnicos de suporte*[79], equivalente a *support technicians*, não equivale senão a *assistentes técnicos*, ou pura e simplesmente *técnicos*. Nesse mesmo procedimento de tradução inclui-se «um centro de suporte autorizado» (Utilizar múltiplos monitores, *Introdução ao Windows 98*), normalmente designado em português como «centro de assistência técnica autorizado». Pelas

---

[76] Na versão inglesa, «Contact your disk utility manufacturer to see if there is an updated version that is compatible with FAT32.» (Using Driver converter, *Windows Help*)

[77] Termo já incluído no *Dicionário da Língua Portuguesa* (Costa e Sampaio 1998: 855), mas não identificado como um neologismo, identificação que é feita no caso do termo *software* (idem: 1525).

[78] De acordo com Vinay e Darbelnet (1977: 49), na tradução literal ou palavra a palavra o tradutor nas suas escolhas demonstra servidão linguística.

[79] O termo em causa encontra-se na seguinte passagem: «As informações de sistema reúnem informações sobre a configuração do sistema e fornecem um menu para a visualização dos tópicos associados do sistema. Os técnicos de suporte solicitam informações específicas sobre o seu computador quando estão a resolver os problemas relacionados com a configuração.» (Utilizar as informações de sistema para mostrar os dados do sistema, *Ajuda do Windows*.). A palavra *suporte* em português aponta para algo que sustenta alguma coisa, que é base, apoio ou sustentáculo.

razões apontadas, não consideramos justificados os decalques acrescentados ao português porque *suporte* não tem em português europeu o sentido atribuído neste TC pelos localizadores[80].

Regressando a *suporte técnico*, esse decalque, na nossa opinião, entra na língua portuguesa por falta de esclarecimento dos técnicos especializados nas novas TI ou por sugestão de outrem que não os localizadores[81]. Por exemplo, poderia constar da tabela de tradução que inclui a lista de termos e respectivas traduções uniformizadas e permitidas (O'Donnell 1994: pp. 305-6). Para contrariar escolhas pré-determinadas que se impõem no momento de concretizar o acto de tradução, recorremos a Gross (1992: 114), que recusa imposições à actividade do tradutor em geral, defendendo o cumprimento efectivo de uma das suas atribuições: os tradutores são os verdadeiros especialistas que podem determinar, na maior parte dos casos, o que as palavras significam na língua A e decidir como veicular esse significado da forma mais correcta para a língua B.

O exemplo seguinte, bastante recorrente no Windows 98, envolve a expressão *procuras na Web* e levanta-nos dúvidas quanto ao seu rigor. Esse termo designa uma ferramenta incluída no programa Internet Explorer que é *Procurar*. Chega-se à conclusão de que o termo em análise se circunscreve à terminologia do *Navegador* da Microsoft, que é substituível por representações mais frequentes e rigorosas: *pesquisas*[82] ou *buscas na Web*. Este mesmo princípio aplica-se a *motores de procura* - equivalente a *search engines* - termo que se revela muito menos frequente do que *motores de pesquisa* ou *motores de busca*[83] (Zdnet 2000). Refira-se que no Brasil se utiliza o termo *buscador*.

---

[80] Na norma do português do Brasil, o dicionário *Michaelis* inclui uma definição relativa ao meio informático: «[suporte] *técnico, Inform:* pessoa que dá recomendações técnicas para um usuário, explicando o uso de programas ou equipamentos, ou ainda esclarecendo defeitos.» (Michaelis 2001)

[81] No artigo «Terminology management in the translation process», Budin (1999: 2) afirma que a terminologia com que o utilizador contacta nos produtos da Microsoft obedece a estratégias de *marketing*. Tal acontece porque o utilizador dos programas da Microsoft já está habituado à terminologia e, por consequência, aceita melhor os seus produtos e respectivas actualizações.

[82] O termo *pesquisa* é utilizado no TC em análise como referência à «pesquisa efectuada dentro do sistema operativo».

[83] Ainda que o termo *buscas* surja mais frequentemente associado ao português do Brasil. A título de exemplo, verifica-se diferença notória entre a página do Yahoo! Brasil que propõe «Próxima busca», enquanto a página do Altavista: Portugal sugere «Pesquisar»; termos utilizados precisamente com o mesmo sentido.

Em «Para se deslocar nos tópicos de ajuda já visualizados» (*Ajuda do Windows*) surgem *visualizar* e *visualizados*. O conceito que este verbo representa não difere do que é representado por *ver*. Uma vez que o termo de partida é *saw*[84], forma do verbo *see*, o equivalente directo seria apropriado para este caso, podendo adiantar-se a solução «que já viu». O adjectivo *visualizados* é o equivalente para duas unidades significativas diversas do TP: *saw* e *displayed*. Tal como o primeiro pode ser traduzido pela forma do verbo *ver*, para o segundo sugerimos *exibidos* ou *apresentados*.

Em relação à utilização recorrente do advérbio de modo *actualmente* como equivalente a *currently*, acreditamos que, neste caso particular, foi procurada a equivalência de um para um, como se deseja em termos ideais. Traduziu-se optando por um equivalente directo, e, em princípio, não deveria haver nada a opor a esta opção. No entanto, se se reflectir sobre o valor deste advérbio em português, constataremos que em linguagem comum se refere a «presentemente», «nos dias de hoje» ou «hoje em dia». Os localizadores utilizam este advérbio no TC com um outro sentido que *actualmente* não comporta: «neste momento», «no momento». Comparem-se as diferenças entre os vários valores do advérbio nos seguintes exemplos:

- You can install Windows 98 in two ways. If you're currently using Windows 95 or Windows 3.1

Pode instalar o Windows 98 de dois modos. Se está actualmente a utilizar o Windows 95 ou o Windows 3.1 (Executar a configuração do Windows 98, *Introdução ao Windows 98*)

- The multiple monitor feature supports only PCI graphics adapters at this time.

Actualmente, a função de múltiplos monitores só suporta adaptadores de gráficos PCI. (Utilizar múltiplos monitores, *Introdução ao Windows 98*)

Vs.

- To copy an image of the window that is currently active.

Para copiar uma imagem da janela que está actualmente activa (Para copiar o conteúdo da janela ou do ecrã, *Ajuda do Windows*)

- Find out if your computer is currently communicating with an infrared device, and if it is, how well it is communicating.

Saber se o computador está actualmente a comunicar com um dispositivo de infravermelhos e, se está, qual a qualidade de comunicação. (O que é o Monitor de infravermelhos? *Ajuda do Windows*)

- You can see who is currently using resources on your computer by using Net Watcher.

---

[84] Como se pode constatar no enunciado onde este surge: «to display the last Help topic you saw. / to display the next Help topic in a previously displayed sequence of topics» *Vs.* «para mostrar o último tópico de ajuda que visualizou. / para mostrar o próximo tópico de ajuda numa sequência de tópicos visualizados anteriormente.» (Para se deslocar nos tópicos de ajuda já visualizados, *Ajuda do Windows*)

Pode ver no seu computador quem está actualmente a utilizar os recursos através do Observador da rede. (Utilizar o Observador da rede para supervisionar a utilização de recursos partilhados, *Ajuda do Windows*)

- To use a printer that is not currently connected
«Para utilizar uma impressora que não está actualmente ligada» (*Ajuda do Windows*)

- Updates the currently displayed Web page (reloads the currently displayed page).
Actualiza a página da Web actualmente apresentada (carrega novamente a página actualmente apresentada) (Explorar a Internet, *Introdução ao Windows 98*)

Após a leitura destes exemplos ressalta a necessidade de uma dupla tradução: *actualmente* é o equivalente adequado nos dois primeiros casos (correspondendo a *currently* e *at this time*) e *neste momento* ou *no momento* nos restantes, traduções mais de acordo com o uso da língua portuguesa.

No caso seguinte apresenta-se um enunciado de TC que se aproxima em demasia de TP. Vejamos:

If subscriptions work like magazine subscriptions, then channels are similar to TV channels.

Vs.

Se as subscrições funcionam como as subscrições das revistas, os canais são semelhantes aos canais de TV. (Canais, *Introdução ao Windows 98*).

Nesta passagem parece-nos de facto mal traduzido o termo *subscriptions* por *subscrições*. Em português europeu não «subscrevemos» uma revista, «assinamo-la». Assim, supomos que *assinatura* seria uma opção mais adequada. Neste caso, os localizadores não conseguiram libertar-se do falso cognato do original, embarcando numa imprecisão que qualquer tradutor bem formado saberia evitar. Seria igualmente aconselhável a reformulação deste enunciado, de modo a contemplar o rigor desejável em tradução técnica, não descurando as regras do uso comum que, neste caso, remetem para outro sentido. Propomos, por exemplo, «As assinaturas funcionam como as assinaturas de revistas, e os canais são semelhantes a canais de televisão».

Citamos, de seguida, um extracto em que destacamos o termo *subsidiárias*:

For a list of worldwide Microsoft subsidiaries, see Microsoft Product Support Services Worldwide.

Vs.

Para obter uma lista das subsidiárias por todo o mundo, consulte Serviços e produtos a nível mundial da Microsoft. (Acessibilidade para pessoas com dificuldades, *Ajuda do Internet Explorer*)

Registe-se o facto de se traduzir *subsidiaries* pelo empréstimo *subsidiárias*[85], quando estaria mais de acordo com a língua portuguesa sugerir *agências* ou *sucursais*, termos que remetem para um estabelecimento que é dependente de outro, uma filial. Estes termos portugueses são ambos consagrados e correntes e, assim, justifica-se a inclusão de um deles, em detrimento da solução encontrada no texto em análise.

3.3.4 Adopção evitável de termos ingleses[86]

Encontra-se um elevado número de termos, quer no sistema operativo, quer nas aplicações, que não foi objecto de localização, tendo os responsáveis optado pela manutenção[87] *ipsis verbis* do original, nomeadamente no que respeita à designação de produtos e aplicações como, *Universal Serial Bus*, *OnNow*, *Microsoft Personal Web Server*, *Browser Internet Explorer*, *Web browser*, *Channel Guide*, página *Microsoft Find it fast*, *Active Desktop*[88], *Hyper Terminal* e *Web site Internet Explorer Home User*. É opção legítima em localização transferir designações de marcas comerciais ou industriais registadas; no entanto, por vezes, criam-se com isso situações em que se esclarece muito pouco o leitor/utilizador português. Por razões funcionais, seria de esperar um pouco mais de cuidado quanto à apresentação de um TC repleto de designações inglesas relativas a ferramentas úteis para um português que precise de usá-las, mas que terá dificuldades em fazê-lo por lhe estar barrada a compreensão da sua aplicabilidade. Comparando estes casos com outros em que a localização foi processada, só se pode concluir que, no mínimo, houve por vezes falta de cuidado.

---

[85] O *Dicionário da Língua Portuguesa* ensina que *subsidiário* remete para algo relativo a subsídio, ou que subsidia, ou que corrobora ou vem em apoio de, que força (Costa e Sampaio 1998: 1541). No entanto, o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* refere que se trata de uma «Empresa controlada por outra, a qual detém o total ou a maioria das acções (Aurélio e JEMM 1986: 1622).

[86] Face ao que Marques(1995: 48) afirma, já com o Windows 95 surgiram problemas em relação à decisão de localizar ou não o sistema operativo para português europeu. Como afirma este autor: «O problema com Portugal é que o português europeu não [é] uma língua prioritária dentro da empresa [Microsoft].» Nessa altura os portugueses só poderiam adquirir a versão localizada, pelo menos, três meses após a publicação da inglesa.

[87] A transferência neste caso reporta-se à interferência de termos da língua de partida no TC, que se reflectem também em português (Shuttleworth e Cowie 1997: 176).

[88] Uma vez que o termo *Desktop* é traduzido por «Ambiente de Trabalho», porque não traduzir *Active Desktop* como *Ambiente de Trabalho Activo*? Assim, o utilizador saberia o que significa *desktop*, uma vez que esse termo não será fácil de entender por alguém que desconheça a língua inglesa.

Relativamente às novas funções propostas pelo Windows 98, o TC recorre a terminologia técnica que é emprestada pela língua inglesa, facto que coloca obstáculos ao utilizador que não compreenda essa língua. Referimo-nos à designação *OnNow*, por exemplo. Se tivesse sido alvo de tradução, apesar de haver uma definição clara dessa função inovadora do Windows 98, talvez o TC fosse mais claro para um utilizador português. Esta tradução estaria de acordo com a localização de que foram alvo outras designações como *Explorador do Windows* ou *Acesso telefónico à rede*. Vejamos o extracto:

> **OnNow makes your computer more responsive by improving startup time.**
>
> Vs.
>
> **O OnNow torna o computador mais sensível melhorando o tempo de arranque.**
> **(Funções inovadoras e fáceis de utilizar,** *Ajuda do Windows***)**

Nota-se uma estratégia de localização que não é sensível às dificuldades de todos aqueles que não consigam perceber o conceito representado por *OnNow*. É claro que a nossa posição agora é bem mais confortável do que aquela que deve ter sido vivida pelos localizadores aquando da localização deste *software*, preocupados com prazos, terminologias e outros condicionamentos. Ainda assim, não se corre grande risco ao propor, a título de exemplo, uma tradução para essa função: *Pronto a Usar* como substituto para a designação inglesa. Rey (1995: pp.: 105-106) salienta que o empréstimo é a forma mais óbvia e mais preguiçosa, mas internacionalmente é a mais eficaz, uma vez que facilmente se põe em prática, neutralizando-se dessa forma, em parte, as diferenças interlinguísticas e respeitando-se o conceito original. Pode-se afirmar que os termos emprestados nomeiam o conceito e implicitamente trazem consigo a sua origem, o que, apesar de muitas desvantagens, explica o sucesso deste método de criação de termos. Este autor dá como exemplos os termos *quark*, *electrão* e *neutrão*. Em todo o caso, em relação à informática e por causa da sua utilização cada vez mais generalizada por parte do cidadão comum, seria vantajoso que a tradução se utilizasse o mais possível.

A sigla *BBS*, que representa *bulletin board system*, não é explicada ao utilizador nos manuais de Ajuda, nem consta das entradas do glossário, tal como *USB*[89]. O utilizador sabe apenas que é um serviço de mensagens em linha, o que é insuficiente[90]. Em termos gerais, qualquer língua é capaz de designar tudo, e é uma decisão exclusivamente política optar pelo desenvolvimento de novas terminologias em LC ou pela importação dos termos técnicos da língua que veicula os novos conhecimentos em determinada área científica ou técnica. Os processos de formação de novos termos variam de língua para língua; contudo, são uma característica de todas elas (Rey 1995: 104).

Um aspecto que contrasta com o exposto anteriormente refere-se ao facto positivo de ter sido encontrado um equivalente para a sigla inglesa *ISDN*, que na nossa língua se consagrou como *RDIS* (sigla representativa de Rede Digital com Integração de Serviços). Refira-se que, neste caso, o TC inclui numa caixa explicativa a definição desse acrónimo, o que beneficia o utilizador que, lendo a explicação, se sentirá esclarecido. Isso possivelmente já não acontece quando um utilizador depara com a instrução «clique em *Who am I*» (Para ver informações sobre as ligações de rede, *Ajuda do Windows*) ou com o tópico «Para se desligar de um servidor utilizando Who Am I» (*Ajuda do Windows*). De facto, desconhecemos a razão que justifica a manutenção de tal designação em língua inglesa e interrogamo-nos sobre se, em termos de programação, traduzi-la por «Quem sou» constituiria um problema inultrapassável.

Esta mesma objecção aplica-se ao empréstimo do termo *Tour 98*. Em português, *Viagem 98* serviria precisamente o mesmo propósito, quer ao nível da significação quer do cumprimento do propósito informativo, evitando-se dessa forma o termo estrangeiro, apesar de «tour» se ter

---

[89] Sigla que designa *Universal Serial Bus* e que é definida no tópico «Utilizar dispositivos USB» (*Ajuda do Windows*) como: «O USB define uma classe de hardware que facilita adicionar dispositivos de série ao computador. O suporte USB foi concebido para a especificação para que as futuras actualizações do Windows suportem os actuais controladores.» A versão brasileira deste programa designa esta sigla como: «Barramento serial universal (USB)».

[90] Por exemplo, o *Dicionário do Internetês* sugere a seguinte definição: «**BBS** - Bulletin Board System. Computador (1 ou vários) que permitem que os utilizadores se liguem a ele através de uma linha telefónica e onde normalmente se trocam mensagens com outros utilizadores, se procuram ficheiros e programas ou se participa em conferências (fóruns de discussão) divulgadas por várias BBS. Digamos que uma BBS está para a Internet assim como uma cidade está para o Mundo.» (Ferreira 1995).

vindo a tornar cada vez mais internacional. Possivelmente, a escolha feita pelos localizadores do Windows 98 reflecte critérios de ordem sociolinguística, dado que poderão ter tido em mente utilizadores de um determinado estrato social que entendam perfeitamente o termo referido.

Um outro aspecto que queríamos referir é o facto de não ter sido localizada a maioria dos nomes de pastas e de ficheiros[91], quando se justificava o contrário, dado que o utilizador português pode não os compreender, como acontece quando se depara com uma das pastas do Windows designada *Help* e se verifica que os nomes dos ficheiros surgem em inglês, incluindo o ficheiro do contrato destinado ao utilizador, designado *License.txt*. Acrescente-se, a título exemplificativo, que, como a pasta *Favoritos* foi localizada, a designação da pasta *Temporary Internet Files* poderia tê-lo sido de igual modo, surgindo *Ficheiros Temporários da Internet*. Essa tradução não acarretaria, com certeza, problemas de programação. O resultado da tradução seria facilitar o contacto com as designações referidas, e a sua inteligibilidade estaria mais de acordo com o que um utilizador português espera do sistema. Se O'Donnell (1994: 289) e Carter (1991: 72) defendem a localização dos comandos, o mesmo deveria ser válido para os nomes de pastas e ficheiros.

No exemplo seguinte, relativo a dispositivos prontos a funcionar, pode-se ler:

> Windows will automatically detect the new Plug and Play device and install the necessary *software*. If Windows does not detect a new Plug and Play device, then the device itself is not working properly, is not installed correctly, or is not installed at all.

Vs.

> O Windows irá detectar automaticamente o novo dispositivo Plug and Play e instalar o *software* necessário.
> Se o Windows não detectar um novo dispositivo Plug and Play, é possível que o dispositivo não esteja a funcionar adequadamente, não esteja instalado correctamente ou não esteja sequer instalado. (Para instalar um dispositivo Plug and Play, *Ajuda do Windows*)

Em primeiro lugar teremos de referir que, mais uma vez, um utilizador não conhecedor da língua inglesa não consegue entender o conceito representado pelo termo *Plug and Play*. Apesar de esse ser um termo utilizado internacionalmente, poderia ter sido traduzido por um equivalente

---

[91] Na versões do Windows destinadas ao Brasil, o termo *ficheiro* não é utilizado, sendo substituído por *arquivo*, termo mais próximo do conceito de LP.

uniformizado em português, como *Ligar e Utilizar*[92], por exemplo. Julgamos esta solução adequada, pois o termo designa algo que envolve a instalação de um componente de *hardware*, o seu reconhecimento imediato - quando instalado correctamente - pelo sistema operativo e a disponibilização instantânea no momento em que o utilizador inicia uma sessão. Apesar de haver informação relativa à definição do termo, o utilizador beneficiaria de uma tradução uniformizada em português[93]. A título de comparação, o glossário da ATI (Associação Espanhola de Técnicos de Informática) propõe, para o mesmo termo inglês, a tradução *Enchufe y Opere* (Calvo 2000).

Em relação ao tópico de Ajuda «Para localizar tipos de letra semelhantes» seleccionámos o enunciado infra porque nos suscita algumas dúvidas.

> Panose font-mapping information is stored with the font to describe its characteristics - serif or sans serif, normal, bold, or italic.

Vs.

> São armazenadas informações de mapeamento de tipos de letra fornecidas pela Panose com o tipo de letra para descrever as respectivas características (serif ou sans serif, normal, negrito ou itálico). (*Ajuda do Windows*)

Nota-se neste extracto a existência de três empréstimos - *Panose, serif* e *sans serif*[94] - que, como não são definidos, levantarão certamente dificuldades ao leitor comum. Defendemos que o

---

[92] Correia (1997: 84) sugere *Ligar e jogar* como tradução para *Plug and Play*, e define este termo como «Conceito de configuração comum a algumas máquinas que chegam a casa do utilizador e podem ser imediatamente utilizadas, dado que não exigem conhecimentos prévios para a sua operação».

[93] É claro que se pode de imediato contrapor que esta é uma proposta «paroquial» e pouco internacional, mas se olharmos, por exemplo, para alguns componentes de um automóvel, verificaremos que a sua maioria apresenta tradução plena em português. E tal não tem sido considerado como um paroquialismo, mas sim como uma atitude correcta em termos de tradução. Aliás, a legislação obriga a que «As informações sobre natureza, características e garantia de bens em serviços oferecidos ao público no mercado nacional devem ser prestados em língua portuguesa. Dec-Lei 238/86 de 19 de Agosto e Dec-Lei 42/88 de 6 de Fevereiro.» (mensagem de correio electrónico da Ordem dos Advogados).

[94] O termo *Panose* designa um conceito bastante complexo do domínio da programação: «PANOSE is a font classification and matching system. A PANOSE number is a group of digits that represent the visual characteristics of a typeface. It is used to assess the similarity of two typefaces. This allows for font selection and substitution that is based upon visual characteristics, instead of naming or historical origin conventions.» (De Laurentis 1993).

O termo *serifa*, no domínio da informática, representa «Glyphs of serif fonts, as the term is used in CSS [Cascading Style Sheet], have finishing strokes, flared or tapering ends, or have actual serifed endings (including slab serifs). Serif fonts are typically proportionately-spaced. They often display a greater variation between thick and thin strokes than fonts from the 'sans-serif' generic font family. CSS uses the term 'serif' to apply to a font for any script, although other names may be more familiar for particular scripts, such as Mincho (Japanese), Sung or Song (Chinese), Totum or Kodig (Korean). Any font that is so described may be used to represent the generic 'serif' family.» (Cascading Style Sheet 1998).

E o termo *sem serifa* designa «Glyphs in sans-serif fonts, as the term is used in CSS, have stroke endings that are plain - without any flaring, cross stroke, or other ornamentation. Sans-serif fonts are typically proportionately-spaced. They often have little variation between thick and thin strokes, compared to fonts from the 'serif' family. CSS uses the term 'sans-serif' to apply to a font for any script, although other names may be more familiar for particular scripts, such as Gothic (Japanese), Kai (Chinese), or Pathang (Korean). Any font that is so described may be used to

localizador deveria ter apostado na utilização de termos portugueses correspondentes, pelo menos onde há equivalentes, como acontece nos casos de *com serifa* e *sem serifa*. No caso de o leitor português não compreender esses termos, a tradução possibilitaria a esse leitor menos avisado a utilização de um dicionário português para os entender[95]. No TC a ausência de uma exemplificação ou ilustração desses termos dificulta o entendimento da mensagem. Acrescente-se que a não definição dos termos no glossário de *Introdução ao Windows 98* é mais um obstáculo à leitura eficaz desse tópico, ainda que se possa argumentar que um falante americano também não descortinará facilmente os conceitos acabados de abordar.

No tópico «Criar cópias de segurança dos ficheiros antes de instalar o Windows 98» (*Introdução ao Windows 98*), se se atentar nas referências ao sistema operativo Windows 3.1, verificar-se-á curiosamente que os termos seleccionados são ingleses. Ainda que em Portugal tenha sido distribuída a versão localizada para o mercado brasileiro, a versão que acabou por ter mais sucesso foi a versão inglesa, pelo que esta referência à criação de cópias de segurança de ficheiros efectuadas no Windows 3.1 apresenta a língua inglesa como a língua da interface e da restante documentação deste sistema operativo utilizado no contexto português[96].

O caso dos termos *software* e *hardware* - empréstimos utilizados desde há algumas décadas em português - é um pouco complexo, porque esses já ocupam um lugar nas TI há mais tempo do que outros termos estrangeiros[97]. No entanto, se atentarmos no caso da língua francesa, verificaremos que os linguistas criaram dois termos equivalentes, *logiciel* e *matériel* (Rey 1995: pp. 108-9), indo ao encontro do conceito designado pelos termos ingleses; apesar disso, há a registar

---

represent the generic 'sans-serif' family» (Cascading Style Sheet 1998). Nesse mesmo sítio poder-se-ão encontrar referenciados alguns tipos de letra que se incluem nos tipos com *serifa*, como por exemplo, o Times New Roman, e *sem serifa* o Ms Verdana.

[95] No dicionário *Michaelis* deparamos com a seguinte definição: «se.ri.fa sf Tip (ingl serif) Pequeno traço ou espessamento que remata, de um ou ambos os lados, os terminais das letras não lineares de caixa-alta e caixa-baixa; remate.» (*Michaelis*: 2001).

[96] Tal como se pode constatar neste pequeno extracto do tópico referido: «Antes de criar as cópias de segurança dos seus ficheiros, certifique-se de que a ferramenta Windows Backup está instalada no seu computador. Para tal, abra o grupo de programas Microsoft Tools. Se aparecer o ícone Backup, o Windows Backup já está instalado».

[97] No dicionário *Multimédia de A a Z*, *hardware* é definido como um «Anglicismo vulgarizado para designar materiais, aparelhos ou máquinas» (Correia 1997: 59). Enquanto *software* é etiquetado como um americanismo pelo *Dicionário de Estrangeirismos*, oposto a *hardware* (Costa: 1990: 149).

a resistência oferecida por alguns falantes franceses aos termos propostos na sua própria língua, continuando a usar os termos ingleses. Na nossa opinião, essa atitude é louvável, uma vez que os responsáveis pela língua francesa revelam uma atitude atenta e uma capacidade de reacção célere na formação de novos termos. No caso português, Vilela (1995 b) : 29) aponta dois equivalentes parciais para esses termos, que são *programas* e *ferramentas*, mas refere que são «traduções possíveis, mas empobrecedoras». Se tivermos em conta que *software* funciona como um hiperónimo, representando todo o tipo de programas que funciona em computadores, verificamos que o termo *programas* acaba por corresponder ao termo inglês no domínio da informática. Relativamente aos hipónimos, na sua maioria, estão traduzidos para português: *sistemas operativos*, *aplicações*, *utilitários*, *motores de pesquisa*, *cópias de arranque*, *processadores de texto*, *página de cálculo*, *editores de som*, *de imagem*, *jogos*, entre outros. Todavia, ainda não se encontraram equivalentes para *freeware*, *shareware*, *vapourware*, *firmware*, *groupware* ou *dribbleware*.

Um termo inglês emprestado que surge nas caixas de diálogo ou nas séries de caracteres propostas pelo sistema é *OK*, também mantido na versão francesa. Pode-se afirmar que esse é um termo internacional, que quebrou as barreiras da língua inglesa e se projectou para muitas outras línguas, principalmente no registo oral. Optar por manter *OK* prende-se com questões de eficácia comunicativa devida à difusão e imediata inteligibilidade do termo quando inserido em textos de língua portuguesa[98]. Este facto não significa que a língua portuguesa não disponha de termos com o mesmo valor significativo, que podem vir a tomar esse lugar sem que se coloque qualquer dificuldade de compreensão ao utilizador. Um exemplo de um termo que poderia substituir esse empréstimo com toda a propriedade é *aceitar*[99]. No caso de se utilizar um adjectivo como *correcto*, *afirmativo*, *exacto*, entre outros, teria de se prever, como em casos semelhantes, a questão da flexão em número e em género, bem como um redimensionamento dos botões das caixas de diálogo,

---

[98] *OK* é um estrangeirismo incluído nas entradas do *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* (Figueiredo 1996: 1823).

[99] Termo que surge em alguns jogos de computador disponíveis no mercado português.

caso o termo *OK* fosse substituído. Estas questões são fáceis de ultrapassar se se recorrer a uma ferramenta de localização do tipo LocStudio.

Um termo como *Web sites*, amplamente divulgado e utilizado, poderia ter sido domesticado[100] e substituído por *sítios da teia*. Esta tradução corresponderia com precisão ao termo de LP. O portal da *Zdnet* sugere precisamente o termo *sítio* como equivalente a *site*, ainda que o termo inglês surja aí com mais frequência (Zdnet 2000). A título de comparação, no contexto espanhol, utiliza-se *lugar* e *sitio* (Calvo 2000).

A atribuição de género é uma das questões que surge recorrentemente quando se discute a utilização de estrangeirismos, devido especialmente ao facto de a maioria dos termos de que aqui nos ocupamos ter o género neutro em inglês, circunstância que não encontra correspondência na nossa língua em que os nomes se distribuem obrigatoriamente pelo masculino ou pelo feminino. Embora a recomendação dos puristas vá no sentido de se atribuir sempre o género masculino às palavras estrangeiras que na sua língua não tenham o género gramatical feminino, na prática há uma grande tendência para se atribuir aos nomes estrangeiros o género do nome que lhe pode corresponder em português. Exemplificando: de acordo com a regra dos puristas, *Internet* deveria ser masculino, mas toda a gente lhe atribui o feminino devido à componente *net*, que tem o nome feminino *rede* como equivalente português.

Uma expressão que se tem enraizado em português é *sítio da Web*. Surge cada vez com mais frequência em documentos escritos e tem-se sobreposto ao termo inglês *Web site*. Vemos isso como um sinal positivo, ainda que um pouco atrasado, de reacção à entrada e manutenção de termos estrangeiros na língua portuguesa. No entanto, o caminho a percorrer pelas nossas propostas é ainda longo, ou talvez essa meta seja já parcialmente inatingível. Uma outra questão

---

[100] Entendemos pela estratégia de *domesticação* em tradução o seguinte: quando se adopta um estilo transparente, fluído para minimizar a estranheza do texto de chegada aos olhos do leitor alvo. Para Venuti (1995: pp. 19-20) esta estratégia adquire conotações negativas dado que se identifica com uma política posta em prática pelas culturas dominantes, não receptivas ao que é estrangeiro. Esta estratégia predomina na cultura anglo-americana. Em *The Scandals of Translation*, Venuti (1998: 189) refere o seguinte: «Since the domestic in developing countries tend to be a hybrid of global and local trends, translation can revise hegemonic values even when it seems to employ the most conservately domesticating startegies - startegies, in other words, that are designed to reinforce dominant indigenous traditions in the translating culture.»

relacionada: haverá razões que justifiquem a manutenção de *Web* e *Net* em detrimento de *Teia* e *Rede*? Por que não adoptar estes termos portugueses que tão bem veiculam o sentido dos ingleses correspondentes?[101].

O mesmo se passa em relação à sugestão do que se deve digitar na Barra de Endereços do Internet Explorer quando se pretende efectuar uma pesquisa:

> Type **go, find, or ?** followed by a word or phrase in the Address bar.
>
> Vs.
>
> escreva **go, find ou ?** seguido de um espaço e da palavra ou expressão composta que deseja localizar. (Procurar na Internet a partir da barra de Endereço, *Ajuda do Internet Explorer*)

Depreende-se que é a língua inglesa que, no momento, se apresenta como a mais utilizada nas comunicações via Internet, mas existem cerca de seis milhares de línguas no mundo que não podem ser ignoradas. A partir do enunciado acima transcrito deduz-se que o utilizador português sabe que está a escrever um termo ou um sinal gráfico que lhe permite realizar uma pesquisa, ficando pouco esclarecido acerca do valor do termo que escreveu. Se o seu arbítrio o levar a registar apenas o ponto de interrogação, nesse caso sabe que pretende uma resposta. Caso contrário, estará a utilizar termos ingleses que realmente funcionam e lhe permitem executar essa pesquisa, mas cuja significação não entende. Uma atitude mais de acordo com os princípios da localização seria «ensinar» o programa a aceitar uma instrução portuguesa como por exemplo *pesquisar*.

Um outro termo que poderia ter sido traduzido de imediato pelos localizadores deste programa é *home page*[102], traduzido para espanhol por *página principal*, *página inicial*, *página raíz*, ou *portada* (Calvo 2000), e para a versão francesa: *page d'accueil* (Born 1998: 280). Para a versão

---

[101] Em artigos consultados no sítio da *Zdnet* (Zdnet 2000) constatámos que estas propostas são efectivamente utilizadas pelos articulistas que escrevem para revistas de informática como a *PC Magazine*. Se olharmos a exemplos de outros meios de telecomunicações de massas, como o telefone, cada língua construiu a sua forma de designar esse meio, de acordo com as suas regras de formação de palavras. O mesmo poderá vir a passar-se com *Internet*. O termo é uma composição por aglutinação de *Inter*, que provém do truncamento de *International*, associado a *net*.

[102] Definida como «página; endereço (com informação ou para depositar informação) de um utilizador (da Internet, por exemplo)» (José Neves Henriques, 1997. «Vocábulos de informática». In *Respostas anteriores, Ciberdúvidas*. Acessível em http://www.ciberduvidas.com/cgi-bin/respostas_anteriores?corpo?203?0197, acesso em Fevereiro de 2001).

portuguesa julgou-se suficiente o empréstimo, quando, com um pouco de empenho, se poderia ter encontrado um equivalente em português; quanto mais não fosse, decalcava-se um dos exemplos apresentados, do espanhol ou do francês, criando-se um neologismo que poderia, neste momento, estar consolidado em português. Assim, deixava de se recorrer ao laxismo tradutológico que caracteriza a simples adopção da terminologia inglesa, característica de alguns domínios tecnológicos. Propomos a seguinte tradução para este termo: *página principal* ou *página de entrada*, ou apenas *página*.

O extracto infra refere-se ao Internet Explorer e à sua definição como *Web browser*, o que suscita dúvidas ao utilizador do TC:

> **You already know that Microsoft Internet Explorer is a Web browser...**
> **and you can have the content updated automatically. This means that, for example, you could add a stock ticker from the Web.**

Vs.

> **Já deve ser do seu conhecimento que o Microsoft Internet Explorer é um Web browser.**
> **podendo ter sempre o conteúdo actualizado automaticamente. Isto significa que, por exemplo, poderá adicionar um ticker de cotações da bolsa da Web. (O que há de novo no Internet Explorer, *Ajuda do Windows*)**

Os localizadores partem do princípio que os portugueses, na sua generalidade, são conhecedores do conceito representado por esse termo (*browser*)[103], o que não nos parece muito realista tendo em conta a heterogeneidade de utilizadores. Numa atitude mais reflexiva e planificada, os franceses designam esse programa por *Navigateur* (Bom 1998: 256). Essa tradução permite a compreensão imediata e a percepção do tipo de acção que esse programa permite realizar, tal como os possíveis equivalentes em português: *Navegador*[104], ou *programa de navegação*. Essas traduções para as duas línguas remetem metaforicamente para o mundo marítimo e para as explorações, campo metafórico muito utilizado no domínio da informática e que, nesta área, teria

---

[103] Em relação à formação de novos termos na língua portuguesa, Vilela (1995 a): 44) sugere o seguinte: «Se o termo surgir como corpo estranho à língua, fonética, gráfica e derivacionalmente, ficaremos com "espinhos na garganta" da língua: um cancro linguístico.»

[104] No sítio da *Zdnet* encontrámos referência precisamente a este termo como equivalente para *browser* (Zdnet 2000). No glossário da ATI encontramos os seguintes equivalentes para a língua castelhana: *hojeador*, *navegador*, *visor* e *visualizador* (Calvo 2000). O dicionário *Eurodicautom* (1995-2001) sugere a tradução: «rotina de pesquisa; pesquisa por folheio». O motor de pesquisa SAPO (2000) inclui um *Dicionário de Internet* e este refere-se ao Netscape Navigator como um «Navegador (browser) para a WWW».

o sentido de «programa que permite que o cibernauta navegue por milhões de páginas da Internet».

Nesse mesmo extracto, surge o termo *stock ticker* que não é definido e não consta entre as entradas do glossário de *Introdução ao Windows 98*. Sabemos que é um ícone que se coloca no Ambiente de Trabalho e que permite actualizar conteúdos específicos de forma automática. Pensamos que a não tradução do termo não ocorreu devido a dificuldades de equivalência, mas entendemos que uma solução do género de *actualizador* poderia ser proposta. Em termos de funcionalidade, a estratégia de apenas se conhecer a função desse ícone é questionável. A adopção do termo inglês, ainda que definido em português, não é suficiente quando se parte do princípio de que se pretende localizar e adaptar um produto americano à realidade portuguesa, tal como Kiraly (2000:12) sugere. A proposta de neologismos é uma das prioridades do trabalho de tradução, seja ele técnico, jurídico ou literário, mas só quando tal for indispensável e sempre respeitando o espírito de LC. Supomos que os últimos casos analisados podem ser exemplos disso.

Os especialistas do domínio da informática consideram que a adopção de termos ingleses é a melhor estratégia e a mais adequada, tão habituados estão a recorrer aos empréstimos para comunicar. Todavia, os localizadores e terminológos, bem como as instituições de defesa e de uniformização da língua, devem ter uma palavra a dizer. Neste âmbito, os tradutores portugueses em geral, na opinião de Franco (1997: 8), deveriam «agir como regulador(es) e como filtro cultural». Note-se que, nos nossos dias, os linguistas e órgãos de decisão têm de ser céleres nas decisões, caso contrário serão postos à margem do processo, e a língua avançará sem a sua colaboração, desprovida de termos que eles deveriam ter aprovado, como no caso dos termos ingleses que abordamos no parágrafo seguinte.

Um termo que contém em si próprio a definição é *online*, ou o seu oposto, *offline*. Essas designações são utilizadas no discurso do TC como se fossem termos portugueses, sem qualquer sinal gráfico que assinale o facto de eles serem estranhos à língua portuguesa, sinal que

representaria a necessidade de um processo de tradução que consagrasse termos portugueses substitutos, para além de assinalar que esse termo se pronuncia de acordo com a língua inglesa. Quanto ao primeiro, podemos traduzi-lo por *em linha*, não se perdendo o sentido do termo de partida; quanto ao segundo, *desligado* funciona em pleno em português. Em todo o caso, não percebemos a razão que levou a equipa que localizou esse sistema operativo e aplicações a manter esses dois termos ingleses quando poderiam ser traduzidos por equivalentes, com o cumprimento do propósito assegurado. Em francês, os equivalentes são *en ligne* e *hors ligne* (Born 1998: 274). Em castelhano surge *en línea*, *conectado* e *fuera de línea* e *desconectado* (Calvo 2000). No âmbito da utilização de terminologia de certa forma inacessível ao utilizador comum, a utilização constante de *online*[105] e *offline* no texto em análise coloca alguns problemas ao utilizador português no contacto inicial. Claro que o utilizador, quando mais familiarizado com o Windows 98, acaba por achar naturais esses dois termos ingleses; no entanto, como já vimos, não é tarefa difícil propor dois termos equivalentes para a língua portuguesa. Agindo dessa forma, ter-se-ia mantido o espírito da nossa língua, contribuindo-se para a sua vitalidade e dinamismo[106], permitindo a compreensão imediata ao utilizador comum português.

No que se refere ao termo *newsgroups*[107], este deveria ter sido traduzido por *grupos de discussão* ou *fóruns de discussão*, visto que essa unidade terminológica seria mais fácil de entender por um utilizador comum português do que o simples original. Dessa forma, no acto de localização teriam cunhado um termo que acabaria por surgir mais tarde na linguagem da especialidade e em linguagem comum.

---

[105] O *Dicionário da Língua Portuguesa* contém precisamente uma entrada do termo *on-line* (Costa e Sampaio 1998: 1183), mas o termo *offline* não é contemplado. O dicionário *Eurodicautom* sugere «em linha, ligado» (1995-2001).

[106] Vejam-se outros termos relacionados que se encontram consagrados nas línguas espanhola e francesa: *Trabajar sin conexión a la red* e *Déconnexion* (Calvo 2000); *Travailler hors connexion*, *Rester hors-connexion*, *en ligne* e *hors ligne* (Born 1998: 274).

[107] Termo incluído, por exemplo, em «Envie mensagens de correio electrónico e coloque mensagens nos newsgroups da Internet com o Microsoft Outlook Express.» (Apresentação do Windows 98, *Introdução ao Windows 98*).

Dentro deste TC também o termo *scripts* cumpriria o seu propósito de forma mais eficaz aos olhos do utilizador português não especialista se estivesse traduzido, e não como se apresenta:

> Use the Dial-Up Scripting tool to assign the script file to a Dial-Up Networking connection you have created.

Vs.

> Utilize o Utilitário de geração de scripts para acesso telefónico para atribuir uma ligação de acesso telefónico à rede que tenha criado. (Descrição geral da criação de scripts para acesso telefónico à rede, *Ajuda do Windows*)

Quando se depara com o enunciado «Utilize o Utilitário de geração de *scripts* para acesso telefónico», o utilizador interroga-se sobre o significado da unidade terminológica *geração de scripts*. Em português padrão «geração de» deveria ser substituído por «produção de», e *scripts* poderia ser traduzido por *instruções*[108], por exemplo. Ainda assim, no documento é adiantada uma definição do termo *script*, mas não houve tentativa de o traduzir, nem sequer foi incluído nas entradas do glossário de *Introdução ao Windows 98*.

A mesma questão coloca-se relativamente ao termo *patches* que não é definido na Ajuda, pelo que o utilizador comum acaba por não entender o que ele representa quando o encontra no contexto seguinte:

> As versões anteriores de patches, controladores e ferramentas do sistema são guardadas numa pasta de cópia de segurança na unidade de disco rígido. (Utilizar a Desinstalação do Assistente de Actualizações, *Ajuda do Windows*)

Certamente que esse termo necessitaria de uma hiperligação directa a uma definição ou, pelo menos, uma entrada no glossário. Este termo poder-se-á traduzir como *remendos*[109], isto é, no domínio da informática, a inserção de partes de código de modo a remediar temporariamente qualquer anomalia revelada pelo programa executável, inserção que é efectuada após a distribuição do programa (*Microsoft Bookshelf* 98).

---

[108] Esta proposta de tradução peca por defeito, dada a multiplicidade de implicações presentes no termo *script*, como se pode comprovar numa caixa informativa, nos tópicos de Ajuda, que define «ficheiro de script». Contudo, em tradução as perdas e ganhos são inevitáveis no produto da intervenção de qualquer tradutor. Quando não se traduz, adopta-se o termo estrangeiro e não se perde nem se ganha em termos de tradução, apenas o efeito que se pretende atingir com esse novo texto fica debilitado, bem como a LC.

[109] Aliás, esse equivalente português já é utilizado, por exemplo, em «Se já tinham feito o download dos últimos remendos do Windows...» (Amaral 2000: 55).

Uma outra questão que pretendemos salientar prende-se com a utilização do termo *scanner* para designar um periférico que digitaliza texto e imagens. Existe um termo português para denominar essa ferramenta: *digitalizador*[110]. Contudo, o uso corrente e o tecnoleto têm-no ignorado. Quanto ao verbo *digitalizar*[111] e ao adjectivo *digitalizada*, esses surgem no extracto do tópico:

> **Por exemplo, ao premir o botão Digitalizar do seu scanner, poderá fazer com que a imagem digitalizada seja automaticamente aberta no programa que pretende.** (Utilizar Scanners e câmaras de vídeo, *Ajuda do Windows*)

Se existe um verbo para designar o processo realizado pelo *scanner*, se existe um adjectivo adequado para qualificar o produto desse processo (a «imagem digitalizada»), é de esperar que seja atribuída uma designação portuguesa à máquina, no seguimento dos outros dois termos, e que é *digitalizador*, como já sugerimos, termo criado de acordo com o padrão da língua portuguesa. Neste caso, os localizadores não ousaram avançar com o termo que se impunha. Essa atitude nasce, possivelmente, do facto de a máquina ser conhecida como *scanner* na comunidade profissional da informática. Note-se que este termo continua a ser preferido pelos falantes portugueses, surgindo com mais frequência do que o equivalente português, revelando aceitação quase generalizada. Como termo de comparação, os espanhóis adaptaram o termo *scanner* às regras fonéticas e morfológicas da sua língua, propondo *escáner(es/s)*, como pudemos constatar após breve pesquisa no motor Yahoo! España (http://es.yahoo.com/), e os franceses mantiveram o termo inglês, mas coexiste com um outro termo, *scanneur*[112], uma adaptação às regras ortográficas e fonológicas do francês.

---

[110] No sítio da Zdnet (Zdnet 2000) encontrámos precisamente este termo português a designar um desses periféricos da Epson. Este termo português é várias vezes referido em resposta a dúvidas na página *Ciberdúvidas*.

[111] É corrente a utilização dos verbos *escanear* e *printar* no discurso dos técnicos de informática, mas ainda vamos a tempo de os evitar, dada a existência de termos mais adequados (Caffé, Amílcar 1998. «Estrangeirismos atacam». In *Respostas Anteriores, Ciberdúvidas*. Acessível em http://www.ciberduvidas.com/cgi-bin/respostas_anteriores?corpo?56?1198, acesso em Fevereiro de 2001).

[112] «Scanneur, n. m. (projet d'arrêté) Numériseur à balayage. Anglais: scanner.» (Deschamp 1995-2000)

Um dos problemas causados pela adopção de termos estrangeiros na língua portuguesa é o facto de o localizador ter dificuldades em lidar com os mesmos. A partir do extracto seguinte levantamos uma questão relativa à sigla DVD[113].

> Windows 98 supports the latest generation of compact disc hardware-high-density DVD drives. A DVD disc can contain a full-length feature movie with sound and high resolution.

Vs.

> O Windows 98 suporta a última geração de hardware de disco compacto: as unidades DVD de alta densidade. Um disco DVD pode conter uma longa metragem com som e alta resolução. (Mais divertido, *Introdução ao Windows 98*.)

Os localizadores do sistema Windows 98 poderiam ter adiantado uma tradução em português, tal como fizeram com a sigla *MDI* («interface de múltiplos documentos») [114]; se enveredassem por uma atitude semelhante, teria surgido a unidade terminológica «um disco de vídeo digital (*DVD*)». A criação de novos termos, decorrentes da desconstrução de acrónimos e de siglas ingleses, não se concretiza, na opinião de Rey (1995: 104), devido a razões meramente ideológicas.

3.3.5 Terminologia muito específica para utilizadores múltiplos.

Nos casos que apresentaremos de seguida focaremos a utilização de terminologia técnica que dificulta a compreensão do TC. Por vezes a falta de clareza parte do original, visto que se recorre constantemente a terminologia específica ou a uma formulação pouco clara dos textos.

O ponto que merece a nossa atenção no enunciado infra centra-se na compreensão da expressão «em incrementos grandes», o ponto fulcral da mensagem:

> To / Scroll toward the beginning of a document in larger increments / Press/ PAGE UP (For Internet Explorer Only, *Windows 98 Getting Started Book*).

Vs.

---

[113] Termo incluído no glossário de *Introdução ao Windows 98*: «**DVD** Um disco compacto de alta capacidade. Este disco pode armazenar dados suficientes para a reprodução de uma longa-metragem. Tem de ter uma unidade ou um leitor de DVD para poder utilizar um DVD.» Uma outra definição mais geral: «**DVD** Digital Video Disc, disco óptico com capacidade de armazenamento sete vezes maior que o CD. Pode guardar até 8 horas de filme.» (Free Team Delphi, *Glossário de informática*. Em http://www.fteam.com/glossario004.shtml, acesso em 25 de Fevereiro de 2001).

[114] Ou como acontece parcialmente em relação à sigla inglesa *WDM*, uma vez que não é proposta uma sigla equivalente em português, mas surge a definição: «O Modelo de controladores do Windows (WDM) fornece um conjunto comum de serviços E/S e de controladores de dispositivo binários compatíveis para actuais e futuros sistemas operativos baseados no Windows. O WDM é um elemento de memória para USB, IEEE 1394, Interface avançada de configuração e energia (ACPI).» (Para utilizar dispositivos USB, *Ajuda do Windows*).

> **Para / Se deslocar para o início de um documento em incrementos grandes / Prima / page up (Só para o Internet Explorer,** *Introdução ao Windows 98*)

A dificuldade em compreendê-la pode ser suprimida quando se acrescenta que se refere à acção desencadeada pelo acto de premir a tecla *page up*. Premindo essa tecla, o cursor desloca-se em direcção ao início de um documento de forma «rápida e saltando de página em página», pelo que se propõe que «larger increments» possa ser traduzido por «saltos maiores».

A falta de definição para o termo *pixels*[115] no TC do Windows 98 é aqui bem visível:

> **If Font Size is unavailable, make sure your setting in Screen area is higher than 640 by 480 pixels. If 640 by 480 pixels is the only setting available to you, you cannot change your display font.**

Vs.

> **Se Tamanho do tipo de letra não estiver disponível, certifique-se de que a definição na Área do ecrã é superior a 640 por 480 pixels. Se 640 por 480 pixels for a única definição disponível, não pode alterar o tipo de letra. (Para utilizar tipos de letra maiores e menores,** *Ajuda do Windows*)

Neste caso específico surge a dificuldade em compreender globalmente a mensagem e o possível incumprimento do propósito do TC, devido à inexistência de uma definição de *pixel*[116]. Após a leitura do extracto, o utilizador comum continua a desconhecer o valor desse termo, ainda que consiga determinar as suas escolhas. Seria adequado acrescentar a definição do termo (recorrendo-se à hiperligação directa a uma caixa explicativa ou à inclusão de uma entrada no glossário), esclarecendo melhor um potencial utilizador não especialista em informática. Quanto à definição do termo em análise, na revista *B!T* sugere-se:

> **Píxel (picture element)** - o mais pequeno elemento que constitui uma imagem de um ecrã. Cada píxel resulta da mistura das três cores básicas - RGB. (Magno 2000: 61)

Após a leitura desta definição, restam-nos ainda algumas dúvidas, pois não se compreende facilmente o significado de *RGB* - sigla utilizada na área da informática para classificar monitores. É de referir o facto de a própria revista não explicitar o seu significado, tomando como certo que todos os seus leitores sabem do que se trata. Para quem domina o inglês, é fácil concluir que se trata de iniciais de três cores básicas, *Red, Green, and Blue*[117]. Tratando-se de uma revista de grande

---

115 «*Pixel é* um termo originado em inglês pela fusão de duas palavras: *picture* + *element*» (Correia 1997: 83).

116 O dicionário *Eurodicautom* propõe como tradução «elemento de imagem» (1995-2001).

117 Contrastando com *CMYK* (acrónimo de *cyan-magenta-yellow-black*) e com *CMY* (sigla que representa *cyan magenta-yellow*).

divulgação, impunha-se que clarificasse para o leitor comum o significado dessa sigla. Através da tradução das cores respectivas em português.

Voltando uma vez mais a *pixels*, como normalmente acontece com os empréstimos, regista-se a não conformidade com as regras morfonológicas em português, dado que se formou o plural pela simples adição de [s] à forma do singular do termo em causa, que termina em líquida lateral [l]. Não é frequente na nossa língua formar plurais desta forma (-ls), mas tendo em conta a origem do acrónimo e dado que esta forma está já enraizada e convencionada, ter-se-á de aceitar esta formação anormal; aliás, essa formação está de acordo com o uso de estrangeirismos na língua portuguesa, uma vez que esses, quando são utilizados com a grafia original, devem formar o plural seguindo as regras da língua de que provêm, como D' Silvas Filho defende[118].

Um outro termo para o qual não encontrámos ajuda no TC foi *spool*. A definição desse termo deveria constar dos manuais de Ajuda, pelo menos dever-se-ia incluir a tradução dos elementos que compõem esse acrónimo que representa o sintagma nominal *simultaneous peripheral operations on line*[119] - como foi feito em relação a MDI. Essa decomposição do acrónimo inglês poderia ser incluída entre parênteses, com uma tradução anexada, por exemplo, «operações periféricas simultâneas», tal como o glossário compilado por Deschamp (1995-2000) propõe (*operaciones periféricas simultáneas*), ainda que também apresente o termo *spool*.

Em relação à utilização de cópias de segurança surge a seguinte informação,

You can back up files to floppy disks, a tape drive, or another computer on your network.

Vs.

Pode fazer cópias de segurança de ficheiros em disquetes, numa unidade de banda ou noutro computador da sua rede. (Utilizar a cópia de segurança, *Ajuda do Windows*)

---

[118] Em «Plural de estrangeirismos» de D' Silvas Filho, 1998. In *Respostas anteriores, Ciberdúvidas*. Acessível em http://www.ciberduvidas.com/cgi-bin/respostas_anteriores?corpo?63?0898, acesso em Fevereiro de 2001. Fonseca, em resposta a uma dúvida de um consulente do Ciberdúvidas, aceita que a forma do plural do termo supra possa vir a ser *pixéis*, como é proposto em revistas de informática. (F.V.P da Fonseca 1998. «Pixéis». In *Respostas anteriores, Ciberdúvidas*. Acessível em http://www.ciberduvidas.com/cgi-bin/respostas_anteriores?corpo?87?0798, acesso em Fevereiro de 2001).

[119] Este termo representa o seguinte: «spool vb. To store a data document in a queue, where it awaits its turn to be printed.» No que se refere a *print spooler*, encontramos a seguinte definição: «Computer software that intercepts a print job on its way to the printer and sends it to disk or memory instead, where the print job is held until the printer is ready for it.» (*Microsoft 2000*).

Consideramos como problemática a compreensão do conceito representado pela unidade terminológica *unidade de banda.* Admitimos a hipótese de que se refere a uma «unidade de banda magnética» - como se pode verificar no dicionário *Eurodicautom* (1995-2001). No *Glossário da Microsoft tape drive* é definido como «*n.* A device for reading and writing tapes.» (Microsoft 2000). Um leitor desprevenido e desconhecedor dos meandros da informática é capaz de não a entender dessa forma. Acreditamos tratar-se de um tipo especial de disco/unidade de banda magnética conhecido no domínio informático como *Zip (disk/drive)* [120].

Também suscitam problemas de compreensão ao leitor/utilizador, dada a sua especificidade, entre outros, os sintagmas nominais[121], *transmissão em baud*[122], *bits de dados* e *bits de paragem*, ou os termos *partição*[123] e *paridade*, para os quais não são apresentadas definições em TC. No momento em que o utilizador contacta com esses termos específicos da informática no decurso da utilização do Windows 98, com certeza que desejaria a inclusão de uma breve explicitação do que designam. Acrescente-se que nem todos os termos poderão ser incluídos no glossário ou em caixas explicativas, mas, tendo em conta que outros termos o são, não concordamos que termos técnicos que representam conceitos complexos não o sejam. Ressalve-se que, em termos gerais, os utilizadores falantes de inglês poderão sentir essas mesmas dificuldades perante termos que desconhecem e que não são explicados em TP.

---

[120] Por exemplo, «**Zip drive** - Disco flexível de alta capacidade desenvolvido pela Iomega, que também fabrica o Jaz Drive. Capaz de armazenar até 100 MB de informações.» (Free Team Delphi, *Glossário de informática.* Em http://www.fteam.com/glossario004.shtml, acesso em 25 de Fevereiro de 2001). Ou a definição proposta na página da Microsoft Portugal: «Zip drive *n.* A disk drive developed by Iomega that uses 3.5-inch removable disks (Zip disks) capable of storing 100 megabytes of data.» (Microsoft 2000)

[121] É de salientar a dificuldade decorrente da tradução de nomes e sintagmas nominais relativos a campos técnicos, tal como Rey (citado por Gile 1995: 92) afirma: «Nominal entities, which are the type of words and word groups used to denote technical referents. Indeed, the main difference between specialized and non-specialized informative text sentences is the fact that in the former, the nouns and noun phrases refer to concepts and objects that are not well known to the general public.» Nas ciências, e especialmente em tecnologia, as unidades terminológicas em diferentes línguas tomam a forma de sintagmas nominais, a sua estrutura é constante: um nome ou um grupo nominal e um determinante, formado por vários adjectivos ou complementos preposicionais (Rey 1995: 107).

[122] «Unidade de medida convencional para descrever a velocidade de transmissão de dados. Um baud corresponde a um bit por segundo.» (Carmo 1998: 13)

[123] Termo que surge, por exemplo, em «O tamanho do conjunto de sectores depende do tipo de partição e o tamanho da partição depende do sistema de ficheiros utilizado. Por predefinição, a maior parte dos computadores utiliza apenas uma partição.» (Compreender a forma como as informações são armazenadas, *Introdução ao Windows 98.*)

Se esses termos estivessem em hipertexto, as dúvidas seriam resolvidas mais facilmente. Para concretizar esta proposta é necessário permitir aos localizadores e técnicos de informática a possibilidade de inserirem novas hiperligações na versão localizada quando isso for pertinente, tendo em conta os potenciais utilizadores portugueses, por exemplo. É claro que essas inserções no sistema operativo devem ser discutidas e autorizadas pela editora do programa em causa.

3.3.6 Existência de mais do que um termo para a mesma realidade

Após a análise da versão portuguesa do Windows 98, encontrámos algumas inconsistências ao nível da terminologia utilizada em diversos passos do mesmo. Refira-se uma vez mais que grande parte dessa terminologia foi mantida em inglês, o que atenta contra a desejada vitalidade da língua portuguesa e contra a própria funcionalidade dos textos, prejudicando o contacto com o utilizador e o cumprimento do propósito deste TC: informar de forma clara.

Uma questão a mencionar relaciona-se com a utilização da formulação «botões para a frente e para trás». Considere-se o seguinte exemplo ilustrativo:

> Windows 98 is easier to use with true Web integration and workflow enhancements such as, icon highlighting, forward and backward buttons, and an easy-to-customize Start menu. For more information about customizing your desktop[...]

Vs.

> O Windows 98 é fácil de utilizar com integração total na *Web* e melhorias no fluxo de trabalho, tais como, realce de ícones, botões para a frente e para trás e um menu Iniciar fácil de personalizar. Para mais informações sobre como personalizar o Ambiente de Trabalho [...] (Funções inovadoras e fáceis de utilizar, *Ajuda do Windows*)

Noutro tópico os localizadores utilizaram termos diversos, não coincidentes com os supracitados, quando o que se pretende significar é rigorosamente a mesma coisa:

> In Windows 98, the *toolbar* in each window includes Forward and Back buttons. You click these buttons to navigate back and forth through folders, documents, and Web sites.

Vs.

> A *barra de ferramentas* das janelas do Windows 98 inclui os botões **Avançar** e **Retroceder**. Clique nestes botões para avançar e retroceder nas pastas, documentos e Web sites. (Integração com a Web, *Introdução ao Windows 98*)

Neste caso podemos verificar que a consistência em termos terminológicos pode ainda ser melhorada de forma a ir ao encontro da uniformidade dentro de um mesmo sistema operativo.

Essa inconsistência talvez se deva ao facto de ter sido um vasto leque de localizadores a trabalhar na elaboração do TC. Porventura, terá falhado algum aspecto ao nível da coordenação dos vários elementos ou na revisão final da tradução[124]. Note-se que os termos utilizados para identificar esses botões - na barra de ferramentas do programa Internet Explorer, versão portuguesa - são *Avançar* e *Retroceder*, o que acontece igualmente na barra de ferramentas de «O meu computador» e na barra das janelas dos manuais de Ajuda. Neste último caso, nos botões não se encontra a referência «para a frente e para trás», como são identificados no extracto do primeiro tópico supracitado, principalmente quando o TP se refere, nos diversos casos, apenas a «forward and backward buttons» (Innovative, easy-to-use features, *Windows Help*).

Um outro elemento interessante relativo à falta de consistência terminológica surge na mensagem incluída numa caixa de diálogo,

- Click Finish to save it in your Dial-Up Networking folder
<**Back Finish Cancel**

Vs.

- Clique em 'Concluir' para a guardar na pasta de 'Acesso telefónico à rede'
<**Retroceder Terminar Cancelar** (Para configurar uma ligação de rede utilizando acesso telefónico à rede)

Visto que as opções indicadas na caixa de diálogo para a criação de uma nova ligação são «Retroceder/Terminar/Cancelar», na mensagem que antecede a criação da ligação surge a incongruência: não existe na caixa de diálogo o botão com a opção «Concluir», mas sim com «Terminar». Em boa verdade, as duas opções estão correctas no que respeita à significação; neste contexto as divergências de significado entre «concluir» e «terminar» são inexistentes, mas não podemos deixar de referir que um utilizador comum estranhará a ocorrência dos dois termos.

---

[124] Hoft (1995: 45) defende que a qualidade de uma versão localizada só pode ser assegurada se a informação for devidamente revista e verificada (testada) de forma a avaliar o seu rigor e globalidade. Para além disso, sugere que o revisor das traduções seja um especialista da área que assegura a qualidade do texto, avalia o seu estilo, a adequação do conteúdo cultural e o uso correcto da terminologia. A editora de *software* deve estabelecer linhas de acção para essa mesma revisão (Hoft 1995: 198).

Esse lapso representa o incumprimento da congruência e da qualidade terminológica que técnicos e linguistas americanos pretendem na localização de *software*[125].

Um outro exemplo interessante refere-se à utilização de dois termos, dois sintagmas nominais, *impressora partilhada de rede* e *impressora de rede* (*Ajuda do Windows*) equivalentes a: *printer shared over a network* e *network printer*. Em relação a estas unidades, no tópico «Para utilizar uma impressora de rede partilhada» (*Ajuda do Windows*) é incluída uma caixa explicativa sobre «impressoras partilhadas» que contém a seguinte definição:

> **A printer attached to another computer that has been made available for you to use on the network. It may also be called a network printer.**
>
> **Vs.**
>
> **Uma impressora ligada a outro computador que lhe foi disponibilizada para poder ser utilizada na rede. Também pode ser designada como impressora de rede.**

Ao localizador não restava outra alternativa senão traduzi-las por duas formas diferentes, o que de facto aconteceu; mas, como os termos ingleses e os portugueses apontam ambos para um mesmo conceito, pode-se utilizar apenas uma solução, para que não se confundisse o utilizador com duas representações diferentes.

Um outro termo que também contribui para uma diminuição da qualidade deste TC é *gradiente*, que ocorre em «poderá alterar o gradiente.» (Para alterar o aspecto dos itens no Ambiente de Trabalho, *Ajuda do Windows*). Não é fácil ao utilizador comum entender este termo, necessitando realmente de uma explicação. Para resolver essa dificuldade, surge uma hiperligação à caixa explicativa que inclui a seguinte definição,

> **A gradação é uma alteração suave na cor, do lado esquerdo para o lado direito da barra de título. Pode seleccionar duas cores pretendidas em Cor 1 e Cor 2; o Windows irá criar uma transição de cores suave da esquerda para a direita. (Para alterar o aspecto dos itens no Ambiente de Trabalho, *Ajuda do Windows*)**

Esta definição ajuda o leitor/utilizador a entender uma unidade terminológica específica; no entanto, notamos a falta de coerência entre o termo que surge no tópico, *gradiente*, e o que é definido na caixa explicativa, *gradação*, sendo este último o mais adequado para o contexto como

---

[125] Bill Gates (citado por Brooks 2000: 43) perspectiva a localização como um processo linguístico, de substituição de um código por outro, o que é questionável visto que a adequação de um texto de um programa informático a um novo mercado não exige apenas uma recodificação na outra língua.

equivalente ao termo de partida[126]. Julgamos que, mais uma vez, apesar de haver o esclarecimento de uma dúvida, a inconsistência na localização deveria ter sido evitada, principalmente quando ela não existia no original, dado que é apenas um termo que é utilizado [127]. Dessa forma, o utilizador não teria dúvidas quanto ao significado de *gradação*, nem colocaria em causa a inteligibilidade do TC do Windows 98.

3.4 Questões culturais: elementos que dizem pouco à realidade portuguesa

No que diz respeito a questões culturais decorrentes da aproximação e contacto via tradução de dois universos culturalmente distintos, o português e o norte-americano, esses contactos devem ser mediados por uma correcta condução do processo de localização de um produto que se destina ao mercado português. Apesar das diferenças e das tentativas de se adaptar o *software* ao nosso contexto cultural, constatámos que há alguns aspectos que poderiam ser resolvidos de forma diversa. Em termos culturais, o localizador tenderá a transferir (em último caso, a adaptar à nova cultura, i.é, domesticar) traços que caracterizavam um produto concebido originalmente para os EUA. Caso tais processos sejam inviáveis, o localizador tenta omitir essas características culturalmente salientes que, se transferidas para o TC, seriam provavelmente olhadas com estranheza. Espera-se que o TC incluído nesse produto seja eficaz, cumpra os objectivos para que foi publicado e se apresente no novo espaço cultural e linguístico como se aí tivesse sido gerado e escrito[128]. Relativamente aos aspectos culturais em tradução

---

[126] Comparem-se as definições de *gradiente* e de *gradação* incluídas na *Diciopédia 2000*: a) «**gradiente** (Do fr. *gradient*, «id.») *substantivo masculino* / ***matemática*** coeficiente angular (ou declive) da tangente a uma curva (em um dos seus pontos) e cujo valor é o da tangente trigonométrica da inclinação da tangente à curva (nos pontos em que tal tangente exista); **gradiente de um escalar (ou de um campo de escalares, num ponto)** vector cuja direcção é dada pela direcção da mais rápida variação no escalar com a distância, cujo sentido é o do aumento do escalar e cuja grandeza é igual ao aumento do escalar por unidade de distância; **gradiente hidráulico**: perda de energia de um líquido em movimento por unidade de peso e de percurso.»

b) «**gradação** (Do lat. *gradatione-*, «escada») *substantivo feminino* / aumento ou diminuição sucessiva e gradual; transição gradual» (*Diciopédia 2000*).

[127] «You can change the gradient [...].» «The gradient is a smooth change in color from the left side of the title bar to the right side of the title bar. You can choose any two colors you want from Color 1 and Color 2 and Windows will make a smooth color transition from left to right.» (To change the way items on the desktop look, *Windows Help*).

[128] Tal como se procedeu relativamente à localização do *Microsoft Encarta* para a língua alemã, processo no qual se efectuaram alterações em múltiplos aspectos: imagens, mapas, entradas. Tudo isso para se ir ao encontro das expectativas do público alvo (Kolhmeier 2000). Num artigo da responsabilidade da SDL (2000: 1) afirma-se que «If

técnica industrial, Sager (1993:29) defende que os problemas culturalmente condicionados têm uma importância muito relativa em documentação proveniente de um contexto industrial, porque nos domínios da ciência, da tecnologia, do comércio, etc., a perspectiva cultural não se considera muito relevante. Normalmente são propostas soluções de compromisso que neutralizam ou eliminam esses potenciais problemas dessa natureza[129]. De acordo com sugestões de Gouadec (citado em Sager 1993: 184), podemos incluir o TP do Windows 98 na tradução de tipo funcional, uma vez que se pretende transferir totalmente tanto os valores qualitativos como quantitativos do TP deste sistema operativo, ainda que o autor saliente que por vezes a «tradução absoluta» seja uma tradução excessiva porque os vários utilizadores têm diferentes necessidades de informação a satisfazer de modos igualmente diversos, recorrendo a várias formas de apresentação dessa informação.

Por conseguinte, quando no presente caso os localizadores se ocupam de determinado programa e o localizam especificamente para o mercado português (Portugal), a editora do *software* espera que esses profissionais produzam um texto português não só ao nível da língua utilizada, mas também em termos culturais. No plano ideal este é o desejo último, mas, em relação ao Windows 98, e como referimos anteriormente, consideramos que houve aspectos que escaparam a quem nele trabalhou.

Em termos práticos, tendo em conta que o Windows 98 foi localizado e adaptado às necessidades dos portugueses, não percebemos a razão que conduz à inclusão de textos como os seguintes:

---

localization has been truly successful, then the French or German (or any other) purchaser should own a product that they would perceive as having been developed and produced in their own country, rather than something that has been developed abroad, converted and then imported.». Vermeer (1986: pp. 21-25) compara as apresentações diversas do conceito do «barroco» retiradas de obras destinadas ao público alemão, francês e português, entradas essas que são adequadas ao contexto e tradição cultural a que se destinam.

[129] Em *International User Interfaces*, os vários autores salientam precisamente as preocupações a ter em conta de forma a apresentar produtos destinados a mercados muito diversificados e que estejam o mais possível adaptados a esses novos contextos. Defendem que tal preocupação nem sempre é fácil de concretizar em produtos multilingues destinados a um mercado global (Del Galdo e Nielsen 1996).

> Se não tiver um modem, nos Estados Unidos pode encomendar os ficheiros de acessibilidade em disquetes contactando o [...] através do número (800) 426-9400 (voz) ou (800) 892-5234 (telefone de texto) entre as 6:30 e as 17:30, hora do pacífico.
> Alguns destes serviços e acessórios poderão não estar disponíveis no seu país. Para mais informações, contacte a sua subsidiária da Microsoft ou a Microsoft dos Estados Unidos.
> No Canadá poderá ligar para o [...] (Personalizar o Microsoft Windows, Windows NT e Windows 95, *Ajuda do Internet Explorer*)
>
> Pode contactar o Microsoft Sales Information Center através de um telefone de texto marcando o número (Estados Unidos) [...] hora do pacífico)»;
> «Para obter suporte técnico nos Estados Unidos, pode contactar o Suporte técnico da Microsoft através de um número de telefone de texto (...) No Canadá, pode ligar para... (Serviços da Microsoft para pessoas com dificuldades auditivas, *Ajuda do Internet Explorer*)

Estas informações são pouco relevantes e de pouca utilidade para um utilizador português que necessite desses ficheiros específicos. Não é plausível que um português telefone para os EUA ou para o Canadá para obter informações sobre o assunto explorado no tópico; refira-se, de igual modo, a questão da língua em que se estabeleceria a comunicação. Mais uma vez houve algo que escapou aos localizadores e aos proponentes dessas informações pouco funcionais num texto destinado a Portugal. Julgamos que se trata efectivamente de uma falha em termos de localização do Windows 98. Ainda assim, imaginemos que o Pedro, ou o Manuel, pretende telefonar para os números indicados supra; como irão eles saber a hora a que fazê-lo? Esta questão inocente remete precisamente para um outro aspecto descurado: como informar quanto à diferença horária entre o nosso fuso horário[130] e o da Hora do Pacífico.

Num extracto retirado do tópico «Apresentação do Windows 98» propõe-se:

> Through the channel feature, you can subscribe to Web sites, including those of leading *content providers* such as Disney and Time-Warner.

Vs.

> A função de canais permite-lhe subscrever Web sites, incluindo os dos principais *fornecedores de conteúdo* como a Disney e a Time Warner. (*Introdução ao Windows 98*)

Pretendemos destacar as linhas de orientação que têm como objectivo levar os utilizadores até às empresas norte-americanas quando lêem o extracto citado, uma vez que são conduzidos por uma linguagem que se aproxima da publicitária. Aquando da localização seria desejável tentar encontrar equivalentes portugueses ou europeus (que substituiriam as propostas acima ou seriam

---

[130] Salvaguarde-se o caso do arquipélago dos Açores que se pauta por um fuso horário diferente do que vigora em Portugal Continental e Madeira.

adicionados às mesmas) mais do que transferir as referências destinadas ao público norte-americano. Se se permitir que esta prática se perpetue, os localizadores portugueses estarão a contribuir, a longo prazo, para a americanização em massa da cultura portuguesa.

No que diz respeito a propostas de empresas portuguesas fornecedoras de (ciber)conteúdos, temos de compreender que não eram muitas em 1997/1998, mas existiam algumas, por exemplo, editoras, jornais nacionais, estações de televisão, estações de rádio. É óbvio que a importância dos fornecedores de conteúdos sugeridos no tópico é clara num contexto norte-americano, mas num meio sociocultural português essa importância é menor, quer este produto se destine a um meio empresarial quer ao domicílio.

No caso seguinte, saliente-se a quantidade de elementos estranhos à nossa língua que surgem num curto período do texto. Essa insistência em elementos informativos que conduzem a uma realidade e a um contexto exclusivamente norte-americanos chama a nossa atenção para o facto de, através de um sistema operativo, se tentar «globalizar» determinadas formas de estar no mundo, «americanizar» o modo de agir dos indivíduos de outras culturas, latitudes e longitudes. Em localização, dever-se-á ir ao encontro de valores e expectativas de utilizadores culturalmente diferentes, com prioridades diversas, evitando-se a disseminação de atitudes e valores provenientes dos EUA (cf. Uren *et alii* 1993: pp. 81-82) . Senão vejamos o exemplo:

> Using the Active Desktop Gallery on the Microsoft Web site, you can also add live content, such as an MSN(tm) Investor Ticker and the MSNBC Weather page, to your desktop.

Vs.

> Utilizando a Active Desktop Gallery existente no Web site da Microsoft, também pode adicionar conteúdo em tempo real, tal como o MSN(tm) Investor Ticker e a página de informações meteorológicas da MSNBC ao seu Ambiente de Trabalho. (Utilizar o Active Desktop, *Introdução ao Windows 98*)

Poder-se-á questionar a relevância das propostas apontadas: será que um utilizador português entende *MSN (tm) Investor Ticker*, proposta dirigida a um contexto norte-americano? Surge ainda a indicação de um sítio que proporciona informações meteorológicas de todo o mundo (acessível

em http://msnbc.com/); no entanto, nesse sítio surge apenas a língua inglesa[131]. Consequentemente, um português que não domine essa língua, e que visite o sítio proposto, considera essa referência inútil, não vendo qualquer razão para aceitar a sugestão de a colocar como pano de fundo do seu Ambiente de Trabalho. Mas àqueles que saibam inglês poderá interessar.

Uma outra característica típica da americanização/globalização - conceitos que, por vezes, se interpenetram nos valores e atitudes das empresas norte-americanas[132] - é o facto de as hiperligações propostas no sistema operativo encaminharem os utilizadores para os EUA, como, por exemplo, *Microsoft Accessibility and Disabilities na World Wide Web.* Esta proposta útil e funcional nos países de expressão inglesa contribui apenas para a exclusão de um português que necessite dessas informações e não domine a língua inglesa. Apesar de tudo, temos de concordar que, com o advento do sítio português da Microsoft, essas questões acabam por se diluir. Bastará ao utilizador estar um pouco mais esclarecido para poder entrar em contacto com essa sucursal virtual, versão adaptada e adequada ao mercado português.

Em relação ao tópico respeitante a documentos em formatos alternativos a questão que se coloca deriva dos obstáculos à inteligibilidade do que é proposto. Veja-se o extracto:

> **If you have difficulty reading or handling printed documentation, you can obtain many Microsoft publications from Recording for the Blind & Dyslexic, Inc. Recording for the Blind & Dyslexic distributes these documents to registered, eligible members of their distribution service, either on audio cassettes or on floppy disks. The Recording for the Blind & Dyslexic collection contains**

---

131 Apesar deste facto, os criadores do sítio referenciado tiveram o cuidado de criar páginas em que o visitante «navega» de forma intuitiva, mas é sempre necessário entender minimamente a língua utilizada. Além disso, é de louvar igualmente a inclusão das temperaturas em graus centígrados, indo dessa forma ao encontro de muitos mais visitantes do que se apenas se propusesse a escala *Fahrenheit* (cf. O'Donnell 1994: 56)

132 No artigo «The globalization of economy and society», Lubbers (1996: 7) afirma o seguinte: «Some people also speak of cultural globalization. What is meant exactly by this? We may say that the phenomena referred to as the Americanization of our consumption and entertainment culture are already implied by the globalization of the market economy and thus of the consumer society. Hence, this form of globalization is the fruit of economic and technological globalization. However, cultural globalization has no roots; people prefer to think in terms of our neighborhood, our city, and our country, rather than in terms of our world. This implies that cultural globalization remains something superficial.»

more than 80,000 titles, including Microsoft product documentation and books from Microsoft Press.

Vs.

Se tiver dificuldades ao ler ou ao tratar de documentação impressa, pode obter várias publicações da Microsoft através da Recording for the Blind & Dyslexic, Inc. A Recording for the Blind & Dyslexic distribui estes documentos para membros registados e elegíveis do respectivo serviço de distribuição, em cassetes de áudio ou em disquetes. A colecção da Recording for the Blind & Dyslexic contém mais de 80.000 títulos, incluindo a documentação dos produtos da Microsoft e os manuais da Microsoft Press. (Documentação da Microsoft em formatos alternativos, *Ajuda do Internet Explorer*)

O utilizador recebe aqui informações acerca da existência de uma empresa dos EUA, a *Recording for the Blind & Dyslexic, Inc*, que disponibiliza várias publicações destinadas a utilizadores com necessidades especiais, neste caso concreto, com problemas visuais ou de dislexia. Realçamos o facto de não se incluir informação suficientemente esclarecedora relativa aos destinatários reais desses produtos que não sejam falantes de língua inglesa. Se estas informações se destinam a um utilizador português incapaz de perceber a língua inglesa e que necessite de documentação em «formatos alternativos» por sofrer de algum dos problemas mencionados, nesse caso, assim como em outros semelhantes, a clareza era necessária, bastando para tal fornecer uma explicitação dos destinatários dos produtos anunciados e oferecidos pela empresa norte-americana. Dessa forma, o utilizador português com necessidades especiais receberia informação sobre uma empresa que o pudesse ajudar, fornecendo-lhe documentação extra e adequada ao seu caso particular.

Essa atitude tradutológica contrasta, de alguma forma[133], com o proposto no seguinte exemplo:

in Multiple Document Interface (MDI) programs.

Vs.

Em programas de interface de múltiplos documentos (MDI, Multiple Document Interface). «Utilizar teclas de atalho no Windows», *Ajuda do Windows*)

É bastante positivo o facto de se permitir ao utilizador português entender melhor a especificidade desse tipo de documento. Esta mesma atitude de tradução ocorre em relação à sigla *FAT, File Allocation Table*, traduzida por «Tabela de Atribuição de Ficheiros» (Utilizar o

[133] Neste caso trata-se de uma especificidade de determinado programa informático e no anterior refere-se um nome de uma empresa, nome esse que, por norma, não deve ser alvo de tradução.

Conversor de Unidades (FAT 32), *Ajuda do Windows*). Infelizmente, não podemos afirmar que este procedimento seja a regra em TC do Windows 98, visto que muitos termos nem sequer são objecto de tradução, como acontece, por exemplo, com o utilitário *Hyper Terminal*. Dever-se-ia decalcar este termo, como equivalendo a «Hiper Terminal», da mesma forma que se traduz a aplicação *Bloco de notas*, a *Calculadora*, o *Desfragmentador de disco* ou o *Explorador do Windows*.

Em caso bastante semelhante ao exposto anteriormente, a Microsoft encaminha-nos para a sugestão de dois dos serviços em linha mais conhecidos:

> **Well-known online services include** The Microsoft Network (MSN) and America Online(r) (AOL).

Vs.

> **Os serviços online mais conhecidos são a** The Microsoft Network (MSN) e o America Online(r) (AOL). (**Definir a ligação à Internet,** *Introdução ao Windows 98*)

Saliente-se em primeiro lugar uma questão de pormenor em relação à tradução adiantada, que nos leva a destacar ***well-known*** e «os... mais conhecidos». A opção no TC acaba por não corresponder exactamente ao TP porque qualifica essas duas referências de uma forma que este não contempla. Os elementos de partida deveriam ter sido traduzidos por «conhecidos» ou «muito conhecidos» e não *Os...mais conhecidos*. A opção pelo grau superlativo relativo de superioridade eleva esses serviços face a outros que existam e que possuam as mesmas características, mas em menor grau. Assim, esta tradução acaba por ter consequências a nível sociocultural. Alertamos igualmente para a arbitrariedade da escolha dessas referências a empresas norte-americanas, bem como para o facto de ser razoável em localização a inclusão de referências adequadas à perspectiva portuguesa, i.é localizadas. .

Um outro aspecto a mencionar é a orientação do utilizador português relativamente a referências a produtos e serviços da própria Microsoft. Por exemplo, no tópico «Colocar as barras de ferramentas onde deseja» (*Ajuda do Windows*) lê-se o seguinte,

> A barra de ferramentas **Endereço** permite-lhe escrever o endereço de uma página da Web (URL) sem ter de abrir o browser Internet Explorer.
> A barra de ferramentas **Hiperligações** fornece atalhos para Web sites importantes (por exemplo, www.microsoft.com), de modo a poder abrir esses sites sem ter de abrir primeiro o browser.

No primeiro caso, há uma referência explícita ao motor de pesquisa da Internet fornecido conjuntamente com o sistema operativo, tal como acontece no tópico «Alterar a sua home page»[134], sem se mencionar qualquer outro existente no mercado[135]. Por conseguinte, o utilizador menos avisado poderá pensar que não existe alternativa para além do programa Internet Explorer. Somos de opinião que deveria surgir aqui uma referência ao Netscape Navigator[136] ou a outros programas que proporcionam o mesmo tipo de pesquisa na Internet. No segundo caso, a Microsoft não perdeu a oportunidade de considerar o sítio da empresa como importante, uma proposta algo incorrecta por não indicar qualquer outro sítio alternativo. Embora se entendam as razões que conduziram a essa classificação, entendemos que os responsáveis deveriam ter em conta que o programa e a documentação se destinam a utilizadores portugueses e o sítio se apresenta em língua inglesa[137], e isso deixa de fora muitos portugueses.

No extracto «yale - O servidor da Web é da Universidade de Yale.» (O que é um endereço de Internet, *Ajuda do Internet Explorer*) surge uma referência, a título exemplificativo, a uma instituição dos EUA, a Universidade de Yale. Se se pretendia apenas ilustrar o significado de um item que pode surgir num endereço, por que não naturalizar[138] e propor o de uma escola portuguesa, por exemplo, a Universidade de Coimbra, de Aveiro ou do Minho, referência mais

---

134 Quando se sugere «1. Vá para a página que deseja que seja apresentada quando iniciar o Internet Explorer pela primeira vez.» (*Ajuda do Internet Explorer*).

135 Possivelmente essa terá sido uma das razões que levou, em 7 de Junho de 2000, a Microsoft a ser condenada ao desmembramento, o que pode conduzir ao nascimento de uma editora de sistemas operativos e outra editora de programas e ferramentas informáticas que funcionem em múltiplos sistemas operativos; principalmente com o objectivo de se evitar práticas monopolistas. No entanto, refira-se que esta decisão de um tribunal dos EUA está suspensa e aguarda-se decisão do Supremo Tribunal de Justiça dos EUA.

136 Refira-se que este programa de navegação é referido em quatro tópicos de Ajuda do Internet Explorer, com o objectivo de comparar estes dois *navegadores*.

137 Por outro lado, os portugueses têm a possibilidade de recorrer à tradução automática disponibilizada pelo serviço Systran para que possam entender os textos desse sítio. Caso contrário, hoje podem aceder ao sítio da Microsoft Portugal, onde se pode ver que a localização de documentação e serviços em linha é deveras importante na estratégia de internacionalização e de afirmação de uma empresa multinacional. Como pretende chegar a outros mercados, a outras línguas e culturas, a Microsoft previne-se e respeita-as, tentando ir ao encontro das expectativas específicas dos potenciais clientes desses mercados «locais».

138 A naturalização surge em tradução quando se verte um texto de partida recorrendo à forma mais natural possível, tendo em conta o leitor do texto de chegada, e segundo -usos convencionados nessa língua e cultura. O tradutor que opta por esta estratégia privilegia as expectativas linguísticas e sócio-culturais dos destiantários (Delisle *et alii*. 1999: 266).

adequada ao nosso contexto geográfico[139] - ainda que se possa contrariar esta escolha, recorrendo-se a argumentos que descrevem esta escolha como uma regionalização, como uma forma de continuarmos fechados «na nossa paróquia»[140] perante um avanço, cada vez mais forte, do conceito da «aldeia global». Através do empréstimo, garante-se a divulgação de uma universidade que diz pouco à esmagadora maioria dos portugueses. Se se tivesse optado pela naturalização, adiantar-se-ia uma proposta mais eficaz de um dado simplesmente exemplificativo. Em termos culturais, propunha-se uma realidade mais próxima, e o TC deixaria de ser visto como uma auto-estrada de informação com um único sentido: a «americanização» de outras culturas.

3.5 Alguns erros de tradução

Hartley e Paris (1996: 221) lembram que as equipas que criam *software* podem estar dispersas geograficamente, que alguns dos seus membros trabalham na localização das versões nos seus próprios países, ocupando-se de versões para as línguas locais, uma vez que a globalização prevê que os produtos sejam distribuídos localizados, i.é adaptados aos requisitos linguísticos, culturais e legais do mercado local. As pressões para reduzir os prazos de forma a colocar o produto cada vez mais rapidamente no mercado levaram à adopção de muitas ferramentas que apoiam a tradução: os sistemas de tradução automática, os dicionários electrónicos e a substituição (quase) automática de termos e a redacção de novos textos a partir de outros (*idem*: 222). Daí que se possa concluir que os lapsos decorrentes da localização do texto português incluído no Windows 98 se devem a todos estes factores conjugados. Seria interessante analisar a fundo até que ponto algumas das questões levantadas por este trabalho foram resolvidas nas versões portuguesas subsequentes ao Windows 98. Mas o que é certo é que aquelas

---

[139] O caso em análise poder-se-á englobar na abordagem relativa aos referentes reais na cultura de partida: «Realia constitute those points in the translated text at which "the translation is showing," simply because the universe of reference of culture A never totally overlaps with the universe of reference of culture B.» (Florin 1993: 122).

[140] Hoft (1995: 128) sugere que a redacção de textos técnicos destinados a países da União Europeia deve ter em conta factores culturais intrínsecos a cada país e cultura, uma vez que a globalização fomentou a defesa das identidades nacionais.

anomalias, vão em sentido contrário à caracterização sumária que Cabré (1999: pp. 70-71) apresenta relativamente a textos de uma linguagem específica:

> Texts are concise (they tend not to be redundant), precise (they tend to avoid ambiguities), and impersonal (they are not emotive).

Na nossa opinião, os utilizadores do TC do Windows 98 sentir-se-ão um pouco confusos após a leitura de alguns enunciados: esperam encontrar uma explicação clara para questões que tenham sido suscitadas e deparam-se com um texto pouco compreensível, escrito de forma que, por vezes, nos parece um pouco confusa. Para Hale (1996: 8) o produto de um acto de tradução pode ser classificado de várias formas:

> Translations can be natural, crisp, vivid, idiomatic, stylish, flowing. They can also be wooden, doughy, dull, unidiomatic, hurried, disconcerting. Do such terms mean any more than that we expect a translation – no matter how odd, unpredictable and unidiomatic the original - to offer readability and avoid any awkwardness.

Esta última afirmação de Hale sugere uma atenção constante relativamente ao texto a produzir, algo que talvez não tenha eco na globalidade do texto que analisámos. A pouca preocupação com a inteligibilidade e naturalidade deste TC reflecte-se num conjunto de lapsos possivelmente originados por factores já referidos neste trabalho; salienta-se mais uma vez a importância dos revisores humanos[141] para efectuarem uma última leitura. Senão vejamos:

Lapsos	Referência ao tópico e manual de ajuda
• Ícones respectivos devem aparece	Configurar uma Impressora , *Introdução ao Windows 98.*
• Ficheiros que abe	Personalizar o menu 'Iniciar' e a barra de tarefas , *Introdução ao Windows 98.*
• Como fundo da uma janela	Visualizar conteúdo da Web em janelas individuais, *Introdução ao Windows 98.*
• Ficheiros e postas,	Copiar e mover ficheiros e pastas, *Introdução ao Windows 98.*
• Podendo podendo	Para configurar uma ligação directa por cabo, *Ajuda do Windows.*
• Computadorou	Para mostrar todos os ficheiros e extensões de nomes de ficheiros, *Ajuda do Windows*
• Iniciare	Para ejectar o computador da estação de ancoragem, *Ajuda do Windows* .
• Redefnida	Para ejectar o computador da estação de ancoragem, *Ajuda do Windows* .

[141] Segundo Hoft (1995: 198), a maioria das empresas recorre aos seguintes profissionais para reverem as versões localizadas: directores de vendas locais; gestores ou engenheiros das agências locais; distribuidores locais; peritos na área específica que trabalham em regime *freelance*. Esta autora salienta de imediato alguns problemas que podem surgir quando se recorre a estes revisores, um deles é a possível falta de conhecimento do programa a rever.

• Fazendo clique o botão	Procurar na Web de uma forma mais rápida e mais fácil, *Ajuda do Internet Explorer*
• Trartar	O que há de novo no Internet Explorer, *Ajuda do Windows*
• V. Sa. • á devoluboção	License.txt, *Help*

Na impressão de um livro traduzido, ou num artigo de jornal ou revista, é normal que surjam alguns lapsos, mas os que acabámos de apresentar são pouco compreensíveis quando surgem num contexto industrial de tradução em que, na elaboração deste TC intervieram os mestres das novas TI, munidos de ferramentas tecnologicamente avançadas. Ao nível da revisão[142], é necessário ser perspicaz e ter um conhecimento linguístico e extralinguístico suficientes para detectar e resolver essas incorrecções. Essa é precisamente a missão do revisor[143].

Num texto que resultou dessa intervenção coordenada de profissionais e de meios tecnológicos avançados, não é fácil aceitar que surja este conjunto de lapsos, uma vez que todos esses problemas são evitáveis por uma revisão cuidada. Em termos práticos, bastaria que o TC corresse, por exemplo, na aplicação Microsoft Word e se seleccionasse e activasse o «Português (padrão)» para que a verificação ortográfica do texto assinalasse de imediato alguns desses lapsos. Contudo, não esqueçamos que a ferramenta de correcção ortográfica dessa aplicação de edição de texto não detecta todo o tipo de incorrecções.

É de salientar neste TC o facto de se encontrarem alguns erros que poderiam ter sido evitados por uma revisão mais adequada ao texto a incluir no programa. Apresentamos alguns desses casos, com a intenção de o trabalho de localização ir ao encontro de um TC mais correcto e totalmente de acordo com a norma portuguesa europeia. A título de exemplo, o seguinte extracto merece-nos alguns reparos:

---

142 Carter (1991: 96) sugere que por vezes a pressão dos prazos em localização é o factor que justifica que os tradutores nem sequer tenham tempo para rever os textos que redigiram em LC. Para além disso, este autor refere que é muito difícil resolver todo o tipo de erros que surjam após a localização, mas que um bom revisor pode resolver a maioria dos erros tipográficos, gramaticais ou ortográficos (1992: 14).

143 Em relação aos linguistas que asseguram a qualidade linguística de um produto localizado, a SDL (2000: 5) defende que se deve evitar atribuir essa função a um revisor cuja língua materna não seja a que consta da versão localizada. Para além desta sugestão, os diversos autores conhecedores da localização propõem que essa tarefa deva ser sempre atribuída a um localizador nativo e experiente que assume a liderança do projecto (Esselink 1998: 268; O'Donnell 1994: 271).

> You can also read Web content when you're not connected to the Web, just by telling Internet Explorer which of your favorite sites to download while you're doing something else-like sleeping.

Vs.

> Também poderá ler o conteúdo da Web quando não estiver ligado à Web, basta indicar ao Internet Explorer quais os seus sites favoritos a transferir enquanto estiver ocupado com outras tarefas, como, por exemplo, dormir. (O que há de novo no Internet Explorer, *Ajuda do Windows*)

Face à explicitação que surge em «enquanto estiver ocupado com outras tarefas, como, por exemplo, dormir.», não é fácil compreender de que forma a actividade «dormir» pode ser considerada uma tarefa. O TP não é tão comprometedor como o TC, dado que a exemplificação proposta é mais geral, não sugerindo o termo *tarefas*, que foi adicionado neste TC, mas sim «outra coisa qualquer». Uma tradução equivalente em termos dos efeitos a atingir seria: «enquanto estiver, por exemplo, a dormir». O enunciado que integra o TC em estudo levanta-nos dúvidas quanto à objectividade, para além de se registar um desvio perante o conteúdo da mensagem de partida, aspecto pouco recomendável em qualquer tipo de tradução[144].

Ainda a propósito de incorrecções, se analisarmos o enunciado seguinte, podemos verificar que se instala alguma confusão entre dois termos quase parónimos[145], *análogo* e *analógico*, principalmente quando os localizadores optam pelo primeiro termo:

> Selecting this option will play the recording in digital, not analog, mode.

Vs.

> Ao seleccionar esta opção irá reproduzir a gravação em modo digital, e não em modo análogo. (Para enviar CD áudio directamente para um dispositivo digital de saída, *Ajuda do Windows*).

Veja-se o que é sugerido no *Glossário da Microsoft* (Microsoft 2000):

> *analog* adj. Pertaining to or being a device or signal having the property of continuously varying in strength or quantity, such as voltage or audio. Compare digital (definition 2);

ou ainda a definição de dados analógicos,

> analog data n. Data that is represented by continuous variations in some physical property, such as voltage, frequency, or pressure. (*idem*).

---

144 Aspecto referido por Herman (1993: 13) quando defende que a tradução de texto técnico não deve ser literal, mas deve comunicar o mesmo significado do texto original, sendo a mais directa possível.

145 O *Dicionário de Metalinguagens da Didáctica* define «paronímia» como «Carácter de palavras quase homónimas que podem ser confundidas entre elas. As palavras ou grupo de palavras têm um sentido diferente, mas uma forma parecida. As palavras parónimas têm uma certa analogia fonética e gráfica mas semanticamente são muito diferentes.» (Lamas 2000: 366).

Uren *et alii* (1993: 274) definem *analog* de forma semelhante e adiantam desde logo que se trata do antónimo de digital:

> **Representation of an object in a way that resembles the original in continuous full range measures. A computerese antonym of digital.**

A mesma acepção surge no *Dicionário de Internet* disponível nos canais do SAPO (2000), que define *analógico* da seguinte forma:

> **Qualidade de uma magnitude ou parâmetro que não adapta valores fixos ou determinados, mas que varia dentro de uma linha infinita de valores. Opõem-se ao conceito de digital. Por exemplo, um termómetro de mercúrio é analógico, já que, entre o máximo e o mínimo, o mercúrio pode indicar infinitos estados; todavia, um termómetro electrónico, que só pode mostrar uma série limitada e finita de números no ecrã, é digital.**

Consultando-se a *Diciopédia 2000*, constata-se que o termo «análogo» que surge no TC se identifica com, e tem o mesmo sentido de:

> **análogo** (Do gr. análogos, «proporcional», pelo lat. Anal+gu-, «id.») adjectivo / que tem analogia; / que provém de factos idênticos; / semelhante).

Tendo em conta estas definições, é difícil perceber que o termo *análogo* seja equivalente a *analog* neste contexto. Em português o oposto de «rede digital» não é «rede análoga», mas «rede analógica». No dicionário *Eurodicautom* o termo de partida citado é sempre equivalente a *analógico*. Mesmo a hipótese de «análogo» ser apresentado como um neologismo nesta versão portuguesa do Windows 98 é anulada pelo facto de o termo não constar do respectivo glossário.

Fica a dever-se igualmente a uma falta de atenção de quem traduziu o tópico «Finding items like those on the Apple menu», quando *Apple* é traduzido para a versão portuguesa como *Maçã*, uma solução inadequada. Esta tradução surge por duas vezes no tópico que substituiu o inglês: «Localizar itens semelhantes aos do menu da Maçã» (*Ajuda do Windows*). Há, neste caso, uma referência explícita ao menu dos computadores Macintosh da Apple. Esta hipertradução demonstra o pouco cuidado dos localizadores envolvidos, denunciando igualmente uma revisão incompleta. A qualidade da escrita de um texto de chegada como este deve ser uma bandeira da equipa que efectua a localização.

Se a mesma atitude tradutológica fosse posta em prática nas designações de produtos da Microsoft, o nome dessa empresa, por exemplo, teria de ser traduzido por qualquer coisa como «Micromole» e o termo Windows seria equivalente a «Janelas» e todas as menções a empresas e respectivos produtos seriam traduzidos. Deduzimos desta atitude de tradução que, possivelmente, o localizador que se ocupou deste tópico em particular teria conhecimentos diminutos da área da Informática[146] - hipótese de igual modo viável para a proposta de *análogo* referida anteriormente -, caso contrário teria percebido de imediato a referência à empresa e aos seus produtos, designação que não é alvo de tradução. Ressalva-se, relativamente às considerações acabadas de fazer, a hipótese de esta passagem de texto ter sido traduzida automaticamente. Mesmo assim, ressalta a falta de uma revisão cuidada.

Nesta secção focaremos ainda, de forma abreviada, três aspectos relacionados com a acentuação usada em TC, que nos parecem representativos da necessidade de maior preocupação com a redacção do texto em análise.

Apesar de em termos de eficácia comunicativa não ser muito relevante, um exemplo que demonstra essa preocupação diminuta com o texto final publicado relaciona-se com o termo «Acessórios», que surge sem o diacrítico. Esse esquecimento não é pontual: o utilizador contacta com ele logo no menu **Iniciar**, secção **Programas**, e essa omissão ocorre em quase todos os tópicos de Ajuda em que o item é referido. Salvaguardam-se dois ou três tópicos em que o termo é acentuado correctamente, o que denuncia falta de coordenação na totalidade do texto. Os localizadores não se poderão escudar em questões de dificuldade de inclusão de diacríticos, uma vez que na secção a que os «Acessórios» dão acesso surgem termos acentuados, tais como «Comunicações», e este, por exemplo, remete para a secção onde se encontra «Acesso telefónico à rede» ou «Ligação...». Se nesses casos é possível incluir os diacríticos, não parece haver uma justificação para a repetição do erro supra.

---

[146] Esselink (1999: 268) sugere que quando localizadores novos ou inexperientes participam em projectos de localização, o processo de revisão do texto de chegada por eles produzido deve ocorrer de forma sistemática e desde o momento em que começam a redigir esse texto.

Refira-se de igual forma o facto de o texto do ficheiro *License.txt* apresentar a contracção do artigo com a preposição «a», i.é «à», acentuada correctamente por cinco vezes e erradamente por seis, o que é esclarecedor quanto à falta de uma verificação atenta da qualidade linguística final.

No caso que apontamos de seguida, propõem-se dois antropónimos ingleses, *Anne* e *John*, que são adaptados para «Ana» e «Joaodo».

> **For example, if your user name was** ANNE **and your context was the organization** MARKETING, **your fully distinguished name would be .CN=ANNE.O=MARKETING.**
> **If your user name was** JOHNDO **in the organizational unit** USERS **in the organization** ACME, **your fully distinguished name would be .CN=JOHNDO.OU=USERS.O=ACME.**

Vs.

> **Por exemplo, se o nome de utilizador for** ANA **e o contexto for a organização** VENDAS, **o seu nome exclusivo será .CN=ANA.O=VENDAS.**
> **Se o nome de utilizador for** JOAODO **na unidade organizada** UTILS **na empresa** ACME, **o seu nome exclusivo será .CN=JOAODO.OU=UTILS.O=ACME** (Para iniciar sessão num computador com um contexto diferente, *Ajuda do Windows*)

Em termos formais, em Português o segundo nome carece de um til; todavia, essa omissão talvez tenha sido propositada, assumindo-se que os nomes de utilizadores focados obedecem ao princípio que se aplica à atribuição de nomes a ficheiros, segundo o qual não se devem utilizar certos caracteres com diacríticos. Para além de esse nome próprio estar realmente deturpado devido ao diacrítico omitido - o til estabelece a diferença entre um nome correcto e um incorrecto - transitam para português duas letras do inglês (*do*), talvez devido a questões de programação. Regressando ao uso de diacríticos, se não se podem utilizar caracteres para além dos previstos no mapa de caracteres ASCII, de apenas 128 símbolos, para designações deste género, mais uma razão para se propor um outro nome próprio, como, por exemplo Pedro ou Manuel. Esta opção, em termos de tradução seria mais correcta e adequada e, como os nomes surgem a título de exemplo, teria no leitor um efeito equivalente e o propósito do texto em análise seria cumprido na sua globalidade.

3.6 A localização de *hardware*

Embora o que vai ser abordado nesta secção não se prenda directamente com o texto do Windows 98, parece-nos oportuno fazer algumas considerações plenamente justificáveis à luz da política de localização em geral. Quando em Portugal uma empresa ou um utilizador individual compra um computador, espera, cada vez mais, que essa máquina apresente mensagens em português, tal como acontece quando, por exemplo, compra uma máquina de lavar de alguma qualidade e que inclui legendagem dos comandos em português em substituição da língua original, ou quando adquire um automóvel e lhe é fornecida a versão portuguesa da documentação pertinente.

Praticamente todos os computadores incluem na torre do processador (*CPU*) um conjunto de mensagens em língua inglesa que facilmente poderia ser localizado. Nomeadamente os termos *power*, *reset*, ou as mensagens incluídas no leitor de CD (*busy*, *mode*) ou no monitor (*Adjust*, *Select*, *Menu*, *Recall*). O teclado merecia igualmente um outro tipo de tratamento ao nível da localização, para além de a configuração ser *QWERTY* e não *AZERTY*, as teclas apresentam legendas em inglês[147]. Uren *et alii* (1993: 215) propõem uma imagem representativa de um teclado destinado ao mercado francês, na qual se pode constatar que as legendas das teclas se encontram traduzidas para essa língua: *Esc* = *Échap; Enter* = *Entrée*; *Delete* = *Suppr.* Por outro lado, Esselink (1998: 290) propõe um conjunto de termos estandardizados para designar as teclas (do teclado) de acordo com cinco línguas: italiana, francesa, alemã, espanhola e inglesa.

Os nomes das teclas que surgem nos textos de Ajuda correspondem a legendas inglesas num produto destinado a portugueses, *Print Screen*, *Num Lock*, *Scroll Lock*, *Pause*, *Break*, *Enter*, entre outras. Também se pode notar esse fenómeno em indicações que têm a ver com combinações de

---

[147] O glossário da Microsoft, define configuração do teclado como sendo «The key arrangement used for a particular keyboard, including such factors as the number of keys (101 is the current standard) and the configuration of the keys (QWERTY is the United States standard). Some proprietary systems use different layouts, and many allow you to map the keys to characters according to your preferences» (Microsoft 2000). Assim sendo, em Portugal, a maioria dos utilizadores está a utilizar o padrão de teclado americano. Um outro teclado alternativo é o *Teclado Dvořák* - também considerado *teclado ergonómico* - devido ao nome de um dos inventores ser August *Dvořák*, o outro é William L. Dealey.

teclas como, por exemplo, *SHIFT – DELETE*. Parece-nos que seria de toda a vantagem que estas teclas apresentassem inscrições em português e assim se cumpriria os propósitos da localização também a nível do hardware.

Uren *et alii* (1993: 20) referem que as teclas aceleradoras (combinação da tecla *Alt* ou *Ctrl* com uma outra tecla para executar determinada acção) devem ser localizadas, dando como exemplo a combinação Alt-O que, na versão inglesa do Microsoft Word (entre outras aplicações), é instrução para abrir um ficheiro. Acrescentam que isso se deveria praticar em relação à versão espanhola, em que o *O* de *open* não está de acordo com o termo local *abrir*. Constatámos que na versão portuguesa essa combinação foi localizada: propõe-se Ctrl-A - e não Alt-A. Na versão francesa mantém-se Ctrl-O, uma vez que o equivalente a *open* em francês é *ouvrir*. Também em relação Ctrl-N, este comando funciona em francês, dado que a tradução de *new* começa por *n* (n*ouveau*). Em português, compreende-se o recurso à combinação Ctrl-O, para abrir *novo* documento, uma vez que esta indica de forma indirecta que a combinação Ctrl-N já estava ocupada pela instrução que acciona a opção «negrito», por exemplo no processador de texto.

Em relação à localização das combinações de teclas, O'Donnell (1994: 289) dá como exemplo precisamente a localização para português. Quando os comandos são localizados, os utilizadores do produto português têm mais facilidade em familiarizar-se com o próprio programa e mais rapidamente o dominam do que se se mantiverem os comandos em inglês.

Conclusão

Após o que foi referido nos capítulos anteriores relativamente à localização em geral e ao caso específico do projecto que fez nascer a versão portuguesa do Windows 98, pretendemos, para finalizar, destacar alguns aspectos que decorrem da imersão possível no mundo da localização e das suas inter-relações com a tradução.

Um primeiro aspecto a recordar é, sem dúvida, o facto de o tradutor que se envolva num projecto de localização não ter uma tarefa simples à sua frente. Começa obviamente por lhe ser exigida uma formação em tradução que o prepare para a tradução técnica que a localização representa, para além do conhecimento adequado de LC, que lhe evitará alguns problemas, nomeadamente o receio de adiantar novas propostas de tradução para termos específicos e neologismos criados na área da informática.

É imprescindível que este novo tradutor tenha uma excelente formação em tradução e um sólido domínio da língua portuguesa para assim evitar decisões que comprometam o seu trabalho e lhe retirem novas oportunidades. No que se refere à formação específica em localização, a seu tempo focada neste trabalho, e tendo em conta a nossa experiência como utilizador do Windows 98 e as opiniões de profissionais desta área, essa pode resolver-se em alguns meses. Assim, se a um bom tradutor for propiciada a formação bastante em localização e manipulação das ferramentas informáticas aplicáveis, há garantias mínimas de poder criar-se um localizador competente. Saliente-se que um localizador nem sempre será um bom tradutor ou revisor de traduções quando, principalmente, esse localizador não tem como língua materna aquela que a versão localizada irá apresentar, ou quando reside num país estrangeiro há algum tempo. Infelizmente isso parece ser mais frequente do que desejável.

É um facto que a formação por si só não é garante de o novo tradutor ser bem sucedido nesta área: terá de dominar determinados meios modernos de telecomunicações que lhe permitam comunicar com os outros profissionais intervenientes no projecto e permitam igualmente a troca de experiências e de conhecimentos. Não obstante a capacidade de

manuseamento de novos meios de telecomunicações, o tradutor que pretenda assumir o papel de um localizador tem igualmente de saber lidar eficientemente com as ferramentas de tradução adequadas ao projecto e, para tal, é urgente e útil a formação contínua e a actualização constante face às novidades que a todo o momento vão surgindo como meios auxiliares à tradução[1]. Refira-se que hoje as ofertas de trabalho no domínio da localização de *software* partem do princípio de que os profissionais têm esses conhecimentos e experiência. Dada a *Lei de Moore* (Kaku 1998: pp. 35, 36), supõe-se que as oportunidades de trabalho em localização de *software* só tenham uma tendência: continuar a aumentar. Ainda que seja difícil para um jovem tradutor não especializado penetrar nesse nicho, ele deve envidar esforços para se adaptar a esta nova actividade, visto que esta promete uma infinidade de oportunidades.

Em termos gerais e perante os exemplos que analisámos no capítulo 3, mencionando aspectos de tradução que poderiam ter tido outras soluções na versão portuguesa, não nos resta senão concluir que algumas passagens do texto inserido no Windows 98, versão portuguesa, mereciam ser melhoradas, nomeadamente em relação à gestão da terminologia: deve ser permitida aos terminólogos e aos tradutores a criação de mais neologismos em LC quando, até ao momento em que decorre o projecto de localização, os termos em LP não tenham correspondentes em LC. Para tal, deverão ser criados termos novos que sejam claros e unívocos na sua relação com o conceito que denotam dentro desse domínio técnico, termos que permitam a sua difusão em LC e a formação de palavras derivadas. A este respeito, Benhamida (1993: 275), por exemplo, defende de forma inequívoca que os tradutores e intérpretes estão numa posição ideal para actuarem como inovadores, introduzindo novos termos em LC, podendo ser eles próprios os pioneiros na adopção dos termos recém-criados para a linguagem específica em que trabalham, funcionando como difusores desses novos termos cunhados.

---

[1] Se Hoft (1995: pp. 317-318) considera que a formação contínua é imprescindível para os redactores de documentação técnica, julgamos que o mesmo é válido para os tradutores, ainda mais para aqueles que se envolvem em projectos de localização de *software*.

Concluímos que a uniformização terminológica é importante no âmbito de áreas técnicas como a da informática; no entanto, gostaríamos de encontrar essa uniformização aplicada a termos e definições portugueses e não a termos estrangeiros ou à coabitação de ambos, uma vez que tal coabitação não pode deixar de ser nefasta para a língua portuguesa. A uniformização de termos seria benéfica para todos, não apenas para os especialistas. Por exemplo, ninguém confundiria a utilização, no domínio da informática, de «descarregar» e «carregar». Para que tal possa ser posto em prática, seria necessária uma instituição atenta e expedita que analisasse e sancionasse (ou não) os novos termos que fossem propostos pelos tradutores.

Um outro aspecto também já referido é a inadequação à realidade portuguesa de alguns dos extractos que retirámos do texto da versão portuguesa do programa e que incluímos na presente dissertação. Se esses textos deixarem o utilizador português com dúvidas, devem ser localizados de maneira diversa daquela de que foram alvo. O texto de chegada, na sua globalidade, deve ir ao encontro da cultura em que irá ser publicado, que, neste caso, é a portuguesa e não a americana.

Um aspecto que não poderemos deixar de sugerir é que se traduzam todos os textos de índole jurídica e que sejam adaptados ao contexto legal português. Esses documentos inseridos no Windows 98 não devem, de forma alguma, ser traduzidos só parcialmente pelas razões que foram mencionadas no capítulo 3.

Em termos linguísticos, julgamos necessária uma atitude translatória que respeite ainda mais a língua portuguesa, a sua fluidez, o rigor e a criatividade. Para que este objectivo se concretize, os tradutores terão de estar mais atentos face às escolhas que efectuam. Neste domínio julgamos imprescindível o mencionado acompanhamento próximo por parte das instituições cuja função é zelar pela protecção da língua portuguesa, estabelecendo critérios úteis e exequíveis para a criação de novos termos e para a transferência quando tal se justifique, entre outros aspectos. Se a ausência de tais medidas continuar, como já salientámos, a língua

portuguesa pode correr sérios riscos, pelo menos dentro do domínio da informática, tal como pudemos verificar nos artigos da especialidade que analisámos.

Em termos de tradução perspectivada segundo critérios de funcionalidade, é sempre de esperar que um texto de chegada possa ser recebido como se de um texto original se tratasse, isto é, como se fosse originalmente redigido em língua portuguesa. Todavia, como julgamos ter demonstrado com este trabalho, no texto que analisámos isso não acontece em muitos dos exemplos citados. Para que a tradução surja como um texto mais adequado, muitos dos aspectos mencionados devem ser melhorados, com a intenção essencial de estar a contribuir para uma maior qualidade do Windows 98, versão portuguesa, na sua globalidade e também para a consequente interacção sistema operativo/utilizador.

Para que essa tradução elegante do Windows 98 possa ver a luz do dia e a doutrina funcionalista se torne evidente em todo o texto, o tradutor não pode ser limitado por regras impostas por empresas ou instituições que não se preocupem muito com isso e com os leitores do texto de chegada. Tecemos estas considerações apesar de reconhecermos que as multinacionais envolvidas na produção de *software* partilham com certeza da opinião de Wright ao afirmar:

> In the modern commercial/industrial environment, high quality documentation implicitly communicates an overall, company-wide commitment to high quality products, user-friendly operation and responsive customer support. In fact, in the light of current stringent customer/supplier quality audits, very few significant documents exist that companies can classify as non-critical with respect to content and presentational features. (Wright 1993: 70)

Se toda a documentação elaborada por uma empresa é considerada importante, esse facto ainda se torna mais relevante quando toda a documentação criada se destina a ser lida e compreendida por inúmeros utilizadores falantes de muitas línguas. Daí que a tarefa do tradutor tenha de ser cumprida com o máximo de rigor e profissionalismo para não se pôr em causa o produto que ajudaram a localizar ou a empresa que o produziu (Carter 1991: 14). Loffer-Laurian (1996: 137) defende que em tradução técnica o texto é um documento, contém dados que se destinam a ser utilizados por outrem. Assim, a sua tradução deve ser exacta, mas deve-se igualmente procurar,

como já referimos anteriormente, um equilíbrio entre a exactidão da informação e a correcção do texto de chegada em tradução técnica, para que os utilizadores não se deparem com textos correctos ao nível da informação e pouco correctos linguisticamente, ou *vice versa*. Acrescente-se que esta correcção possivelmente não contempla a constante adopção de termos estrangeiros, que acabam por ser causa de ruído no processo comunicativo.

Em relação à criação de um texto em tradução técnica, Loffer-Laurian (1996: 144) defende que hoje o tradutor é mais um produtor de texto – uma espécie de utilizador de *hardware* e *software* - do que um escritor de texto literário - um artesão ou um artista -, adapta-se às necessidades da nossa sociedade e cria um produto que entra em competição directa com o produto de outro tradutor. É como se o tradutor moderno fosse um operário numa linha de produção: produz um texto que é parte integrante de um outro produto industrial. Em relação ao seu desempenho, destaca-se a avaliação feita ao trabalho dos tradutores (ou das equipas) em tradução técnica ou às próprias empresas de localização, como a WH&P[2], considerada pela Compaq a melhor empresa nesse sector.

Nos dias de hoje o papel e o lápis já não são suficientes para o exercício da tradução, mas os conhecimentos de um especialista em tradução são imprescindíveis e trarão, com certeza, resultados mais positivos a um projecto de internacionalização ou de localização de produtos informáticos em que participe. Poderá fazer uso de instrumentos muito sofisticados, mas o seu saber linguístico e cultural fará a diferença em qualquer uma das funções que assuma no projecto de localização: tradutor efectivo, revisor de textos produzidos por outros tradutores, verificador de consistência terminológica, ou ainda verificador da qualidade linguística do texto de chegada definitivo. No caso da tradução para língua portuguesa a partir de textos em língua inglesa, a selecção adequada dos tradutores (a assumir as funções acima descritas) encaminha-se em definitivo para falantes nativos de Português, conhecedores seguros da sua língua e igualmente

[2] «COMPAQ nominates a company in Sophia Antipolis Best Localization Partner 1999». Acessível em http://www.whp.fr/bestvendor.html, acesso em 6 de Setembro de 2000.

conhecedores da língua inglesa e dos seus recursos. Dessa forma poder-se-á esperar um texto com menos falhas de tradução, ultrapassando-se erros culturais, linguísticos, ou erros específicos do texto objecto de tradução, conforme tipologia de Nord (1997: 77).

Em relação à incerteza e ao receio que afectam os profissionais da tradução - a potencial substituição do tradutor humano pelo *software* -, já não é novidade o facto de as máquinas e *software* estarem a invadir todos os domínios de intervenção humana; assim, a tradução também não escapa a esta invasão das novas TI. No presente e no futuro, pensamos que a máquina e o *software* ajudarão somente a libertar o tradutor de tarefas monótonas e repetitivas, como a tradução de algumas secções do TC que analisámos, deixando livre o tradutor para efectuar outro tipo de acções, como a sua especialização em determinadas áreas tais como a produção de texto técnico em LC. Mas, por exemplo, Snell-Hornby (1998) defende que o receio em relação à substituição do tradutor pela máquina não se irá tornar realidade, pelo menos nas próximas décadas.

Estamos de acordo com Horschmann (2000) quando este defende que, no futuro da localização, fase em que o texto original será o mais neutro possível em termos culturais, o papel do localizador será simplesmente desempenhado por um tradutor, i.é, ele não necessitará de realizar outras tarefas para além de se preocupar única e exclusivamente com a sua tradução, fazendo uso de ferramentas cada vez mais sofisticadas e polivalentes e, ao mesmo tempo, paradoxalmente, mais fáceis de utilizar por serem de manuseamento cada vez mais intuitivo.

Para concluir, poder-se-á afirmar que a localização do Windows 98 para Português europeu pode ser melhorada, partindo dos exemplos apresentados neste trabalho, mas pode-se igualmente afirmar, com alguma segurança, que o sistema operativo em causa permite ao utilizador fazer uso de todas as suas ferramentas e aplicações e que, pondo-se de parte algumas falhas atribuíveis à tradução, este sistema funciona plenamente. Acrescente-se que é bastante mais adequado para a maioria dos utilizadores portugueses terem acesso a uma versão localizada

propositadamente para a sua língua, do que continuarem a utilizar as versões originais do Windows 95, do 98, do NT, do 2000, ou do ME...

ANEXO – ÍNDICE REMISSIVO

A.
Acentuação 147
Adaptação, 86, 94, **98, 123, 126, 134,** 135, 142,148
Adequação, 101
Adopção, 108, 122 e ss., **127**
Agendar (scheduling), 108
Analista especializado, 106
Ancorar a janela, 103
Apple, 67, 146
Aspas, 71 e ss.
Automática (tradução), 15, 16, 34, 36, 40, 62, 68, 141

B.
Bases de dados de recurso, 30, 31, 34
Bits de dados, 130
Botões, 60, 81, 119, 131, 132
Agências de localização, 41, 43 e ss.
BBS, 35, 115,
Brasil, 86, 107, 110, 116
Brasileiro, 24, 52, 73, 82, 83, 98, 101, 107, 108, 115, 118

C.
Caixas de diálogo, 28, 34, 48, **53**, 30, 119
Calendários, 49
Clicar, 98, 104
Clipart, 50
Colocação, 73, 83
Comas simples, 72
Concluir/terminar, 132
Conclusão automática, 82
Concordância número e género, 79
Contrato de licença, 85, 86, 116,
Coordenação (em localização), **6, 37,** 41, 57, 58, 132, 144, 147
Cores, 50, 79, 128, 133
Currently, 111

D.
Decalque, 103, 105, 106, 109, 122, 140
Desfragmentador, 105, 140
Desmarcar (deselect/clear), 104
designação de produtos e aplicações, 113
Detalhes (Details), 107
Documentação, 14, 29, 30, 32, 37, 39, 43, 51, 59, 60, 65, 86, 135, 141
Domesticação, 120, 134
Download, 100e ss.
DVD, 127

E.
Equivalência, 9, 82, 101, 102, 111, 123,
Equivalente, 9, 18, 62, 72 e ss. 91, 100 e ss.,
Estilo, 9, 57, 58 e ss., 66, 68
Exemplificação com **escola americana**, 141
Expressão composta, 107

F.
Ferramentas (informáticas), 16, 27, 32 e ss., 39, 40, 57, 62, 80, 81, 120, 142, 144
Funcionalista (doutrina), 4, 16 e ss., 131, 135

G.
Globalização, 4, 25, 38, 46, 47, 83, 137, 138, 142
Glossários, 13, 23, 33, 47, **87, 117,** 118, 122, 129, 130, 146,
Go, find, 121
Gradiente/gradação, 133

H.
Hiperligações, 95, 125, 128, 131, 133, 138
Hipertexto, 30, 131
Home page, 121
Hora do Pacífico, 136

I.
Ícones, 28, 47, 50, 60, 92,
Imagem, 22, 28, 29, 48, 50, 51, 60, 126, 134
Impressoras partilhada de rede, 133
Incrementos grandes, 127
Informações não adaptadas, 135
Interface, 28, 34, 36, 37, 51, 65, 81, 92, 96, 118,
Internacionalização, 1, 3, 4, 6, 23, 25, 26, 45, 47 e ss., 75, 117, 141
J.
Jogar (o jogo), 83

L.
Lapsos, 79, 133, 142, 143
Legal, 86
Língua inglesa nos sítios sugeridos, 138
Linguagem da especialidade, 11, 12, 13, 14, 20, 65, 88, 89, 94, 95, 102, 104, 124,
Literal (tradução), 60, 61, 68, 73 e ss., 83
Literária (tradução), 11, 15, 16, 91, 123
Localização, 1, 2, 25 e ss.,

M.
Massificação cultural, 136 e ss.
Mnemónica (teclas), 31
Moedas, 48, 49

N.
Naturalização, 94, 141, 142
Net (Rede), 120
Newsgroups, 124
Nomes de empresas enigmáticos, 138
Nomes de ficheiros, 116
Nomes próprios, 148

O.
OK, 119
Online, offline, 123 e ss.
OnNow, 113, 114

P.
Palavra-passe (password), 106, **108**
Paridade, 130
Partição, 130
Patches (remendos), 125
Permissões (permissions), 105
Personalizar, 82
Pesquisas de **opinião**, 108
Pixels, 128, 129
Plug and Play, 68, 116
Porta série, 103
Prazos (localização), 34, 39, **54, 57,** 114, 142
Premir, 102
Procurar para o procurar, 81
Procuras (na Web), 110

R.
RDIS, 115

Redacção (texto técnico) 30, 46, 47, 51, 63, 67, 74, 80, 142
Redactor (texto técnico) 30, 58, 63, 67, 87, 152
Regência preposicional, 74 e ss.
Registo, 15, 57, 64 e ss., 73
Repetição, 61, 63, 80 e ss.
Reutilização (de texto), 57, 80
Revisão, 23, 39, 41, 52, 55, 68, 98, 132, 144, 146

S.
Sans serif, 117
Scanner (digitalizador), 126
Scripts (instruções), 125
Séries de caracteres, 28, 30
Sintaxe, 62, 63, 69 e ss., 109
Software/hardware, 118
Spool, 129
Stock Ticker (actualizador), 123
Subscrições (subscriptions), 112
Subsidiárias (subsidiaries), 112
Suporte técnico, 109 e ss.

T.
Tags, 29
Teclas, 31, 32, 48, 53, 104, **128, 149,** 150
Teclado, 48, 72, 149,
Técnica (tradução), 4, 8 e ss., 23, 29, 30, 33, 57, 87, 112, 134
Terminologia, 11, 13, 14, 57, 58, 65, 66, 84, 87 e ss.
Testes (em localização), 52 e ss.
Texto hermético, 67
TI, 3, 14, 25, 38, 45, 110, 118
Tour 98, 115
Trabalho de equipa 3, 22, 36, 37, 38, 41, 46, 124, 142
Transferência, 70, 72, 101, 113, **134,** 137
Transmissão em baud, 130
Tutorial, 30, 103 e ss.

U.
Unidade de banda, 130

V.
Virgulação, 70, 71, 72, 79
Vírgulas dobradas, 72
Visualizar, 111
Volume de texto, 2, 3, 33, **36, 57, 80**
Voz passiva, 63, 74 e ss.

W.
Web browser (navegador), 113, **122**
Web sites (sítios), 120
Who am I, 115

BIBLIOGRAFIA

ALVES, José A., **CAMPOS**, Pedro, **BRITO**, Pedro Q. 1999. *O Futuro da Internet: Estado da arte e tendências de evolução.* Matosinhos, Lisboa: Centro Atlântico, Lda.
AIJMER, K., **ALTENBERG,** B. ed. 1991. *English Corpus Linguistics: Studies in Honour of Jan Starvik.* London and New York: Longman.
AMARAL, Pedro ed. 2000. *Personal COMPUTER World.* Março, n.º 158, vol. 14. Lisboa: F&B.
***APIED**, Mary* 1999. «Sales pitch for Ireland». In *Newsweek de* 22 Março 1999.
APPLE Computer, Inc. 1992. *Guide to Macintosh Software Localization.* Reading, Mass., New York: Addison-Wesley Publishing Company.
APLLEYARD, Bryan 2000. «e-English rules the waves». In *Culture, The Sunday Times*, March 12, pp. 47-49.
***APT**, Jornal da.* Ano 4 – n.º 17 – Janeiro/Março 1998.
***APT**, Jornal da.* Ano 4 – n.º 20 – Outubro/Dezembro 1998.
ARNTZ, Renier 1996. *Language Desription and LSP Teaching.* (In Somers, pp. 109-124)
BAKER, Mona 1994. *In Other words: A Coursebook on Translation.* London and New York: Routledge.
BARNBROOK, Geoff 1996. *Language and Computers: A Practical Introduction to the Computer Analysis of Language.* Edinburgh: Edinburgh University Press.
BASSNET, Susan 1992. *Translation Studies: Revised Edition.* London: Routledge.
BASSNETT, Susan 1996. «Nothing Lost Nothing Sacred». In *TLS*, September 6, pp. 9-10.
BENHAMIDA, Laurel 1993. «Translators and interpreters as adopters and agents of diffusion of planned lexical innovations: the Francophone case». In Wright & Wright ed., pp. 265-276.
BIGUENET, J., **SCHULTE**, R. ed. 1989. *The Craft of Translation.* Oxford: O. U. P.
BORN, Günter 1998. *Windows 98: Tout Simplement.* Paris: Simon & Schuster Macmillan (trad. Lionel Garrec).
BROOKS, David 2000. «What price Globalization? Managing costs at Microsoft». In Sprung ed., pp. 43- 57.
BUDIN, Gerhard 1994. «New challenges in specialized translation and technical communication. An interdisciplinary outlook». In Snell-Hornby *et al.* ed., pp. 247-254.
CABRÉ, M. Teresa 1999. *Terminology: theory, methods and applications.* Amsterdam: John Benjamins.
CABRÉ, M. Teresa 1996. *In* Somers ed., pp. 15 - 33.
CARTER, D 1991. *Writing Localizable Software for the Macintosh (Macintosh Inside out Series).* Reading, Mass.: Addison Wesley.
CATFORD, J.C. 1974. *A Linguistic Theory of Translation: An Essay in Applied Linguistics.* London, New Yok, Toronto: Oxford University Press.
CEA, Guadalupe A. 1993. «Comando, instrucción, sentencia: ¿sinónimos en el campo informatico?» In Raders & Sevilla ed., pp. 155-163.
CHERNOVATY, Leonid, **NIEDZIELSKI**, Henry 1993. «Linguistic and technical preparation in the training of technical translators and interpreters». In Wright & Wright ed. pp. 123-149)
COE, Marlana 1996. *Human Factors for Technical Communicators.* New York, Chichester, Brisbane, Toronto, Singapore: Wiley Technical Communication Library.
CONNOLLY, John. 1996. «Problems in Designing the User Interface for Systems Supporting International Human-Human Communication» . (In Del Galdo & Nielsen ed., pp. 20-40)
DEL GALDO, Elisa M., **NIELSEN**, Jakob (ed.) 1996. *Interrnational User Interfaces.* New York: Wiley Computer Publishing.
DEL GALDO. Elisa M. 1996. «Culture and Design» . (In Del Galdo & Nielsen ed., pp. 74-87)
DEL GALDO. Elisa M. 1996. «The design of multilingual documents.» (In Del Galdo & Nielsen ed., pp. 189-219)
ECO, Umberto 1996. *A língua Perfeita.* Lisboa: Editorial Presença (trad. de Miguel Serras Pereira).
ESSELINK, Bert 1998. *A practical guide to software localization.* Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Pub. Co.

FAWCETT, P. 1997. *Translation and Language: Linguistic Theories Explained.* Manchester: St. Jerome Publishing.
FISCHBACH, Henry 1993. «Translation, the great pollinator of science: a brief flashback on medical translation». In Wright & Wright ed., pp. 89-100.
FLORIN, Sider 1993. «Realia in Translation». In Zlateva (ed.), cap. 13.
FRALA, Bernard 1999. *Salvat Práctico: Windows 98.* Marabout, Alleur (Bélgica): Salvat Editores, S.A..
FRANCO, António 1997. «Cultura, língua, sociedade, tradução». In *Jornal da Apt*, ano 3 – n.º 14 – Maio/Junho 1997.
GALINSKI, Christian, **BUDIN,** Gerhard 1993. «New trends in translation-oriented terminology management». In Wright & Wright ed., pp. 209-215.
GAMBIER, Yves 1994. «Vers une histoire sociale de la terminologie». In Snell-Hornby *et al.* ed., pp. 255-266.
GARCIA, M.M., **GONZALEZ**, M. T., **CATRAIN**, M. 1993. «Transposicion y modulacion en la traduccion tecnica». In Raders & Sevilla ed., pp. 137-150.
GATES, Bill 1995. *Rumo ao Futuro.* Alfragide: Mcgraw Hill de Portugal. (trad. Acento 22)
GATES, Bill 1999. *Negócios @ velocidade do pensamento: com um sistema nervoso digital.* Lisboa: Temas e Debates. (trad. Cordeiro, Manuel e Duarte, M. Filomena.)
GERZYMISH-ARBOGAST, Heidrun 1993. «Contrastive Scientific and technical register as a translation problem». In Wright & Wright ed., pp. 21-51
GILE, Daniel 1995. *Basic Concepts and models for interpreter and translator training.* Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Pub. Co..
GONZÁLEZ, G. MARTÍN, 1993. «La traducción de textos informáticos: un caso concreto.» In Raders & Sevilla ed., pp. 151-154.
GROSS, Alex 1992. «Limitations of computers as translation tools». In Newton ed., pp. 96-130.
HALE, Terry 1996. «When the Original is Unfaithful». In *TLS*, September 6.
HARTLEY, Anthony, **PARIS**, Cécile 1996. «Automatic text generation for software development and use». In Somers ed.
HATIM, B. & **MASON**, I. 1993. *Discourse and the Translator.* London & New York: Longman.
HATIM, B. & **MASON**, I. 1997. *The Translator as Communicator.* London & New York: Routledge.
HATIM, B. 1997. *Communication across cultures: translation theory and contrastive text linguistics.* Devon: University of Exeter Press.
HERMAN, Mark 1993. «Technical Translation Style: clarity, concision, correctness». In Wright & Wright ed., pp. 11-19.
HOFT, Nacy L. 1995. *International Technical Communication: How to export information about high technology.* New York, Chichester, Brisbane, Toronto, Singapore: Wiley Technical Communication Library.
HORSCHMANN, Christoph March 2000. «Localisation: a really new field of activity for translators?». University of Mainz/Germersheim (In II Encontros de Tradução da Astra-flup, a 24 e 25 de Março na Faculdade de Letras da Universidade do Porto). (http://www. letras.up.pt/ translat/CH.ppt)
IRAZABAL, Amelia de, **SCHWARZ**, Erika 1993. «Las bases de datos terminologicas como ayuda al traductor.». In Raders & Sevilla ed., pp. 301-317.
JOSCELYNE, Andrew 2000. «The role of Translation in an International organization». In Sprung ed., pp. 81-95.
KAKU, Michio 1998. *Visões: como a ciência irá revolucionar o século xxi.* Lisboa: Editorial Bizâncio (trad. Carvalho, Maria; revisão Costa, J. Félix).

KANO, Nadine 1995. *Developing International Software for Windows 95 and Windows NT.* Washington: Microsoft Press (versão disponível num dos sítios da Microsoft: http://msdn.microsoft.com/library/default.htm, acesso em 14 de Novembro de 1999).
KELLY, Louis 1979. *The True Interpreter: a history of translation theory and practice in the West.* Oxford: Basil Blackwell.
KINGSCOTT, Geoffrey 1996. «European Translation industry platform». In *Jornal da Apt*, ano 3 – n.º 12 – Outubro/Dezembro 1996.
KIRALY, Don 2000. *A Social Constructivist Approach to Translator Education: Empowerement from Theory to Practice.* Manchester, UK & Northampton (MA): ST Jerome Pub.
KOHLMEIER, Bernhard 2000. «Microsoft Encarta goes multilingual». In Sprung ed., pp. 1-11.
KURTH, Ernest-Norbert 1998. «American idiom in modern German socio-linguistic motives». In *Babel: Revue Internationale de la Traduction*, volume 44, no 3. Fédération Internationale des Traducteurs ed.. Amsterdam: John Benjamins Pub. Co. pp. 193-207.
LAROSE, Robert 1992. *Théories Contemporaines de la traduction* (2e édition). Québec: Presse de L'Université du Québec.
LEFEVERE, A. ed. 1992 a). *Translation/History/Culture: A Sourcebook.* London and New York: Routledge.
LEFEVERE, A. 1992 b). *Translation, Rewriting, & the Manipulation of Literary Fame.* London and New York: Routledge.
LESSING, Fred 1999 a). *A localização de software em Portugal.* In *VI Jornadas de Tradução do ISAI: Tradução, discursos e saberes.* Porto: ISAI, 7 de Maio de 1999
LESSING, Fred 1999 b). *A localização em Portugal.* Sessão prática na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 14 de Maio.
LEVY, Pierre 1995. *L'Intelligence Collective: pour une anthropologie du cyberspace.* Paris: Édicions La Découverte.
LINGUISTICS ABSTRACTS 1998. Vol. 14 No. 3. Oxford & Massachusetts: Blackwell Publishers.
LOFFER-LAURIAN, A. M 1996. *La Traduction Automatique.* Villeneuve D'Ascq: Presses Universitaire du Septentrion.
LONGIN, Pierre 1993. *Agir en leader avec la programmation neuro linguistique.* Paris: Dunod Enterprise.
MAGALHÃES, F. J. 1996. *Da Tradução Profissional em Portugal.* Lisboa: Edições Colibri.
MAGNO, *Sérgio* 2000. *«Objecto de desejo».* In *Bit: informática para todos*, Junho, pp. 60, 61. Lisboa: BiT, Sociedade Editora.
MARCUS, Aaron 1996. «Icon and Symbol Design Issues for Graphic User Interfaces» . In Del Galdo & Nielsen ed., pp. 257-270.
MARQUES, A. Eduardo 1995. «Janelas em Português». In *Exame Informática*, Junho. Linda-a-Velha: Abril/ Controljornal Editora.
MCENERY, Tony, **WILSON**, Andrew 1996. *Corpus Linguistics.* Edinburgh: Edinburgh University Press.
MELBY, A.K., **WARNER**, C.T. 1995. *The Possibility of Language: a discussion of the nature of language, with implications for human and machine translation.* Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
MELBY, Alan 1992. «The translator workstation». In Newton ed., pp. 147-165.
MESSNER, D. 1993. «Las relaciones luso-germanas a través de la traducción». In Raders & Sevilla ed., pp. 183-189.
MICROSOFT Corporation 1998. *Microsoft Windows 98*, versão portuguesa.
MICROSOFT Corporation 1998. *Microsoft Windows 98*, versão inglesa.
NEWMARK, Peter 1981. *Approaches to Translation.* Oxford: Pergamon Press.
NEWMARK, Peter 1996. «1. Introductory Survey». In Owens ed., pp. 3-23.

NEWTON, J. ed. 1992. *Computers in Translation: A practical appraisal.* London & New York: Routledge.
NIDA, Eugene A., **TABER**, Charles R. 1969, 1982. *The Theory and Practice of Translation.* Leiden: E.J. Brilll.
NIDA, Eugene. A.. 1964. *Toward a Science of Translating* : with special reference to principles and procedures involved in Bible translating Leiden: E.J. Brilll.
NIEDZIELSKI, Henry, Leonid **CHERNOVATY** 1993. «Linguistic and technical preparation in the training of technical translators and interpreters». In Wright & Wright ed., pp: 123-149.
NORD, C. 1993. «La Traducción Literária Entre Intuición e Investigación». In Raders & Sevilla ed., pp. 99-109.
NORD, C. 1997. *Translating as a Purposeful Activity.* Manchester, UK: St Jerome Publishing.
O'DONNEL, Sandra M. 1994. *Programming for the World: Guide to Internationalization.* New Jersey: Prentice Hall.
OLIVEIRA, Pedro M. (director) 2000. *Exame Informática.* Setembro 2000, n.º 63, Ano 5. Linda-a-Velha: Abril/ Controljornal Editora.
OWENS, Rachel 1996. *The Translator's handbook* (3rd edition). London: Aslib.
PINA, A. 1998. *Op. Cit.*: *Uma Revista de Estudos Anglo-americanos.* N.º 1 Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos, pp. 139-46.
POZZI, Maria 1996. «Quality assurance available on the international computer networks». In Somers ed.
RABASSA, Gregory 1989. «No two snowflakes are alike». In Biguenet & Schulte ed..
RADERS, Magit, **SEVILLA**, Julia ed. 1990. *III Encuentros Complutenses en Torno a la Traducción: 2 - 6 de abril de 1990.* Madrid: Editorial Complutense.
RAMOS, João 1999. In *Expresso: Revista.* 9 de Janeiro 1999.
REY, Alan 1995. *Essays on Terminology.* Amsterdam: John Benjamins (transl. and ed. by Juan C. Sager).
REY, Alan 1996. «Beyond Temminlogy». In Somers ed.
RIO-TORTO, Graça M, 1998. *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português.* Lisboa: Edições Colibri.
ROBINSON, Douglas 1997. *Translation and Empire: Postcolonial theories explained.* Manchester: St. Jerome Publishing.
ROBINSON, Douglas 1997. *Becoming a Translator: an accelerated course.* London: Routledge
SAGER, Juan C. 1990. *A Practical Course in Terminology Processing.* Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Pub. Co.
SAGER, Juan C. 1993. *Language Engineering and Translation: Consequences of Automation.* Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Pub. Co.
SÁNCHEZ-PAÑOS, I. 1993. «Sentido y Traducción Literária». In Raders & Sevilla ed., pp.111-114.
SCHÄFFNER, Christina, **HERTING**, Beate 1994. «"The revolution of the magic lantern": A cross-cultural comparison of translation strategies». In Snell-hornby *et al.*, pp. 27-36.
SIGUAN, Miquel 1996. *A Europa das Línguas.* Lisboa: Terramar (trad. de Sousa, Alexandra Borges de.
SIMON, Sherry 1996. *Gender in Translation: cultural identity and the politics of transmission.* London & New York: Routledge.
SNELL-HORNBY, M., **PÖCHHACKER**, F., **KAINDL**, K. ed. 1994. *Translation Studies: An Interdiscipline.* Amsterdam: Benjamins Translation Library.
SOMERS, Harold L. ed. 1996. *Terminology, LSP and Translation: studies in language engineering in honour of Juan C. Sager.* Amsterdam: John Benjamins
SPRUNG, Robert C. ed. 2000. *Translating into Success: Cutting-edge strategies for going multilingual in a global age.* Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

SPRUNG, Robert C., **VOURVOULIAS-BUSH**, A. 2000. «Adapting Time magazine for Latin America». *In* Sprung ed., pp. 13-27.
STUBBS, Michael 1996. *Text and Corpus Analysis*. Oxford (UK) and Cambridge (USA): Blackwell Publishers.
TEGELBERG, E. 1996. «Le traducteur face aux problémes de traduction. Entretien avec Philippe Bouquet». In *Moderna Språk*, vol. xc, n.° 1. Sweden: Modern Language Teacher's Association.
***THE TRANSLATOR**: Studies in Intercultural Commmunication.* Volume 3. Number 2. 1997. Manchester: St. Jerome.
***THE TRANSLATOR**: Studies in Intercultural Commmunication.* Volume 4. Number 2. 1998. Manchester: St. Jerome.
***THE TRANSLATOR**: Studies in Intercultural Commmunication.* Volume 5. Number 1. 1999. Manchester: St. Jerome.
THIBODEAU, Ricky P. 2000. «Making a global product at MapInfo Corporation». In Sprung ed., pp. 128-145.
TOPPING, Suzanne 2000. «Shortening the translation cycle at Eastman Kodak». In Sprung ed., pp. 111-125.
TOURY, Gideon 1995. *Descriptive Translation Studies and beyond.* Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Pub. Co.
TRIGO, Vasco Matos 2000. ***BIT**: Informática para todos* - Março 2000. N° 18, Ano 2. Lisboa: Bit: Sociedade Editora.
UREN, E., **HOWARD**, R., **PERINOTTI**, T. 1993. *Software Internationalization and Localization: an Introduction.* New York: Van Nostrand Reinhold.
VENUTI, Lawrence 1998. *The Scandals of Translation.* London & New York: Routledge.
VENUTI, Lawrence 1995. *The translator's invisibility: a history of translation.* London: Routledge.
VERMEER, H. J. 1986. *Esboço de Uma Teoria da Tradução.* Porto: Edições Asa.
VERMEER, H.J. 1994. «Translation today: Old and new problems». In Snell-Hornby *et al.* ed., pp. 3-16.
VILELA, Mário 1986. *A formação de palavras: componente independente ou apenas subcomponente?* Porto: Separata da Revista da Faculdade Letras do Porto: Línguas e Literaturas. II Série, vol. III.
VILELA, Mário 1994. *Estudos de Lexicologia do Português.* Coimbra: Livraria Almedina.
WARREN, R. ed. 1989. *The Art of Translation: Voices from the field.* Boston: Northeastern University Press.
WRIGHT, Sue Ellen & **WRIGHT**, Leland D. ed. 1993. *Scientific and Technical Translation.* (American Translators Association Series, Volume VI) Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
WRIGHT, Sue Ellen 1993. «The inappropriateness of the merely correct: stylistic considerations in scientific and technical-translation». In Wright & Wright ed., pp. 69-86.
ZLATEVA, Palma. 1993. *Translation as social action: Russian and Bulgarian perpspectives.* London: Routledge (edited and translated by Palma Zlateva).

OBRAS DE REFERÊNCIA E SÍTIOS CONSULTADOS

AURÉLIO Ferreira B. H. e **J.E.M.M.** (ed.) 1986. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (2ª edição). Editora Nova Fronteira.
BERGSTRÖM, Magnus, e Neves Reis 1998. *Prontuário Ortográfico e Guia da Língua Portuguesa.* Lisboa: Editorial Notícias. (35ª edição)

CALVO, Rafael Fernadéz, 1994-2000. *Glosario básico inglés-español para usuarios de Internet.* (http://www.ati.es/novatica/glosario/glosario_internet.html#glosa, acesso em 9 de Agosto de 2000).

CARMO, B. Palla ed. 1998. *Dicionário de Informática: O livro dos termos e tecnologias.* Linda-a-Velha: Abril/ Controljornal Editora.

CARMO, B. Palla ed. 1998. *Dicas de Informática - Biblioteca Exame Informática.* Linda-a-Velha: Abril/ Controljornal Editora.

CORREIA, Carlos 1997. *Multimédia de A a Z. Dicionário dos novos modelos de comunicação.* Lisboa: Editorial Notícias.

COSTA, Francisco Alves 1990. *Dicionário de Estrangeirismos.* Lisboa: Editorial Domingos Barreira.

COSTA, J. Almeida & **MELO**, A. Sampaio ed., 1989. *Dicionário da Língua Portuguesa* (6ª Edição). Porto: Porto Editora.

COSTA, J. Almeida & **MELO**, A. Sampaio ed., 1998. *Dicionário da Língua Portuguesa* (8ª Edição). Porto: Porto Editora.

CRETTAL (1996). *Dictionnaire panlatin des termes de base de l'informatique*, Version 2.05 (http://www. tele3.net/dicoinfo/bdt0.htm#debut, acesso em 2000, 2001).

CUESTA, Pilar V., **LUZ**, M. A. Mendes 1971. *Gramática da Língua Portuguesa.* Lisboa: Edições 70.(trad. Brito, Ana M., Matos, Gabriela.)

CUNHA, C., **CINTRA**, L. 1988. *Nova Gramática do português contemporâneo.* Lisboa: Edições João Sá da Costa.

DELISLE, Jean, **JAHNKE**, Lee, **HANNELORE**, John (ed.) 1999. *Terminologie de la Traduction/ Translation Terminlogy/Terminología de la Traducción/Terminlogie der Übersetzung.* Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins (vol. 1).

DESCHAMP, Philippe 1995-2000. *Glossaire informatique des termes de la Commission ministérielle de terminologie informatique.* (http://www-rocq.inria.fr/qui/Philippe.Deschamp/CMTI/glossaire.html, acesso em 1 de Setembro de 1999).

***DICIOPÉDIA 2000**: O poder do Conhecimento.* Porto: Porto Editora Multimedia.

FERREIRA, António M.C. 1995. *Dicionário do Internetês.* (1a. edição: Maio 1995. 2a edição: Agosto 1995. (http//homepage.esoterica.pt/~amcf/internetes.html, acesso em 25 de Fevereiro 2001).

FIGUEIREDO, Cândido 1996. *Grande Dicionário da Língua Portuguesa.* (25ª edição - volume II). Venda Nova: Bertrand Editora

GUIA PRÁTICO: WINDOWS 3.1. 1995. Amadora: McGraw Hill de Portugal.

HALLIDAY, M A K 1991. *An introduction to Functional Grammar.* London, NY, Melbourne, Auckland: Edward Arnold.

HARPER COLLINS Pub. 1992-3. *Collins English Dictionary and Thesaurus.* Version 1.0.

LAMAS, Estela P. R. (coord.) 2000. *Dicionário de Metalinguagens de Didáctica.* Porto: Porto Editora.

LELLO, José, **LELLO**, Edgar (ed.) 1986. *Lello Universal: Dicionário Enciclopédico Luso-brasileiro em 2 volumes.* Porto: Lello & Irmão ed.

***LONGMAN DICTIONARY** of the English Language* 1985. Harlow: Longman Group Ltd.

***MICHAELIS** 2001. Michaelis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* (http://www.uol.com.br/bibliot/dicionar/, acesso em Fevereiro 2001).

MICROSOFT 2000. *Glossário da Microsoft.* (http://www.microsoft.com/Portugal/ acessodirecto/suporte /glossary/S.asp#string, acesso em 2000)

MICROSOFT Corporation 1998. *Microsoft Bookshelf 98.*

MICROSOFT Corporation 1997. *Microsoft Encarta 97: Encyclopedia.*

MSDN 1995. (msdn/microsoft.com/library/books/devintl/s24Bl_e6.htm, acesso em Junho 1999).

QUIRK, Randolph, **STEIN**, Gabriele 1990. *English In Use.* Harlow: Longman.

SAPO 2000. *Dicionário de Internet.* (http://canais.sapo.pt/tecnologia/dn/5506.html, acesso em 25 de Fevereiro de 2001).
SHUTTLEWORTH, Mark, **COWIE**, Moira 1997. *Dictionary of translation studies.* Manchester: St. Jerome Pub.
TEYSSIER, Paul 1987. *História da Língua Portuguesa.* Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora. (3ª edição - tradução de Celso Cunha).
VILELA, Mário 1995a). *Gramática da Língua Portuguesa.* Coimbra: Livraria Almedina.
VILELA, Mário 1995b). *Léxico e Gramática – Ensino da Língua Portuguesa: Léxico, Dicionário, Gramática.* Coimbra: Livraria Almedina.

OUTRAS PÁGINAS E SÍTIOS DA INTERNET

BUDIN, Gerhard 1999. «Terminology management in the translation process». In *Translation Theory and Applications.* Vienna: Second UNESCO Seminar. (http://unvie6.un.or.at/tes/sem.htm, acesso em 31-05-1999).
CASCADING STYLE SHEETS, 1998. «Level 2 CSS2 Specification, 15 Fonts» (http://www.diamsrealm. com/html/W3Cdocs/Rec-css2_files/fonts.html#serif-def, acesso em Junho de 2000).
CHESTERMAN, Andrew 2000. «Human or machine?» In *Translation theory and practice - seminars.* The European Commission, Translation service. (http://europa.eu.int/comm/translation/theory/chesterman.htm#1, acesso em Agosto de 2000)
CIBERDÚVIDAS *da Língua Portuguesa* 2001. (http://www.ciberduvidas.com/body.html, acesso em 2001).
DE LAURENTIS, Michael S. 1993 (December 16) *PANOSE 2.0 White Paper.* Hewlett-Packard Co. (http://www.w3.org/Fonts/Panose/pan2.html#TableOfContents, acesso em Junho de 2000).
DIDAOUI, Mohammed 1995. «Translation/Transfer: parameters for quality and quantity control». In *First Seminar on Translation Theory and Applications.* Vienna: United Nations Office at Vienna (Translation and Editorial Service). (http://unvie6.un.or.at/tes/sem.htm, acesso em 31 de Maio de 1999).
DOHLER, Per N. 1997. «Facets of software localization: a translator's view». In *Translation Journal.* (http://accurapid.com/journal/softloc.htm, acesso em 27 de Agosto de 1998).
EBBEN, Sjoert & **MARSHALL**, Gwyneth 1999. «The localization process: globalizing your code and localizing your site». In *MSDN Online Web Workshop.* Microsoft Corporation. (http://msdn.microsoft.com/Workshop/management/intl/locprocess.asp, acesso em 26 de Junho de 1999).
EURODICAUTOM 1995-2001. In **EUROPEAN COMMUNITIES**, (http://eurodic.ip.lu/cgi-bin/edicbin/EuroDicWWW.pl)
EXCHANGES: *A journal of translation and commentary* 1998. (http://www.uiowa.edu~translab/exchanges.html, acesso em 8 de Julho de 1998).
FRASER, Janet 1999. «Can't you just translate?». In *Translation theory and practice - seminars.* The European Commission, Translation service. (http://europa.eu.int/comm/translation/theory/chesterman.htm#1, acesso em Janeiro de 2001).
GLOBAL SOFTWARE DEVELOPMENT, 1999. «Locales and language groups». In Microsoft Corporation. (http://microsoft.com/globaldev/FAQs/Locales.asp, acesso em 06 de Janeiro de 2000).
HOPKINS, Robert 1996-1997. «Website: a primer for webmasters, authors and owners.» (http://www.weblations.com/eng/articles/art 1.htm, acesso em Junho de 2000).

HOPKINS, Robert 1998. «Multilingual Websites: Benefits you can count on, headaches you can avoid.» (http://www.weblations.com/eng/articles/art_2.htm, acesso em Junho de 2000).
HUMPERT, John 1998. «Native or near-native: What's the difference?» (http://techwriting.about.com/careers/techwriting/gi/dynamic/offsite.htm?site=http://www.writersblock.ca/fall98/a%2Dessay.htm, acesso em Junho de 2000)
IVERSON, Steven P. & **KUEHN**, Heidi E. 1999. «Proposed Maturity model for translations» (http://www.lm2.com/itc/deutsches/MaturityTrans.html, acesso em Maio de 1999).
JARDIM, M. Antónia 1998. «O Problema Ético da Arte de Traduzir.» In *JN Online.* (11-*06*-1998) (http://www.jnoticias.pt, acesso em 8 de Julho de 1998).
KIRALY, Donald C. 1999. «From teacher-centered to learning-centered classrooms in translator education: control, chaos or collaboration?» (http//www.tut.es/~apym/symp/kiraly.html, acesso em Fevereiro 2000).
LERNER, Michael 1999. «Building Worldwide Web sites». (http://www-4.ibm.com/software/developer/library/web-locali-zation.html, acesso em 07 de Fevereiro de 2000).
LIDDIARD, S. D. 1998. «My computer doesn't understand me. Automated translation tools». (http://www.writersblock.ca/fall98/a-techno.htm, acesso em 7 de Fevereiro de 2000).
LISA 2000 - *Localisation Industry Standard Association.* (http://www.lisa.unige.ch/infofaqs.html, acesso em 27 de Março de 2000).
LIVRO DE ESTILO PÚBLICO, 1998 (edição de Fevereiro). (http://bill.publico.pt/nos/livro_estilo/paginas/le01_prefacio.htm, acesso em 31 de Julho de 2000).
LUBBERS, R.F.M. 1996 «The globalization of economy and society». (http://www.kub.nl/globus/Lubpdfs/Globaliz/Global18.pdf, acesso em 7 de Fevereiro de 2000).
MELBY, Alan K. 1998. «Eight types of translation technology» (http://www.ttt.org/technology/8types.pdf, acesso em Fevereiro de 2000).
MICROSOFT CORPORATION 1995-1999. «Locales & language groups». In *Global Software Development.* (http//www.microsoft.com/globaldev/FAQs/loclaes.asp, acesso em Junho 1999).
NORD, C. 1999. «Translating as a text-production activity», In *Innovation in Translator and Interpreter Training.* (http://www.tut.es/~apym/symp/nord.html, acesso em Maio de 1999).
OAKES, Chris 22. Oct. 1999. «Monitor This, Echelon». In *Wired Digital Inc.*. (http://www.wired.com/news/politics/0,1283,32 039,00.html, acesso em 10 de Março de 2000).
PAEGELOW, R. S. 1998. «Ten Reasons Why Good Translations Sometimes Fail.» NCTA Web Committee, 98, Feb.. (http://www. ncta.org.html.art9.html, acesso em 8 de Julho de 1998).
PELLET, Mercedes M. 1997. «The real power of translation and machines.» (http//www.m2ltd.com/internet.news/1997_10.html, acesso em Junho de 2000).
PINKUS, Claudio 1999. «Everything we thought we knew about localization is wrong!» (http://www.lisa.unige.ch/tmp/ClaudioPinkus_article_FEB00.html, acesso em 15 de Fevereiro de 2000).
PYM, Anthony 1999. «Localizing Localization in Translator-Training Curricula». (http:www.tut.es/~apym/locali-zation.html, acesso em 9 de Novembro de 1999).
SALFORD TRANSLATIONS LIMITED 1999. «Localising computer software, resource files and help files» (http://www.salftrans.co.uk/english/ensoft.htm, acesso em 7 de Fevereiro de 2000).
SCHÄLER, Reinhard ed. 1997. *Localisation Ireland.* Localisation Resource Centre (LRC). Dublin: UCD. (http.//lrc.ucd.ie, acesso em 2 de Fevereiro de 1999).
SDL, 2000. «Localization notes for software developers». In *Articles – Localization Issues* (http//sdlnew.sdlintl.com/articles/developer_notes.htm, acesso em 07 de Fevereiro de 2000).
SENEZ Dorothy 2000: «Aspects of Translation Technology: Systems used in the Translation Service». In *EC Translation Service* (http://europa.eu.int/comm/translation/freelance/ml/info/II-5.html, acesso em Fevereiro de 2001).

SHAPIRO, TOM 1998. «The Value of Process Management: How It Assists in Solving The Time-to-Market vs. Quality Dilemma» (http://www.rubric.com/local/article/sdp9801.html, acesso em 2 de Setembro de 2000).

SHAPIRO, Tom 1998. «Tips for developing world ready software.» (http://www.rubric.com/local/article/articles.html, acesso em 2 de Setembro de 2000).

SHAPIRO, Tom 1998. «Tips for writing for a global audience.» (http://www.rubric.com/local/article/articles.html, acesso em 2 de Setembro de 2000).

SJOERT, Ebben, **MARSCHALL**, Gwyneth 1999. «The localization process: globalizing your code and localizing your site.» In Microsoft Corporation (http://msdn/microsoft.com/workshop/management/intl/locprocess.asp, acesso em 26 de Junho de 1999).

SNELL-HORNBY, M. 1998. «Translators beyond the year 2000». In *Translation Theory and Applications*. Vienna: *Sixth UNESCO seminar* . (http://unvie6.un.or.at/tes/sem.htm, acesso em Maio de 1999).

SNELL-HORNBY, M. 1995. «Translation as a cultural shock. Diagnosis and therapy». In *First Seminar on Translation Theory and Applications*. Vienna: United Nations Office at Vienna (Translation and Editorial Service). (http://unvie6.un.or.at/tes/sem.htm, acesso em Maio de 1999).

VIAGGIO, Sergio 1995. «Whose translation is it anyway? A translator's conflicting loyalties». In *First Seminar on Translation Theory and Applications*. Vienna: United Nations Office at Vienna (Translation and Editorial Service). (http://unvie6.un.or.at/tes/sem.htm, acesso em Maio de 1999).

XEROX Limited 1997. *Challenges in Designing International User Information* (http://www.xerox-emea.com/globaldesign/paper/paper1.htm, acesso em Junho de 2000).

ZDNET 2000. (http//www.zdnet.pt/dicas, acesso em 2000).

ERRATA

Pág.	Linha/nota de rodapé	Onde se lê	Deve ler-se
9	nota 1, linha 1	na perspectiva do nossos interesses	na perspectiva dos nossos interesses
11	linha 9	fácil de tragar	fácil de traçar
11	nota 4	na qual a ordem das palavras é relevante com	na qual a ordem das palavras é relevante, com
11	nota 5	Em relação ao tradutor técnico, estes devem	Em relação aos tradutores técnicos, estes devem
12	linha 5	e outras áreas	e de outras áreas
15	linha 15	as complexidades das linguagens naturais, e o facto de obrigar	as complexidades das linguagens naturais e o facto de obrigar
16	linha 4 linha 9 linha 19	speciliazed ambiente industriais adequado ao contexto	specialized ambientes industriais adequados ao contexto
19	nota 22	este termo refere-se a	este termo tem uma explicação
20	linha 11	do cumprimento de normas, e de dar atenção	do cumprimento de normas e de dar atenção
33	linha 16	its acompanying	its accompanying
39	linhas 19-20	Nesta área essa possibilidade factores técnicos que envolvem e	Nesta área, essa possibilidade factores técnicos que envolve e
42	nota 43 nota 44, linha 10	needs to to be e de corpora	needs to be e corpora
45	nota 55, linha 5	dos processo de tradução	do processo de tradução
47	nota 59, linha 2	*Internacionalization*»	*internationalization*»
49	linha 4	apesar de estar	apesar de estarem
52	linha 1	a legenda junto	a legenda junta
63	linha 9	A primeira ocorrência ao termo	A primeira ocorrência do termo
120	nota 100, linha 7	domesticating startegies - startegies	domesticating strategies - strategies
141	nota 138, linha 2	e segundo –usos convencionados	e segundo usos convencionados
162		**HOFT**, Nacy 1995	**HOFT**, Nancy 1995
163		**MICROSOFT** Corporation 1998. *Microsoft Windows 98*, versão portuguesa.	**MICROSOFT** Corporation 1998. *Microsoft Windows 98*, versão portuguesa. 1ª Edição.
163		**MICROSOFT** Corporation 1998. *Microsoft Windows 98*, versão inglesa (EUA).	**MICROSOFT** Corporation 1998. *Microsoft Windows 98*, versão inglesa (EUA). 1ª Edição.